OUSAR FAZER DIFERENTE



Prémio Nacional de Sustentabilidade 20 30 30 negocios



Entrevistas a Kadri Simson, Patrícia Fortes, Joan Marc Simon, Lewis Pugh, Miguel Morais, Rui Diniz, Edson Athayde, Sofia Santos e Tânia Duarte, Inês Sequeira.

Os desafios da sustentabilidade na descarbonização, na economia circular, na preservação do capital natural, nas cidades, na igualdade e diversidade, no mundo financeiro, na tecnologia e na comunicação.

73 candidaturas que mostram o caminho da sustentabilidade em Portugal.





MARCA N°1
ESCOLHA°
CONSUMIDOR
'22

GRANDES BANCOS

Prémios Escolha do
Consumidor 2022, categoria
"Grandes Bancos".
Distinção atribuída pela
ConsumerChoice.
Mais informações em
escolhadoconsumidor.com.
Este Prémio é da exclusiva
responsabilidade da
entidade que o atribuiu.

Saiba mais em millenniumbcp.pt

Banco Comercial Português, S.A.

Millennium

AQUI CONSIGO





SUSTENTABILIDADE Um combate difícil mas urgentíssimo

A sustentabilidade tem sido um combate constante do Jornal de Negócios.

E muito bem.

Porque se trata de um combate urgentíssimo.

Urgentíssimo – porque começou tarde, por todo o mundo e também entre nós. Apesar de notáveis precursores, pouco preocupou decisores políticos, económicos e sociais até metade do século passado.

Urgentíssimo – porque, mesmo nas décadas seguintes, demorou a chegar à maioria esmagadora dos concidadãos.

Urgentíssimo – porque, de cada vez que emerge uma crise financeira, económica, pandémica, geopolítica, a conjuntura domina a estrutura, o essencial do tema passa para segundo ou terceiro plano, e é, embora subtilmente, adiado, congelado, torneado.

Urgentíssimo – porque sem ele é uma ficção falar em justiça intergeracional.

Urgentíssimo – porque perder tempo no que lhe respeita é perder futuro.

Urgentíssimo ainda mais – na transição para a endemia, para a reconstrução económica e social, na superação de incertezas geopolíticas, para que não pague a fatura daquilo que só o deveria tornar mais prioritário.

Mas, sendo urgentíssimo, é cada vez mais difícil.

Difícil – porque parece um luxo perante o imediato, quando é a garantia essencial da não repetição desse imediato.

Difícil - porque os mediatismos das crises do instante o ignoram num ápice.

Difícil - porque situações de emergência política, económica, social, pandémica o lateralizam e ocultam.

Difícil – porque cidadãos, ou melhor dizendo, pessoas de carne e osso, a braços com questões de sobrevivência, tendem a considerá-lo um não tema, um não problema, um jogo político, uma bandeira de campanha, uma miragem fora da sua perspetiva de futuro.

Por tudo isto.

Que, no caso português, tem, neste momento, maior acuidade – pelo que vivemos e se impõe que venhamos a viver –, combater pela sustentabilidade é urgentíssimo, é mesmo mais urgente do que nunca.

Uns anos mais de atraso ou de curtos e insuficientes passos significariam uma hipoteca duradoura, senão definitiva, de muito melhor futuro.

Pode ser contra a corrente dizê-lo agora.

Mas é agora que tem de ser dito.

Agora! Não daqui a umas semanas, uns meses, uns anos.

Bem fez o Jornal de Negócios ao ter a coragem de não ocultar ou relativizar o essencial.

Sem esse essencial o presente será sempre uma negação do futuro.



DIANA RAMOS, diretora do Jornal de Negócios

DESAFIOS DE UMA LONGA MARATONA

"Não faças planos para a vida, que podes estragar os planos que a vida tem para ti." A frase do filósofo Agostinho Silva não poderia descrever melhor a encruzilhada em que nos encontramos e a forma como o percurso que vínhamos fazendo está hoje mais dificultado.

um par de anos, dois exigentes testes foram colocados ao mundo na sua globalidade e vêm adicionar pressão sobre a Agenda 2030 e os seus 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Sabemos que, para que estas metas sejam realizáveis, é imperativo que as empresas nas suas tomadas de decisão integrem e apliquem os valores e fundamentos que estiveram na base do acordo alcançado em 2015. Sabemos também como uma pandemia e um conflito armado no seio da Europa vêm baralhar as contas e tornar ainda mais desafiante o papel de todos os agentes rumo a uma sociedade mais sustentável.

A pandemia trouxe uma realidade inimaginável para a maioria de nós. De um dia para o outro, o quotidiano foi posto em pausa e o mundo como o conhecíamos foi absolutamente transformado, alertando para a insignificância da nossa posição. E no período que se lhe seguiu, as disrupções causadas pela travagem económica global provocaram mais dificuldades e maior desigualdade económica e social. Mais desafios a um mundo que busca soluções para um maior bem--estar das populações e menor vulnerabilidade social. Abriu também oportunidades de transição tecnológica, cujos avanços não devem ser perdidos, e lembrou como cidades pensadas e planeadas para o bem-estar dos cidadãos podem trazer valor a um futuro mais sustentável e justo.

Neste arranque de 2022 vemo-nos confrontados com um conflito armado que trouxe de novo a guerra ao coração da Europa, trazendo à memória pedaços de História que acreditávamos serem irrepetíveis. Os efeitos económicos a nível mundial são ainda imprevisíveis, mas a devastação que é já visível na Ucrânia e a forma como a liberdade e os direitos humanos têm sido atro-

pelados naquele país invadido suscitam novas preocupações em torno da fragilidade da vida humana e dos fluxos migratórios que poderão abrir perigosas brechas sociais. A guerra na Ucrânia traz também o ressurgir do medo em torno do nuclear, por estar a ser usado como arma de pressão para uma eventual retaliação neste conflito armado. É pesado olharmos para aquele palco de guerra e pensar que estamos todos sob ameaça.

O cenário não é animador, mas de forma alguma nos deve fazer baixar os braços. Deve, aliás, convocar-nos todos a um maior empenho para que os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável sirvam ainda mais de guião ao eixo de atuação. Recupero por isso as palavras de sir David Attenborough no arranque da COP 26: "Se somos suficientemente fortes para desestabilizar o nosso planeta, também somos suficientemente poderosos para o salvar se trabalharmos juntos." A longa maratona que temos pela frente e os desafios que agora se apresentam como barreiras ou dificuldades devem-nos convocar a um maior empenho na mudança para uma sociedade mais sustentável.

A transição digital é uma realidade por si só e a transição energética não pode de forma alguma ser posta em causa pela maior pressão que advirá do conflito que agora experienciamos. A mudança faz-se pela força da coragem e este é o momento em que ela não pode falhar. O Jornal de Negócios assumiu o compromisso de encarar esta década de olhos postos na sustentabilidade e não desistiremos desse objetivo. Todos os dias trabalharemos no sentido de contribuir para a resolução de um problema que é tão complexo, mas tão relevante para o nosso futuro enquanto sociedade. Continue batalhando ao nosso lado.





LIDERAR A TRANSFORMAÇÃO. Por um Futuro Melhor.

Estabelecemos com ambição o propósito da transformação, impulsionado pela ciência e pela tecnologia, e assente num modelo de negócios sustentável, orientado para a criação de valor para as pessoas, para a economia e para a sociedade.

Os quatro pilares da nossa estratégia de sustentabilidade:



I - Inovar para obter melhores produtos

O grupo a que pertencemos – a Philip Morris International – criou em 2008 um centro de investigação, em Neuchâtel, na Suíça, investiu 7 mil milhões de euros, e juntamente com mais de 900 cientistas e investigadores nas áreas das ciências da vida e engenharia tem vindo a desenvolver soluções de risco reduzido para os fumadores adultos.



II - Operar com excelência

Somos uma das maiores empresas exportadoras nacionais. Em 2021, exportámos €719 milhões, que equivale a um volume de exportações de 86%.



III - Cuidar das nossas pessoas

em cargos de gestão local.



IV - Proteger o ambiente

Nos últimos 10 anos, alcançámos a neutralidade carbónica PAS 2060 da nossa fábrica em Sintra com a redução das emissões de CO₂ em 72%.





Juntos inovamos por um futuro melhor Consulte o Relatório de Sustentabilidade



FICHA TÉCNICA

Diretora: Diana Ramos - dianaramos@negocios.pt Diretor adjunto: Celso Filipe - cfilipe@negocios.pt

Lúcia Crespo (Weekend) - lcrespo@negocios.pt Miguel Baltazar (Fotografia) - mb@negocios Paulo Ribeiro Pinto (Economia) - paulopinto@negocios.pt Pedro Curvelo (Online) - pedrocurvelo@negocios.pt Vítor Rodrigues Oliveira (Empresas) - vitoroliveira@negocios.pt

Colaboraram nesta revista: texto - Alexandra Costa, Ana Petronilho, Ana Sanlez, Cátia Rocha, Diana do Mar, Filipa Lino, Joana Almeida, Leonor Mateus Ferreira, Luís Francisco, Margarida Peixoto, Marta Velho, Patrícia Abreu, Sónia Santos Dias e Susana Marvão. Fotografia - Bruno Colaço, Luís Manuel Neves, Mariline Alves e Pedro Catarino. Infografia - Nuno Costa

Curadora do Prémio Nacional de Sustentabilidade 20|30 Negócios: Helena Garrido

Cana: Luís Mileu

Coordenação da revista e edição das canditaturas: Carlos Marçalo

Projeto gráfico e paginação: Teresa Silva

Revisão: Joana Ambulate

Secretariado: Elisabete Monteiro - emonteiro@negocios.pt e Teresa Nunes - teresanunes@negocios.pt

Assinaturas: Margarida Matos (coordenadora) e Sandra Sousa

Telefone: 210 494 999 • Fax: 210 493 140 • e-mail assine@cofina. pt (dias úteis das 09h00 às 18h00)

Correio: Remessa Livre 11258 - Loja da 5 de Outubro - 1059-962 Lisboa (não precisa de selo) ou escreva para: Cofina-Serviço de Assinantes - Rua Luciana Stegagno Picchio n.º 3 - 2.º Piso - 1549-023

Conselho de Administração

Paulo Fernandes (presidente), João Borges de Oliveira, Luís Santana e Ana Dias

Diretor do Departamento Gráfico: Pedro Freire

Diretora-geral de Marketing: Isabel Rodrigues

Diretor-geral Comercial: Luís Ferreira

Diretor de Circulação: João Ferreira de Almeida

Diretora de Assinaturas e Reader Revenue: Rita Serrano

Diretor de Informática: Rui Taveira

Diretor de Recursos Humanos: Nuno Jerónimo

Diretora de Research: Ondina Lourenço

Diretor Técnico Online: Nuno Alves nunoalves@cofina.pt

Principal Acionista

Cofina SGPS, S.A. (100%) Contribuinte: 502801034 CRC de Lisboa 502801034

Depósito Legal 496945/22

Periodicidade Anual

Pré-impressão

Ricardo Salgado

Impressão

Lidergraf, Artes Gráficas, SA Rua do Galhano, 15 – 4480-089 Vila do Conde

Distribuição

Vasp - Distribuição de Publicações SA - Telef.: 214 398 500 -Fax 214 302 499

Propriedade/Editora

Cofina Media, S.A.

Rua Luciana Stegagno Picchio n.º 3 - 1549-023 Lisboa TEL. +351 210 494 000 FAX +351 213 309 411















- Sustentabilidade Um combate difícil mas urgentíssimo
- Desafios de uma longa maratona 6
- Vamos transformar o mundo até 2030?
- Entrevista a Kadri Simson: "Há 16 lugar para o gás natural e para o nuclear na transição energética"

PRESERVAÇÃO DO CAPITAL NATURAL

- 132 Descapitalizámos o planeta. E agora?
- 138 Entrevista a Lewis Pugh: "A luta climática é uma questão de justiça"
- Portugal, um país rico em património natural

DESCARBONIZAÇÃO

- O insustentável preço de não fazer nada
- Entrevista a Patrícia Fortes: "Instalar painéis solares no edificado devia ser prioridade"
- 34 PRR tem mais de seis mil milhões para a descarbonização
- Estratégias para descarbonizar e poupar ao mesmo tempo
- E para as famílias?

BEM-ESTAR E CIDADES SUSTENTÁVEIS

- As cidades estão a aprender a ser sustentáveis
- 168 Entrevista a Miguel Morais: "As pessoas vão ter de prescindir de coisas ou pagar mais por elas"
- O longo caminho das cidades sustentáveis em Portugal
- 176 Os desafios das cidades para chegarem à sustentabilidade

ECONOMIA CIRCULAR

- Em busca de um mundo em que nada se perde e tudo se transforma
- Entrevista a Joan Marc Simon: "Economia circular requer mudança de mentalidade de todos"
- Portugal avança, mas bons exemplos continuam à procura de escala

IGUALDADE E DIVERSIDADE

- 200 Um mundo em mudança
- 206 Entrevista a Rui Diniz: "As empresas perceberam o valor da inclusão de pessoas com deficiência"
- Portugal tem ainda um longo caminho a percorrer no capítulo da igualdade e diversidade
- Dar oportunidades de trabalho aos "excluídos" não é caridade, é estratégia empresarial







COMUNICAÇÃO DE SUSTENTABILIDADE

- 228 Autenticidade: o que conta ao comunicar sustentabilidade
- 232 Entrevista a Edson Athayde:
 "O mais importante é não ser
 'overpromisse', não querer parecer
 ser mais do que é"
- 236 Portugal prefere fazer a comunicar

FINANÇAS SUSTENTÁVEIS

- 264 ESG: a sigla que está a revolucionar o investimento
- 268 Entrevista a Sofia Santos e Tânia Duarte: aperto da regulação pode acelerar consolidação financeira
- 272 Cotadas pintam dívida de verde
- 273 CMVM ajuda empresas a comunicar sustentabilidade
- 274 ESG capta interesse de quase 30 mil aforradores
- 275 A difícil tarefa de medir a sustentabilidade

TRANSFORMAÇÃO DIGITAL EM SUSTENTABILIDADE

- 282 As empresas estão mais digitais, mas ainda não o suficiente
- 288 Entrevista a Inês Sequeira: "Só querer unicórnios é redutor. As métricas deviam ser outras"
- 292 A batalha das competências digitais veio para ficar



42 Descarbonização

- 44 Ana Aeroportos de Portugal
- 46 Arolla
- 48 Astrazeneca
- 50 Base Aérea 5
- 52 Bolt
- 54 Contisystems
- 56 DPD Portugal
- 58 EDP
- 60 EPAL
- 62 Grupo Águas de Portugal
- 64 i-Charging
- 66 Medway
- 68 Norauto
- 70 Pingo Doce
- 72 PRF
- 74 Sogrape
- 76 TMG Automotive
- 78 Too Good To Go
- 80 Upfield
- 96 Economia circular
- 98 Agristarbio
- 100 Aldi
- 102 Ana Aeroportos de Portugal
- 104 CTT
- 106 Grestel
- 108 HP
- 110 LG
- 112 Lipor
- 114 Maiambiente
- 116 Nãm
- 118 Nespresso
- 120 Novo Verde
- 122 Oro Agri
- 124 Silvex
- 124 Silvex
- 126 Valorpneu
- 128 Vinusoalleirus
- 130 Worten

146 Preservação do capital natural

- 148 Águas do Tejo Atlântico
- 150 Bondalti
- 152 Colquímica
- 154 MC
- 156 Monverde
- 158 NBI
- 160 Vitas Portugal

CANDIDATURAS AO PRÉMIO NACIONAL DE SUSTENTABILIDADE

180 Bem-estar e cidades sustentáveis

- 182 Bolt
- 184 Câmara Municipal de Vila Nova de
- 186 EMEL
- 188 Fundação Vodafone Portugal
- 190 Gaiurb
- 192 Melom
- 194 RFN
- 196 Sociedade Ponto Verde
- 198 Stericycle

218 Igualdade e diversidade

- 220 BPI
- 222 Lusíadas
- 224 MC
- 226 Tabaqueira

240 Comunicação de sustentabilidade

- 242 EDF
- 244 EGF
- 246 ERP
- 248 Eurest
- 250 Grupo Ageas Portugal
- 252 IKEA
- 254 Jerónimo Martins
- 256 Nature & Decouverts
- 258 SIMAS
- 260 The Navigator Company
- 262 Worten

276 Finanças sustentáveis

- 278 Caixa Geral de Depósitos
- 280 Millennium bcp

296 Transformação digital em sustentabilidade

- 298 Caixa Geral de Depósitos
- 300 RE/MAX Portugal
- 302 SIBS
- 304 Veracruz



A missão é global e todos estamos convocados. A humanidade tem de corrigir a sua trajetória e transformar o mundo a nível ambiental, social e económico. O Jornal de Negócios assume o seu papel nesta missão coletiva, ao promover as melhores práticas de sustentabilidade através de uma série de iniciativas a decorrer ao longo da década. Esta revista que tem nas mãos é uma delas. Sónia Santos Dias







PRÉMIO NACIONAL DE SUSTENTABILIDADE

título pode ser lido como incógnita ou como convite ao desafio. Será que vamos conseguir implementar os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e mudar o mundo até 2030? É uma incógnita porque, de facto, estamos perante uma missão ambiciosa e sem paralelo para a humanidade. E é uma missão que, para ser bem-sucedida, precisa da colaboração de todos, pelo que cada um de nós é desafiado a olhar para o planeta e para a sociedade e a dar o seu contributo para fazermos deste um mundo melhor.

Mas comecemos pelo princípio. Foi em 2015 que a Organização das Nações Unidas (ONU), perante um mundo repleto de desigualdades e em declínio ambiental acelerado, decidiu que era hora de corrigir a trajetória da humanidade. E de forma rápida. Assim, representando uma vontade global, definiu a Agenda 2030, com 17 metas a atingir no tempo recorde de 15 anos. Uma ambição sem paralelo de transformar o mundo para que este se torne num local mais equilibrado para todos, o que implica "virar o mundo do avesso" e transformar sociedades, economias, tecnologias e mentalidades.

A Agenda 2030 reconhece que acabar com a pobreza deve andar de mãos dadas com estratégias que promovam o crescimento económico e atendam a uma série de necessidades sociais, incluindo saúde, educação, proteção social e oportunidades de emprego, ao mesmo tempo que se combatem as alterações climáticas e se promove a proteção ambiental. "Este é o momento de mudança, de uma profunda mudança sistémica para uma economia mais sustentável, que funcione tanto para as pessoas quanto para o planeta", destaca a ONU.

A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável resultou do trabalho conjunto de governos e cidadãos de todo o mundo para criar um novo modelo global para acabar com a pobreza, atenuar assimetrias, promover a prosperidade e o bem-estar para todos, proteger o ambiente e combater as alterações climáticas. Foi aprovada por 193 membros da ONU, que estabeleceram as metas para 2030. Os ODS são, assim, uma espécie de guião a seguir para alcançar um futuro melhor e mais sustentável.

COMO ESTÁ O MUNDO E ONDE OUEREMOS CHEGAR

O primeiro objetivo deste plano global é erradicar a pobreza. Atualmente, mais de 700 milhões de pessoas, ou 10% da população mundial, ainda vivem em extrema pobreza, sem acesso a necessidades básicas, como saúde, educação, água e saneamento, etc.



Porém, ter trabalho também não é garante de uma vida digna. Segundo a ONU, 7,1% dos trabalhadores empregados e respetivas famílias, em todo o mundo, viviam em extrema pobreza em 2019. A pandemia que há dois anos assola o mundo não veio ajudar a atingir o objetivo de erradicar a pobreza até 2020, ao empurrar mais 70 milhões de pessoas para a pobreza extrema. De qualquer forma, mesmo antes da covid-19, as projeções sugeriam que 6%

OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DA ONU-



a pobreza





Erradicar a fome



Saúde de qualidade



Educação de qualidade



Igualdade de género



Água potável e saneamento



Energias renováveis e acessíveis



Trabalho digno e crescimento económico



Indústria, inovação e infraestruturas



Vista da Assembleia Geral das Nações Unidas. A sede da Organização das Nações Únidas está localizada em Nova Iorque.

Em 2015, representando uma vontade global, as Nações Unidas definiram a Agenda 2030, com 17 metas a atingir no tempo recorde de 15 anos.

as tendências de crescimento da população nesses países continuarem, o número de pessoas afetadas pela fome ultrapassará 840 milhões em 2030, ou seja, afetará 9,8% da população global. A ONU destaca que é necessária uma mudança profunda no sistema alimentar e agrícola, não esquecendo que em 2050 existirão mais 2 mil milhões de pessoas para alimentar. Aumentar a produtividade agrícola e a produção sustentável de alimentos é crucial para ajudar a aliviar os perigos da fome, defende a ONU.

O ODS 3 é que todos consigam ter acesso a cuidados de saúde. Antes da pandemia, fizeram-se muitos progressos nesta matéria. As taxas de mortalidade materna e infantil foram reduzidas, a expectativa de vida tem vindo a aumentar globalmente e a luta contra algumas doenças infeciosas registou progressos constantes. Por exemplo, o número total de mortes de menores de 5 anos caiu de 9,8 milhões em 2000 para 5,4 milhões em 2017. Se esta trajetória prosseguir, em 2030, poderão ser salvas vidas de 10 milhões de crianças. De qualquer forma, a pandemia veio agravar os indicadores. A ONU destaca como urgências mundiais cuidar da saúde das crianças, da saúde materna e controlar os casos de malária e de VIH em África, que ceifam milhões de vidas.

Promover a educação surge como o quarto objetivo e como o motor para a progressão social. Perto de um quinto das crianças continua sem acesso à escola. E mais de metade das crianças e adolescentes em todo o mundo não atingem os padrões mínimos

da população global ainda viveria em extrema pobreza em 2030. Portanto, a meta de acabar com a pobreza não deverá ser atinaida.

Associado à pobreza vem o objetivo de acabar com a fome no mundo. As estimativas atuais são de que quase 690 milhões de pessoas passam fome, o que representa 8,9% da população mundial. A maioria encontra-se em países asiáticos e africanos. Se

Reduzir as desigualdades

Cidades e comunidades sustentáveis

Produção e consumo sustentáveis

Ação climática

13® 14<u>> 15</u>> 16\ 17

Proteger a vida marinha

Proteger

a vida

terrestre

Parcerias Paz, justiça e instituições para a eficazes implementação dos objetivos

PRÉMIO NACIONAL DE SUSTENTABILIDADE



de proficiência em leitura e matemática. A pandemia empurrou ainda mais jovens para a iliteracia, com consequências gravosas para a sua vida. Este ODS pretende que, até 2030, todas as crianças e jovens concluam a educação primária e secundária gratuita, equitativa e de qualidade.

Interliga-se aqui o ODS 5, o da igualdade de género, como um direito humano fundamental e basilar para um mundo pacífico, próspero e sustentável. Apesar dos progressos das últimas décadas, com mais meninas a irem à escola, menos meninas a serem forçadas a casar, ou com a implementação de leis promotoras de igualdade de género, ainda há muito a fazer. Este objetivo quer acabar com todas as formas de discriminação e violência perpetrada contra mulheres e meninas em todos os lugares e atingir a paridade na vida em sociedade.

O ODS 6 almeja água potável e cuidados sanitários para todos os seres humanos. Atualmente, uma em cada três pessoas não tem acesso a água potável e duas em cada cinco pessoas não têm instalações básicas para lavar as mãos com água e sabão. A falta de cuidados básicos para travar a propagação de doenças leva à morte de mil crianças por dia devido a doenças evitáveis. Em 2030, o mundo quer acesso universal e equitativo a água potável e implementar uma gestão de água e saneamento que promova uma vida digna.

Ter acesso a energia acessível e limpa é também um objetivo essencial para uma vida digna. Neste campo, o mundo está a fazer progressos com a transformação energética em curso para energias sustentáveis. De qualquer forma, 13% da população mundial continua sem acesso a eletricidade e 3 mil milhões de pessoas dependem de madeira, carvão ou de resíduos de animais para cozinhar e se aquecer. O objetivo é, em 2030, massificar o uso da energia e aumentar substancialmente a participação de energia renovável no mix global de energia.

O ODS 8 centra-se no crescimento económico e trabalho digno para todos. Devido à pandemia, o Fundo Monetário Internacional prevê uma recessão global tão má ou pior do que a de 2009. À medida que as perdas de empregos aumentam, a Organização

Internacional do Trabalho estima que quase metade da força de trabalho global corre o risco de perder os seus meios de subsistência. As Nações Unidas esperam que o mundo alcance níveis mais altos de produtividade económica por meio da diversificação, atualização tecnológica e inovação. Ressalta também a necessidade de proteger os direitos dos trabalhadores e promover ambientes de trabalho seguros e protegidos para todos, incluindo os trabalhadores migrantes e em empregos precários.

Promover a industrialização sustentável e inclusiva e infraestruturas resilientes é necessário no mundo atual, que se quer digital e global. Cerca de 90% das pessoas já têm acesso à internet através de uma rede 3G ou superior. Por outro lado, é necessário desenvolver infraestruturas várias de qualidade, sustentáveis e resilientes, incluindo infraestruturas regionais e transfronteiriças, para permitir o desenvolvimento económico e o bem-estar humano, com foco no acesso equitativo e acessível para todos à produção da humanidade.

Neste sentido, é preciso reduzir as desigualdades que existem entre países e dentro dos próprios países, com as consequências que isso traz associadas. Este objetivo de desenvolvimento sustentável pretende, até 2030, progressivamente alcançar, e manter de forma sustentável, o crescimento do rendimento dos 40% da população mais pobre a um ritmo maior do que o da média nacional. Também é desejável promover a inclusão social, económica e política de todos, independentemente da idade, género, deficiência, raça, etnia, origem, religião, condição económica ou outra.

O ODS 11 pretende tornar as cidades mais sustentáveis, inclusivas e seguras. Sabendo que metade da humanidade – 3,5 mil milhões de pessoas – vive atualmente em cidades e que esse número chegará aos 5 mil milhões em 2030, as cidades são ecossistemas onde a sustentabilidade tem de reinar para se viver num mundo melhor. Atualmente, 828 milhões de pessoas vivem em favelas. As cidades ocupam apenas 3% do território planetário, mas são responsáveis por 60-80% do consumo de energia e 75% das emissões de carbono. Os sistemas das cidades têm assim de ser transformados para entrarem na trajetória da neutralidade



A Agenda 2030 foi aprovada por 193 membros da ONU. Os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável são uma espécie de guião a seguir para alcançar um futuro melhor e mais sustentável.

carbónica e serem sustentáveis nas várias valências: sociais, ambientais e de governação.

O mundo precisa de garantir padrões de produção e de consumo sustentáveis. Todos os anos, um terço dos alimentos produzidos é desperdiçado. Se continuarmos o padrão de consumo da atualidade, em 2050, será necessário o correspondente a três planetas para satisfazer o nosso modo de vida. Algo que o planeta não consegue suportar. Com este objetivo, pretende-se alcançar a gestão sustentável e o uso eficiente dos recursos naturais, com destaque para a água, a produção de alimentos e de energia.

O ODS 13 centra-se na ação climática. O planeta está a aquecer e a alterar todos os ecossistemas em equilíbrio, decorrente da massiva emissão de gases de efeito de estufa para a atmosfera nas últimas décadas. O mundo já estabeleceu o Acordo de Paris para parar o aumento do aquecimento global. O propósito é manter as conversações e todos alinhados neste objetivo que tem por meta atingir a descarbonização global em 2050.

Os oceanos impulsionam e regulam os sistemas globais que tornam a Terra habitável. Proteger os oceanos e a vida marinha é, por isso, uma prioridade. Combater a poluição marinha, a sobrepesca, minimizar a acidificação dos oceanos e proteger todo este capital marinho tem de ser levado a cabo por iniciativas várias a nível local e global. A ONU salienta que é necessário assegurar a conservação e o uso sustentável dos oceanos e dos seus recursos através da implementação do direito internacional.

Também é preciso proteger a vida terrestre, fortemente ameaçada pela ação humana. A atividade humana alterou quase 75% da superfície da Terra, empurrando a vida selvagem e a natureza para um espaço cada vez menor do planeta. Cerca de 1 milhão de espécies de animais e plantas estão ameaçadas de extinção, trazendo profundas alterações aos ecossistemas. Este ODS insta a medidas urgentes que protejam animais, plantas, solos, florestas, ecossistemas e preconiza o uso sustentável da biodiversidade e dos ecossistemas.

O ODS 16 ambiciona um mundo com mais paz, justiça e instituições eficazes. Os conflitos, a insegurança e o deficitário acesso à justiça continuam a ser uma grande ameaça ao desenvolvimento sustentável. O número de pessoas que fogem de guerras, perseguições e conflitos ultrapassou os 70 milhões em 2018, o nível mais alto registado pela agência da ONU para os refugiados (ACNUR) em 70 anos. As Nações Unidas pretendem promover o Estado de direito, ao nível nacional e internacional, e garantir a igualdade de acesso à justiça para todos. Uma das metas é reduzir significativamente os fluxos ilegais financeiros e de armas e combater todas as formas de crime organizado.

Por fim, reconhecendo a magnitude de todas estas ambições e que os ODS só podem ser realizados com fortes parcerias e cooperação global, o ODS 17 pretende revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável. Através de consensos, instrumentos internacionais e formas de colaboração várias, os países devem apoiar-se para cumprirem a Agenda 2030. Uma agenda de desenvolvimento bem-sucedida requer parcerias inclusivas – nos níveis global, regional, nacional e local – construídas sobre princípios e valores, e sobre uma visão compartilhada e objetivos compartilhados, pondo as pessoas e o planeta no centro, defende a ONU.



O papel ativo do Negócios

Como líder na informação económica e financeira, o Jornal de Negócios assume o compromisso de promover as melhores práticas de sustentabilidade em Portugal e no mundo, totalmente alinhado com os ODS.

om a iniciativa Negócios Sustentabilidade 20|30, o jornal agrega várias ações dentro daquele que é um projeto editorial único no país, que promove a sustentabilidade assente nos critérios ESG (ambiente, sociedade e governança/economia) e na necessidade de mudança dos hábitos dos cidadãos, das empresas e do Estado.

Em 2021, o jornal organizou diversos eventos com especialistas nacionais e internacionais, em que a sustentabilidade esteve no centro do debate. Mais de 48 oradores, entre comissários europeus e outros governantes, CEO de empresas e os maiores especialistas nas várias vertentes ESG, debateram os temas da descarbonização, economia circular, preservação do capital natural, bem-estar e cidades sustentáveis, transformação digital em sustentabilidade, finanças sustentáveis, igualdade e diversidade e comunicação de sustentabilidade.

Agregadas a estas talks foram publicadas mais de 200 notícias e outros conteúdos, que atraíram a atenção dos leitores e geraram milhões de visualizações. Esta revista que tem nas mãos é mais uma destas iniciativas. A edição deste ano culmina com o grande evento de encerramento e a cerimónia de entrega do Prémio Nacional de Sustentabilidade, nos dias 7 e 8 de abril.

Aqui chegados, o trabalho é para continuar. A iniciativa Negócios Sustentabilidade 20|30, que conta com o Alto Patrocínio da Presidência da República, com a Deloitte com knowledge parter e com o apoio de inúmeros parceiros, vai continuar ao longo da década a promover o debate para que, todos juntos, consigamos construir um mundo melhor. Contamos consigo?







KADRI SIMSON

"HÁ LUGAR PARA O GÁS NATURAL E PARA O NUCLEAR NA TRANSIÇÃO ENERGÉTICA"

A comissária para a Energia garante que está a fazer o seu papel, pressionando os Estados-membros a avançar com mais impostos verdes para acelerar a transição energética. Mas no entretanto, nem o gás natural, nem o nuclear podem ser dispensados, admite. Ana Sanlez e Margarida Peixoto

adri Simson é comissária europeia para a Energia. Formada em História e mestre em Ciência Política, foi ministra dos Assuntos Económicos e Infraestruturas da Estónia. Desde que assumiu o cargo na equipa da presidente Ursula Von der Leyen tem-se concentrado na necessidade de reforçar a eficiência do mercado energético, colocando a implementação do Green Deal como uma prioridade.

Numa entrevista por escrito ao Negócios, realizada ainda antes da invasão russa da Ucrânia, Kadri Simson já explicava como a Comissão tem procurado dar ferramentas aos Estados-membros para lidar com o disparo dos preços da energia – uma tendência intensificada pelo atual contexto. Confiante quanto à segurança do mercado energético da União Europeia, a comissária admite a necessidade de acelerar os esforços de transição para energias verdes, assume que está a pressionar os Estados-membros para agir pela via dos impostos, mas reconhece que, no entretanto, continua a ser preciso contar com o gás natural e a energia nuclear.

Os custos da energia subiram muito no último ano, prejudicando as empresas e as famílias. O que estão a fazer para ajudar os consumidores?

A subida dos preços da energia, e o seu impacto nos cidadãos da União Europeia, mantém-se no topo das preocupações da Comissão. A recuperação pós-pandemia levou a um aumento global da procura de gás e a oferta não conseguiu acompanhar, o que signi-

fica que os preços do gás também subiram, seguidos dos preços da energia em termos mais globais. A Comissão está a trabalhar arduamente com os governos nacionais para enfrentar esta situação, concentrando-se em particular na proteção dos consumidores, em especial dos mais vulneráveis.

Em outubro do ano passado, publicámos uma "caixa de ferramentas" que os Estados-membros podiam usar para ajudar as pessoas a enfrentar os aumentos de preços. As opções para os governos nacionais incluíam apoios de emergência aos rendimentos, reduções de impostos direcionadas e apoios às pequenas empresas. Como cada país da UE enfrenta uma situação ligeiramente diferente, estão todos a usar medidas ligeiramente diferentes. Neste momento, mais de 20 dos nossos Estados-membros utilizaram estas ferramentas de algum modo, com as medidas de apoio a valerem mais de 21 milhões de euros. Ao nível da União Europeia, pedimos à Agência de Cooperação dos Reguladores de Energia da UE para analisar aprofundadamente se, e como, o sistema atual pode ser melhorado para reduzir a volatilidade e proteger melhor os consumidores. Também propusemos em dezembro formas de melhorar a resiliência do mercado de gás, para evitar que a situação atual se repita no futuro.

A crise energética suscitou dúvidas em relação ao funcionamento do mecanismo de formação dos preços da eletricidade na UE, segundo o qual a última, e mais cara, tecnologia a entrar no sistema define o preço final. Este modelo faz sentido, apesar de as renováveis ainda

PRÉMIO NACIONAL DE SUSTENTABILIDADE



não serem suficientes para satisfazer as necessidades do sistema?

Até agora, o mercado comum de eletricidade tem servido bem a Europa, assegurando que a procura por eletricidade tem sempre resposta, incentivando o investimento em energias renováveis e, até recentemente, mantendo os preços baixos e estáveis. O sistema energético da UE é o mais confiável do mundo. Assegura segurança no abastecimento, com menos apagões e interrupções de fornecimento do que no passado. Não há provas de que um mercado alternativo fosse capaz de garantir preços mais baixos na situação atual. O que estamos a atravessar agora é um período de ressaca da quebra da economia provocada pela covid-19, que foi exacerbada por tensões geopolíticas. Pode levar algum tempo até que os mercados regressem ao normal. Entretanto, estamos a fazer uma análise aprofundada ao funcionamento do mercado, com o objetivo de proteger melhor os consumidores, sem perder as vantagens de um mercado comum e bem integrado.

A atual crise energética coincidiu com a negociação do pacote Fit for 55, que tem como objetivo reduzir as emissões com efeito de estufa na UE em 55% até 2030. Como é que a legislação se propõe a enfrentar o problema dos preços e as suas implicações sociais? Garante justiça social?

É lamentável que as atuais circunstâncias estejam a ser usadas por algumas pessoas como argumento contra a transição verde. É evidente que precisamos de reduzir urgentemente a nossa dependência de combustíveis fósseis importados e passar a contar mais com as renováveis e a eficiência energética. Há provas claras de que os países da UE que são menos dependentes das importações de gás e têm uma gama mais diversificada de fontes renováveis de energia estão mais bem protegidos contra a atual situação.

A necessidade de uma transição justa foi integrada no Green Deal desde o início. Há uma vasta gama de instrumentos e de fundos na UE que vão ajudar a concretizá-la. O Fundo para uma Transição Justa, que já está operacional, foi especialmente desenhado para as pessoas, regiões e indústrias que serão mais afetadas. Como parte do pacote Fit for 55, propusemos um novo Fundo Social para o Clima. Além disso, 30% do atual orçamento da UE deve ser gasto em investimentos relacionados com o clima. Os benefícios mais alargados do Green Deal para a UE e os seus cidadãos incluem um impulso no crescimento e no emprego, um ar mais limpo, alimentos mais saudáveis e melhores condições de vida.

Entre outras coisas, o pacote Fit for 55 estende o sistema de comércio de emissões aos edifícios e aos transportes rodoviários, o que terá mais impacto nos Estados-membros mais pobres e menos preparados para a transição. Qual é a solução para isto? O sistema poderá ser diferenciado por Estado-membro, por exemplo?

Avançámos com uma proposta para um novo e separado sistema de comércio de emissões que inclua as emissões de combustíveis usados nos transportes rodoviários e nos edifícios. É particularmente importante agir nestes setores, onde as emissões têm caído lentamente, ou até aumentaram. O novo sistema é desenhado para ter início de forma ordenada, suave e eficiente em 2026. Mais importante do que isso, é um sistema que tem uma forte dimensão social no seu âmago, incluindo 72 mil milhões de euros do Fundo Social para o Clima para ajudar os cidadãos na transição.



A vertente distributiva do Fundo Social para o Clima está cuidadosamente calibrada. A alocação dos fundos reflete as diferenças entre os rendimentos dos Estados-membros e a extensão do desafio que enfrentam na transição. Todos os Estados-membros vão beneficiar do Fundo Social para o Clima, mas aqueles onde os rendimentos são menores vão beneficiar mais.

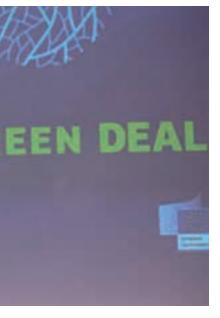
A Comissão está confiante de que os Estados-membros vão contribuir para o Fundo Social para o Clima? Caso não contribuam, terão de encontrar outras fontes de financiamento? O que está em causa?

O Fundo Social para o Clima vai dar resposta aos impactos sociais provocados pela extensão do sistema de comércio de emissões, ao apoiar investimentos que contribuam para a eficiência energética dos edifícios, para a descarbonização do aquecimento e arrefecimento e para garantir um melhor acesso a financiamento para transportes e mobilidade com emissões zero ou reduzidas. Este novo Fundo tem uma meta específica e um público-alvo: responder aos desafios sociais das famílias vulneráveis e utilizadores de transportes, incluindo, se necessário, pagamentos diretos, além do apoio a microempresas.

No que toca ao financiamento pelos Estados-membros, isso faz parte da nossa proposta e esperamos que se mantenha nas negociações com o Conselho e com o Parlamento Europeu. Propusemos que os países usem as receitas dos leilões de licenças de emissões relativos aos edifícios e transportes para financiar uma parte das suas contribuições para o Fundo. É de dinheiro gerado pelo sistema que estamos a falar.

Enquanto durar a transição energética, ao longo das próximas décadas, a Europa ainda vai depender de combustíveis fósseis, como o gás. Este pacote garante que os Estados-membros vão estar mais protegidos contra riscos geopolíticos e económicos? Aumentando a nossa produção de energia por fontes renováveis,







O sistema energético da UE é o mais confiável do mundo.

diversificando as nossas importações e aumentando a eficiência energética, estaremos a reduzir a nossa dependência de fornecimento externo e a tornar-nos menos vulneráveis aos choques externos. Nos últimos anos, já diversificámos significativamente as nossas fontes de energia, melhorámos as interconexões e fortalecemos a segurança do abastecimento e a solidariedade entre Estados-membros. Agora podemos contar com uma rede de interligações entre os países e terminais de Gás Natural Liquefeito (GNL). Atualmente, todas as regiões têm acesso a mais do que uma fonte de gás, o que traz segurança adicional, e a maior parte das ligações conseguem transportar gás em ambas as direções, o que torna o sistema mais flexível.

A produção e o consumo de energia são as principais fontes de emissão de gases com efeitos de estufa. Os economistas sublinham que a principal medida para forçar as empresas a fazer a transição para fontes renováveis de energia é subir os impostos sobre as emissões de carbono. Concorda?

A definição de um preço para o carbono tem um papel importante a desempenhar para que os poluidores paguem pelos custos das suas emissões. O comércio das emissões de carbono é um dos nossos principais instrumentos políticos, mas é um mercado, não é um imposto fixo. Devido à sua eficácia na redução de emissões, propusemos aumentar a ambição nos setores atualmente cobertos e usar o mercado de emissões em novos setores.

Ao mesmo tempo, propusemos também reformar a Diretiva Tributação da Energia, para alinhar a tributação dos produtos energéticos com as políticas energéticas e climáticas da UE, promovendo tecnologias limpas e eliminando isenções obsoletas e taxas reduzidas que atualmente incentivam o uso de combustíveis fósseis. As novas regras visam reduzir os efeitos nocivos da concorrência fiscal da energia, ajudando a garantir receitas para os Estados-membros provenientes de impostos verdes, que são menos prejudiciais para o crescimento do que os impostos sobre o trabalho.

Porque é que a Comissão Europeia só toma medidas em relação aos bens importados? Isso é suficiente?

A Comissão não toma medidas só em relação aos bens importados. De facto, sob o mecanismo de comércio de carbono, já temos alguns dos mais eficazes controlos do mundo, na definição de um preço para o carbono na indústria – e agora estamos a trabalhar para fortalecer ainda mais essas regras. Mas se aumentamos a nossa ambição climática na UE, é crucial agir para que as empresas sediadas na UE não transfiram a produção intensiva em carbono para o exterior, para aproveitar os padrões menos exigentes, e para que os produtos da UE não sejam substituídos por importações de bens mais intensivos em carbono. É por isso que o Mecanismo de Ajustamento das Emissões de Carbono nas Fronteiras (MAEC) visa justamente garantir que o preço do carbono seja o mesmo para produtos nacionais e importados. Apesar de só se aplicar a setores específicos numa primeira fase, estamos a avaliar a sua implementação e impacto para ver se pode ser implementado noutros produtos importados no futuro.

Então as medidas que estão a ser tomadas, tanto as dirigidas ao mercado interno, como para os bens importados, em termos de impostos e de preços do carbono, são suficientes? Não é necessário acelerar o passo?

A União Europeia está na liderança da ação internacional nessas duas áreas. Arriscaria dizer que na verdade somos os primeiros a agir nas duas frentes. O preço do carbono no âmbito do mecanismo de ajustamento das emissões tem tido sucesso a reduzir as emissões das indústrias produtoras de energia e de utilização intensiva de energia em 42,8% nos últimos 16 anos. É um modelo que é observado e imitado pelos outros países, incluindo a China, que recentemente lancou o mercado de emissões de carbono.

Também estamos a cumprir nas medidas ambiciosas de impostos verdes, através da revisão das nossas regras de impostos sobre a energia e garantindo que os bens importados são sujeitos aos mesmos preços de carbono dos que são produzidos internamente. Sobre os impostos, como sabe, o poder mantém-se em grande medida na mão dos Estados-membros e não com a Comissão, mas temos feito propostas ambiciosas e estamos a pressionar os Estados-membros a adotá-las. Além disso, a venda das emissões de carbono e os impostos por si só não abordam todas as barreiras à implementação de soluções de baixas emissões e de emissões zero. Medidas regulatórias fortes, incluindo eficiência energética, energias renováveis, design ecológico, padrões de emissões de CO2 para carros e camionetas vão também levar à transição para bens mais verdes. É por isso que temos este pacote alargado de medidas em cima da mesa.

Está a trabalhar em conjunto com o comissário Paolo Gentiloni? Partilham da mesma visão no que diz respeito à aplicação de impostos sobre as emissões de carbono?

Sim, claro. Houve um nível de coordenação sem precedentes entre todos os comissários antes das nossas propostas para a concretização do Green Deal, em julho passado. O Mecanismo de Ajustamento das Emissões de Carbono nas Fronteiras e a Diretiva Tributação de Energia, que o Paolo liderou, são partes fundamentais deste pacote global.

Então porque é que está a levar tanto tempo para as empresas e os consumidores fazerem a transição? Segundo dados do Eurostat,

PRÉMIO NACIONAL DE SUSTENTABILIDADE



Vemos um aumento do apetite por investimentos verdes.

as emissões de gases com efeito de estufa no terceiro trimestre de 2021 já ficaram quase em níveis pré-pandemia. Estamos a perder uma oportunidade?

A mudança não acontece de um dia para o outro. Estamos a falar de uma transição, não de uma revolução. Mas a mudança está claramente a acontecer. Os dados dos últimos dois anos são um pouco difíceis de contextualizar por causa da situação única de confinamento da economia criada pela covid-19, seguida da recuperação. Mas olhando para tendências de longo prazo, a Europa cortou as suas emissões em cerca de 30%, comparando com os níveis de 1990, ao mesmo tempo que conseguiu fazer crescer a sua economia em 60%. Esta é uma trajetória positiva, mas ainda não suficiente. Foi por isso que pusemos novas propostas ambiciosas em cima da mesa para reduzir as nossas emissões em pelo menos 55% até 2030. Continuo otimista de que vamos retomar o caminho pré-pandemia de redução das emissões e para que isso aconteça é crucial adotar o pacote Fit for 55 e os objetivos de neutralidade climática.

Em 2020, estimou a necessidade de 260 mil milhões de euros de investimento anual apenas para fazer a transição para uma economia neutra em carbono, em 2050. Como está a evoluir o investimento?

Os investimentos necessários para fazer a transição para uma economia neutra em termos climáticos, guiados pelos nossos ambiciosos objetivos de longo prazo, são de facto elevados. Mas o custo de não agir é superior. Vamos precisar de mobilizar tanto o investimento público como o privado para atingir os nossos objetivos. E claramente vemos um aumento do apetite dos investidores e das instituições financeiras por investimentos verdes e sustentáveis.

A Comissão está perfeitamente consciente do desafio, especialmente tendo em conta a situação da covid-19, e propôs o maior orçamento de sempre para o período de 2021 a 2027 – o Orçamento Europeu, somado ao plano de recuperação do Próxima Geração UE, vai disponibilizar mais de dois biliões de euros neste período, com mais de 30% para investimentos verdes.

Estaria de acordo com a criação de uma capacidade orçamental europeia especificamente para a ação climática, inspirada no Próxima Geração UE?

No decorrer da pandemia, a Comissão já introduziu uma série de medidas e instrumentos inovadores, como o instrumento europeu de apoio temporário para atenuar os riscos de desemprego numa situação de emergência (SURE) e o Mecanismo de Recuperação e Resiliência (RRF). O RRF está a disponibilizar subvenções e empréstimos para financiar os Estados-membros no apoio aos investimentos

e reformas que vão reforçar a recuperação e avançar nas transições verdes e digitais. A prioridade da Comissão é agora assegurar que os Estados-membros aproveitam ao máximo o RRF.

Dito isto, algumas instituições, incluindo o Conselho Orçamental Europeu e o Banco Central Europeu, propuseram a introdução de uma capacidade orçamental europeia para suportar objetivos comuns na União Europeia, como o investimento público verde e projetos de infraestruturas transnacionais. Essas instituições consideram que uma capacidade orçamental europeia seria uma forma útil de implementar prioridades de política comuns e de responder a choques comuns na Zona Euro, e possivelmente de melhorar o cumprimento das regras orçamentais da União Europeia, ao tornar esse cumprimento como uma condição para aceder aos fundos comuns. Na ausência de uma capacidade orçamental centralizada com características de estabilização, o rumo da política orçamental da Zona Euro depende apenas da coordenação das políticas orçamentais nacionais.

A Comissão Europeia classificou recentemente a energia nuclear e o gás natural como energias "verdes". Como é que isto se coaduna com a mensagem e as ambições da Europa no que toca à neutralidade climática, uma vez que o gás é uma fonte de emissões e o nuclear tem o problema dos resíduos? Como é que responde aos críticos que afirmam que esta foi uma decisão política?

A taxonomia da UE guia e mobiliza investimento privado em atividades que são necessárias para atingir a neutralidade climática nos próximos 30 anos. O atual mix energético da Europa varia muito de um Estado-membro para outro. Algumas partes da Europa ainda são muito dependentes do carvão. A taxonomia cobre atividades energéticas que capacitam os Estados-membros a avançar na direção da neutralidade climática, partindo de diferentes estágios.

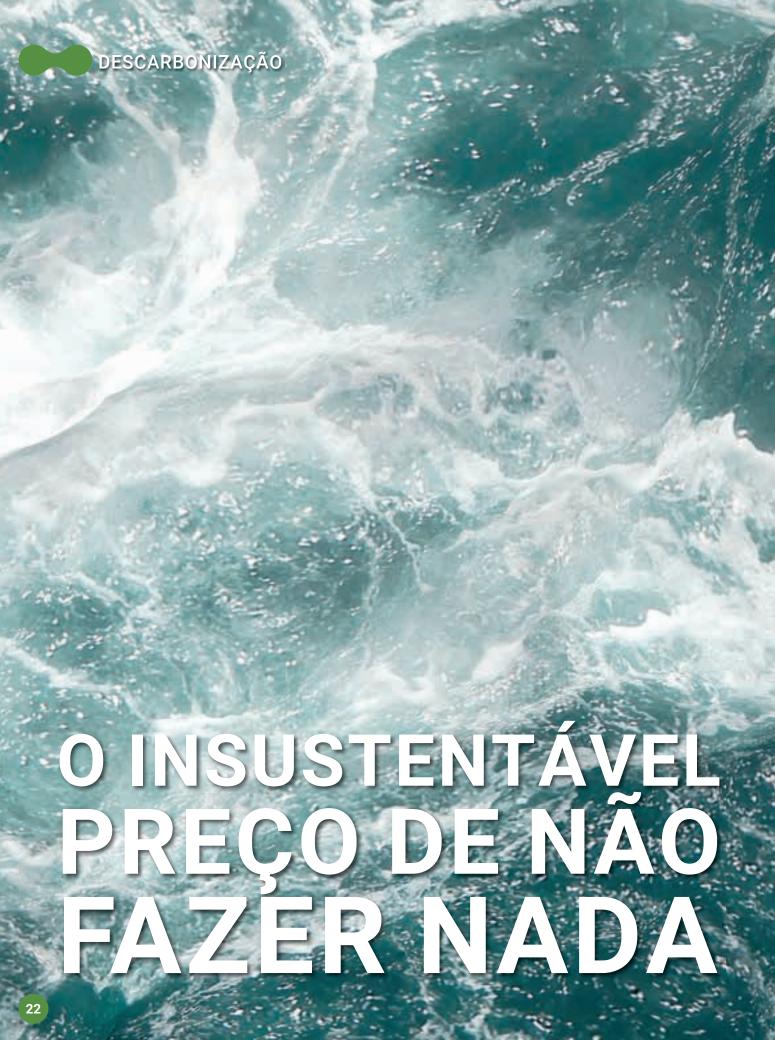
Tendo em conta os avanços científicos e o progresso tecnológico, e ainda os desafios relativos à transição energética dos vários Estados-membros, que são variáveis, a Comissão considera que há lugar para o gás natural e para o nuclear na transição energética. Isto significa classificar estas fontes de energia como compatíveis com a regulação da taxonomia — mas apenas por um determinado período de tempo e apenas na medida em que contribuírem para a transição para a neutralidade climática. A inclusão da energia nuclear e do gás natural acontece em condições claras e rigorosas, em linha com as nossas metas climáticas e com salvaguardas contra danos ambientais significativos.

Esta inclusão não cria o risco de perpetuar a energia nuclear na Europa? França já anunciou que vai aproveitar a oportunidade para aumentar a produção nuclear, tanto no tempo como em intensidade.

Comprometemo-nos a usar todas as ferramentas necessárias para nos afastarmos das fontes de energia com elevadas emissões no caminho rumo à neutralidade carbónica em 2050. A nossa proposta de incluir o nuclear e o gás – sob determinadas condições – deve-se, em parte, a estes esforços. As renováveis têm prioridade absoluta na taxonomia, mas se o nuclear e o gás puderem ajudar a reduzir as emissões nas próximas décadas, não devemos deixar passar a oportunidade. Nos Estados-membros que decidirem usá-lo, o nuclear pode ser uma fonte de energia previsível e baixa em carbono, que pode complementar os esforços no aumento das renováveis e da eficiência.











O argumento repete-se ao longo das décadas. Em nome do crescimento económico, vários países têm tardado em pôr em marcha as medidas necessárias para travar os impactos das alterações climáticas. Numa altura em que o planeta enfrenta uma corrida contra o tempo, há cada vez mais exemplos de que os dois objetivos podem ser compatíveis. A chave está nas energias limpas.

Ana Sanlez

arco histórico ou oportunidade perdida? Cumprindo a tradição das cimeiras do clima, a Conferência das Nações Unidas sobre Mudança Climática, a

COP 26, que em novembro reuniu quase 200 países em Glasgow, arrancou repleta de ambições e boas intenções. Mas tal como nas reuniões magnânimas que a precederam, a passadeira estendida à mudança acabou arrumada a um canto. "Os anúncios feitos em Glasgow são encorajantes, mas estão longe de serem suficientes", resumiu o secretário-geral da ONU, António Guterres, no final de um encontro em que, mais uma vez, a economia se sobrepôs ao futuro do planeta. Mas serão os dois objetivos incompatíveis?

"Historicamente, tem sido amplamente assumido que reduzir as emissões de gases com efeito de estufa significaria prejudicar o crescimento das economias. E a transição para uma economia de baixo carbono implica, obviamente, desafios económicos e sociais", constatou Michael Grubb, professor de Energia e Alterações Climáticas da University College London, no último Fórum Económico Mundial. No entanto, sublinha o especialista, "políticas bem desenhadas, como as que já foram usadas para revolucionar o uso da energia eólica, solar e LED, têm potencial para gerar benefícios enormes para os países que a elas aderirem. Se queremos resolver as alterações climáticas, primeiro temos de transformar o nosso pensamento económico", conclui Michael Grubb, para quem "uma revolução energética é possível com líderes imaginativos".

Mas a imaginação não abundou em Glasgow. Os líderes mundiais chegaram à Escócia com três grandes objetivos na agenda: comprometerem-se com metas mais ambiciosas para reduzir as emissões de gases com efeito de estufa até 2030; definir medidas de adaptação aos impactos das alterações climáticas e aumentar o financiamento da ação climática, sobretudo nos países em desenvolvimento. Entre avanços e recuos, as duas semanas de negociações resultaram em algumas conquistas, sendo a maior delas a finalização do "livro de regras" do Acordo de Paris, que inclui as negociações sobre os mercados de carbono e a defini-



ção de prazos. De acordo com o Pacto de Glasgow, os países que ainda não têm metas alinhadas com o Acordo de Paris devem apresentar objetivos climáticos de curto prazo mais agressivos no próximo ano. Tudo em regime voluntário e não vinculativo.

O passo em frente foi celebrado, mas foram os falhanços da cimeira que fizeram mais eco. Os países não chegaram a acordo sobre a disponibilização de 100 mil milhões de dólares por ano para apoiar a mitigação e adaptação às alterações climáticas dos países em desenvolvimento até 2030. E apesar de, pela primeira vez, ter havido decisões sobre os combustíveis fósseis numa COP, estas ficaram aquém das expectativas. A promessa de eliminação progressiva destes combustíveis acabou enfraquecida devido a um acordo de última hora entre a China, maior consumidor de combustíveis fósseis do mundo, os EUA, maior produtor mundial, a União Europeia e a Índia, que transformou a ambicionada "eliminação gradual" em "redução gradual" dos combustíveis fósseis. Ainda assim, a principal causa da crise climática foi, pela primeira vez, assumida pelos 198 signatários do Acordo de Paris.

O consumo e a produção de energia contribuem com dois terços das emissões globais de ${\rm CO}_2$, e cerca de 80% do sistema energético global ainda é baseado em combustíveis fósseis, uma





Energia eólica e fotovoltaica na ilha da Madeira



Se queremos resolver as alterações climáticas, primeiro temos de transformar o nosso pensamento económico.

Michael Grubb, professor de Energia e Alterações Climáticas da University College London

percentagem que é imutável há três décadas. Reconhecer que a emissão de gases poluentes está no cerne do problema conduz à conclusão automática de que a solução passa pela transição para a energia limpa. No entanto, segundo o Índice da Transição Energética do Fórum Económico Mundial, esse processo estagnou nos últimos cinco anos. A versão mais recente do relatório, que avalia 115 países com base na forma como equilibram o acesso e a segurança energética com a sustentabilidade, conclui que o maior desafio deste processo é a falta de disponibilidade para mudar dos maiores poluidores mundiais, que incluem Estados Unidos, China, Índia e Rússia. Os 10 países que melhor pontuaram neste ranking em 2021 contribuem com 2,6% para o total anual de emissões globais. Suécia, Noruega, Dinamarca, Suíça e Áustria são os campeões mundiais da transição energética. Em comum têm ainda o facto de não terem visto o seu crescimento travado pela aposta nas energias renováveis.

"A ação significativa dos governos foi crucial nestes processos de transição. Muitos avançaram com medidas apesar de, em muitos casos, os primeiros cálculos económicos sugerirem que o desenvolvimento de energias renováveis seria uma forma demasiado cara de cortar emissões", ressalva Michael Grubb. Em 2014, por exemplo, a energia solar ainda era considerada como a forma mais cara de reduzir emissões. Hoje, produzi-la custa 85% menos do que há uma década, e são batidos recordes sucessivos de preços mínimos. Um deles já pertenceu a Portugal, durante o primeiro leilão de energia solar.

A NOVA CORRIDA ESPACIAL

A Suécia é o exemplo mais paradigmático de como a transição energética não tem de anular o crescimento da economia. Segundo os dados mais recentes do Eurostat, em 2021, o consumo de energia proveniente de fontes renováveis no país atingiu os 60%. A meta passa por atingir os 100% em 2040. Já a curva do Produto Interno Bruto mostra que a economia sueca cresceu, em média, 2,2% ao ano nas últimas quatro décadas. Segundo dados da OCDE, o PIB per capita da Suécia está "em linha" com os melhores desempenhos dos membros da organização, ao mesmo tempo que as emissões de gases com efeito de estufa estão muito abaixo da média da OCDE.

"A Suécia mostrou que políticas ambiciosas de transição energética são compatíveis com forte crescimento económico", constata Paul Simons, ex-diretor-executivo da Agência Internacional da Energia (AIE). As energias hídrica e eólica compõem a maior parte do mix energético sueco. Mas a grande revolução posta em marcha no país foi a que, através de incentivos, tornou os consumidores em produtores de energia, os chamados "prosumers", que além de produzirem a energia que consomem, também injetam o excesso de produção na rede de distribuição local, ou nacional. Além disso, a Suécia tem a mais elevada taxa de carbono do mundo, cobrando 137 dólares por tonelada emitida. O país foi pioneiro na adoção desta medida, ao criá-la em 1991. "Definimos objetivos claros, tomámos decisões vinculativas a nível nacional e redirecionámos recursos com o objetivo de transitar para uma sociedade mais sustentável", sublinha o primeiro-ministro sueco, Stefan Löfven, na revisão voluntária de 2021 da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável da ONU.

Dar um preço ao carbono tem sido uma das soluções mais defendidas pelos especialistas para que o aquecimento global não ultrapasse os 1,5 em comparação com os níveis pré-industriais. Atualmente, só um quinto das emissões globais está abrangido por taxas de carbono, o que faz com que o preço médio de cada tonelada de carbono emitida seja de três dólares. O FMI estima que o preço ideal para travar o ritmo das emissões e limitar o aquecimento global a 2 graus seja de 75 dólares por tonelada. Uma "poll" de analistas da Reuters situa o preço recomendado para o mesmo objetivo nos 100 dólares por tonelada. Além dos Estados-membros da UE e da Suíça, há cerca de uma dezena de países que praticam esquemas de comércio de emissões ou impostos sobre o CO₂. Canadá, China, México e África do Sul são alguns exemplos. "A descarbonização é a nova corrida espacial. Alcançá-la é bom para o planeta, mas os países com autonomia estratégica e tecnológica neste campo também irão consolidar a sua influência geopolítica", refere Elizabeth Sidiropoulos, presidente do Instituto Sul Africano para os Assuntos Internacionais, numa análise para o "think thank" Council on Foreign Relations.

Neste capítulo, e não só, a União Europeia quer agarrar o estatuto de líder. O pacote Fit for 55, apresentado em julho do ano passado, é o mapa que faltava ao bloco europeu para cumprir a meta da neutralidade carbónica em 2050, vertida no Pacto Ecológico Europeu. Com o conjunto de 12 propostas destinadas a rever e atualizar a legislação da UE, Bruxelas acredita que até 2030 será capaz de reduzir as emissões em 55% face aos níveis de 1990. O processo de aprovação do pacote antevê-se espinhoso, com a corda a ser puxada tanto pelos Estados-membros e o Parlamento Europeu, mas também por governos extra-UE e pelas indústrias afetadas, e não deverá durar menos de dois anos.

A base da proposta assinada por Ursula von der Leyen inclui alterações de fundo ao sistema de comércio de licenças de emissão da UE (CELE), que deverá resultar numa redução das emissões de 61% até 2030 nos setores visados, que passam a incluir o transporte marítimo. Bruxelas também quer pôr fim ao fabrico de carros com motor de combustão interna em 2035, a criação de um fundo social para o clima e a implementação de um mecanismo de ajustamento carbónico fronteiriço, uma das medidas mais controversas do plano. Na prática, visa cobrar uma taxa de carbono às importações de países poluentes, para evitar "que os esforços de redução das emissões empreendidos pela UE sejam anulados pelo aumento das emissões fora das suas fronteiras através da relocalização da produção para países terceiros (onde as políticas aplicadas para combater as alterações climáticas sejam menos ambiciosas do que as da UE) ou pelo aumento de importações de produtos com elevada intensidade de carbono", explicita o Conselho da UE.

"É uma medida de curto prazo. Já temos tecnologias e soluções disponíveis para fazer outro tipo de avanços, e são essas medidas, de médio e longo prazo, que os governos têm de pôr em marcha. O efeito de estufa é global, não é um problema europeu. Esta não é a medida mais adequada", defende Marcos Fabregas-Dittmann, responsável da consultora de energia Eaton para Portugal e Espanha.

BONS VENTOS SOPRAM DA ALEMANHA

No tortuoso caminho que os Estados-membros têm pela frente rumo às emissões zero, há países que já começaram a pavimen-





O nosso frágil planeta está por um fio. Ainda estamos à porta da catástrofe climática.

António Guterres, secretário-geral das Nações Unidas.



tar a estrada. É o caso da Alemanha, coração industrial da Europa e, por isso, um dos estados mais poluidores do Velho Continente. O novo governo alemão, liderado por Olaf Scholz, apresentou um plano para a descarbonização da indústria e a eletrificação dos transportes e do sistema de aquecimento, que deverá ser posto em prática de imediato, sob o risco de o país falhar todas as metas com que se comprometeu para 2030. Até porque já está a falhá-las. Os dados mais recentes mostram que a Alemanha não cumpriu os objetivos de redução de emissões para 2021 e não deverá atingi-los em 2022. Se não puser o pé no acelerador, poderá falhar as metas de 2030 por 15%, admitiu o ministro da Economia e Ação Climática, Robert Habeck. Para que a missão seja alcançada com sucesso, a Alemanha terá de reduzir as emissões em 55% face aos níveis registados em 1990.

A proposta do novo Executivo passa por descarbonizar ao sabor do vento. O plano determina que 2% da superfície terrestre alemã deve ser destinada à instalação de parques eólicos. Outra das medidas prevê a obrigação de instalar painéis solares em todos os edifícios comerciais e nos novos edifícios privados. O hidrogénio também faz parte da "grande descarbonização" alemã. Aqui, o objetivo é aumentar o consumo da indústria do aço para 15 TWh até 2030.

O ministro alemão, timoneiro da mudança, defende que o carvão não deve ser substituído pelo gás, mas admite que o país vai pre-

cisar deste último, como backup, enquanto as eólicas e fotovoltaicas não forem suficientes para dar luz e calor ao país, e enquanto não existir a infraestrutura necessária para tornar o hidrogénio viável. O país esteve dividido quanto à inclusão do gás natural na taxonomia "verde" da Europa, e foi completamente avesso ao renovado impulso que a energia nuclear está a ter no bloco europeu. Uma missão liderada por França, que considera o carimbo como "crucial" no quadro da transição energética dos objetivos do Green Deal. Do seu lado, os gauleses têm os números.

O mais recente relatório do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) lançado antes da cimeira de Glasgow conclui que mesmo os novos e atualizados compromissos do Acordo de Paris não são suficientes para garantir os cortes necessários nas emissões de gases de efeito estufa. O estudo revela que as novas Contribuições Nacionalmente Determinadas (NDC) põem o mundo na rota certa para que, até ao final do século, a temperatura global aumente 2,7 °C, mesmo que todos os novos compromissos sejam cumpridos. O veredicto? É preciso fazer mais.

"O nosso frágil planeta está por um fio. Ainda estamos à porta da catástrofe climática", alertou Guterres no fim do encontro de Glasgow. A próxima cimeira do clima terá lugar no Egito, em 2027. Restam cinco anos para evitar que a história seja escrita de oportunidades perdidas.



O LONGO CAMINHO PARA A DESCARBONIZAÇÃO

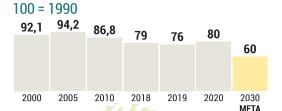


EMISSÕES DE GASES DE EFEITO DE ESTUFA (GEE) NA UE

POR SETOR (em milhares de toneladas de CO2)

	1990	2000	2010	2019	
Energia	32	30	30	25	
Indústria	24	22	19	20	
Transportes	13	17	19	22	
Residencial	12	12	13	12	
Agricultura	12	11	10	12	
Resíduos	3	4	3	3	
Marítimo internacional	2	3	3	4	
Aviação internacional	•	2	2	3	

ÍNDICE DE EMISSÕES DE GEE NA UE A 27



AUMENTO DA TEMPERATURA GLOBAL

Finlandia 49 - 31 %

375 -8%



EMISSÕES DE GEE NA UE
EM 2020 E EVOLUÇÃO EM %
FACE A 2005
(em milhares de toneladas de CO2)

Ding a 42 - 40%
Países Baixos 171 - 24% Alemanha Bélgic 753 - 26%

PORTUGAL

60 -32%

Surcia 48 - 30% 12 - 40% 11 - 40% 12 - 40% 11 -

EMISSÕES DE GEE NA UE POR CENÁRIO (em Mt CO2)







Fonte Comissão Europeia, Eurostat, Agência Internacional da Energia

2050

376



O CAMINHO NECESSÁRIO RUMO ÀS EMISSÕES ZERO



Combustível de baixo CO2 na aviação e transp. merc.

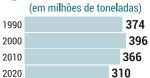
2030 17% Vendas de veículos elétricos de passageiros

2030 30%

2050 99%

2010 0% 2030 64% Vendas de veículos elétricos pesados



















PATRÍCIA FORTES

"INSTALAR PAINÉIS SOLARES NO EDIFICADO DEVIA SER PRIORIDADE"

É no Centro de Investigação em Ambiente e Sustentabilidade da FCT/Nova que a investigadora na área da economia energética desenvolve um trabalho focado em descobrir quais as melhores formas, do ponto de vista custo-eficácia, de transição para sistemas de energia de baixo carbono. Ana Sanlez



atrícia Fortes estuda cenários que envolvem mudanças tecnológicas, impactos macroeconómicos e análise de políticas energia-clima. Nos mais de 10 anos que conta de experiência, a investigadora passou ainda pelo Joint Research Center de Sevilha da Comissão Europeia (2015) e participou no desenvolvimento do modelo POTEnCIA (Policy Oriented Tool for Energy and Climate Change Impact Assessment). Esteve também envolvida no desenvolvimento do Roteiro Nacional de Baixo Carbono, em 2012, no qual era responsável pelo desenho dos cenários para o sistema energético, além de ter feito parte das equipas que elaboraram o Programa Nacional para as Alterações Climáticas e a Reforma da Fiscalidade Verde de 2014.

Tem centrado a sua investigação no estudo de cenários de mitigação das alterações climáticas em Portugal, com base na transição energética. Do seu ponto de vista, onde está o maior potencial, a nível tecnológico?

Do ponto de vista do custo-eficácia, a mitigação é mais fácil no setor eletroprodutor. É nisso que temos vindo a apostar e onde estamos entre os campeões da Europa. Temos um elevado potencial de renováveis, quer de sol quer de vento, e do ponto de vista do recurso, essa transição é fácil. Já no que toca aos transportes, por exemplo, o tema é mais complexo. É um setor em que as emissões têm vindo a aumentar. Mas já existem tecnologias, sobretudo no transporte rodoviário ligeiro, que permitem a descarbonização. O problema tem que ver com o acesso. Há pouco capital disponível nas famílias e pequenas empresas para investir nessas tecnologias. No caso dos edifícios, a situação é a mesma. A tecnologia existe, o problema é o capital disponível. Já a indústria tem um problema mais complexo. Não existem tecnologias disponíveis para todas as indústrias que permitam reduzir as emissões de forma eficaz em termos de custo. Algumas tecnologias ainda são demasiado dispendiosas. É o setor em que a transição será mais difícil.

Portugal foi um dos primeiros países a deixar de produzir eletricidade a carvão. Essa opção fez sentido, face ao momento de preços elevados da energia?

Não consigo responder se sim ou não. O gás natural está mais caro, e isso faz com que a eletricidade aumente. Mas já foi dito pela Agência Internacional de Energia que, desde 2020, o solar e as eólicas são as tecnologias mais baratas para gerar eletricidade. Quanto mais renováveis tivermos, mais protegidos estamos contra esta volatilidade dos preços. Existe o investimento inicial, mas os custos de operação e manutenção são praticamente nulos, comparativamente aos fósseis. Além disso há o custo do mercado de carbono. E foi um compromisso que assumimos.

No ano passado, Portugal teve o maior aumento de sempre de capacidade solar. Mas ainda estamos muito atrás de países com menos sol, como a Alemanha. Como é que isto se explica? Começámos tarde?

Começámos tarde, é um facto. Estamos a tentar recuperar terreno, mas tenho receio de que não estejamos a fazê-lo da melhor forma. Vê-se muito conflito nas grandes centrais, com a sociedade civil. Estamos a ocupar solo, estamos a alcatifar o país. Não sei até que ponto estão a ser avaliados os reais impactos disso. Estamos a ocu-



Temos um elevado potencial de renováveis, quer de sol quer de vento, e do ponto de vista do recurso, essa transição é fácil. Já no que toca aos transportes, por exemplo, o tema é mais complexo.

par solo que também capta CO₂, que é um sumidouro, e isso é importante. Estamos a fragmentar ecossistemas e temos de ter muito cuidado com isso. Uma das apostas que Portugal devia fazer é a instalação de painéis no edificado. Devia ser a nossa prioridade. Tenho receio de que o real impacto do aumento da capacidade solar não esteja a ser tido em conta. A transição energética é essencial mas tem de ser avaliada de forma integrada. Já tomámos decisões no passado com o selo da transição energética que tiveram consequências. Como a politica de biocombustíveis da Europa. Depois verificou-se que estávamos a desmatar florestas por causa disso, e essa política acabou por mudar. Tenho receio de que aconteça o mesmo no solar.

O que se pode fazer para que isso não aconteça?

É preciso fazer um balanço. A instalação de painéis do edificado é a melhor opção, mas tem a questão financeira. Acho que devia haver mais apoios. E mais informação. Há falta de conhecimento na população sobre os apoios que existem e as vantagens de instalar esse tipo de tecnologias.

Portugal tem um problema de iliteracia energética?

Sim, a literacia energética é muito baixa. E o fundo de apoio é muito complicado. Mesmo para as famílias que têm capital disponível.

O fundo de apoio a edifícios sustentáveis implica que se avance com o investimento, que só depois pode ser recuperado pelas famílias. Isso é um problema?

É um problema. Fala-se agora na criação de um fundo social europeu, com o objetivo de apoiar as famílias mais vulneráveis na transição energética. Poderá ser mais vantajoso.

Esta evolução no edificado pode dar um impulso às comunidades energéticas? É um conceito que faz sentido incentivar?

Faz todo o sentido. Nas comunidades energéticas, consumimos nos períodos em que precisamos e fornecemos à rede ou a outros serviços quando não estamos a usar. Podemos ter bairros energéticos em que, durante o dia, os painéis fornecem eletricidade ao comércio. Claro que tem de haver sempre baterias associadas. Estamos a dar



O gás natural jamais pode ser considerado verde. É metano, tem emissões de gases de efeito de estufa.

os primeiros passos. A nível de pobreza energética somos um dos piores países da Europa. O nosso edificado é muito mau.

No que toca às tecnologias associadas aos transportes, nomeadamente as baterias, estas exigem a exploração de recursos naturais, como o lítio. É possível alcançar um equilíbrio sustentável?

Muitos desses recursos são explorados sem respeito pelo ambiente. Do ponto de vista ambiental e social, essa exploração faz mais sentido em países com normas ambientais e sociais rigorosas, onde existe uma maior garantia da minimização do impacto ambiental, do que em regiões do mundo onde isso não acontece. Cada vez mais há baterias que não exigem materiais que vêm de regiões exploradas. Acho que a solução passa pela reciclagem. É disso que a Europa tem vindo a falar. Aqui a economia circular vai ser fundamental. Não podemos gastar esses recursos infinitamente.

No caso do lítio, também é preciso ter em conta que são necessárias grandes quantidades de água. E essa exploração é feita, muitas vezes, em zonas do globo que sofrem ou vão sofrer o impacto das alterações climáticas. Acontece no Chile, por exemplo. Tudo isto tem de ser tido em conta. É difícil fazer esta avaliação integrada, mas essa visão macro dos impactos é necessária.

As metas para a descarbonização estão traçadas. A União Europeia quer ser neutra em carbono em 2050 e reduzir as emissões em 55% até 2030. São objetivos possíveis, face à situação atual?

A nível europeu, são objetivos possíveis. Têm de ser possíveis. O que diversos estudos mostram é que se agirmos de forma tardia ou não agirmos de todo, os impactos a nível económico, além dos ambientais, vão ser superiores. A Europa criou uma série de pacotes legislativos novos e atualizações, de forma a conseguir alcançar essas metas. O que a Europa nos diz é que essa mitigação e a neutralidade climática não podem ser encaradas como um custo, apesar de implicarem uma despesa inicial. É um investimento que será benéfico no longo prazo. O objetivo é crescer de forma mais sustentável.

Uma das medidas do Fit for 55, o pacote legislativo europeu, é o reforço do atual Sistema de Comércio de Licenças de Emissão. Estes sistemas são essenciais para alcançar as metas propostas?

Se o preço do CO_2 for o correto, consegue dar um sinal claro aos setores abrangidos para a redução das emissões. Durante muitos anos o preço foi muito baixo, atualmente está a subir. O objetivo desse mercado é dar um sinal às empresas. Desde que não haja licenças gratuitas desmedidas, é um bom mecanismo. O que a Eu-

ropa agora também se propõe é a criar um novo mercado associado ao transporte ferroviário e aos edifícios. O objetivo é que a receita associada a esses mercados seja canalizada para apoiar as famílias mais vulneráveis na transição energética. A Europa está a tentar o tudo por tudo para alcançar as metas.

A nível global, o valor médio das emissões é muito reduzido. A Europa deve pressionar outros países neste sentido?

Por isso é que a Europa está a tentar criar uma taxa de carbono fronteiriça. O objetivo da Europa é que as empresas europeias não fiquem desfavorecidas face aos concorrentes internacionais. Se a produção de cimento, ferro ou aço na China gerar muito mais emissões do que numa empresa europeia, e se uma empresa chinesa quiser exportar para a Europa, será sujeita a uma taxa. Isso serve, em primeiro lugar, para contrariar o deslocamento da indústria europeia para outros continentes, como aconteceu nos últimos anos. Depois, se a Europa for uma grande importadora e tiver essa taxa, as empresas serão obrigadas a melhorar os seus processos de produção.

Há algum efeito perverso associado a essa medida?

O problema está associado aos países em vias de desenvolvimento. Por exemplo, Moçambique exporta muito aço para a Europa. Se for sujeito a essa taxa, pode sofrer um impacto grande na indústria local, e o efeito na economia local e nas populações pode ser catastrófico. O objetivo da Europa é também que as receitas associadas a esse mercado sejam canalizadas para apoiar a transição desses países para tecnologias mais eficientes.

A energia nuclear e o gás natural foram recentemente incluídos na taxonomia verde da União Europeia. É uma medida que faz sentido, em nome da descarbonização?

Do meu ponto de vista, não. É uma questão puramente política e económica. O que se argumenta é que o nuclear não tem emissões de gases de efeito de estufa. O problema está associado aos resíduos nucleares. E os custos do nuclear, se considerarmos até o desmantelamento, são muito elevados. O nuclear é muito apoiado por França.

Que alega que as novas centrais são mais seguras.

Acredito que sim. A tecnologia avança, os sistemas de monitorização são cada vez mais complexos. Mas continua a haver um grande volume de resíduos que têm de ser tratados.

E o gás natural?

Jamais pode ser considerado verde. É metano, tem emissões de gases de efeito de estufa. É, mais uma vez, uma questão política. O objetivo de classificar estas tecnologias tem que ver com o investimento. Há mais apoios e incentivos aos investidores se as tecnologias forem consideradas verdes. O argumento de defesa é que há um período de transição, porque não se pode passar diretamente do carvão para as renováveis. E esse período depende do gás. O que a taxonomia define é que o gás é verde se for usado para a transição. Há quem argumente que os novos projetos de gás natural, com algumas adaptações, podem utilizar hidrogénio e outros gases renováveis.

Que papel poderá ter o hidrogénio verde nas metas nacionais de descarbonização?







O hidrogénio permite um armazenamento sazonal durante longos períodos de tempo. Podemos, nos períodos de excesso de eletricidade, gerar hidrogénio e armazená-lo. Quando precisarmos, podemos utilizá-lo diretamente ou convertê-lo em eletricidade.

A nível global, o hidrogénio terá um grande papel no transporte de mercadorias, na navegação e na aviação. Também poderá ter um papel relevante na indústria, como matéria-prima, na indústria química. Há quem fale muito que pode ser o gás de transição para a indústria. Aí tenho algumas dúvidas, mas a verdade é que os estudos mostram que sim, que pode acontecer.

O que suscita dúvidas?

Ainda está numa fase muito incipiente a utilização de equipamentos industriais com hidrogénio. Tem de haver uma grande transformação. É uma componente que vai entrar, mas não sei se será o grande vetor de descarbonização da indústria.

Portugal tem fortes ambições neste campo. São concretizáveis?

A estratégia nacional de hidrogénio mostra que, a partir de 2030, os valores de injeção de hidrogénio na rede de gás são muito elevados. Até 2030, o objetivo é 10%. Isso não é possível, nem em Portugal nem na Europa, com gasodutos de ferro e aco. Essas infraestruturas não estão preparadas para grandes volumes de hidrogénio. O hidrogénio é o elemento mais pequeno que existe. O que vai acontecer é que se vai infiltrar entre as moléculas de ferro e vai causar fissuras. Tem de haver uma adaptação das infraestruturas. No caso da rede de distribuição, não há problema, porque é de polietileno. O que está em cima da mesa não é a injeção de hidrogénio puro, é a conversão desse hidrogénio em gases sintéticos. Aí, as características são idênticas às do gás natural. As indústrias podem continuar a usar os mesmos equipamentos. A questão é que, para produzir este metano sintético, precisamos de CO₂, além de hidrogénio. A minha dúvida é onde é que vai ser feita essa captura de CO₂. Sobretudo em Portugal. As nossas centrais a carvão fecharam. É na indústria? Faz sentido que seja. Mas serão essas emissões suficientes para satisfazer as necessidades para a quantidade de metano sintético que consta na estratégia nacional? A quantidade de metano sintético que consta no estudo de base da estratégia nacional é imensa. Tenho algumas reticências sobre essa geração de metano sintético. A Europa também aposta nisso, porque quer diminuir a sua dependência de gás do exterior.

Ainda é uma área repleta de desafios e incertezas. Quando é previsível que o hidrogénio seja viável para ajudar a descarbonizar as economias?

É incerto, mas veio para ficar. É uma tecnologia sobre a qual já se falou no passado e desapareceu. Voltou a falar-se e voltou a desaparecer. O hidrogénio tem imenso potencial enquanto transportador de energia e também para o armazenamento. Temos as baterias, que conseguem armazenar durante períodos curtos de tempo, e ainda as barragens. Mas o hidrogénio permite um armazenamento sazonal durante longos períodos de tempo. Podemos, nos períodos de excesso de eletricidade, gerar hidrogénio e armazená-lo. Quando precisarmos, podemos utilizá-lo diretamente ou convertê-lo em eletricidade. Neste processo há perdas de eficiência enormes, mas está em cima da mesa que o hidrogénio venha a servir para ajudar a regular um setor elétrico 100% renovável.

Estamos longe desse ponto?

Não sei. Os eletrolisadores já existem e há cada vez mais projetos. Vai entrar em velocidade de cruzeiro.



PRR TEM MAIS DE SEIS MIL MILHÕES PARA A DESCARBONIZAÇÃO

Para atingir a neutralidade carbónica até 2050, Portugal está a acelerar a fundo nos programas para a descarbonização. Mais de um terço das verbas do PRR são destinadas à descarbonização em várias frentes, da indústria à habitação.





descarbonização da economia e da sociedade é uma das prioridades do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR). Ao todo, serão destinados perto de 38% dos 16,6 mil milhões de euros para famílias, empresas e autarquias que apresentem projetos que ajudem na transição para uma economia neutra em carbono. Entre as reformas e investimentos previstos no PRR estão intervenções em áreas estratégicas como o mar, a mobilidade sustentável e a descarbonização da indústria. O objetivo é claro: contribuir para as metas climáticas e garantir que a neutralidade carbónica seja alcançada até 2050.

A descarbonização do setor industrial é uma das principais componentes do PRR e aquela que sozinha concentra mais verbas: 715 milhões de euros. Os objetivos são ambiciosos e o Governo reconhece que será necessária uma "transformação estrutural", que obrigará a uma "reconfiguração da atividade industrial", bem como a "alterações nos processos de produção e na forma como os recursos são utilizados".

O primeiro concurso para projetos de descarbonização industrial abriu em janeiro e, até 29 de abril, está a receber projetos candidatos a um total de 715 milhões de euros a fundo perdido (que não têm de ser reembolsados). Os projetos de investimento devem estar relacionados com processos e tecnologias de baixo carbono, adoção de medidas de eficiência energética ou incorporação de energia de fontes renováveis e armazenamento de energia na indústria. Os projetos devem ainda "assegurar uma redução média de 30% nas emissões diretas e indiretas de gases com efeito de estufa das instalações industriais apoiadas" e será dada prioridade àqueles que tiverem "a descarbonização mais eficiente".

A este concurso podem candidatar-se empresas do setor da indústria e entidades gestoras de parques industriais. Este investimento, liderado pelo IAPMEI, visa apoiar, pelo menos, 300 projetos de diferentes dimensões: pequenos (com um valor médio de 1 milhão de euros), médios (5 milhões de euros) e grandes (10



milhões de euros). Após a aprovação, os projetos apoiados devem arrancar no prazo de seis meses, sendo que a implementação do investimento "deve estar concluída até ao final de 2025".

48 MILHÕES PARA AUTOCARROS "AMIGOS DO AMBIENTE"

A descarbonização da economia passará também, necessariamente, pelo setor dos transportes rodoviários. Sobre isso, o PRR prevê o desenvolvimento de "projetos robustos" que "promovam o reforço e a utilização crescente do transporte público com a consequente redução da dependência do transporte individual rodoviário". Para isso, o Governo conta renovar e "descarbonizar" a frota de transportes públicos em Portugal com a disponibilização de "autocarros de zero emissões", financiados pelo PRR.

No PRR, está previsto apoio financeiro de 48 milhões de euros, concedidos sob a forma de uma subvenção não reembolsável, à aquisição de 145 autocarros "amigos do ambiente", elétricos ou movidos a hidrogénio, cujos contratos devem ser assinados entre julho e setembro deste ano, devendo o investimento estar completamente implementado até 31 de dezembro de 2023. Esses autocarros serão utilizados para prestar serviços públicos de transporte de passageiros nas Áreas Metropolitanas de Lisboa e Porto. A par disso, quer ainda reforçar as infraestruturas de carregamento para assegurar o seu funcionamento.

A "aceleração da expansão da rede de postos de carregamento de veículos elétricos acessíveis ao público" com vista a "reduzir a pegada de carbono do setor dos transportes rodoviários em Portugal, tornando-o mais sustentável", é outra das metas do PRR. A ideia é promover a mobilidade elétrica em Portugal, assegurando que existam 15 mil postos de carregamento operacionais e acessíveis ao público.

Os principais intervenientes na expansão da rede de postos de carregamento serão empresas privadas, sendo que o Estado português "deverá focalizar o seu investimento na plataforma de gestão da rede Mobi e na supressão das lacunas do mercado, apoiando o investimento em regiões onde o setor privado não garante a cobertura necessária". Embora seja um investimento previsto no PRR, este não é suportado financeiramente pelo dinheiro da "bazuca" europeia, mas sim por outros quadros comunitários, como o PT 2030.

A ideia é promover a mobilidade elétrica em Portugal, assegurando que existam 15 mil postos de carregamento operacionais e acessíveis ao público.



O PRR prevê também a comparticipação de custos (entre 50% e 70% do custo total) de projetos que promovam a renovação, a eficiência energética, a descarbonização, a eficiência hídrica e a economia circular em edifícios.

"VALES-EFICIÊNCIA" DE 1.300 EUROS PARA COMBATER POBREZA ENERGÉTICA

Atendendo a que o setor residencial e o setor dos serviços são dos que mais consomem energia (com 18% e 14% de consumo, respetivamente), o PRR tem um envelope financeiro dedicado exclusivamente à eficiência enérgica dos edifícios. Só para a promoção da descarbonização do parque imobiliário, ao mesmo tempo que se melhoram as condições de habitação das famílias, estão previstos 300 milhões de euros. Este investimento é da responsabilidade do Fundo Ambiental e visa substituir equipamentos ineficientes, combater a pobreza energética e reforçar o autoconsumo de energias renováveis.

Para as famílias com baixos rendimentos e em situação de pobreza energética, o PRR prevê a comparticipação até 100% dos custos, com a entrega de "vales-eficiência" de cerca de 1.300 euros cada. O Fundo Ambiental abriu as primeiras vagas a este investimento em setembro do ano passado, mas já anunciou que vai continuar a receber candidaturas até se atingir a meta de 20.000 vales emitidos. Ou seja, as famílias carenciadas que precisem de trocar janelas e portas por outras energeticamente eficientes, comprar painéis fotovoltaicos para autoconsumo de energia ou



revestimento de paredes podem concorrer ainda a este programa. O PRR prevê também a comparticipação de custos (entre 50% e 70% do custo total) de projetos que promovam "a renovação, a eficiência energética, a descarbonização, a eficiência hídrica e a economia circular em edifícios", através de avisos lançados anualmente.

Paralelamente, o PRR irá contribuir também, em 240 milhões de euros, para a promoção da eficiência energética em edifícios da administração pública central, cujos avisos serão lançados anualmente. Já para a eficiência energética em edifícios de serviços serão destinados 70 milhões de euros. A implementação de todos estes investimentos deve estar concluída até ao final de 2025.

HIDROGÉNIO: 185 MILHÕES PARA A "ENERGIA DO FUTURO"

O compromisso de atingir a neutralidade carbónica até 2050 vai encontrar resistências nos ditos "setores de difícil redução". Foi a pensar nisso que o Governo inscreveu no PRR a alocação de 185 milhões de euros para promover a introdução gradual do hidrogénio renovável "enquanto pilar de uma estratégia mais abrangente de transição para uma economia descarbonizada". Nesse sentido, serão apoiados projetos privados de hidrogénio renovável e de outros gases de origem renovável "para autoconsumo ou injeção na rede". O primeiro concurso para projetos de produção de hidrogénio e gases renováveis deverá abrir já no terceiro trimestre deste ano e deverá apoiar projetos com uma dotação máxima de 15 milhões de euros. Além da produção, será ainda promovido o armazenamento, transporte e a distribuição dessas novas fontes de energia.

Já nas ilhas, "a tónica é colocada na implantação de energias renováveis (energia geotérmica, eólica, fotovoltaica e hidroelétrica) e no armazenamento". Estão previstos 69 milhões de euros para projetos que permitam aumentar a quota de eletricidade renovável disponível no arquipélago da Madeira, enquanto os projetos que invistam na transição energética nos Açores deverão receber 116 milhões de euros.

Para acelerar a produção de produtos de alto valor acrescentado a partir de recursos biológicos, em "alternativa às matérias de base fóssil", o PRR tem previstos 145 milhões de euros. Nesta transição para a bioeconomia sustentável, serão apoiados projetos centrados em três setores: têxtil e vestuário, calçado e resina natural. O

O primeiro concurso para projetos de produção de hidrogénio e gases renováveis deverá abrir já no terceiro trimestre deste ano e deverá apoiar projetos com uma dotação máxima de 15 milhões de euros.

objetivo deste investimento, que é também da responsabilidade do Fundo Ambiental, é que esses setores passem a utilizar produtos de base biológica e aumentem a eficiência na utilização de recursos, assegurando uma maior competitividade e ajudando a atingir as metas de descarbonização da economia.

252 MILHÕES PARA "DESCARBONIZAR" O MAR

A descarbonização da economia e da sociedade vai passar também pelo desenvolvimento de uma economia do mar mais competitiva e mais sustentável. Do PRR, 112 milhões de euros serão destinados ao Centro de Operações de Defesa do Atlântico e Plataforma Naval, que vão contribuir para responder a um conjunto de desafios, incluindo monitorizar a saúde do oceano Atlântico e garantir a preservação das cadeias de valor das diversas indústrias oceânicas, evitando a poluição e a pesca ilegal.

Para a descarbonização de atividades ligadas ao mar, estão previstos 87 milhões de euros para criar uma rede nacional de infraestruturas inovadoras para a economia azul em todo o país (o chamado "Hub Azul") e 21 milhões para apoiar projetos que procurem modernizar e inovar o setor da pesca, reduzindo a pegada de carbono e contribuindo para a economia circular. Há ainda mais 32 milhões para a criação de um centro experimental de investigação e desenvolvimento ligado ao mar, nos Açores.



para um mundo melhor.

Para enfrentar os grandes desafios que vivemos, precisamos de trabalhar em conjunto. As soluções inovadoras da SAP podem ajudar na integração de práticas sustentáveis diretamente nos seus processos de negócio. Para que todos beneficiem: o ambiente, a comunidade, e cada um individualmente.









ESTRATÉGIAS PARA DESCARBONIZAR E POUPAR AO MESMO TEMPO

Com a descarbonização a ser uma das questões que domina a atualidade são várias as estratégias que permitem as empresas reduzir o seu impacto ambiental. E muitas das soluções permitem, pelo menos no médio prazo, poupar dinheiro. Pedro Curvelo





descarbonização é um dos temas na ordem do dia a nível global e são já muitas as empresas que assumiram compromissos de atingir a neutralidade carbónica em datas definidas

Mas, se para as grandes empresas é mais fácil elaborar um plano e alocar verbas para a redução da pegada ambiental, as empresas de menor dimensão têm, por regra, maior dificuldade em definir uma estratégia de sustentabilidade e em financiar os investimentos necessários.

No entanto, várias medidas que contribuem para a redução das emissões de dióxido de carbono são facilmente implementáveis e o investimento necessário é recuperável num período relativamente curto.

Uma opção que se traduz quase de imediato na redução de custos é o isolamento térmico das instalações, que permite uma diminuição significativa de desperdício de energia utilizada para aquecer ou arrefecer o local.

Ainda no âmbito energético, são cada vez mais as empresas que optam por energia limpa, seja com recurso a painéis fotovoltaicos ou, por exemplo, a centrais de biomassa. Estas soluções permitem, além de uma redução dos custos com a energia, que escalaram no último ano, uma significativa redução da pegada ambien-

tal. E, muitas destas opções, beneficiam de incentivos do Estado. E há ainda uma outra forma de reduzir quer custos quer a pegada carbónica: a substituição de equipamentos por outros com tecnologias mais recentes e com maior eficiência energética. Também neste caso a redução dos custos energéticos poderá permitir um retono do investimento num período relativamente curto.

Outra das principais fontes de emissões poluentes respeita ao transporte e à cadeia logística. Aqui, uma das estratégias seguidas por algumas das empresas mais avançadas nos seus processos de descarbonização passa pela opção por fornecedores locais, reduzindo as emissões de dióxido de carbono associadas ao transporte de matérias-primas ou componentes. Esta solução, contudo, não pode ser adotada por todas as empresas devido à necessidade de obter os materiais necessários à sua produção em locais mais distantes. Mas, mesmo nesses casos, é possível diminuir a pegada carbónica mediante a utilização de soluções de transporte menos poluentes, assumindo a ferrovia, com comboios elétricos, em detrimento do transporte rodoviário - nos pesados de mercadorias a penetração dos veículos elétricos é ainda marginal – para a movimentação das matérias-primas e produtos. Ainda em termos de transporte, muitas empresas estão a transformar a sua frota de veículos optando por viaturas 100% elétricas ou híbridas. Se nos automóveis ligeiros de passageiros a preferência por carros elétricos tem vindo a crescer exponencialmente, incluindo nas frotas empresariais, quer nos comerciais ligeiros quer principalmente nos pesados essa opção ainda é quase nula. Com o reforço das redes públicas de carregamento elétrico e a instalação de soluções de carregamento nos parques das próprias empresas assiste-se não só a um maior número de locais onde recarregar os veículos mas também a um reforço da potência dos carregadores, permitindo carregar os veículos em menos tempo. Assim, a principal resistência das empresas em adotar a mobilidade elétrica - a autonomia - deixa de ser um obstáculo. Aqui, também existem incentivos do Estado para a aquisição de veículos elétricos e ainda benefícios fiscais.

A pandemia veio mostrar ainda outra forma de descarbonizar: o teletrabalho. Terminados os confinamentos na maioria dos países, são já várias as empresas que estão a optar por modelos de trabalho híbridos. Esta solução, em que os trabalhadores vão ao escritório alguns dias por semana e trabalham de casa nos restantes, pode contribuir de forma assinalável para a redução das emissões poluentes que resultam da deslocação para o emprego. O trabalho híbrido não é possível em todas as empresas ou, pelo menos, em todas as funções, mas em muitos casos existe, de facto, essa possibilidade. E as empresas que optem por esta solução podem obter reduções de custos por diversas vias: mudança para escritórios de menor dimensão, menores custos de manutenção das instalações, bem como de outros custos como eletricidade, áqua, telecomunicações, etc.

Por outro lado, cruzando o conceito de economia circular com a descarbonização, as empresas podem, em vários casos, recorrer a materiais reciclados para a produção dos seus produtos, reduzindo a produção de lixo e, em simultâneo, diminuir as emissões de dióxido de carbono.



E PARA AS FAMÍLIAS?

A descarbonização não cabe apenas às empresas e também as famílias têm um enorme contributo potencial a dar. E podem poupar dinheiro com várias das soluções mais amigas do ambiente. Pedro Curvelo

al como sucede nas empresas, o isolamento térmico das habitações permite reduzir gastos e consumo de energia. Há ainda soluções inteligentes para prédios em que a gestão energética é feita de forma centralizada, com sistemas de gestão de edifícios que automaticamente adaptam a temperatura do prédio em função da temperatura exterior e do número de pessoas que se encontram nas instalações. No Reino Unido, algumas experiências com estes sistemas resultaram numa redução de 30% nos gastos com climatização e reduzindo de forma expressiva as emissões de dióxido de carbono.

E existem, ainda na área energética, soluções de painéis solares que permitem não só abastecer o prédio com energia limpa em autoconsumo mas até revender energia produzida em excesso à rede, gerando receitas para o condomínio. Ao nível de cada lar, as reduções de emissões podem ser conseguidas igualmente com equipamentos energeticamente mais eficientes e com uma utilização mais cuidada – por exemplo não deixando os aparelhos no modo standby –, o que tem a vantagem adicional de encolher a fatura energética mensal.

Outra forma de diminuir a pegada carbónica é a utilização de transportes públicos sempre que possível, reduzindo ao essencial o recurso à viatura própria. Outra possibilidade, nos casos em que isso seja viável, poderá passar por deslocar-se de bicicleta. E se estiver a pensar em trocar de veículo poderá escolher um automóvel elétrico, reduzindo a zero as emissões nas suas deslocações. Esta opção, para quem pode carregar o veículo em casa em tarifa bi-horária, tem ainda a vantagem de ser a mais económica em termos de custo total de propriedade (TCO, na sigla em inglês) para a posse do veículo por seis anos e uma utilização média de 15 mil quilómetros anuais.

A Comissão Europeia aponta ainda como um dos vetores para o contributo das famílias na descarbonização a mudança de estilos de vida, nomeadamente os hábitos alimentares. Num relatório, Bruxelas indica, por exemplo, que a mudança de uma dieta à base de carne, principalmente bovina, para produtos vegetarianos permite reduzir a um décimo as emissões de dióxido de carbono relacionadas com a alimentação. Os autores do documento reconhecem, no entanto, que alterações sociais deste tipo são mais difíceis de alcançar, sendo que hábitos de comportamen-

Existem ainda iniciativas que partem da sociedade civil para mitigar o impacto das emissões. É o caso da polaca Fundacja Łąka, que sensibiliza os residentes das comunidades em que atua para plantarem canteiros em espaços vazios nos seus bairros, aumentando a capacidade de absorção de dióxido de carbono.

to enraizados demoram mais tempo a modificar.







JÚLIA SEIXAS

Professora e Presidente do DCEA. FCT UNL

ALFREDO MARVÃO PEREIRA

Professor, Departamento de Economia, College of Wiliam and Mary

ANTÓNIO MARTINS DA COSTA

Membro do Conselho de Administração Executivo, FDP

JOANA PORTUGAL **PEREIRA**

Autora do Sexto Relatório de Avaliação (AR6) do IPCC, Investigadora convidada do Imperial College London (CEP/ICL), Professora em Planeamento Energético (COPPE/UFRJ)

LUÍS URMAL CARRASQUEIRA

Managing Director, SAP Portugal

PRESIDENTE DO JÚRI



O prémio na categoria de Descarbonização é uma excelente oportunidade para mostrar como a descarbonização deve ser uma mais--valia e um ativo das empresas para aumentar a sua competitividade e responsabilidade para um Planeta sem emissões.



Um prémio para contribuições na área da Descarbonização e algo que vai diretamente ao coração do que deverá ser o elemento estruturante das políticas económicas em Portugal.



Hoje, mais do que nunca, é claro que o caminho da descarbonização das fontes energéticas é essencial para a garantia do abastecimento de energia e para o desenvolvimento sustentável das sociedades.



O Prémio Nacional de Sustentabilidade do Negócios reforça a necessidade de promover a descarbonização de todos os atores da economia e acelerar os esforços necessários para estabilizar o aquecimento global em níveis compatíveis com o Acordo de Paris.



Este prémio representa o compromisso do mundo empresarial no processo de transição energética e na criação de alternativas que visam a neutralidade carbónica. Estamos. todos, cientes da necessidade urgente de inovação na regeneração do nosso planeta.



Nesta categoria foram aceites iniciativas, serviços ou produtos que criam um impacto positivo a nível da redução das emissões de gases com efeito de estufa e promoção da luta contra as alterações climáticas. Foram valorizadas candidaturas que integram soluções tecnológicas ou resultam de reengenharia de processos inovadores, e que promovem a alteração dos comportamentos da sociedade civil, a industrialização inclusiva e sustentável, a melhoria da gestão das infraestruturas existentes, com vista a torná-las mais sustentáveis e que resultem numa menor pegada carbónica.

PEDRO MARTINS BARATA

Partner da Get2C, Coordenador da equipa que elaborou o Roteiro para a Neutralidade Carbónica

TERESA BRANTUAS

CEO da Allianz Portugal



O Prémio Nacional de Sustentabilidade na categoria Descarbonização é o mais relevante prémio para demonstração do melhor que Portugal e as empresas portuguesas têm feito na transição energética e climática.



Somos uma empresa em constante inovação, que apoia vários projetos e iniciativas que vão ao encontro dos nossos valores e objetivos. Como tal, é com imenso orgulho que apoiamos o Prémio Nacional de Sustentabilidade, nomeadamente a categoria Descarbonização.



O AMBIENTE COMO ELEMENTO ESTRATÉGICO DE GESTÃO

A ANA assume o ambiente como um elemento estratégico de gestão, comprometendo-se com a proteção do ambiente, com as obrigações decorrentes de legislação, com a promoção da formação e consciencialização ambiental e com a procura da melhoria contínua.



A ANA Aeroportos de Portugal considera que 2021 foi um ano repleto de múltiplos desafios para o mundo e para a empresa, sendo, contudo, o ano em que a VINCI reafirmou o seu empenho com o ambiente. "Os desafios são hoje elevados, especialmente no momento em que se atravessa uma crise sem precedentes." No entanto, a empresa garante que em momento algum diminuiu o seu empenho em implementar um vasto conjunto de boas práticas ambientais, que contribuam para assegurar a redução dos impactes das infraestruturas e para a melhoria do seu desempenho ambiental, garantindo um crescimento empresarial concordante com a preservação do ambiente.

Para isso, foi lançando para todos os aeroportos VINCI uma estratégia ambiental global, com enfoque em três grandes áreas: energia e alterações climáticas, economia circular e gestão de resíduos e água e ambiente natural.

Associadas a cada uma destas áreas, encontram-se definidos objetivos e metas ambientais que a empresa apelida de "muito ambiciosas" para 2030.

Empresa:

ANA Aeroportos de Portugal SA

Nome do projeto: **Descarbonização ANA**

Data de início: **01/06/2021**

Data de conclusão: **31/12/2030**

Principais beneficiários da iniciativa: os funcionários ANA, as companhias aéreas e handlers, os concessionários e restantes empresas do ecossistema aeroportuário.

Entre elas estão reduzir a pegada de carbono em valores absolutos em 50%, comparativamente com os valores de 2018, reduzir os resíduos enviados diretamente para aterro e reduzir para metade os consumos de água. A empresa é certificada pela ISO 14001 desde 2008 em todos os seus Aeroportos e trabalha para a promoção da biodiversidade a par do controlo de risco de acidente com aeronaves. "Esta estratégia apresenta uma trajetória compatível com a nova estratégia da ACI Europa para a neutralidade carbónica em 2050 (net zero emissions)."

COMPROMISSO A LONGO PRAZO

O compromisso da ANA com a natureza "é já um objetivo estratégico", diz a empresa, que se tem concretizado através de ações que compreendem, por exemplo, a realização de estudos específicos de fauna e flora nos vários aeroportos e sua envolvente, até ao apoio a entidades externas, como sejam o CERVAS e o RIAS – centros de recuperação da vida selvagem em Portugal.

Conscientes do papel que têm na sociedade, "e é nosso ensejo posicionarmo-nos na linha da frente", a empresa aderiu ao "Manifesto pela Sustentabilidade", do BCSD Portugal. Nesta iniciativa, que congrega as grandes empresas de Portugal, o promotor declara publicamente ter a ambição de contribuir para que Portugal construa um modelo de desenvolvimento baseado na promoção do desenvolvimento sustentável e inclusivo, na promoção do crescimento que garanta o bem-estar e a segurança de todos os portugueses, assim como na busca da eficiência, na gestão dos recursos naturais e financeiros e no reforço da resiliência.

Mais ainda, com o objetivo de se tornar num agente de mudança social, promovendo e cimentando valores ecológicos permanentes, a ANA diz-se empenhada em projetos que promovam o combate às alterações climáticas, através do apoio a projetos inovadores associados a temas como a mobilidade urbana sustentável, de que é exemplo o Pacto de Mobilidade assinado pelo Aeroporto Humberto Delgado assim como o suporte da empresa à iniciativa Lisboa Capital Verde 2020. "Muitos são os projetos e iniciativas em curso e delineados a curto, médio e longo prazo, em que se insere o Plano de Descarbonização da ANA e promoção de mobilidade positiva".

REDUÇÃO DO CONSUMO DE ENERGIA

A candidatura apresenta um forte contributo na redução dos consumos de energia, na redução das emissões de carbono, no estabelecimento de parcerias, visando a promoção efetiva de

QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA

Energias renováveis e acessíveis

9

Indústria, inovação e infraestruturas

Cidades e comunidades sustentáveis 13

Ação Parcerias para a climática implementação dos objetivos

116
pontos de carregamento
de veículos elétricos

2.500 árvores foram plantadas

na área ardida do perímetro florestal de Conceição de Tavira

30%

das necessidades de eletricidade do aeroporto de Faro serão fornecidas pela estação fotovoltaica um futuro mais sustentável. "Esta iniciativa, que se insere num programa mais alargado (que inclui ainda as áreas de economia circular e proteção dos recursos naturais), assenta numa abordagem holística promotora dos valores de sustentabilidade, endereçando a descarbonização da atividade não como uma restrição ao desenvolvimento do negócio, mas como central no desenvolvimento futuro do próprio negócio ANA".

Neste sentido, a empresa atua quer no eixo estratégico quer operacional, de forma coordenada e consistente, aliando a inovação e tecnologia ao serviço do combate às alterações climáticas.

De igual modo, as ações de reflorestação já realizadas e previstas irão contribuir para a compensação efetiva das emissões residuais que não serão possíveis reduzir ou anular e, indiretamente, promover a biodiversidade nos territórios onde se realizam.











A Arolla é uma start-up com uma abordagem integrada e holística à criação e construção de casas e edifícios — como escritórios, jardins de infância, hotéis, etc. —, que assenta num sistema único de construção em madeira CLT (Cross Laminated Timber). Tudo chave na mão.

A história do projeto Arolla começa com o sonho de Gerd Jakob, um empreendedor alemão residente em Portugal — focado em redesenhar modelos de negócio tradicionais, por forma a torná-los ecológica e socialmente sustentáveis –, de construir uma casa de família verdadeiramente sustentável. Para isso, criou uma start-up com o objetivo de mudar o status quo da indústria da construção no que à sustentabilidade diz respeito. Foi assim que conheceu Hans-Georg Unterrainer, engenheiro austríaco com uma vida dedicada à construção sustentável e ao CLT (Cross Laminated Timber) - do qual foi, de resto, criador, há mais de 20 anos. E foi assim que os dois decidiram que iriam deixar o mundo em melhor estado do que o encontraram.

Um duo inusitado que, combinando anos de pesquisa, uma cultura de atenção ao detalhe e um profundo respeito e conhecimento da natureza e do meio ambiente, fez nascer

11.280 m³ de CLT estão já encomendados até ao final do primeiro quadrimestre

70%
da produção destina-se
à exportação

210
MILHÕES DE EUROS
de exportação estão
previstos em 2024

o projeto Arolla, uma start-up com uma abordagem integrada e holística à criação e construção de casas e edifícios, assente num sistema único de construção em madeira que procura controlar, otimizar e cuidar desde a floresta de onde saem as árvores até à fábrica na qual se produzem os elementos, passando pelo projeto de arquitetura e terminando no processo de construção.

EFICIENTEMENTE PRODUZIDA

Com um processo totalmente integrado de design e produção, feito a partir de painéis de madeira CLT, uma casa ou edifício Arolla passa diretamente dos desenhos do arquiteto para a linha de produção na fábrica, na qual equipas altamente especializadas e qualificadas precisarão de apenas algumas semanas para terminar a sua produção e construção. Na sua candidatura, os promotores explicam que, numa casa ou edifício Arolla, 90% dos



Todo o projeto Arolla é uma promoção à redução de emissão de CO₂, uma vez que é pensado em longevidade e sustentabilidade.

elementos são produzidos na fábrica, onde é controlada a qualidade da produção dos detalhes de cada painel criado para um edifício específico. "Isto significa que cada vão de porta ou janela, cada roço para cabos, tubos e tomadas, é feito em máquinas de corte de alta precisão (CNC) em fábrica, assegurando assim que tudo encaixará perfeitamente quando passar à construção", lê-se na candidatura. Para lá da vontade genuína de mudar o status quo da indústria da construção no que à sustentabilidade diz respeito, a verdade é que sem florestas, não há madeira. "E sem madeira, não há Arolla. Razão pela qual a proteção, preservação e gestão sustentável do capital natural das florestas portuguesas é tão importante - fundamental, aliás - para este projeto."

Com um processo em curso de licenciamento para a exploração e gestão sustentável de mais de 35 mil ha de floresta em Portugal planeados já para 2022, que permitirá a plantação e/ou manutenção de aproximadamente 17,5 milhões de árvores, o sistema Arolla começa com a produção sustentável de madeira, "em que se procura aliar a gestão responsável de florestas ao aproveitamento flexível de matéria-prima quer existente, quer excedente da indústria da madeira". Segundo a empresa, isto significa que não só irá garantir a existência de linhas corta-fogo e limpeza de mato selvagem, reduzindo

QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA



Indústria, inovação e infraestruturas

Cidades e comunidades sustentáveis 12

Produção e consumo sustentáveis 15%

Proteger a vida terrestre

AROLLA

Empresa: Arolla

Nome do projeto: **Arolla**

Data de início: **01/01/2020**

Data de conclusão: não há uma data de conclusão prevista.

Principais beneficiários da iniciativa:

as comunidades impactadas pelo desenvolvimento da atividade económica, os proprietários e as comunidades em que se inserem, as zonas mais densamente impactadas pela indústria da construção.

drasticamente os riscos de incêndio em 35 mil ha já em 2022, mas também a prática de uma política de abate responsável — e sempre com replantação associada —, assente no respeito pela biodiversidade.

FORTE IMPACTO NAS EXPORTAÇÕES

Para lá do impacto económico no setor da madeira (serrações, florestas) e das comunidades que o compõem, o maior impacto do projeto Arolla, de um ponto de vista económico, é nas exportações. Com um objetivo permanente – já conseguido para 2021 - de exportar 70% da sua produção, e com um preço médio por m² de aproximadamente 2.500 euros, estima-se que as exportações anuais rondem os 43,5 milhões de euros em 2022, 87,5 milhões de euros em 2023, e 210 milhões de euros em 2024, tudo feito a partir de matéria-prima maioritariamente portuguesa, numa fábrica portuguesa, e com uma força de trabalho maioritariamente portuguesa. Por agora, e nos primeiros três anos de funcionamento do projeto, o maior impacto será sempre o ambiental, estando o impacto social circunscrito à criação de empregos (cerca de 50 postos de trabalho diretos, mais 70 para a operação de gestão florestal, num total de 120) e fomento da indústria da madeira (e das comunidades que dela vivem e dependem). Com uma operação fabril a trabalhar a 1/3 da sua capacidade, o projeto Arolla é escalável, em questão de semanas, para os 50.000 m³ de CLT previstos para 2023. E com uma fábrica construída em apenas alguns meses - e milhares de hectares de área florestal disponíveis, sem qualquer tipo de gestão sustentável ou adequada - "a verdade é que, assim faça sentido de um ponto de vista económico, a operação pode crescer para o dobro ou, até, o triplo do crescimento previsto num espaço de, no máximo, um ano", garante a start-up na sua candidatura.





ULTRAPASSAR A META DA NEUTRALIDADE CARBÓNICA

Esta iniciativa materializa a forma como a AstraZeneca Portugal encara a sustentabilidade, através da implementação de ações concretas e não apenas de compromissos.





A iniciativa "Ultrapassar as metas da COP26: ir mais além na neutralidade carbónica – Hoje!" pretende corporizar a forma como a AstraZeneca explora o poder da ciência e da inovação, bem como a capacidade de ter um impacto positivo na sociedade, nos sistemas de saúde e no ambiente. Assim, esta iniciativa materializa a forma como a AstraZeneca Portugal encara a sustentabilidade e porque declara que a sustentabilidade está no seu ADN. "Esta iniciativa reflete, também, a diferença que fazemos através da implementação de ações concretas em Portugal e não apenas de compromissos."

Segundo a empresa, desde 2019, e apesar do período da pandemia, a AstraZeneca Portugal assume a liderança na área da descarbonização, implementando um conjunto de ações em todas as suas operações (edifício, frota, fornecedores/clientes e colaboradores) com o ambicioso objetivo de se tornar Carbono Neutro. "Através de um plano abrangente de diversas ações e do forte compromisso dos nossos colaboradores, conseguimos alcançar não só a designação de Neutralidade Carbónica ainda em 2020, como fomos certificados



Empresa:

AstraZeneca Produtos Farmacêuticos, Lda.

Nome do projeto:

Ultrapassar as metas da COP26: ir mais além na neutralidade carbónica – Hoje!

Data de início: **01/01/2018**

Data de conclusão: **31/12/2021**

Principais beneficiários da iniciativa:

Sociedade, pessoas e o planeta

como Positivos para o Clima em 2021, como a plantação de 10 mil árvores em dois anos, - continuando a impulsionar o mindset 'Proteção Ambiental e lutar contra as alterações climáticas'. A empresa implementou outras atividades em toda a sua cadeia de valor que lhe permitiram reduzir significativamente a sua pegada de CO₂. 2021 ficou também marcado pela disponibilização à população mundial da vacina contra a covid-19 sem lucro. Com a sustentabilidade no topo das prioridades, e entendendo-a não apenas do ponto de vista da proteção ambiental, "mas indo mais além, nomeadamente na ética e transparência, assim como no acesso aos cuidados de saúde, a AstraZeneca em Portugal tem apostado fortemente no desenvolvimento de diversas ações de elevado impacto". Ações com impacto interno, mas também nos clientes, fornecedores e colaboradores.

MAIS ALÉM NA NEUTRALIDADE CARBÓNICA

A AstraZeneca Portugal, através da iniciativa "Ultrapassar as metas da COP26: ir mais

além na neutralidade carbónica - Hoje!", tem implementado diversas ações em dois planos, cujas fronteiras por vezes se esbatem. No plano da mitigação, procurando reduzir as suas emissões de gases com efeito de estufa, ao investir na descarbonização e, no plano de aumento da eficiência da gestão, tornando-a menos dependente dos recursos energéticos externos

Neste sentido, todas as iniciativas adotadas têm por base a redução de CO₂, desde as que são implementadas no edifício - como por exemplo a eliminação total do plástico, redução de papel, instalação de 543 painéis solares fotovoltaicos, substituição de todas as lâmpadas por LED -, como também as iniciativas da frota automóvel (eliminação gradual de veículos a combustão e substituição dos mesmos por PHEV ou elétricos, sendo que em 2025 toda a frota da AstraZeneca Portugal será 100% elétrica). E ainda as acões focadas nos clientes, fornecedores e colaboradores. Fruto do esforço realizado, a AstraZeneca, em Portugal, atingiu já a Neutralidade Carbónica em 2020, e em 2021 foi considerada uma empresa positiva para o clima.

REDUÇÃO SIGNIFICATIVA DE CUSTOS

Através das ações previstas nesta iniciativa, que representa um investimento de 399.665 euros, é possível aferir que, em 2020, a empresa alcançou uma redução de 54% no consumo energético, em comparação com o ano anterior, e uma redução de 20% nos gastos de água desde 2015. "Por outro lado, o investimento na descarbonização da frota, como numa solução energética como os painéis fotovoltaicos, não

Enquanto organização sustentável, o compromisso para com a sociedade, as pessoas e o planeta está no centro de tudo o que a empresa faz. incluindo a proteção ambiental. Em 2021. a AstraZeneca foi considerada uma empresa positiva para o clima.

de redução no consumo energético

MIL EUROS por ano de poupança com custos energéticos

a empresa tornou-se positiva para o clima só é encarada como sendo uma ferramenta de poupança na fatura energética mensal, como permite a possibilidade de nos tornarmos autossuficientes na produção de energia e na redução da pegada ambiental."

No entanto, a redução de custos energéticos, associada a uma maior eficiência e a uma melhoria da gestão das infraestruturas, é obviamente um fator de motivação estimando--se uma poupança de 35 mil euros por ano.

IMPACTO POSITIVO NA SOCIEDADE

O objetivo da empresa, explicam na candidatura, é ter um impacto positivo na sociedade e nas comunidades em que está inserida - por exemplo, com a vacina covid-19, com impacto na saúde a nível mundial. "Assim, incorporamos a sustentabilidade na forma como trabalhamos: encorajando os nossos colaboradores a adotarem práticas sustentáveis, liderando pelo exemplo através de ações desenvolvidas e implementadas no edifício, que se traduzem em benefícios óbvios para os nossos colaboradores em áreas como o bem-estar, a inclusão e a diversidade." Com a sustentabilidade no topo das prioridades, e entendendo-a não apenas do ponto de vista da proteção ambiental, mas indo mais além, nomeadamente na ética e transparência, bem como no acesso aos cuidados de saúde, a AstraZeneca em Portugal pretende liderar o caminho e utilizar a sua influência para sensibilizar os seus stakeholders - colaboradores, clientes, parceiros, fornecedores, comunidade local - para a necessidade de se agir desde já para a proteção do ambiente.

Por conseguinte, e apesar da meta e prazos especificados a nível global para se atingir a neutralidade carbónica em 2025, a AstraZeneca Portugal atingiu este "patamar" em 2020 e, em 2021, foi considerada uma empresa positiva para o clima.



QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA

Energias

renováveis e

acessíveis

Ação climática

Parcerias para a implementação dos objetivos



VOAR NO COMBATE ÀS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS

Contribuir para as principais agendas nacionais e comunitárias de combate às alterações climáticas é o grande objetivo da iniciativa "A des-CO2-lagem da Base Aérea 5", que se encontra atualmente em execução.

"A des-CO2-lagem da Base Aérea 5", que se traduz para a Base Aérea N.º5 (BA5) como um guia estratégico para a descarbonização das suas atividades, é uma iniciativa que visa contribuir para as principais agendas nacionais e comunitárias de combate às alterações climáticas. Esta iniciativa, embora ainda se encontre em execução, como são os casos da construção de uma nova Unidade de Produção para Autoconsumo (UPAC), da utilização de biocombustíveis na frota terrestre e da transição de sistemas assentes em combustíveis para sistemas elétricos, já apresenta resultados que o promotor apelida de "bastante satisfatórios em termos ambientais, financeiros e sociais". Os projetos já concebidos no âmbito de "A des-CO2-lagem da Base Aérea 5" permitiram, segundo se lê na candidatura, aumentar a quota de energias renováveis no espetro energético da unidade (em 2020 a utilização de fontes livres de carbono na energia elétrica foi de 60%) e, consequentemente, reduzir as emissões de GEE associadas a este setor - redução de

50
MIL EUROS de poupança anual com a construção de UPAC

360
MIL EUROS de poupança com medidas de eficiência energética

MIL EUROS em redução de custos anuais após renovação da rede de vapor 200 tonCO2eq com a produção de energia solar fotovoltaica a partir da UPAC de 200kWp inaugurada em agosto de 2020.

Estes projetos contribuíram ainda, no entender da Base Aérea N.º 5, para a eficiência energética da unidade, através da transição para LED da iluminação interior e exterior, da renovação da rede de vapor, da implementação de um sistema de iluminação parcial dos hangares de manutenção de aeronaves e da execução de obras de beneficiação dos edifícios, resultando na redução anual de 10% dos consumos de energia elétrica desde o início da presente iniciativa até à data.

MAIS EFICIÊNCIA ENERGÉTICA

A própria instalação dos cinco postos de carregamento para veículos elétricos e dos oito postos de carregamento para motociclos elétricos contribuiu para o aumento de veículos particulares desta tipologia, "evidenciando uma clara mudança de comportamentos da parte dos militares e civis que compõem o efetivo da unidade".

No domínio da redução das emissões, a gestão energética da unidade é a atividade que mais influência apresenta.

Já a substituição de uma central de aquecimento alimentada a GPL por uma bomba de calor evidencia a intenção clara de reduzir as emissões de GEE associadas ao setor energético da unidade, contribuindo, de forma inequívoca, garante o promotor, para a eficiência energética e para utilização de fontes mais limpas. Neste âmbito, a Base Aérea N.º 5 diz encontrar---se ainda em avaliação a construção de uma nova UPAC, que permitirá reforçar a atual produção de energia solar fotovoltaica, tratando-se de uma medida fundamental para a descarbonização desta unidade militar. "Para o mesmo período encontra-se também prevista a utilização de biocombustíveis na frota terrestre e nos equipamentos de suporte às operações aéreas (composto por mais de 60 equipamentos como reboques, geradores, empilhadores, air coolings e loaders), que permitirá reduzir cerca de 85% das emissões de GEE inerentes a estas atividades". Por outro lado, a candidatura evidencia que a gestão dos mais de 200 ha de área florestal que esta unidade dispõe permite criar as condições para promover, entre outros benefícios, o seguestro de carbono, na ordem das 1.500 tonCO2eq, equilibrando o saldo carbónico da unidade.

REPLICAÇÃO PODE ACONTECER NOUTROS CONTEXTOS

O promotor desta iniciativa realçou que, atendendo ao conjunto de serviços diversificados de que dispõe, como os serviços de saúde, de restauração, de acomodamento, de transporte terrestre, de emergência e socorro, de segurança e logísticos, a BA5 apresenta uma





Empresa: **Base Aérea N.º 5**

Nome do projeto: A des-CO2-lagem da Base Aérea 5

Data de início: **12/09/2016**

Data de conclusão: **31/12/2022**

Principais beneficiários da iniciativa: militares e civis que trabalham na BA5 e na Força Aérea estrutura e uma organização semelhantes ao de uma cidade a pequena escala. Desta forma, a implementação de projetos e novas soluções nesta unidade enquanto "Cidade Aeronáutica" poderá funcionar como provas de conceito num ambiente experimental. "Numa primeira instância numa organização inserida no setor da Defesa, que demonstre resultados capazes de ser replicados noutras unidades militares nacionais e da União Europeia, bem como noutros contextos, por exemplo em municípios, serviços da administração do Estado ou em indústrias de diferentes setores de atividade." Desta forma, pela natureza e transversalidade dos projetos que compreendem esta iniciativa. que incidem maioritariamente nas atividades de sustentação desta unidade e tendo em consideração os resultados obtidos e os que se perspetivam, "A des-CO2-lagem da Base Aérea 5" não tem dúvida de que poderá motivar a replicação de projetos semelhantes, disseminando e maximizando os resultados obtidos com a sua implementação, principalmente nos setores de atividade de maior influência no domínio das emissões de GEE.



QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA



Energias renováveis e acessíveis



Indústria, inovação e infraestruturas



Ação climática



Proteger a vida terrestre



NOVAS MOBILIDADES AO SERVIÇO DAS CIDADES

A proposta da Bolt é reduzir a utilização de carros particulares nas cidades, promovendo a utilização de meios de transporte e mobilidade partilhados, sustentáveis e acessíveis.

Fundada em 2013 na Estónia, a Bolt apresenta-se como "o principal fornecedor de transportes multimodais da Europa", fornecendo trotinetes e bicicletas elétricas, serviços de transporte de passageiros (TVDE) e de transporte de mercadorias. Com oito anos de experiência a operar em 45 países e 300 cidades em toda a Europa, África e América Latina, no Velho Continente a Bolt tem frotas de trotinetes elétricas atualmente em 165 cidades e 20 países. No caso do serviço de "ride-hailing" (plataforma TVDE), são já mais de 2,5 milhões condutores a nível mundial pelo que todos os meses "milhões de viagens são realizadas através da Bolt".

TUDO ATRAVÉS DA APP

"Apresentamos todos os nossos serviços de diferentes modos de transporte de pessoas e encomendas disponíveis numa única aplicação", explica a empresa na sua candidatura. Para aceder a estes serviços, os utilizadores necessitam de descarregar a aplicação, realizar o registo enquanto utilizadores através do preenchimento de um formulário e, por último, adicionar um método de pagamento. "Após a validação de que os utilizadores têm idade superior a 18 anos e acordaram com os termos de utilização dos nossos serviços, estão aptos para usufruir dos serviços Bolt."

No caso da utilização dos serviços partilhados de micromobilidade elétrica, os utilizadores podem ainda recorrer à aplicação para consultar zonas de estacionamento obrigatório, de velocidade reduzida ou até de circulação interdita.

A Bolt assegura operar com base em princípios e objetivos que contribuem para tornar as cidades sustentáveis, nomeadamente reduzir o número de veículos nas ruas, oferecendo alternativas de transporte para curtas



300 cidades em toda a Europa têm presença da Bolt

de todas as emissões globais de gases com efeito de estufa vêm das cidades distâncias, tipicamente inferiores de cinco quilómetros. A empresa integra ainda os seus serviços com os serviços públicos, por forma a conectar centros urbanos a hubs de mobilidade, como estações de comboio entre outros, ou a periferias. Dizem ainda praticar preços acessíveis e justos – preço/min. mais barato comparando com os modos de transporte convencionais – e "proporcionar um serviço mais eficiente a nível ecológico, sendo uma opção de transporte que emite menos CO₂ do que as alternativas convencionais".

O IMPACTO DAS CIDADES NO AMBIENTE

A candidatura da Bolt na categoria Descarbonização faz particular sentido se tivermos em conta que as cidades são responsáveis por quase dois terços de todas as emissões globais de gases com efeito de estufa (70%). Um terço dessas emissões nas grandes cidades é gerado pelos transportes Apesar de praticarem preços acessíveis, a empresa garante que o negócio apresenta benefícios não apenas para a Bolt como empresa mas também para as cidades nas quais opera.



- a mobilidade contribui com cerca de 20% das emissões globais de GEE (gases do efeito estufa). "Isto torna a redução das emissões provenientes da mobilidade crítica para a mitigação das alterações climáticas e exige uma ação climática corajosa." Na Bolt, consideram que através dos serviços de TVDE e micromobilidade a empresa promove, efetivamente, cidades ou municípios sustentáveis e o bem-estar da comunidade, pelo que utiliza metodologias com impacto positivo nos ecossistemas urbanos através da promoção de cidades despoluídas. "As nossas trotinetes são Climate Positive desde 2021, calculando uma pegada de carbono e reduzindo-a a zero através de uma combinação de medidas de eficiência interna, energia renovável e projetos de compensação de emissões externas." As trotinetes e bicicletas elétricas da Bolt, diz a empresa, desempenham um papel importante na procura da mobilidade urbana sustentável da marca, substituindo as viagens de carro e complementando os transportes públicos, combatendo assim o congestionamento e contribuindo para uma melhor qualidade do ar nas nossas cidades. "O nosso serviço de TVDE também apresenta uma alternativa de transporte, em substituição à utilização de

INCENTIVOS À ECONOMIA

carros privados."

Segundo a empresa, os serviços da Bolt impactam o pilar económico das cidades ao incentivarem os residentes a não possuir veículo próprio. "Cada vez mais os cidadãos optam por utilizar os nossos serviços de mobilidade, o que permite reduzir as despesas associadas aos carros particulares." Neste sentido, explicam na sua candidatura, os cidadãos podem escolher utilizar as suas poupanças para outros fins e assim ter acesso a uma liquidez adicional que outrora não era



Empresa: Bolt Support Services

Nome do projeto:

Frota de trotinetes e bicicletas elétricas e serviço de TVDE

Data de início: **18/01/2018**

Data de conclusão: **31/12/2041**

Principais beneficiários da iniciativa:

os cidadãos portugueses que procuram opções de transporte mais acessíveis, mais sustentáveis e práticas. possível. "A redução de carros particulares leva a uma redução de carros na rua. O impacto desta diminuição traduz-se em cidades menos congestionadas, menos poluídas e mais seguras, existindo uma maior preservação dos espaços públicos, o que permite ao Estado dedicar menos recursos em remodelar vias e locais públicos e assim utilizar o orçamento para outros fins."

A criação de novos postos de emprego foi ainda mencionada pela marca, já que no âmbito do serviço de TVDE qualquer cidadão pode ser motorista da Bolt: basta apenas preencher os requisitos mínimos (apresentar a carta de condução, o cartão de cidadão, um certificado criminal, certificado motorista TVDE e uma fotografia profissional). "Neste sentido, a Bolt apresenta uma fonte de rendimento adicional aos cidadãos portugueses, contribuindo para a redução de desigualdades no mundo laboral e maior poder económico dos cidadãos."

QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA

10 in in

Reduzir as desigualdades – Reduzir a desigualdade dentro e entre países

Cidades e comunidades sustentáveis – Tornar as cidades e as povoações humanas inclusivas, seguras, resistentes e sustentáveis



Ação climática – Tomar medidas urgentes para combater as alterações climáticas e os seus impactos





E DE UM CARTÃO BANCÁRIO SE FAZ MOBILIÁRIO

A ideia da Contisystems é esta: recolher o maior número possível de cartões inutilizados para os reciclar, transformando-os em matéria-prima no fabrico de mobiliário urbano. Depois, é plantada uma árvore por cada quilo de resíduos, por forma a compensar a pegada de carbono deixada pelo fabrico destes cartões.

Chama-se Merece e conta com os seus membros, tipicamente emissores de cartões, para incentivar os respetivos clientes a entregarem os seus cartões antigos. Para isso, os membros poderão optar por operacionalizar diferentes formas de recolha: o tratamento dos cartões capturados nas máquinas de pagamento automático, a utilização de caixas de recolha ou de um apartado para envio dos cartões inutilizados.

Ao receber os cartões, a Contisystems destrói-os e encaminha-os para a Extruplás, atual parceiro de reciclagem, que utiliza a estilha, os cartões destruídos, como matéria-prima para a produção de mobiliário urbano. Adicionalmente, explica a empresa na sua candidatura, por cada quilo de resíduos recolhidos, a Contisystems encomenda a plantação de uma árvore e a sua manutenção por cinco anos à associação Plantar uma Árvore, o atual parceiro de plantação.

Segundo os promotores, esta iniciativa contribui para a descarbonização com a plantação de

CONTISYSTEMS®

Empresa:

Contisystems -Tecnologias de Informação, S.A.

Nome do projeto:

Merece – Movimento Empresarial para a Reciclagem de Cartões com Componentes Eletrónicos

Data de início: **08/10/2021**

Data de conclusão: Não há uma data de conclusão prevista

Principais beneficiários da iniciativa: **todos.**

árvores que compensam a pegada de carbono deixada com o fabrico dos cartões.

Estima-se que cada cartão gere uma pegada de 150 g de carbono. Uma vez que um cartão pesa aproximadamente 6 g, um quilo de resíduos deixará uma pegada de 25 kg de carbono. "Considerando que uma árvore consome aproximadamente 5 kg de CO₂ por ano, e que iremos assegurar a manutenção das árvores por cinco anos, então cada árvore absorverá o equivalente a um quilo de resíduos, ou seja, os 25 kg."

No entanto, a empresa avança que este cálculo é bastante conservador uma vez que a árvore, após estes cinco anos iniciais, continuará a consumir CO_2 . Segundo a associação Plantar uma Árvore, o potencial médio estimado de sequestro de carbono para um lote de floresta com 25 árvores em Portugal é cerca de 15 ton CO_2 .

IMPACTO POSITIVO NA PLANTAÇÃO DE ÁRVORES

Com esta iniciativa, o promotor pretende reduzir os resíduos encaminhados para aterro. "Acreditamos que existam em Portugal mais de 50 milhões de cartões com componentes eletrónicos. Se a sua validade média for de quatro anos, estamos a falar de 12,5 milhões de cartões inutilizados por ano, o que equivale a 75 toneladas de resíduos por ano."

Adicionalmente, a Contisystems menciona o impacto positivo da plantação de árvores, efetuada no âmbito de programas de promoção da regeneração da natureza e da biodiversidade. Estas ações são feitas com recurso à plantação de espécies nativas que facilitam a recolonização e criam refúgios para a fauna local, permitindo a sua adaptação ao aumento da temperatura gerado pelas alterações climáticas. De acordo com a operação instituída, o candidato garante haver um claro impacto





A estimativa
é que cada
árvore plantada
contribua com
o consumo
de 5 kg de
carbono por ano.

económico da sustentabilidade, na medida em que os plásticos em final de vida, em vez de terminarem em aterro com claro impacto negativo para o ambiente, são encaminhados para um processo de reaproveitamento. Este processo culmina com a produção de mobiliário urbano de aplicabilidade variada e com valor comercial, inclusive para exportação.

O número de árvores plantadas vai depender da recolha de resíduos, que, por sua vez, está muito dependente do ritmo de adesão de novos membros e das formas pelas quais estes irão optar para recolher os cartões dos seus clientes, explica e empresa. "Potencialmente, teremos 75 toneladas de resíduos para recolher por ano, se o conseguirmos, estaremos a falar da plantação de 75 mil árvores e consequentemente a absorção de 375 toneladas de CO₂ por ano."

LIDERAR PELO EXEMPLO

A partir da comunicação, quer do movimento em si, quer dos seus membros, a Contisystems assume ter um caráter educativo na sociedade que leva a uma maior consciência ambiental e ao tratamento correto dos seus cartões sem utilização. "Contamos que, ao dar visibilidade da utilização dada aos resíduos e da compensação efetuada, com comunicação regular sobre os



+700_{kg} de plástico já recolhido

+700 árvores plantadas

150g de carbono é a pegada deixada por um cartão resultados da iniciativa, exista uma motivação dos consumidores finais para a adesão a esta e para a alteração de comportamento no tratamento que dão aos seus cartões que deixam de utilizar." Ao ter este ciclo perfeitamente claro e visível para os cidadãos, a empresa espera que estes identifiquem igualmente outras oportunidades de correto tratamento de resíduos para uma valorização económica e proteção ambiental. Ao mesmo tempo, têm a expectativa de que este movimento possa servir de exemplo junto de outras indústrias na promoção de iniciativas idênticas que promovam a reciclagem e a compensação de carbono dos seus resíduos. Os custos da iniciativa são integralmente suportados pelas mensalidades assumidas pelos seus membros, pelo que os benefícios se traduzem na redução de resíduos em aterro, na redução do consumo de madeira ou de novo plástico para mobiliário urbano, na absorção de carbono efetuada pelas árvores plantadas e consciencialização geral para o tema da proteção do ambiente. Para além do mais, a iniciativa é perfeitamente escalável para todos os cartões nacionais e a sua escalabilidade internacional pode ser avaliada com recurso a parceiros locais.



QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA

13

15%

Ação climática

Proteger a vida terrestre



UM PROJETO QUE SAIU MELHOR DO QUE A ENCOMENDA

A DPD Portugal assinou um acordo com a Mercedes-Benz Vans e a Repsol para a aquisição de 55 veículos elétricos e respetivas bases de carregamento, para a cidade de Lisboa. O projeto tem a intenção de ser alargado ao Porto e às principais cidades portuguesas já em 2022.

As cidades de maior dimensão apresentam sérios problemas de cumprimento dos valores-limite de determinados poluentes, principalmente de dióxido de azoto resultante do tráfego rodoviário associado a veículos de combustão interna. A DPD Portugal, empresa de transporte expresso de encomendas, admite que há mesmo uma perda da esperança de vida ainda significativa, para além de causar ou agravar doenças respiratórias e ainda afetar o ambiente. "Numa cidade, as empresas com frotas associadas, nomeadamente na distribuição, dado o elevado número de quilómetros percorridos, têm um significado ainda maior nas medidas que tomem ao passarem a utilizar veículos sem emissões", explicam na sua candidatura.

Alinhados no compromisso lançado pelo DPDgroup de redução da pegada ambiental nas 200 principais cidades europeias, sendo que até 2025 reduzirá nestas mesmas cidades as suas emissões de CO₂ em 89% e os poluentes em 80% em relação a 2020, a empresa em Portugal assinou um acordo com a Mercedes--Benz Vans e a Repsol para a aquisição de 55 veículos elétricos e respetivas bases de carregamento, para a cidade de Lisboa. "A capital torna-se, assim, uma das primeiras cidades europeias abrangidas, sendo já habitual que esteja na linha da frente da introdução das iniciativas da estratégia Green do DPDgroup." O investimento anunciado é superior a 3,6 milhões de euros, ao qual se seguirá igualmente a aposta na descarbonização de outras cidades portuguesas, entre as quais o Porto.

FROTA ZERO EMISSÕES

Esta iniciativa é descrita como "de enorme



330
TONELADAS reduzidas por ano em emissão de gases poluentes

3,6
MILHÕES DE EUROS
de investimento

35 viaturas estão já em circulação importância para a DPD e para Lisboa", já que graças a ela conseguirão reduzir em 330 toneladas por ano a emissão de gases poluentes. Até final de 2021, a empresa passou a ter a totalidade da sua frota zero emissões, o que auxiliará a marca a afirmar a sua estratégia de total descarbonização da capital portuguesa, seguindo-se o Porto, em 2022. "A DPD é o único operador que, desde 2012, oferece aos seus clientes a compensação de 100% das emissões carbónicas, sem qualquer custo para estes, e todas estas ações têm-nos permitido medir, reduzir ou mesmo anular a nossa pegada ambiental por toda a Europa." A DPD, ao garantir uma frota totalmente elétrica em Lisboa ainda em 2021, reforça o

seu compromisso na redução da poluição do



ar e na descarbonização. A empresa reitera na sua candidatura que a transição para a mobilidade elétrica é uma enorme valia pela redução da poluição do ar, das emissões de gases com efeito de estufa que causam as alterações climáticas, para além da redução significativa do ruído. "Com esta iniciativa, reduzimos claramente a dependência de combustíveis fósseis, investindo em energias renováveis. Por outro lado, e enquanto líderes, com esta iniciativa esperamos que consigamos avivar a consciência de outras empresas na prossecução do caminho da sustentabilidade". Estas viaturas do modelo eSprinter movidas 100% a energia elétrica refletem-se na sustentabilidade do meio ambiente sem emissões locais, com especial foco nas cidades. Permitem ainda corresponder às exigências de circulação nos centros urbanos, com um espaço de carga generoso e a incorporação de tecnologia de ponta, na qual se destacam avançados sistemas de segurança e conectividade.



Empresa: **DPD Portugal**

Nome do projeto:

Descarbonização
total das entregas
de encomendas na
cidade de Lisboa

Data de início: **17/06/2021**

Data de conclusão: **31/12/2021**

Principais beneficiários da iniciativa: para já, os cidadãos de Lisboa. Numa fase posterior, todos os que residam, trabalhem ou estudem em várias cidades do país, como Coimbra, Faro, Guarda ou Porto.



O IMPACTO SOCIAL

Na sua candidatura, a empresa garante que a medição do impacto social é, sem dúvida, um ponto que a DPD analisa sempre que desenvolve um projeto/iniciativa, uma vez que almeja a melhoria contínua dos serviços que presta, de forma eficiente e sustentável. "É ela que determina que os nossos resultados são objetivos e transparentes e, acreditamos, nos torna reconhecidos como uma empresa consciente do seu papel na sociedade e que toma medidas concretas." Assim, esta iniciativa tem este impacto social óbvio, ao confirmar que a DPD age em conformidade com os objetivos que traça e apresenta dados e medidas reais à sociedade. "A descarbonização iniciada pela DPD assegurará certamente o reconhecimento social desta intervenção tão importante para a capital e credibilizará os esforços por nós realizados." Além da cidade de Lisboa, o projeto tem a intenção de ser alargado ao Porto e principais cidades portuguesas já em 2022: Faro, Évora, Seixal, Barreiro, Leiria, Coimbra, Viseu e Guarda.

A utilização nas entregas destas 55 viaturas representa uma redução de 87% das atuais emissões de CO₂ e 84% de NOx.

QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA



Energias renováveis e acessíveis



Indústria, inovação e infraestruturas



Cidades e comunidades sustentáveis



e Ação des climática





A estratégia All Green foi comunicada no início de 2021 e tem o horizonte de 2030, com etapa intermédia em 2025. Segundo a EDP, a estratégia inclui variadas iniciativas e projetos, uns que estão em curso e outros que serão desenvolvidos ao longo da década. Participando nesta candidatura ao Prémio Nacional de Sustentabilidade, o promotor submete a estratégia em si, a concretização do encerramento da central de Sines, o plano de investimento em hidrogénio em Sines, o plano de Just Transition para as comunidades locais de Sines e as medidas de descentralização da produção de energia renovável.

100% VERDE

No início de 2021, o grupo EDP anunciou o seu novo plano estratégico e o compromisso de ser 100% "green" até 2030, alcançando a neutralidade carbónica, sendo "coal free" em 2025. A estratégia assenta num plano de ação que contempla o fim antecipado da produção elétrica a carvão até 2025, estando concretizado o plano em Portugal, com o



Empresa: EDP

Nome do projeto: **All Green by 2030**

Data de início: **01/01/2021**

Data de conclusão: **31/12/2030**

Principais beneficiários da iniciativa:

consumidores e empresas.

encerramento antecipado da Central de Sines, e estando em curso o plano para Espanha e Brasil. Aborda ainda a saída do mercado do gás na geração de energia elétrica, até 2030, implicando, no caso português, a saída da exploração da Central do Ribatejo e da Central de Lares, que operam a gás natural. O terceiro ponto deste plano de ação baseia-se em garantir a Just Transition para as comunidades locais na proximidade das centrais encerradas. garantindo emprego, requalificação e novos investimentos. Desenvolver soluções de energia descentralizada e de eletrificação do consumo de energia é o quarto pilar e, por último, o investimento em energias renováveis. Segundo a empresa, excluindo a dimensão climática da dimensão ambiental, o encerramento da Central de Sines implica a redução dos impactos ambientais locais na extração mineira, no transporte por terra e marítimo do carvão, na libertação de poeiras do transporte e armazenagem, na forte redução de resíduos e subprodutos e na eliminação de emissões NOx, SOx, partículas,



efluentes, aterros. "Existem vários estudos e monitorizações ambientais na qualidade do ar, áqua e solos", lê-se na proposta.

PRIORIDADE À DESCARBONIZAÇÃO

A candidatura explana que na componente económica/governação da sustentabilidade, o All Green by 2030 significa a orientação do acionista da EDP para a estratégia de prioridade à descarbonização, com efeitos nas decisões de investimento, no plano de crescimento de longo prazo, e muito significativamente nas expectativas do investidor e na atração de capitais e financiamento.

Apesar de a iniciativa ter um impacto social negativo imediato decorrente da extinção de postos de trabalho, tanto diretos como indiretos (prestadores de serviço), foi desenvolvido, no entanto, um plano de mitigação deste impacto negativo que incluiu o estudo de caracterização do impacto socioeconómico do encerramento de centrais e a garantia de emprego noutras áreas de atividade do grupo EDP para trabalhadores afetados, em combinação com um mecanismo de acesso a reformas antecipadas. A EDP menciona ainda a criação de um projeto de atualização de competências para os trabalhadores prestadores de serviço e o investimento local em novas tecnologias com criação de emprego local.

QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA

3\$

Saúde de qualidade

Energias renováveis e

84

Trabalho digno e crescimento económico 9

Indústria, inovação e infraestruturas

50_{GW}
instalados de energia
renovável até 2030

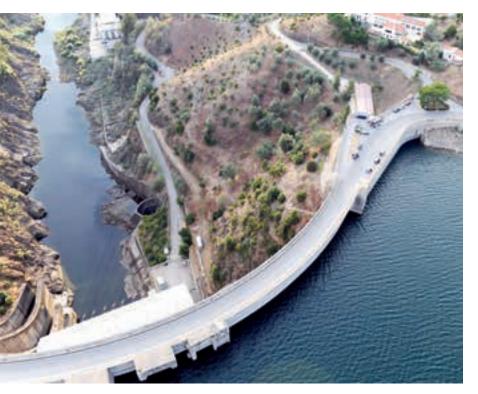
24
MIL MILHÕES DE
EUROS de investimento
na transição energética

100% EBITDA renovável

Quanto à relação entre benefícios gerados e custos da iniciativa, o promotor é claro ao afirmar que a estratégia de descarbonização da EDP tem benefícios para a sociedade e para a própria empresa. Nomeadamente, uma redução significativa das emissões de CO₂, que é aplicável também ao caso concreto de Portugal, assim como uma redução importante dos impactos locais ambientais relacionados com a produção a partir de carvão. Foi ainda mencionada a criação de emprego mais qualificado, ainda que com impactos negativos imediatos no emprego, e a redução de consumos fósseis ao nível do consumidor final.

A APOSTA NO HIDROGÉNIO VERDE

A principal iniciativa, no que diz respeito a tecnologias e inovação, é a criação de polos de inovação e investimento na área do hidrogénio verde, nomeadamente no polo de Sines e em dois polos nas Astúrias. "O hidrogénio verde supõe a existência de uma disponibilidade de produção de energia renovável acima das necessidades de consumo imediatas". lê-se na proposta. A empresa explica que as tecnologias de produção de hidrogénio verde (com origem em eletricidade renovável) poderão contribuir para o desenvolvimento de armazenagem de energia que será consumida em horários de insuficiente energia renovável e, complementarmente, para satisfazer necessidades térmicas e químicas da indústria pesada e necessidades energéticas do setor dos transportes. "Porém, o hidrogénio verde é uma solução que carece ainda de inovação tecnológica e provas de mercado", explicam, adiantando que sendo bem-sucedida, a estratégia do hidrogénio verde será um poderoso aliado para substituir a função do gás natural na garantia do sistema elétrico e apontará um novo caminho de crescimento económico, impactando favoravelmente, no caso português, a balança comercial e favorecendo a sua menor dependência energética do exterior.





DAR DE BEBER À SEDE... COM QUALIDADE

Dotar Lisboa de uma rede de bebedouros mais modernos, inclusivos, com novas e modernas funcionalidades e preocupações com os animais é o grande objetivo deste projeto.

No ano em que Lisboa recebeu o galardão de Capital Verde Europeia 2020, nasceu o projeto Bebedouros de Lisboa, um dos maiores investimentos da história da EPAL, a pensar na comunidade onde está inserida. O projeto, uma parceria EPAL – Câmara Municipal de Lisboa – GEOTA – Grupo de Estudos de Ordenamento do Território Ambiente, visa dotar a capital de uma rede de bebedouros mais modernos, inclusivos, com novas e modernas funcionalidades, e preocupações com os animais.

Estes novos equipamentos urbanos para exterior reúnem três funções: a do bebedouro tradicional, a do dispensador de água que permite fazer "refill" de garrafas pessoais reutilizáveis e um bebedouro para animais. Segundo a empresa, a referência tipológica do equipamento é constituída por diversos bebedouros do início do século passado, com uma tipologia semelhante, embora com um estilo diferente. Os bebedouros foram desenhados pelo arquiteto António Braga, criador do desenho do mobiliário urbano de Lisboa, tais como quiosques de jardim, papeleiras de rua, etc., sendo que os materiais escolhidos foram o alumínio e aço (com tratamento anticorrosão), de cor azul-cinza, precisamente por serem equipamentos urbanos de exterior, que têm de ser resistentes ao uso e duradouros no tempo para poupança de recursos naturais.

Também os materiais constituintes de todos os circuitos de passagem de água foram aprovados pelo Laboratório Central da EPAL, como materiais adequados para estarem em contacto permanente com água para consumo humano, garantindo o cumprimento de toda a legislação nacional e internacional, no que diz respeito à qualidade da água.

OBJETIVO É TER 200 BEBEDOUROS

Segundo a proposta, em 2020 iniciou-se um projeto-piloto que contemplava a instalação de



30 bebedouros na cidade de Lisboa. Em janeiro desse ano começaram a ser instalados os novos bebedouros e, neste momento, a cidade dispõe das 30 estruturas já em pleno funcionamento. "Após a instalação de cada bebedouro, a EPAL efetua análises laboratoriais, que incluem inúmeros parâmetros, garantindo assim a qualidade da água que é consumida naquele ponto."





Empresa: EPAL -Empresa Portuguesa das Águas Livres, S.A.

Nome do projeto: **Rede de Bebedouros de Lisboa**

Data de início: **01/12/2018**

Data de conclusão: **15/12/2022**

Principais beneficiários da iniciativa: todos os lisboetas, clientes da EPAL, demais visitantes nacionais e estrangeiros e os animais.



Em 2021, iniciou-se uma nova fase do projeto para equipar a cidade com mais 170 bebedouros. O local de instalação de cada bebedouro é indicado pela Câmara Municipal de Lisboa, tendo em consideração as novas centralidades da cidade e a concentração e circulação de pessoas, sendo posteriormente concertada a sua viabilidade de instalação com a EPAL "pois pretende-se que a ligação ao ramal seja curta para garantir a manutenção estável da temperatura da água e a sua gualidade, principalmente nas épocas de ondas de calor e temperaturas permanentemente elevadas". Quando o projeto estiver totalmente concluído, o que se prevê acontecer no final de 2022, a capital ficará dotada de uma rede com 200 bebedouros.

EMILINAR OS DESPERDÍCIOS

"Sabemos que um uso eficiente da água, no dia a dia, muitas vezes apenas através de pequenos gestos, contribui para a preservação do recurso escasso que é a água", diz a empresa na sua candidatura. Neste contexto, a Câmara Municipal de Lisboa e a EPAL instalaram, em todos os bebedouros, o waterbeep, um serviço inovador em Portugal lançado pela EPAL, através do qual é possível disponibilizar aos clientes informação sobre o consumo de água. O sistema emite alertas, sinalizando consumos de água diferentes do padrão habitual e, ainda, possíveis roturas.

30 bebedouros estão neste momento disponíveis

bebedouros deverão estar disponíveis no final deste ano

DE JANEIRO DE 2020 estava colocado o primeiro bebedouro "Assim, com a deteção de fugas de água facilitada contribui-se para eliminar o desperdício deste recurso precioso. Um sistema que faz toda a diferença quando falamos em sustentabilidade ambiental." A empresa refere ainda que todos os botões de comando - bebedouro, dispensador de água e taça para animais - são de fecho instantâneo e automático, evitando assim os maus usos e garantindo a utilização eficiente da água, "deste bem de valor intangível e que a EPAL recorda em permanência para o seu uso correto". Qualquer um destes novos bebedouros pode ser encontrado acedendo à aplicação gratuita H2O Quality, que, funcionando por georreferenciação, além de permitir aceder aos resultados da qualidade da água da torneira online no ponto de consumo, também ajuda o utilizador a encontrar o caminho até ao bebedouro mais próximo.

QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA



Água potável e saneamento

Cidades e comunidades sustentáveis 120

sustentáveis

Produção e consumo

13

14%

Ação climática Proteger a vida marinha



MAXIMIZAÇÃO DA PRODUÇÃO PRÓPRIA DE ENERGIA VERDE

As atividades de produção de água e de tratamento de águas residuais são altamente consumidoras de energia, pelo que o Grupo AdP, desde muito cedo, assumiu o compromisso da eficiência energética e consequente redução de emissões de gases de efeito de estufa. O Programa ZERO integra a redução dos consumos energéticos e o forte aumento da produção própria de energia 100% renovável, visando atingir a neutralidade energética até ao final de 2030.





O Programa Zero da AdP – Águas de Portugal foi projetado tendo em consideração o compromisso, assumido pelo nosso país, de atingir a neutralidade carbónica até 2050, e envolve todas as empresas e atividades do grupo, incluindo as desenvolvidas a nível internacional. O programa contempla a redução do consumo de energia elétrica nas infraestruturas operacionais e outras instalações geridas pelas empresas do grupo e o aumento da produção própria de energia 100% renovável, principalmente para autoconsumo, com o objetivo de atingir a neutralidade energética até ao final de 2030. "No âmbito do programa serão implementadas medidas de eficiência energética e de produção de energia, baseadas em solar fotovoltaica. eólica, hídrica e de cogeração com recurso ao biogás."

Segundo a candidatura, o programa irá permitir a maximização da energia produzida para autoconsumo mediante a alteração e o ajustamento do padrão de operação, incorporando a produção e armazenamento de energia no "core" da atividade de



Empresa: **Grupo Águas de Portugal**

Nome do projeto:
Programa Zero
- Programa de

Neutralidade Energética do Grupo AdP

Data de início: **01/01/2021**

Data de conclusão: **31/12/2030**

Principais beneficiários da iniciativa: toda a população que usufrui dos serviços do Grupo AdP.

abastecimento, saneamento e reutilização. Preveem ainda promover a reengenharia de sistemas e processos para aumento de eficiência, aproveitando o ciclo de renovação de ativos para investir em soluções mais eficientes, potenciando soluções técnicas de inovação, de aumento de sustentabilidade e de resiliência dos sistemas. Esta é, no entender do candidato, uma oportunidade para promover a reengenharia, para a aposta na digitalização e na requalificação profissional dos colaboradores, bem como o desenvolvimento regional e a reindustrialização, aumentando a competitividade do tecido económico regional, criando valor para o país e contribuindo para a diferenciação das competências do setor da água português no mercado internacional. A intermitência da produção e a gestão de excedentes de produção constituem um desafio, sendo previsto no Programa Zero a criação de uma plataforma de previsão da produção renovável, a alteração dos perfis de consumo e a repartição da energia entre infraestruturas usando redes particulares e a rede pública.

POTENCIAR A PRODUÇÃO DE ENERGIA RENOVÁVEL

Segundo a proposta, o Programa Zero permitirá que o acesso à água para consumo humano, o tratamento adequado das águas residuais recolhidas e a posterior reutilização das águas tratadas, continue a ser disponibilizado, "contribuindo decisivamente para a descarbonização do nosso modo de vida e para a promoção de uma economia mais circular, para a valorização do território e a proteção dos nossos habitats".

De resto, a proposta considera como prioritária a redução do consumo energético. Está prevista a implementação de medidas de eficiência energética, as quais irão incidir nas várias áreas do processo produtivo, por exemplo, a bombagem e o arejamento, e nos edifícios de suporte. Estas medidas contemplam quer a substituição de equipamentos por outros de maior eficiência, quer a otimização dos processos e o aumento da sensorização e respetivos sistemas de comando e controlo, contribuindo decisivamente para a minimização dos consumos. "Até porque o consumo mais eficiente é aquele que foi evitado por desnecessário."

Paralelamente, o projeto irá potenciar a produção de energia elétrica 100% renovável, atingindo um valor de 691,2 GWh/ano, contribuindo para a neutralidade e autossuficiência energética – da ordem dos 105% –, e para a redução com vista à neutralidade carbónica ao induzir uma redução de 185.070 toneladas por ano de emissões de CO_2 (em 2031), totalizando cerca de 2,776 milhões de toneladas nos 15 anos do projeto subsequentes (de 2031 a 2045). No âmbito da frota automóvel de serviço do Grupo AdP, para além da certificação energética da frota, está prevista a continuidade da transição para uma frota verde, reduzindo o

impacto ambiental provocado pelo consumo de

combustíveis fósseis. "Assim, iremos contribuir

decisivamente para a redução das emissões de

Para a concretização do projeto será necessário realizar diversos investimentos de norte a sul do país, com impacto na dinamização do tecido económico regional e nacional, e consequente na empregabilidade.



80% da população é impactada pela AdP

234
municípios do continente
têm serviços do grupo

105% de neutralidade energética em 2031 gases com efeito de estufa, colaborando para um ambiente mais limpo, para a requalificação do território e proteção dos habitats, com impacto na qualidade de vida das populações e dos ecossistemas."

ESCALABILIDADE GARANTIDA

Tendo em conta que esta iniciativa assenta em princípios de redução de consumo e maximização da produção própria de energia renovável, o mesmo pode ser replicável noutras empresas e/ou noutros países. Seja do mesmo setor ou de setores diferentes, com a mesma dimensão ou de dimensão variável, podendo adotar-se as suas linhas orientadoras - estado da arte de consumos, disponibilidade de produção de energia renovável, balanço energético e posterior definição de ações -, adaptando-o ao "core business" da empresa em questão. "Relativamente às empresas do Grupo AdP, o Programa Zero foi desenhado contemplando todo o seu universo empresarial, incluindo as atividades internacionais". Atualmente, o grupo presta serviços a 234 municípios no território do continente, impactando mais de oito milhões de portugueses, cerca de 80% da população.

QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA



Água potável e saneamento



Energias renováveis e acessíveis



Indústria, inovação e infraestruturas



Cidades e comunidades sustentáveis 13

Ação climática



OTIMIZAR O CARREGAMENTO ELÉTRICO

O blueberry é uma solução inovadora, em termos de design e de conceito de utilização. Este carregador de baterias de veículos elétricos é um sistema flexível e modular que permite carregar com potências de 50 kW a 600 KW, um a quatro veículos, de uma forma simultânea e sequencial.

O blueberry é um carregador de baterias de veículos elétricos, que permite a realização de um carregamento inteligente de diferentes modelos de veículos disponíveis no mercado. Permite o carregamento de potências de 50 kW até 600 kW, para veículos elétricos ligeiros ou pesados, com tensão até 1000 V. A tecnologia por trás do blueberry chama-se dynamicblue e foi desenvolvida com o objetivo de "dar uma solução a necessidades que o mercado da mobilidade elétrica tem, nomeadamente a nível da otimização da infraestrutura de carregamento e do investimento desta", explica a i-charging, empresa responsável pela candidatura. O blueberry permite "funcionalidades únicas" no mercado, como ter quatro veículos a carregar em simultâneo e seguencialmente, de uma forma dinâmica. "Com esta solução não é necessário que uma carga acabe para se iniciar uma segunda, e, assim que os veículos necessitem de menos potência, o sistema fornece a mesma ao veículo que dela necessite. No final, há uma redução do tempo de carga total dos veículos, o que se traduz numa redução de custos, como, por exemplo, no carregamento de frotas."

RACIONALIZAÇÃO DOS RECURSOS

A empresa explica que o dynamicblue tem a forma de uma matriz, na qual as saídas estão interligadas com as entradas, o que possibilita direcionar a potência disponível para qualquer uma das saídas, podendo fornecer diferentes valores a cada um dos veículos. "Do lado dos utilizadores, esta gestão permite que usufruam de uma otimização da potência de carregamento, o que na prática se traduz na redução do tempo esperado de uma carga rápida ou ultrarrápida." Já do lado



veículos em simultâneo podem ser carregados

600 kW de potência máxima

5 continentes têm instalações blueberry da infraestrutura, deixa de ser necessário sobredimensionar a instalação por forma a disponibilizar nas saídas as potências mais elevadas, quando veículos com potências de carregamento mais baixas não necessitam. Tudo isto, garante a i-charging, se traduz numa redução considerável de investimento e de custos

Ou seja, o objetivo é que não haja sobredimensionamento da potência vinda da rede, que obriga a que haja mais produção e consequentemente mais "carbonização", se esta energia não for renovável, e, por um lado, que o investimento em conversão de potência esteja ajustado às necessidades.



As vendas do blueberry estão a crescer bastante acima do plano de negócios original, levando já à sua revisão.

UM CONTRIBUTO PARA A DESCARBONIZAÇÃO

A energia que alimenta o blueberry é proveniente da rede elétrica ou de outras fontes como geração local, renováveis, bancos de armazenamento de energia, redes de tração elétrica, entre outras. "Se considerarmos que temos disponível energia verde e armazenada em bancos de potência, o blueberry garantirá a otimização do carregamento de veículos elétricos, por isso não poluentes, contribuindo assim para a descarbonização através da mobilidade elétrica, que será a opção sustentável de mobilidade no futuro." A i-charging não tem dúvidas de que o blueberry, pelas suas

i-charging

Empresa: i-charging mobilidade elétrica

Nome do projeto: **blueberry**

Data de início: **15/10/2020**

Data de conclusão: **15/10/2025**

Principais beneficiários da iniciativa: todos os utilizadores de veículos elétricos, frotas de veículos de passageiros ou de carga incluindo transportes públicos, operadores de mobilidade elétrica, outras entidades que estejam a explorar o equipamento e entidades publicitadas no blueberry.





QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA

7

13

Energias renováveis e acessíveis

is Cid is e com eis sust

Cidades e comunidades sustentáveis

Ação climática

características inovadoras, dá um forte contributo para a massificação da mobilidade elétrica, que é uma das áreas vitais para a descarbonização e a redução da emissão de gases com efeito de estufa.

Do ponto de vista económico, o facto de o blueberry apenas necessitar da potência máxima que disponibiliza e alocar dinamicamente esta aos veículos que está a carregar garante que os custos de investimento na infraestrutura, em potência, e os custos de investimento em conversão dessa mesma potência, carregadores, serão inferiores aos que são necessários com outras soluções disponíveis no mercado.

SOLUÇÃO EM CONTÍNUA EVOLUÇÃO

Quanto à escalabilidade do projeto, a empresa esclarece que o blueberry não é uma solução fechada, está em contínua evolução, sendo neste momento possível escalar em potência de 50 kW até 600 kW, adicionando unidades de potência, de uma a quatro saídas para carregamento, adicionando satélites à solução existente. Num futuro próximo, será escalável até à potência disponibilizada na rede e terá como número de saídas tantas guantas forem necessárias. "A solução não terá qualquer limitação, disponibilizará toda a potência disponível a um número de veículos, que poderá aumentar, conforme as necessidades." A empresa acredita que com este novo conceito de carregamento, o blueberry, no que diz respeito a tecnologia e a experiência de utilização, são criadas experiências que tanto os utilizadores como as entidades que operam a máquina não conheciam até hoje. "As pessoas vão identificar ações de carregamento com ações idênticas que efetuam no seu dia a dia, e com isso adotarem a mobilidade elétrica como uma rotina"



UM CERTIFICADO PARA AJUDAR A CUMPRIR METAS AMBIENTAIS

A MEDWAY passou a disponibilizar um Certificado Anual de Transporte Sustentável aos clientes que optam pelo comboio enquanto meio de transporte de mercadorias. Assim, as empresas têm acesso a informação relevante para ajudar no cumprimento das suas metas ambientais.

Em 2020, associado ao seu compromisso da diminuição de emissão de gases com efeito de estufa para a atmosfera, a MEDWAY tomou a iniciativa de partilhar com uma amostra de 11 dos seus clientes os resultados de redução da quantidade de gases com efeito de estufa (Ton CO₂ eg) associados ao facto de terem escolhido o modo ferroviário para o transporte das suas mercadorias, em vez do modo rodoviário. Basicamente, a empresa passou a disponibilizar um Certificado Anual de Transporte Sustentável aos clientes que optam pelo comboio enquanto meio de transporte de mercadorias. Com este documento, explana a candidatura, as empresas têm acesso a informação relevante para ajudar no cumprimento das suas metas ambientais, nomeadamente, quanto podem evitar em emissões de CO_a ao longo do ano, com a utilização do transporte ferroviário em detrimento do transporte rodoviário. "O objetivo é consciencializar as empresas para a importância da sustentabilidade ambiental."

empresas têm o
Certificado de Transporte
Sustentável

19.889
TONELADAS de CO₂ eq

MILHÕES DE EUROS de investimento estão previstos para a revisão de 25 locomotivas elétricas Até porque, defende a MEDWAY, a ferrovia é comprovadamente o meio de transporte mais amigo do ambiente. "Embora as empresas estejam cada vez mais conscientes em matéria de sustentabilidade, nem sempre se apercebem do real impacto das suas escolhas." A MEDWAY garante que esta partilha de resultados permite aos clientes comprovarem e demonstrarem a redução de emissão de gases com efeito estufa para a atmosfera do transporte das suas mercadorias, num contexto de ciclo de vida dos seus produtos/serviços, contribuindo para a redução da sua pegada ecológica e para a sustentabilidade do planeta. Em 2020, foram já atribuídos Certificados de Transporte Sustentável a 11 empresas que, no conjunto, evitaram a emissão de 19.889 toneladas de CO₂ eg para a atmosfera. Atualmente, um comboio da MEDWAY emite em média cerca de 6,0 kg CO₂ eg/km, enquanto o transporte da mesma quantidade de mercadorias por camião representa uma

emissão de cerca de 20,4 kg $\rm CO_2$ eq/km, o que corresponde a uma redução de 71% das emissões de $\rm CO_2$ eq/km do comboio quando comparado ao camião. "Essa redução chega aos 74%, se o transporte for efetuado com recurso exclusivo a locomotivas elétricas", lê-se na candidatura.

A OPÇÃO MAIS SUSTENTÁVEL

Para a MEDWAY, a prestação de serviços de transporte de mercadorias por modo ferroviário já é por si a opção mais sustentável, mas também a que acarreta menos custos. "A ferrovia é a opção que melhor responde à transição energética", resumem. A atribuição de Certificados de Transporte Sustentável, para além da componente ambiental direta da sustentabilidade, "é fortemente influenciada pela componente económica, já que se privilegia para este tipo de transporte a utilização das locomotivas mais eficientes do ponto de vista energético, com maior potência e capacidade de tração e com menores consumos de energia". Estes fatores, diz a MEDWAY, são traduzidos num menor custo ao cliente, que consegue transportar mais quantidade de mercadoria, com menores emissões de CO₂ e com menores custos financeiros. "Em simultâneo, permite estabelecer uma relação de competitividade justa em relação aos concorrentes de cada uma das empresas, que se posicionam no mercado num lugar de vantagem do ponto de vista da descarbonização e da sustentabilidade."

PROMOVER A IMAGEM E O COMPROMISSO

Já a componente social da sustentabilidade é promovida pela dinamização do negócio no mercado, que permite às empresas clientes obter menores custos no ciclo de vida dos seus produtos/serviços e, desta forma, contribuir para a diminuição das desigualdades sociais. Isto para além da possibilidade de criação de postos de trabalho nas empresas para a população envolvente, já que se tornam mais competitivas. Diz a empresa candidata que a componente social da sustentabilidade é ainda promovida pela dinamização do negócio da empresa, que promove a sua imagem e o seu compromisso na sustentabilidade como valor estratégico, perante os seus colaboradores, a comunidade em geral e o mercado, "assente numa base de confiança, que permite proporcionar um ambiente estimulante e a criação de relações de trabalho saudáveis perante os colaboradores, confiança por parte da comunidade nas práticas da empresa e confiança do mercado pela escolha

Em 2020, foram já atribuídos Certificados de Transporte Sustentável a 11 empresas que, no conjunto, evitaram a emissão de 19.889 toneladas de CO₂ eq para a atmosfera.





Empresa: Medway – Operador Ferroviário de Mercadorias, S.A.

Nome do projeto: Certificados de Transporte Sustentável

Data de início: **01/01/2021**

Data de conclusão: Não há uma data de conclusão prevista.

Principais beneficiários da iniciativa: clientes, fornecedores, colaboradores, sociedade e população em geral.



dos seus serviços", lê-se na candidatura. A MEDWAY pretende alargar a entrega dos Certificados de Transporte Sustentável a todos os clientes já no primeiro trimestre de 2022.

OS INVESTIMENTOS PREVISTOS

A MEDWAY tem previsto e anunciado publicamente o investimento de 10 milhões de euros na revisão de 25 locomotivas elétricas, com a finalidade de garantir a eficiência e fiabilidade do transporte. Está ainda contemplado o investimento de 93 milhões de euros em 16 locomotivas elétricas bitensão, de última geração a nível de eficiência e com capacidade de tração existente no mercado. "Para além disso, são locomotivas interoperáveis, capazes de circular em toda a rede ferroviária eletrificada portuguesa e espanhola e preparadas para poderem circular em bitola UIC (europeia) no futuro." Na proposta, o promotor explica que estes investimentos irão permitir à empresa ter uma frota de locomotivas mais eficiente do ponto de vista energético e ambiental, promover a descarbonização de forma efetiva e corresponder às necessidades dos seus clientes, da sociedade e populações.

QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA



Indústria, inovação e infraestruturas **12** 🗟

Produção e consumo sustentáveis



CONSCIENCIALIZAR OS AUTOMOBILISTAS PARA AS EMISSÕES POLUENTES

Nos primeiros seis meses, com apenas 12 centros, a Norauto conseguiu descarbonizar 1.937 viaturas e analisar gases em mais de 4.300 automóveis. Uma iniciativa integrada no serviço Eco-Revisão.



O serviço Eco-Revisão, implementado em todos os centros Norauto, é dividido em duas componentes. Uma consiste na medição dos gases de escape de acordo com os parâmetros das Inspeções Periódicas Obrigatórias (IPO), e uma segunda componente de descarbonização do motor, com consequente redução das emissões poluentes, através da utilização de hidrogénio. Desta forma, diz o candidato, conseguem medir as emissões poluentes e propor ao cliente uma solução de redução das mesmas sem recorrer a produtos químicos, dado que apenas é utilizada água destilada para a produção de hidrogénio.

Na componente de medição de gases, são utilizados equipamentos das IPO. Nas viaturas a gasolina, é utilizado um medidor de gases e, nas viaturas diesel, um opacímetro. Se as medições registadas estiverem perto ou acima dos valores

Empresa: Norauto Portugal S.A.

Nome do projeto: **Eco-Revisão**

Data de início: **20/04/2021**

Data de conclusão: **31/12/2041**

Principais beneficiários da iniciativa: todos os proprietários de viaturas ligeiras (passageiros e comerciais), principalmente motores diesel. de reprovação na IPO para a viatura, é proposto ao cliente a realização de uma descarbonização por hidrogénio. A empresa enfatiza o facto de na descarbonização por hidrogénio, ser apenas utilizada água destilada, que através de um processo de eletrólise separa as moléculas de H₂O em hidrogénio e oxigénio.

Ou seja, promovendo a medição dos gases de escape, consegue-se, assim, identificar as viaturas que estão com emissões elevadas. "Tendo uma solução de descarbonização, conseguimos reduzir essas emissões, promovendo de forma ativa a redução das emissões poluentes, garantindo uma maior sustentabilidade do parque automóvel circulante."

UM COMPLEMENTO À REVISÃO OFICIAL

O serviço de análise dos gases é proposto em opção de complemento do serviço de





Na descarbonização por hidrogénio, apenas é utilizada água destilada, que através de um processo de eletrólise separa as moléculas de H₂O em hidrogénio e oxigénio.

Revisão Oficial. O cliente pode realizar um serviço apenas de medição de gases IPO, ou associado a qualquer outro serviço de oficina. "A análise de gases é utilizada como complemento no serviço de preparação das viaturas para IPO", explica a empresa na sua candidatura. "A descarbonização pode ser efetuada isoladamente ou em complemento do resultado da análise de gases. Pode, inclusive, ser efetuada periodicamente de forma preventiva para garantir níveis baixos de carvão no motor, reduzindo ativamente a probabilidade de avarias nos componentes do motor sujeitos a criar depósitos de carvão."

Aliás, a Norauto garante que esta é uma solução proposta aos clientes em todas as revisões e representa um custo mais baixo, com redução das emissões de poluentes até 20%, diminuição do consumo de combustível até 10% e uma recuperação da potência e melhoria da suavidade do motor.

Nos primeiros seis meses, com apenas 12 centros, a Norauto conseguiu descarbonizar 1.937 viaturas e analisar gases em mais de 4.300 viaturas. "Estando a duplicar para o

20%
da redução das emissões
de poluentes

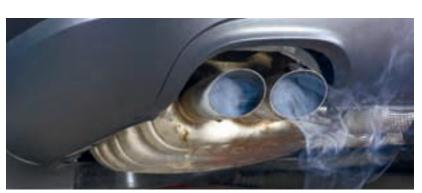
10%
na diminuição do consumo de combustível

1.937
viaturas foram
descarbonizadas nos
primeiros seis meses

restante país neste momento (mais 15 centros), contamos nos próximos meses duplicar este valor."

PROMOVER ALTERAÇÃO DOS COMPORTAMENTOS SOCIAIS

A iniciativa, segundo a Norauto, promove a alteração de comportamentos sociais ao consciencializar o automobilista para as emissões poluentes da sua viatura, promovendo o conhecimento do estado atual do seu veículo e dando a possibilidade de contribuir de forma ativa para a redução de emissões poluentes, efetuando a descarbonização do motor do automóvel. "Ao medir os gases de escape, conseguimos perceber qual a emissão de CO_o e atuar de forma a descarbonizar o motor, otimizando a queima de combustível e consequente melhoria das emissões poluentes". A redução de emissões de CO₂ varia com o nível de carvão presente no motor, explica a empresa. Quanto maior for, melhor será o resultado obtido. Em média, a redução geral de emissões pode chegar aos 20%, segundo dados do fabricante da descarbonizadora.



QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA

13

Ação climática

15%

Proteger a vida terrestre



OS GANHOS DE UMA LOGÍSTICA MAIS EFICIENTE

O Pingo Doce está empenhado em acelerar o projeto de descarbonização da sua logística, cujas primeiras medidas foram implementadas há mais de dez anos. O objetivo é contribuir para o combate ao fenómeno das alterações climáticas, tornando assim os seus negócios mais sustentáveis.

O projeto de descarbonização da logística do Pingo Doce, cujas primeiras medidas foram implementadas há mais de dez anos, surge da vontade de contribuir para o combate ao fenómeno das alterações climáticas, tornando assim os seus negócios mais sustentáveis. "Este é um compromisso assumido pelo Pingo Doce em prol da proteção do planeta, assegurando as necessidades das gerações futuras", garante a empresa na sua candidatura.

Em 2019, a marca conseguiu uma redução absoluta total (toneladas de $\mathrm{CO_2}$ eq) de 21% e de 32% de redução relativa total (toneladas de $\mathrm{CO_2}$ eq/palete) das suas emissões associadas à atividade logística, relativamente a 2018, sendo que, em 2020, alcançou uma redução absoluta total de 44% e de 46% de redução relativa total, em relação a 2018. "Ambos os indicadores registaram, pois, uma melhoria significativa, demonstrando que o Pingo Doce está no caminho certo para atingir a descarbonização das suas operações logísticas."

Estes resultados têm sido materializados através da implementação de um plano de ações que inclui medidas já concretizadas e a concretizar, necessárias para continuar a reduzir as emissões de gases com efeito de estufa decorrentes da logística do Pingo Doce, contribuindo assim para mitigar os riscos climáticos e tornando as suas operações mais resilientes.

HUB EVITA MILHARES DE DESLOCAÇÕES

O Hub Logístico de Lisboa é um exemplo desta intenção. Tendo iniciado a sua atividade enquanto projeto-piloto há cerca de dois anos, esta plataforma de crossdocking – a única de um retalhista alimentar em Portugal, garante o Grupo na sua candidatura – tem vindo a aumentar gradualmente a sua operação. O





Empresa: Pingo Doce

Nome do projeto: Descarbonização da Logística do Pingo Doce

Data de início: **01/01/2018**

Data de conclusão: **31/12/2041**

Principais beneficiários da iniciativa:

o Pingo Doce e os seus fornecedores, transportadores e outros parceiros de negócio. hub possibilita abastecer continuamente as lojas de proximidade cujas características infraestruturais, por se encontrarem na Grande Lisboa, apenas permitem o abastecimento por viaturas de menor dimensão. Diz a empresa, o hub evita milhares de deslocações de viaturas das lojas na zona de Lisboa até ao Centro de Distribuição da Azambuja, o que se traduziu, em 2020, em 370 toneladas de CO₂ eq cuja emissão foi evitada.

MAIOR EFICIÊNCIA LOGÍSTICA

Basicamente, o *Hub* Logístico de Lisboa permitiu alcançar uma maior eficiência logística e garantir um melhor serviço de abastecimento às lojas. Simultaneamente, viabilizou que mais de 495 mil quilómetros deixassem de ser percorridos, no ano passado, nas estradas portuguesas, possibilitando a redução de 15% da frota adstrita à área geográfica de Lisboa. Este ano, segundo o Pingo Doce, prevê-se que o número de quilómetros poupados ultrapasse os 720 mil.

A instalação de painéis fotovoltaicos nos Centros de Distribuição de Algoz e Alfena para produção de energia elétrica para autoconsumo, que permitiu entre 2018 e 2019 uma redução total de cerca de 1400 toneladas de CO₂ eq, a substituição da iluminação para LED nos Centros de Distribuição da Azambuja e de Vila do Conde, que viabilizou uma redução anual superior a 330 toneladas de CO₂ eq desde 2018, são também exemplos de um vasto leque de ações implementadas pelo Pingo Doce.

No sentido de tornar a sua cadeia de abastecimento mais circular e sustentável, a marca recorre, por exemplo, a um modelo de partilha e reutilização de acessórios de transporte de mercadoria (paletes e caixas de transporte reutilizáveis) em parceria com os seus fornecedores de mercadorias e empresas que gerem as diferentes *pools* destes materiais, tendo conseguido com esta medida, no período de 2018-2020, evitar a emissão de mais de 18 mil toneladas de CO₂ eq, para além de otimizar as operações logísticas, incluindo a logística inversa.

"A totalidade das iniciativas implementadas no âmbito da descarbonização da logística do Pingo Doce visa, claramente, tornar o negócio do Pingo Doce mais resiliente e competitivo, contribuindo simultaneamente para o combate às alterações climáticas", lê-se na candidatura. "Há vários anos que o Pingo Doce tem a convicção plena de que a sustentabilidade é o caminho a seguir, como comprovam, por exemplo, o programa de ecodesign de embalagens, o backhauling ou a instalação de painéis solares para aquecimento de águas sanitárias, iniciativas instituídas há mais de uma década."

CERTIFICAÇÃO LEAN & GREEN

Todo o trabalho profundo de tornar a logística do Pingo Doce mais sustentável foi acreditado em 2021 pela iniciativa Lean & Green, "assumindo a dianteira do retalho alimentar em Portugal no combate às emissões de dióxido de carbono" e tendo-se comprometido a reduzir em pelo

A descarbonização da logística do Pingo Doce permitiu, em 2019 e 2020, atingir uma redução absoluta total de 11.700 e 12.500 toneladas de CO₂ eq.

QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA

7

Energias renováveis e acessíveis

Cidades e comunidades sustentáveis

12

Produção e consumo sustentáveis 13

Ação climática

370TONELADAS de CO₂ eq cuja emissão foi evitada em 2020

20%
de redução das emissões
de carbono no prazo de
cinco anos

495
MIL QUILÓMETROS
deixaram de ser
percorridos

menos 20% as suas emissões de carbono no prazo de cinco anos, nas suas operações logísticas. Decorridos seis meses, o Pingo Doce possui já três estrelas – cada estrela consiste num reconhecimento público do compromisso e do trabalho desenvolvido no âmbito da redução das emissões de carbono –, sendo que o prazo para atribuição da primeira estrela termina cinco anos após adesão à iniciativa.

Em função das medidas que o Pingo Doce tem em vigor com vista à descarbonização da logística, a empresa prevê, para este ano, uma redução absoluta total (toneladas de CO₂ eq) de 37% e 52% de redução relativa total (toneladas de CO₂ eq/palete) das suas emissões associadas à atividade logística, relativamente a 2018. Em relação a 2022, o Pingo Doce antecipa uma redução absoluta total de 42% e 63% de redução relativa total, em relação a 2018.







Desde agosto de 2021 que o posto de abastecimento a hidrogénio DRHYVE, uma proposta da PRF Gas Solutions, se encontra em funcionamento, estando a abastecer atualmente dois autocarros da Câmara de Cascais. O posto instalado tem a capacidade para abastecer seis autocarros por dia.

A PRF, empresa de engenharia, construção e manutenção em todas as áreas de gases combustíveis, tem em desenvolvimento vários projetos que envolvem a conceção, o desenvolvimento e a implementação de estações de abastecimento de hidrogénio para viaturas ligeiras e pesadas associadas a centros de logística, indústrias e frotas de transportes. A candidata tem vindo a promover projetos que incluem o hidrogénio (H₂) como energia alternativa, nomeadamente na sua aplicação na mobilidade: sejam os postos de abastecimento a hidrogénio para autocarros e veículos ligeiros, bem como soluções portáteis de enchimento (Power-to-Mobility).

O produto da candidatura, denominado DRHYVE, é dirigido à mobilidade e aos transportes e considera a instalação de pilhas de combustível a bordo de veículos, com particular foco nos veículos pesados (mercadorias e passageiros), ferrovia (em linhas não eletrificadas), veículos ligeiros (táxis, frotas de empresas e mobilidade partilhada) e navios.

EM FUNCIONAMENTO DESDE AGOSTO

Um posto de abastecimento de H_2 é uma infraestrutura projetada para abastecer um

11%
das emissões de GEE
vêm da indústria

26% das emissões de GEE são responsabilidade dos transportes

MIL MILHÕES DE EUROS de poupança na fatura energética nacional veículo que utilize pilha de combustível a hidrogénio. Os componentes necessários para a sua construção incluem sistemas de armazenamento de H₂, compressores que levam o hidrogénio ao nível de pressão de gás desejado, um sistema de pré-arrefecimento e dispensadores para fornecer o combustível. O posto de abastecimento a hidrogénio DRHYVE encontra-se em funcionamento desde agosto de 2021, estando a abastecer atualmente dois autocarros movidos a hidrogénio para a Câmara de Cascais. O posto instalado tem a capacidade de abastecer seis autocarros por dia o que representa, diz a empresa, uma poupança anual estimada de 832 toneladas de CO₃.

REDUÇÃO DA IMPORTAÇÃO DE ENERGIA

Uma vez que Portugal não explora nem produz carvão, petróleo bruto ou gás natural, o aprovisionamento destas fontes energéticas para o mercado nacional é efetuado exclusivamente através de importações de países terceiros, traduzindo-se, explica a empresa na sua candidatura, num agravamento da balança comercial do país. "O saldo importador de energia tem vindo a decrescer

As principais características do DRHYVE, tais como armazenamento, tipo de compressor e caudal do compressor, podem ser alteradas de acordo com os requisitos do cliente.

nos últimos anos, com impacto na redução da dependência energética externa e por consequência na redução da fatura energética de Portugal". Esta redução tem sido motivada pelo aumento da produção doméstica de energia, em particular de fontes endógenas renováveis, que conduziu à redução das importações de carvão e gás natural para a produção de eletricidade.

A PRF esclarece que um dos objetivos da aposta no hidrogénio prende-se com o seu potencial para substituir mais facilmente o consumo de gás natural e outros derivados do petróleo e, por consequência, reduzir significativamente a importação desta fonte de energia, acelerar a redução da dependência energética e da fatura energética e, não menos importante, contribuir para intensificar a descarbonização de certos consumos energéticos, dificilmente eletrificáveis.

POUPANÇA DE 1,2 MIL MILHÕES

Nos últimos três anos, e segundo dados disponibilizados na candidatura, o custo com a importação petróleo e de gás natural representou, em média, cerca de 79% e 15% do total das importações de energia anuais, respetivamente, sendo que em 2019 o valor da fatura com a importação de petróleo e de gás natural se situou, respetivamente, em cerca de 7,2 mil milhões de euros e 1,2 mil milhões de euros. No que se refere ao peso do total das importações de energia na Balança de Mercadorias FOB, nos últimos três anos, esse valor foi de 12% em média. "Estes números demonstram o impacto significativo que o hidrogénio poderá ter na economia nacional apenas pela via da substituição de uma fonte de energia fóssil importada por uma produzida localmente com recurso a fontes endógenas de energia, podendo este ritmo de substituição crescer no médio a longo prazo através da introdução de combustíveis sintéticos produzidos a partir do hidrogénio, juntamente com a

No longo prazo, pelas contas da PRF, a total substituição do gás natural por hidrogénio e outros gases renováveis resultará numa



Empresa: PRF – Gás, Tecnologia e Construção, S.A.

Nome do projeto:

DRHYVE: posto de
abastecimento de
hidrogénio a veículos

Data de início: **04/01/2021**

Data de conclusão: **31/12/2040**

Principais beneficiários da iniciativa:

frotas localizadas, patrocinados pelas autarquias (autocarros, veículos de recolha de lixo, etc.), por associações de transportes (táxis, TVDE, etc.), empresas de transporte e distribuição de médio-longo curso e veículos ligeiros privados.

QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA

9

renováveis e acessíveis Indústria, inovação e infraestruturas Cidades e comunidades sustentáveis

13

15%

17

Ação climática

Proteger a vida terrestre

Parcerias para a implementação dos objetivos

poupança de cerca de 1,2 mil milhões de euros na fatura energética nacional.

CUSTOS TERÃO DE BAIXAR

No entanto, o promotor esclarece que a indústria terá de fazer baixar os custos do hidrogénio e aplicações através da escala. "Já foram conseguidas reduções de custo significativo em algumas áreas; o custo das estações de abastecimento e da produção de células de combustível reduziu para metade nos últimos dez anos, por exemplo." A empresa espera, ainda assim, grandes reduções nos próximos anos a partir do aumento da escala de produção a níveis industriais. "São também necessárias mais reduções de custos para reduzir o custo do próprio hidrogénio. Estas são possíveis através de reduções de custos na produção de hidrogénio e geração de energia renovável para eletrólise."







Desde a sua fundação, em 1942, no Norte de Portugal, que a Sogrape está empenhada em desenvolver o seu negócio de forma responsável, a pensar no futuro e na sustentabilidade de longo prazo. O projeto em causa envolve o desenvolvimento e a implementação de três centrais fotovoltaicas.

Contribuindo ativamente para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas, em 2021 a Sogrape desenvolveu o seu Programa Global de Sustentabilidade, baseado no propósito da empresa: trazer amizade e felicidade a todos aqueles com quem se relaciona através dos seus grandes vinhos. Com este programa, a Sogrape ambiciona fazer crescer o seu negócio, sendo simultaneamente um catalisador de uma mudança social positiva e respeitando os limites do planeta. Desde trabalhar de perto com as marcas e fornecedores para os ajudar a melhorar a sua pegada ambiental, até empoderar pequenos produtores de vinho e colaboradores, o programa está estruturado em três pilares, que representam as principais áreas de intervenção, sustentados por vários compromissos ambiciosos e metas a serem alcançadas até 2027.

Um desses pilares é "Abrir Caminho para um Planeta Mais Saudável", no qual a Sogrape assume três grandes compromissos: atingir um impacto ambiental neutro, promover a sustentabilidade e a circularidade na cadeia de abastecimento e avançar na conservação da



Empresa: Sogrape

Nome do projeto:

Centrais Fotovoltaicas

Data de início: **01/08/2019**

Data de conclusão: **01/11/2020**

Principais beneficiários da iniciativa:

sociedade, grupo Sogrape e a sua comunidade. biodiversidade. A iniciativa em candidatura é um exemplo muito claro do que a empresa já está a fazer e pretende continuar a desenvolver para ir ao encontro dos compromissos e metas que assume até 2027.

PRIMEIRA CENTRAL FOTOVOLTAICA EM 2019

Em agosto de 2019, foi instalada a primeira central fotovoltaica nas instalações da Sogrape em Avintes. Esta central, com 2.380 painéis solares e 660 kW de potência, numa área de 7.200 m², destina-se exclusivamente para autoconsumo e produz 1.180 MWh por ano, o que permite, segundo a empresa, uma poupança anual de 34% do total de energia consumida. Além disso, também evita a emissão de 511 toneladas de $\mathrm{CO_2}$ eq para a atmosfera, o que representa 24% das emissões totais de eletricidade da empresa.

Em novembro de 2020, foi instalada mais uma central fotovoltaica de autoconsumo com 806 m² numa das maiores adegas da Sogrape, em Anadia. Esta planta possui 403 painéis solares e 125 KW de potência, o que permite uma poupança anual de 15% do total de energia

consumida na adega. Produz aproximadamente 246 MWh por ano, o que permite evitar emissões de 116 toneladas de $\mathrm{CO_2}$ eq para a atmosfera. Já em abril de 2020, a Finca Flichman, unidade de negócio da Sogrape na Argentina, começou a gerar energia própria a partir do sol, na adega de Barrancas, em Mendoza. Esta central fotovoltaica, com 46 painéis solares com 16 kW de potência, produz atualmente 5% do total de energia consumida da instalação e pretende chegar a 20% nos próximos anos, evitando assim a emissão de 15 toneladas de $\mathrm{CO_2}$ eq para a atmosfera.

Vários estudos estão a ser desenvolvidos para implementar mais centrais fotovoltaicas em outras unidades de negócio da Sogrape, como, por exemplo, na Herdade do Peso, no Alentejo, na Quinta do Seixo, no Douro, e na Quinta de Carvalhais, no Dão. Também na Viña Los Boldos, unidade de negócio da Sogrape no Chile, foram iniciados os primeiros estudos para a implementação de um parque solar. "Todos estes investimentos consolidam a Sogrape como a empresa portuguesa de vinhos com maior investimento e pegada global na produção de energia solar, reforçando o nosso objetivo de atingir a neutralidade de carbono associada ao consumo de energia", diz a empresa na sua candidatura.

A escalabilidade da iniciativa é muito elevada, dado que o grupo Sogrape pretende, até 2027, que toda a sua energia seja proveniente de fontes renováveis, sendo, portanto, o investimento em mais centrais fotovoltaicas uma forte hipótese.

Com a implementação destas três centrais fotovoltaicas, parte da energia consumida pelas infraestruturas pode ser produzida de uma forma limpa e renovável.

2.380
painéis solares compõem a Central de Avintes

MIL EUROS de investimento na Central Fotovoltaica de Avintes

806_{m²} é a área da Central Fotovoltaica de Anadia

O INVESTIMENTO NAS CENTRAIS

Relativamente à central fotovoltaica de Avintes, o projeto teve um investimento superior a 500 mil euros, com apoio de 25% por parte do Instituto de Financiamento de Agricultura e Pescas (IFAP). Considerando o atual tarifário médio ponderado, a empresa estima que o payback seja de 3,5 anos com IFAP e 4,5 anos sem IFAP.

Quanto à central fotovoltaica da adega da Anadia, o projeto teve um investimento superior a 100 mil euros. Considerando o atual tarifário médio ponderado, os promotores estimam que o período de amortização seja de aproximadamente sete anos, que diminuirá logicamente à medida que o custo de energia elétrica aumentar.

No que concerne à adega de Barrancas, em Mendoza (Argentina), o projeto teve um investimento superior a 19 mil euros. Tendo em consideração o custo mensal de energia e o retorno mensal expectável, a empresa candidata estima que o período de amortização seja de cinco anos.

POUCA MANUTENÇÃO E ZERO GASES

A implementação destas três centrais fotovoltaicas permite que parte da energia consumida pelas infraestruturas em questão possa ser produzida de uma forma limpa e renovável, dado que a energia elétrica é obtida a partir da luz solar, nomeadamente de fotões que provocam a libertação de eletrões num movimento contínuo, criando assim o efeito fotovoltaico. Como consequência, consegue-se reduzir as emissões de CO₂ eq para a atmosfera, dado que os painéis fotovoltaicos têm uma vida útil de aproximadamente 25 anos, precisam de pouca manutenção e libertam zero gases



QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA

Indústri

13

Energias renováveis e acessíveis

Indústria, inovação e infraestruturas Ação climática



A CORTIÇA COMO ELEMENTO DIFERENCIADOR NA INDÚSTRIA AUTOMÓVEL

O desenvolvimento do PVC Cork está a permitir à indústria automóvel a utilização de um material para o revestimento do interior dos veículos alternativo à pele natural e mais sustentável do que as soluções atuais de pele sintética.

O PVC Cork, produto de revestimento de superfícies do interior automóvel com inclusão de cortiça com o qual a TMG Automotive se candidata ao 2.º Prémio Nacional de Sustentabilidade, está neste momento em fase de nomeação pelos clientes OEM (Original Equipment Manufacture).

Este material de pele sintética permite à indústria automóvel a utilização de um produto para o revestimento do interior automóvel alternativo à pele natural, mais sustentável do que as soluções atuais de pele sintética. Na sua candidatura, o promotor da iniciativa explica que este produto surge da necessidade identificada em atividades de vigilância ativa por parte da TMG Automotive junto do mercado e em concreto do interesse de dois clientes (OEM) premium. "O desenvolvimento deste produto teve por objetivo a redução dos impactes ambientais associados aos materiais de pele sintética existentes no mercado e promover a circularidade, mantendo os requisitos de elevada qualidade."

Das várias propostas apresentadas pela TMG Automotive em roadshow, a empresa admite que o conceito mais promissor para a redução dos impactes ambientais foi o desenvolvimento de um produto constituído por matérias--primas baseadas em carbono renovável: derivado de resíduos da indústria da cortica; resíduos da indústria do papel derivados de florestas sustentáveis para produção de PVC com base em carbono renovável; e resíduos de garrafas de PET (Polietileno tereftalato) para produção de suporte têxtil reciclado. "Este desenvolvimento inovador, centrado no reaproveitamento e valorização de resíduos provenientes de um dos líderes mundiais da indústria da cortiça para fins estéticos e/ou funcionais, resultou numa patente conjunta



24%/m²
de redução no Potencial
de Aquecimento Global

2014
data de início da
iniciativa

3

megatendências no setor automóvel: mobilidade sustentável, condução autónoma e conectividade com clientes OEM, EP3051023 (B1) concedida a 14/03/2018", lê-se na proposta de candidatura.

SUBSTITUIR A PELE NATURAL

O PVC Cork é um compósito de PVC (policloreto de vinil) utilizado para substituição da pele natural enquadrado na família de peles sintéticas ou tecidos plastificados. Estruturalmente é caracterizado como um material com múltiplas camadas: um têxtil de suporte e camadas de PVC plastificado com cortiça incorporada, podendo ou não conter uma camada superior de poliuretano (PUR) para uma melhor qualidade percecionada devido ao toque superior associado a este polímero. "O PVC Cork vem responder à necessidade de descarbonização da indústria automóvel pela utilização de materiais com



O PVC Cork é o culminar de um esforço coletivo de inovação que vem reforçar o posicionamento e a competitividade da TMG Automotive.

base em carbono renovável", diz a empresa na candidatura. "Com a crescente preocupação do impacto das ações humanas nas gerações futuras, e tendo em conta que a indústria automóvel tem um impacto significativo nas emissões de gases com efeito de estufa (GEE), é fundamental atuar não só nas emissões resultantes da fase de uso (eletrificação dos automóveis), mas também ao nível dos materiais utilizados."

Para dar resposta a esta necessidade, a TMG Automotive, conjuntamente com o cliente final, desenvolveu um produto centrado no reaproveitamento de resíduos provenientes de diversas indústrias, nomeadamente do papel, embalagens e cortiça.

Para além do alinhamento com o conceito de economia circular e cumprimento de todos os requisitos normativos desta indústria, e a utilização de cortiça para fins estéticos (visível), a empresa explica que permite ao cliente a perceção (que é real) de maior sustentabilidade. "A combinação da cortiça para fins estéticos e/ou funcionais com a utilização de PVC com base em carbono renovável, produzido a partir de resíduos da indústria do papel e de suporte têxtil reciclado, produzido a partir de garrafas de poliéster (em concreto, PET), permite uma redução significativa das emissões de carbono."

PRODUÇÃO À ESCALA INDUSTRIAL

Segundo a empresa, a PVC Cork encontra-se neste momento a ser produzido à escala industrial e em processo de nomeação pelos clientes para futuros modelos de automóvel. A passagem deste desenvolvimento da



Empresa:

TMG Automotive

Nome do projeto: **PVC Cork**

Data de início:

20/11/2014

Data de conclusão: **30/07/2021**

Principais beneficiários da iniciativa: **clientes OEM e utilizadores de automóveis.** escala-piloto para industrial apresentou alguns desafios, nomeadamente da qualidade da cortiça utilizada e do embranquecimento por exposição a radiação ultravioleta (UV). A empresa garante que a disponibilidade e o controlo de qualidade das matérias-primas de origem natural e recicladas são aspetos que foram assegurados numa fase pré-industrial do projeto e antes da sua industrialização. "A disponibilidade em quantidade destas matérias-primas foi também salvaguardada junto dos fornecedores, de forma a garantir o aumento de volumes de produção, face ao crescente interesse por este material." Convém salientar que a cortiça usada no PVC Cork tem origem nas florestas ibéricas de sobreiros, sendo este um dos 36 ecossistemas mais importantes do planeta preservando a biodiversidade, e, portanto, a sua conservação é crucial.



QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA



Trabalho digno e crescimento económico



Produção e consumo sustentáveis



Ação climática

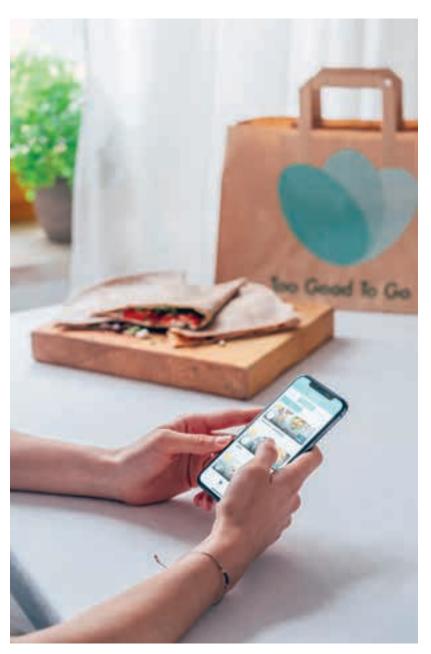


Proteger a vida terrestre



UMA APLICAÇÃO QUE EVITA O DESPERDÍCIO ALIMENTAR

Esta aplicação de venda de excedente alimentar aproxima os estabelecimentos do consumidor final, dando uma nova oportunidade aos alimentos, que assim se mantêm na cadeia de valor.



A Too Good To Go apresenta-se como "o maior mercado B2C de excedente alimentar do mundo". A empresa tem selo B Corp., ou seja, um negócio com propósito e de impacto positivo que tem como missão o combate ao desperdício alimentar, motivando e incentivando uma nova forma de consumo – mais consciente – no consumidor comum!

Em 2016, esta missão materializou-se numa aplicação (app) que permite a estabelecimentos — restaurantes, hotéis, supermercados, mercearias, pastelarias, distribuidores, produtores, entre outros — vender os seus excedentes alimentares, no final de cada turno, a potenciais clientes. Os utilizadores e estabelecimentos parceiros da aplicação têm nas suas mãos o poder de "salvar" comida de qualidade a 1/3 do preço habitual, ao mesmo tempo que com apenas alguns cliques ajudam a preservar o planeta, reduzindo o desperdício alimentar e as emissões de CO₂e. Em 2020, a Too Good To Go atingiu o estatuto de empresa Carbon Neutral +.

APLICAÇÃO QUE VENDE EXCEDENTES

Ou seja, esta empresa materializa-se numa App de venda de excedente alimentar, que aproxima estabelecimentos do consumidor final, criando um novo mercado que dá uma nova oportunidade aos alimentos, para se manterem na cadeia de valor – aproveitando ao máximo o tempo de vida útil do produto e evitando as consequências ambientais do seu desperdício. O modo de funcionamento é "simples". No final do dia ou de cada turno, os estabelecimentos têm excedente de comida: produtos que não conseguiram vender

A App está presente em 17 países, onde já foram salvas mais de 110 milhões de refeições, o equivalente a 275.000 toneladas de CO₂e.

antes do fecho ou do turno, mas que estão em perfeito estado para ser consumidos e não devem ser desperdiçados. Através da aplicação Too Good To Go, esses estabelecimentos encontram uma nova forma de otimizar a sua operação e recuperar custos da mesma, pois na aplicação o estabelecimento pode vender o seu excedente através de "caixas surpresa" (conceito Magic Boxes) a potenciais clientes.

"Chamamos a estas recolhas e conceito - Magic Boxes - pois não é possível prever o tipo de desperdício, ao detalhe, que os estabelecimentos vão ter, logo, o que o utilizador vai adquirir é surpresa e é baseado no tipo de menu ou produto alimentar que esse estabelecimento, loja, distribuidor ou produtor vende habitualmente", explica o promotor.

A nível global, somando os 17 países onde a Too Good To Go está disponível (Europa, EUA e Canadá) já foram salvas mais de 110 milhões de refeições, um total de 275.000 toneladas de CO₂e.

MAIS DO QUE UMA APP

A Too Good To Go assume-se como uma empresa que sonha com um planeta sem desperdício alimentar "e todos os dias trabalhamos em soluções para sensibilizar e atuar face ao problema". Além da app, promovem ainda inúmeras iniciativas de sensibilização, como o selo "Antes de deitar fora: Observar. Cheirar. Provar.", criado como forma de estabelecer um compromisso com todas as marcas distribuidoras e produtoras para adicionarem este selo aos seus produtos de durabilidade mínima. "Começamos 2022 com 31 parceiros comprometidos a esta Iniciativa – marcas como BEL; Fabricas Lusitana; Casa da Prisca ou El Mandarim, entre muitas outras - e o balanço de que mais 3.5 milhões de produtos já circularam no mercado português com esta mensagem anti-desperdício."



Empresa: Too Good To Go

Nome do projeto:

Too Good To Go **Portugal**

Data de início: 29/10/2019 (implementação em Portugal)

Data de conclusão: Não há uma data de conclusão prevista.

Principais beneficiários da iniciativa:

consumidor, estabelecimentos e negócios da área alimentar e Planeta.

MILHÕES de refeições salvas em Portugal

da comida salva em Magic Boxes é aproveitada

OUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA

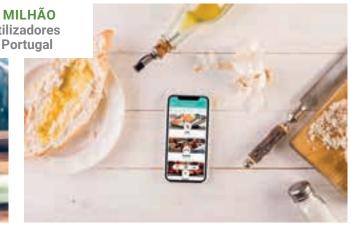
Produção e consumo sustentáveis

Ação climática Parcerias para a implementação dos objetivos

Atualmente, as categorias de estabelecimentos com mais Magic Boxes salvas na app, pelos portugueses, são pastelarias e restaurantes. A Too Good To Go já está disponível em todas as capitais de distrito de Portugal Continental e Ilhas. E já conta com uma comunidade de mais de 1 milhão de utilizadores, cerca de 10% da população portuguesa e mais de 3.500 parceiros. Em Portugal, através da App já foram salvas mais de 1.2 milhões de refeições, o que representa cerca de 2500 toneladas de CO₂e. Para o consumidor, as refeições adquiridas na

app são 1/3 do seu valor original, enquanto para o estabelecimento, a mais-valia é ver na aplicação uma oportunidade de reduzir custos da operação que seriam resultado do desperdício, para além da oportunidade de chegar a novos clientes. A Too Good To Go começou como uma start-up e atualmente já se assume como scale-up. "Sendo a escalabilidade uma das características de uma start-up de sucesso, podemos verificar essa característica na Too Good To Go, que já está presente em 17 países (Europa, EUA e Canadá)." A app e o conceito da empresa são replicados e funcionam com as mesmas premissas e objetivos em todos os países.









MUDAR DE EMBALAGEM PARA REDUZIR O USO DE PLÁSTICO

Reduzir a utilização do plástico em 17 produtos portugueses, mudando para novas embalagens, era o objetivo da Upfield, que detém marcas como Planta, Becel ou Tulicreme. Uma meta plenamente atingida, ao ser conseguida uma redução de 21%.

Seguindo a missão de tornar a indústria – e acima de tudo o planeta – um lugar melhor, a Upfield Portugal teve um impacto positivo na redução do plástico, alcançando uma diminuição de 21% nos seus 17 SKUS (Stock Keeping Unit, ou número de referência único) principais, incluindo marcas como Planta e Becel. No caso da marca Tulicreme, uma redução de 31% foi atingida. "Isso permitiu, portanto, impactar positivamente o nosso planeta através da

utilização de embalagens mais sustentáveis", explica a empresa na candidatura.

Dada a ligação já estabelecida entre a pegada de carbono e o uso de plástico – a maioria acaba em aterros, rios e oceanos –, a Upfield visou contribuir para um planeta melhor. "É por isso que este projeto é de extrema importância e está em linha com as crenças fundamentais da Upfield e com a recentemente publicada estratégia de Environmental, Social and



Ao reduzir o plástico nos produtos, a empresa estimula os consumidores a escolher marcas mais amigas do ambiente.

do Center for International Environmental Law, divulgado em 2019, concluiu que até 2050, quando a produção de plástico deverá ter triplicado, será responsável por até 13% do budget total de carbono do nosso planeta.

PORTUGAL TEM UM LONGO CAMINHO A PERCORRER

Com um consumo anual de 721 milhões de garrafas de plástico (entre outros plásticos), Portugal tem um longo caminho a percorrer, esclarece a Upfield, explanando que, como apenas uma pequena parte desse plástico é reciclado, a maior parte acaba em aterros, rios e oceanos. "Portanto, uma redução de 21% no uso de plástico por parte da Upfield Portugal é um grande passo para a redução da sua pegada de carbono."

A redução de resíduos de plástico, garantindo a diminuição do seu uso, está em linha com



Empresa: **Upfield Portugal**

Nome do projeto:

Redução de Plástico

Data de início: 01/01/2021

Data de conclusão: 30/06/2021

Principais beneficiários da iniciativa:

consumidores, num contexto mais local, mas, de uma forma mais ampla, também o meio ambiente.

QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA

Indústria, inovação e infraestruturas

Produção e consumo sustentáveis

Ação climática

Governance (ESG) da empresa." Um relatório

produtos portugueses foram impactados

de redução de plástico foi alcançado

MILHÕES de garrafas de plástico são consumidas por ano em Portugal

a recentemente publicada estratégia de Environmental, Social and Governance (ESG) da Upfield, e com a sua visão de "Um melhor futuro plant-based". "A sustentabilidade social é um modo de gerir de forma proativa os impactos das empresas, nomeadamente nos clientes e na cadeia de valor." Nesse sentido, diz a empresa, essa redução de 21% do plástico - e, portanto, a redução da pegada de carbono traz um impacto positivo. "Ao reduzir o plástico nos nossos produtos, estamos a estimular os consumidores a escolher marcas mais amigas do ambiente e, dessa forma, a ajudar o planeta."

INVESTIMENTO COMPENSOU

Quanto à relação entre benefícios gerados e custos da iniciativa, a empresa não tem dúvida de que o investimento em fábrica e em novas "artworks" compensou amplamente, através da já referida redução de 21% no plástico e do cumprimento do objetivo da Upfield.









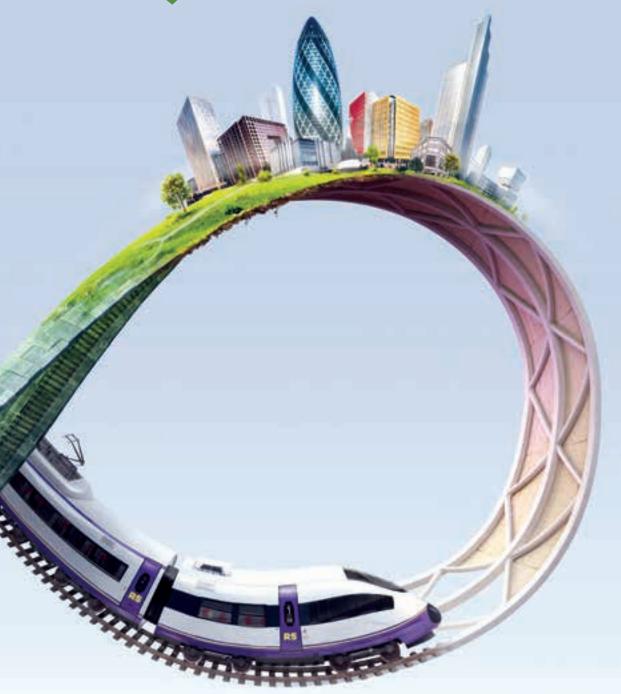
EM BUSCA DE UM MUNDO



...E TUDO SE



EM QUE NADA SE PERDE



TRANSFORMA



Extraímos recursos e transformamos os materiais em produtos que, uma vez chegados ao fim da sua vida útil (ou mesmo antes), descartamos.
Embora haja urgência, romper esse círculo vicioso sem mudanças de paradigma e políticas favoráveis, como incentivos, torna-se num desafio ainda maior. E, com cadeias de valor cada vez mais complexas, sem fronteiras.

Diana do Mar



stá longe de ser animador o panorama da economia circular no mundo. Pelo menos a avaliar pelo mais recente "Circularity Gap Report", que aponta para um recuo na taxa de circularidade para 8,6% em 2020 – contra 9,1% dois anos antes. Isto numa altura em que o planeta ultrapassou a linha vermelha dos 100 mil milhões de toneladas de materiais por ano. E o cenário tende a agravar-se, já que, segundo projeções da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), esse consumo vai ascender a 167 mil milhões de toneladas por ano até 2060, traduzindo-se num grave impacto ambiental, atendendo a que dois terços das emissões de gases com efeito estufa resultam da extração, produção e utilização de recursos materiais (primários e secundários).

Não obstante, "se duplicarmos a taxa de circularidade, podemos reduzir as emissões de forma significativa, o que nos vai ajudar a atingir as metas traçadas no Acordo de Paris", diz Tamara Veldboer, especialista da Circle Economy, organização que elabora o relatório que mede o pulso à circularidade e para a qual pôr as duas agendas — a da economia circular e a do clima — a funcionar em simultâneo permitiria limitar o aquecimento global a um valor "bem abaixo" dos 2 °C até 2032.

SEM FRONTEIRAS

Estimativas apontam, no entanto, que, a manter-se o atual ritmo, serão precisos recursos de até três planetas para sustentar o nosso estilo de vida atual. Só para se ter uma ideia, como alerta um relatório recente da OCDE, a produção anual e o volume de resíduos de plástico duplicaram em duas décadas (entre 2000 e 2019).

Para Tamara Veldboer, em termos globais, a maior responsabilidade na transição para uma economia circular recai sobre o hemisfério norte, dado que tem maior pegada ambiental. "No Sul são, por inerência, mais circulares e acima do que alguma vez seremos capazes de voltar a ser. Temos mais dinheiro para mudar, mas também maiores necessidades de o fazer." A estratega sénior para a circularidade da Circle Economy, com sede nos Países Baixos, ressalva, no entanto, que num mundo de emaranhadas cadeias de valor, as fronteiras acabam por pouco importar: "Será um pouco duro dizer à China para extrair menos recursos guando grande parte dos produtos vai ser consumida na Europa. Ao fim ao cabo, a economia circular é também sobre alterar cadeias de valor, muitas vezes focadas na redução do custo em detrimento da criação de valor." "Vivemos todos no mesmo planeta e queremos usar os mesmos recursos, mas podemos ter uma abordagem mais colaborativa", reforça Tamara Veldboer, para quem a atual realidade desperta sentimentos mistos: se, por um lado, há alento na "vontade crescente de muitas empresas em mudar a forma como operam" e "uma maior tração sobretudo em termos de qualidade das iniciativas", por outro, instala-se o desânimo com "as notícias de novos investimentos na extração de petróleo ou em fábricas de plásticos".





O mundo consome mais de 100 mil milhões de toneladas de materiais por ano.

A produção anual e o volume de resíduos de plástico duplicaram entre 2000 e 2019.

PRODUTOS MAIS DURADOUROS E RECICLÁVEIS

De uma perspetiva geral, a especialista defende políticas mais favoráveis à mudança, num quadro de maior diálogo com os governos, assim como uma maior aposta a montante: "As empresas devem pensar como tornar os produtos mais duradouros no tempo, em estender a sua vida útil e pensar como poderão voltar ao sistema. É muito importante pensar na conceção, porque 80% da diferença pode ser feita na fase do 'design', e que decisores políticos e agentes económicos falem mais uns com os outros e que se premeie quem quer mudar, em vez de definir uma política aplicável a todos."

MATÉRIA PRIMA BARATA NÃO AJUDA À RECIRCULAÇÃO DE PRODUTOS

Como um dos principais obstáculos a uma economia mais circular identifica desde logo "o facto de os materiais virgens serem muito mais baratos do que os reciclados ou feitos a partir de matérias secundárias", o que é particularmente relevante, quando "grassa ainda muito a mentalidade de quão cara ou barata é determinada coisa". Esse é também um ponto relevante para António Lorena, que dá o exemplo de Portugal:

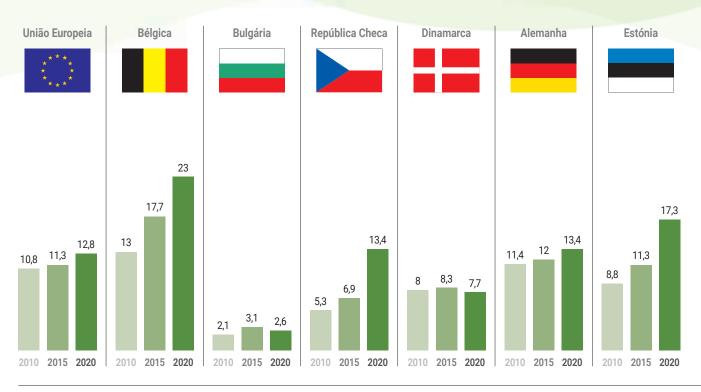
"Há muita indústria extrativa e a extração de materiais é muito barata, o que faz com que o mercado esteja, de alguma forma, enviesado e não valorize as opções de reciclagem." O consultor para a economia circular da empresa 3drivers pega, aliás, num caso prático: "Quando queremos produzir betão usamos cimento misturado com agregados. Podemos usar reciclados – que são, no fundo, resíduos de construção e demolição de outras obras –, mas custa quase o dobro comparando com material agregado virgem extraído de uma pedreira." E, quando assim é, "não há nenhum racional económico para apostar em soluções de qualidade", lamenta.

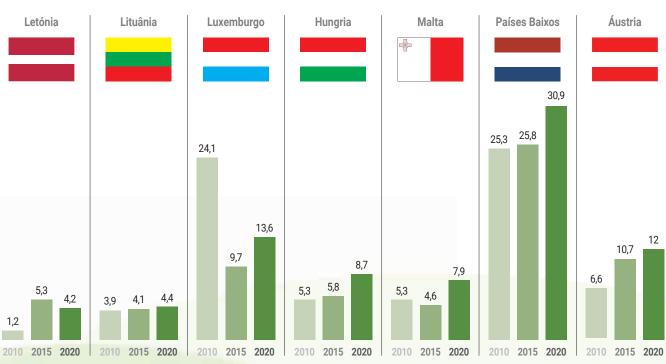
Para António Lorena, na equação da economia circular entram duas classes importantes de materiais, a começar pelo que a União Europeia designa de matérias-primas críticas. E as perspetivas não são famosas: "Há estudos que demonstram que corremos o risco de não ter as matérias-primas para a descarbonização da economia — o desígnio da nossa geração —, isto é, as terras e os metais raros que utilizamos para produzir painéis fotovoltaicos, transformadores de turbinas eólicas ou baterias de lítio. Ou seja, temos de encontrar origens fora da extração do meio natural, o que evidencia a grande importância dos resíduos elétricos e eletrónicos." Para o especialista, os recursos biológicos também ocupam lugar de destaque. "Os resíduos alimentares e da agroindústria têm um potencial enorme para produzirmos energia renovável e que andamos a perder", diz, também num olhar direcionado ao universo português.

Olhando às estimativas do Eurostat, na União Europeia a taxa de circularidade aumentou para 12,8% em 2020. Portugal figura na cauda do bloco, com a segunda taxa mais baixa, com apenas 2% de recursos materiais provenientes de resíduos reciclados (ver tabela). Especialistas alertam, no entanto, que este tipo de indicadores pode ser redutor e refletir, por exemplo, quantidade em detrimento de qualidade. "Discutir se temos uma taxa de circularidade de X e os países nórdicos de Y é uma conversa vã e pensar muito a curto prazo, porque estamos todos muito longe dessa realidade", conclui António Lorena.

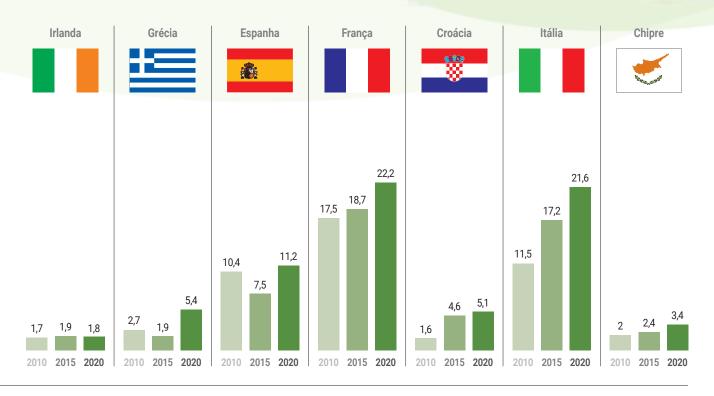


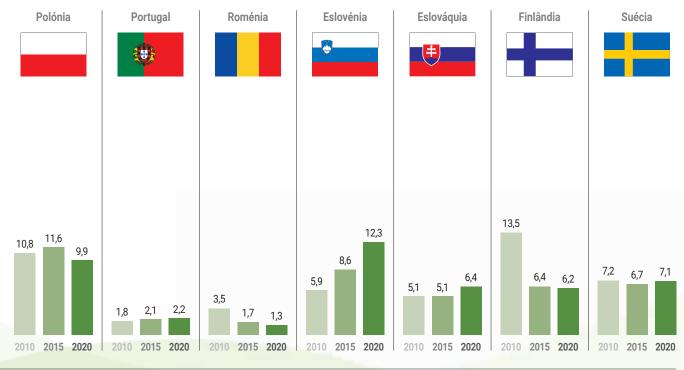
TAXA DE CIRCULARIDADE NA EUROPA











Fonte: Eurostat



JOAN MARC SIMON

"ECONOMIA CIRCULAR REQUER MUDANÇA DE MENTALIDADE DE TODOS"

Dos decisores políticos aos empresários, até aos consumidores, todos têm de mudar a forma de pensar para que a economia circular deixe de ser uma utopia. É o que defende o diretor executivo da Zero Waste Europe, Joan Marc Simon, afastando a ideia de que sustentabilidade e crescimento económico não são necessariamente incompatíveis.

ual é o estado de arte da economia circular? Como compara a Europa com o resto do mundo? Atualmente, a Europa encontra-se num estágio de planeamento, ou seja, fala mais do que aquilo que põe em prática. De acordo com o "Circularity Gap Report", o mundo é cada vez menos circular. Em 2018, a taxa de circularidade era de 9,1% e, em 2021, caiu para 8,6%. Por outras palavras, 90% dos materiais extraídos são desperdiçados. Na Europa, estima-se que a taxa de circularidade ronde os 12,8%, o que é ligeiramente superior ao resto do mundo, mas convém não nos esquecermos de que a Europa não tem muitos recursos e, considerando o quão dependente é do resto do mundo, seria de esperar que isso se traduzisse numa elevada taxa de circularidade. mas afinal tal não acontece.

Que estratégias deviam ser ajustadas ou implementadas para impulsionar a economia circular? Que países europeus têm um melhor desempenho e por que razão? Identifica uma relação direta óbvia entre maiores taxas de circularidade e níveis mais elevados de riqueza?

A riqueza de um país, para o mesmo nível de recursos naturais, é proporcional à forma como é gerida, pelo que, a meu ver, o principal fator

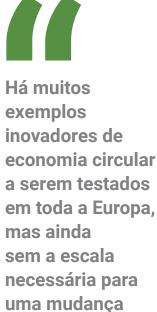
que explica bons resultados no plano da circularidade não é a riqueza, mas antes a boa governação e a tradição de abraçar a mudança e a inovação. É claro que, em todo o lado, a política desempenha um papel e mudar é sempre difícil porque abala o "status quo" e desafia interesses económicos. Em termos genéricos, noto que nos países do Norte da Europa, quando as provas científicas são claras, as instituições adaptam-se à nova realidade e criam espaço para a inovação fluir e gerar empregos e atividade económica. No Sul, os governos são muito mais fechados a novas realidades e, mesmo quando há evidências da ciência e uma direção política da Europa que existe há décadas, vemos pouco movimento. Isto explica por que razão nações como os Países Baixos, França ou Alemanha são muito mais avançados do que Espanha, Itália ou Grécia ao nível da circularidade.

Quais são os principais obstáculos à economia circular? O que precisa de ser feito para ultrapassar esses desafios?

A economia circular requer uma mudança de mentalidade de todos – dos decisores políticos, empresários e investidores, a produtores e a consumidores. E esta mudança precisa de ser adotada a todos os níveis. Vejo muitos governos e indústrias, sobretudo no Sul da Europa, que tratam a economia circular como propaganda exage-







percetível a nível

macro.

rada e a sustentabilidade como nada mais do que uma forma de rebatizar o "negócio como de costume". No entanto, a economia circular tem uma agenda concreta e tem resistido bastante bem à lavagem "verde" e é a chave, porque não versa apenas sobre o ambiente, como outras tendências, mas é antes uma estratégia para reindustrializar a Europa. Para que a economia circular vinque, precisamos de ter os impulsionadores certos, a nível jurídico e económico, tanto no plano nacional como europeu, assim como uma nova forma de compreender o financiamento. Necessitamos também de funcionários públicos que deixem de olhar a inovação como um fardo para gerir e comecem a atuar como facilitadores nesta transição, de empresários com vontade de inovar e do tecido social adequado para permitir que cresçam e prosperem. Por último, mas não menos importante, precisamos que os cidadãos exijam às instituições e à indústria acesso a produtos e serviços circulares, não tóxicos e isentos de carbono.

Que papel desempenha o setor das empresas de gestão de resíduos e de reciclagem?

Nós produzimos muito lixo e isso é apenas um sinal de como o sistema está danificado. A maioria dos resíduos que geramos são

produtos ou embalagens que utilizamos apenas uma vez e descartamos. O facto de mais de 95% do valor da embalagem se perder minutos depois do uso diz muito sobre o problema e, ao mesmo tempo, sobre a solução. Apesar da ubiquidade da narrativa da reciclagem nas nossas vidas, a verdade é que fechar o ciclo continua a ser uma utopia. No entanto, a culpa não deve recair sobre a reciclagem, mas antes sobre aqueles que põem produtos e embalagens no mercado que não estão concebidas para a reciclagem em ciclo fechado e que, portanto, podem estar carregadas de substâncias tóxicas. A reciclagem desempenha um papel fundamental em garantir que os materiais são reintroduzidos na economia e devia ser alargada e apoiada. Com efeito, a chave para a economia circular não está somente em fechar o ciclo, mas antes em assegurar que os produtos e os materiais duram mais antes de se tornarem resíduos. Quase todas as novas políticas da União Europeia discutidas em Bruxelas em torno da economia circular são sobre aumentar a durabilidade, reutilização, reparação e reciclabilidade, porque hoje em dia sabemos que reciclar por si só nos vai levar para uma taxa de circularidade de 20 ou talvez 30% dos atuais 12%, pelo que ganhos além disso precisam de advir de uma forma diferente de produzir e consumir.



A chave para a economia circular não está em fechar o ciclo, mas antes em assegurar que os produtos e os materiais duram mais antes de se tornarem resíduos.

No que toca aos consumidores, ainda estamos numa fase de sensibilização? Como impulsionar um maior contributo para a mudança?

A disrupção nas cadeias de abastecimento e os crescentes preços da energia tornaram a economia circular real para a maioria dos europeus – sentem-no no próprio bolso! Quando os recursos se tornam escassos, a durabilidade, a reutilização e a reciclabilidade mostram ser menos desvantajosas do que eram no passado. A minha experiência é a de que os cidadãos entendem o conceito de economia circular, mas talvez não nestes exatos termos, razão pela qual usamos a expressão zero desperdício. Os cidadãos talvez não sejam tão recetivos às terríveis perdas em matéria de biodiversidade ou às alterações climáticas, mas importam-se com a escalada do preço da eletricidade, com a poluição causada pelo plástico ou com o facto de a exposição a químicos tóxicos ter reduzido a nossa fertilidade em 50% em 50 anos. Se explicarmos bem, as pessoas compreendem e estão dispostas a mudar. Veja-se a adoção do sistema de depósito de embalagens de bebidas: a indústria tem vindo a adiá-la, mas o apoio dos cidadãos a este sistema manteve-se sempre forte. Quando se dá a escolha certa, usando os incentivos económicos adequados, os cidadãos aderem. O que está condenado ao fracasso é esperar que os cidadãos façam um esforço adicional e paguem mais para salvar o planeta. Assim, enquanto o sistema estiver ligado ao descarte, nada vai mudar, pelo que precisamos de uma nova mentalidade política e industrial.

É o crescimento económico compatível com a sustentabilidade?

Que tipo de benefícios, em termos de rendimentos ou de empregos, pode a Europa retirar da adoção de princípios da economia circular? Estou convencido de que é possível ter atividade económica que construa resiliência e capital natural em vez de destruir a base da nossa existência. Caso contrário estávamos implicitamente a pôr a economia à frente da nossa própria sobrevivência. Precisamos de ter uma atividade económica, mas dissociada do uso de materiais e carbono. Isto não vai acontecer espontaneamente, pelo que ela carece de ser concebida para esse propósito. Nós, humanos, precisamos de fazer em menos de uma década o que a natureza fez em séculos de evolução. Não é uma tarefa fácil, mas os sinais de colapso ou de oportunidade estão lá para quem quiser ver. Não é por acaso que o CEO da BlackRock, Larry Fink, considera que as próximas 1.000

"start-ups" avaliadas em pelo menos mil milhões de dólares vão estar relacionadas com tecnologia climática. O único futuro possível é aquele em que a economia está alinhada com o ambiente.

Em que patamar gostaria de ver a Europa até ao final da próxima década?

Com toda a legislação e inovação vindouras nesta frente, em dez anos espero que a Europa tenha terminado o quadro regulamentar e de incentivos necessários para tornar a produção e o consumo circular e de baixo carbono a opção padrão, bem como ter "start-ups" na área da economia circular a ocuparem o espaço de que necessitam para serem a norma.

Que exemplos postos em prática na área da economia circular destacaria pela sua relevância ou inovação?

Aplicações de telemóvel como a Too Good To Go [que permite a compra, a preços mais em conta, do excedente de comida que restaurantes ou outros estabelecimentos não venderam] ou a Phenix [com um sistema idêntico, pensado para evitar o desperdício, mas não apenas o alimentar], a Wallapop [de compra e venda de produtos em segunda mão] e a BlaBlaCar [dedicada a boleias partilhadas] são bons exemplos de como utilizar a agenda digital para impulsionar a economia circular. No âmbito das embalagens, 24 dos 27 países da UE estão a lançar sistemas de depósito e reembolso das garrafas de plástico e literalmente centenas de "start-ups" estão a testar soluções para a reutilização. Há muitos exemplos inovadores de economia circular a serem testados em toda a Europa, mas ainda sem a escala necessária para uma mudança percetível a nível macro. No entanto, a mudança está em curso.

Mas identifica passos relevantes por parte de intervenientes como grandes empresas? Em que setores?

Todos os principais "players" na maioria dos setores na Europa falam da economia circular, havendo mais progresso nuns do que em outros. Atendendo à crise da poluição causada pelos plásticos, vejo grandes poluidores como a Coca-Cola ou a Pepsi a levarem a agenda da circularidade muito a sério e a apoiarem soluções reais como embalagens de recarga e sistemas de depósito. A indústria têxtil tem um grande desafio pela frente dado o seu histórico incrivelmente fraco na sustentabilidade e circularidade, mas vejo um compromisso para a mudança do paradigma de "fast fashion" [moda rápida], mesmo que o caminho ainda não seja claro. Por outro lado, vejo o setor automóvel ficar para trás, principalmente porque o rumo escolhido é passar do motor a combustão para o elétrico, em vez de olhar para a mobilidade como um todo. A Europa precisa de abordar a mobilidade, mas o setor automóvel desempenha um papel tão relevante nas nossas economias que esta transição não será fácil. A construção é outro setor crucial e com a produção de cimento e betão a ser energeticamente tão intensiva e ainda não reutilizável ou adequadamente reciclável, precisamos de ver a habitação como um todo, olhando para os materiais, mas também para onde e de que forma as pessoas vão viver num futuro próximo. Em suma, necessitamos de construir abordagens e soluções que sejam flexíveis e adaptáveis a um futuro muito imprevisível. Estamos a experienciar a transição económica mais rápida das nossas vidas e, sem estruturas flexíveis, será difícil navegar por ela.





Não dispensa a consulta da informação pré-contratual e contratual legalmente exigida. Seguradora registada na ASF com o código 1028.





PORTUGAL AVANÇA, MAS BONS EXEMPLOS CONTINUAM À PROCURA DE ESCALA

Portugal tem rumado em direção a uma maior circularidade, mas tem um longo caminho a percorrer. Embora haja cada vez mais negócios criados da raiz da economia circular, deparam-se com o obstáculo de ganhar escala.

Diana do Mar







Não devemos ter medo de discutir incentivos diretos à indústria da reciclagem, de a promover como a outros, como o têxtil, que têm acesso a pacotes de investimento.

António Lorena, consultor para a economia circular

Plano de Ação para a Economia Circular (PAEC). O tema entrou na agenda política, mas também empresarial, com cada vez mais agentes do tecido económico a expressarem interesse em incorporá-lo na forma como operam. Se, por um lado, há novos negócios a florescer mas com dificuldades em ganhar escala, por outro, existem áreas-chave, como o têxtil, em que há "muito potencial" a explorar para que a semente da economia circular venha realmente a dar frutos, defendem especialistas.

Para Rita Lopes, investigadora no CENSE – Centro de Investigação em Ambiente e Sustentabilidade da Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade Nova –, há progressos em toda a linha, a começar pelas políticas públicas. Depois de o PAEC ter "posto a mexer", a partir de 2017, uma série de setores, "temos vindo a assistir não só a avanços em diferentes áreas, como também ao lançamento de outras políticas relacionadas", sinaliza Rita Lopes. No elenco, a académica inclui o Plano de Ação para a Bioeconomia Sustentável e o da Construção Circular, "em desenvolvimento", mas também o próprio roteiro para a neutralidade carbónica, a par com a inclusão de componentes no Programa de Recuperação e Resiliência (PRR) ou a Estratégia Nacional para as Compras Públicas e Ecológicas, em revisão.

António Lorena subscreve que Portugal teve um "posicionamento interessante" com o PAEC e que a estratégia mobilizou os agentes privados, conduzindo a "muitos avanços". Prova disso, diz o consultor da 3drivers, é que "todas as grandes associações empresariais têm projetos relacionados com a economia circular"..

INCENTIVAR SEM MEDOS

No entanto, para António Lorena, "Portugal tem agora, claramente, a oportunidade de implementar outro tipo de políticas, talvez um pouco mais agressivas de promoção da economia circular". "Não devemos ter medo de discutir incentivos diretos à indústria da reciclagem, de a promover como a outros, como o têxtil, que têm acesso a pacotes de investimento", aponta o consultor, para quem outro "contributo interessante" por parte do Governo pode ser dado através de uma melhor gestão dos resíduos urbanos, área em que "Portugal tem um longo caminho a percorrer", já que "dentro do espetro europeu tem baixas taxas de reciclagem desta importante fileira", reforça.

Rita Lopes também concorda que, em termos genéricos, haver "incentivos para empresas que adotem estratégias mais circulares, que mudem o seu modelo de negócio no sentido de fechar cadeias de valor, é claramente uma das medidas para acelerar



Há um crescente
número de empresas
que surgem do próprio
conceito circular e
partem de raiz com
esse modelo de negócio
a pensar na redução
de desperdício e em
perpetuar os ciclos
Rita Lopes, investigadora



a transição". A investigadora alarga, aliás, o leque às câmaras municipais que, a seu ver, devem ser "premiadas" por porem em marcha iniciativas mais circulares, ao mesmo tempo que chama a atenção para a importância de projetos-piloto. "É preciso uma maior aposta no investimento em investigação pelo que a capacidade de empresas e de municípios de testar se uma ideia traz benefícios aos cidadãos, se vai reduzir emissões ou consumo de materiais e se irá permitir maior incorporação de matérias secundárias, é também um caminho importante", sustenta.

CRESCENTE INICIATIVA PRIVADA

Do lado da iniciativa privada, a investigadora do CENSE sinaliza um interesse notório. "Por um lado, há uma tentativa das que já existem de se tornarem mais circulares, seja através da utilização de subprodutos ou de sinergias e simbioses industriais, por outro, há também um crescente número de empresas que surgem do próprio conceito circular e partem de raiz com um modelo de negócio a pensar na redução de desperdício e em perpetuar os ciclos", avalia. O consultor para a economia circular ressalva, no entanto, que, apesar de relevantes, grande parte dos bons exemplos se deparam com "a dificuldade em escalar". "Podem não ter ainda grande expressão, mas são essas iniciativas inspiradoras que vão mudar todo o enquadramento. É a transição que temos de fazer: transformar pequenas soluções em grandes soluções." Já outras terão à partida outro tipo de impacto, como é o caso da reciclagem de baterias de lítio: "Há uma manifestação de interesse de vários 'players' em instalar unidades de reciclagem do chamado 'ouro branco' e, com o aumento dos veículos elétricos, este tipo de

projetos é que nos vai permitir transitar para uma economia mais circular", vaticina António Lorena, para quem "a nova indústria extrativa é a indústria da reciclagem".

Outra indústria com "enorme potencial de exploração" para uma maior circularidade é a têxtil, defende Rita Lopes. "É importante pelo impacto negativo, já que é uma das mais poluentes a nível mundial, e sendo um 'cluster' com tradição forte em Portugal, acho que se poderia reinventar por aqui", diz.

"A indústria têxtil precisa e está a investir muito na reciclagem, mas não tem estado a acompanhar países como Alemanha, França ou Espanha", complementa o consultor da 3drivers, defendendo que, através do desenvolvimento dessa atividade, "Portugal se podia posicionar no contexto europeu como reciclador em vez de até importar resíduos para depositar em aterro, como acontece em alguns casos".

Além do vestuário e calçado, Rita Lopes estende o catálogo de áreas cruciais para fazer acontecer a transição para uma economia circular a "outros bens de consumo rápido". Será o caso dos aparelhos eletrónicos, um segmento em que Portugal figura aquém, "com uma taxa de recolha e reciclagem de resíduos de equipamentos elétricos e eletrónicos de 20% contra a média europeia de 65%", lamenta António Lorena.

Para Rita Lopes, emerge também como "fundamental" olhar não só a jusante, mas também a montante, ou seja, "para tudo o que seja o próprio desenho do processo, o chamado 'ecodesign', pensando o produto ou o serviço não apenas até ser vendido, mas também, depois, na sua utilização e descarte e, portanto, na sua eliminação final e na forma de o reintroduzir".



CONTINENTE



HELENA PEREIRA

Presidente da Fundação Ciência e Tecnologia

ANTÓNIO MIGUEL FERREIRA CEO da Claranet Portugal

ANTÓNIO NOGUEIRA LEITE Economista EMÍDIO PINHEIRO

ISABEL FURTADOPresidente da Direção
COTEC Portugal

PRESIDENTE DO JÚRI



A economia
circular tem hoje
um duplo papel
de instrumento
operacional para
a sustentabilidade
e de objetivo
conceptual para
o funcionamento
das sociedades
atuais que se
preocupam com
o futuro da nossa
vida no planeta.



Para garantir a melhor qualidade de vida possível à nossa sociedade. temos de trabalhar em prol de um planeta mais sustentável, incluindo, entre outras iniciativas, a dinamização da economia circular. É possível conseguirmos uma maior eficiência ambiental.



A atividade empresarial deve pautar-se pelo princípio da sustentabilidade das suas práticas, seja na vertente de continuidade de negócio, seja na minimização dos impactos sobre o meio ambiente ou por via da adequada consideração do meio social em que se integra.



A economia circular é um tema incontornável em qualquer projeto, negócio ou desafio, não só para quem trabalha diretamente com os temas ambientais, mas para todos os setores de atividade. Tem de ser parte do nosso ADN.



A categoria da
economia circular
do prémio irá
trazer-nos novas
soluções para
sistemas industriais
mais regenerativos
na utilização de
energia e matériasprimas e assim
alinhados com
os Objetivos de
Desenvolvimento
Sustentável.

Nesta categoria foram aceites iniciativas, serviços ou produtos que resultam em inovação nas áreas de conceção, design, produção, distribuição e consumo, através da aplicação de princípios de economia circular ao longo do ciclo de vida de um produto, promovendo a recolha, reutilização, tratamento/reparação, upgrade, renovação, reciclagem e reaproveitamento.

Foram valorizadas iniciativas que promovam uma maior eficiência ambiental da cadeia logística (através ou não da introdução de princípios de economia circular), promovendo a redução/reutilização e a reciclagem de resíduos. Novos modelos de negócio que promovam a extensão da vida útil do produto, a partilha e o produto como serviço (privilegiando o uso em vez da propriedade) serão também elegíveis.

JOÃO CASTELLO **BRANCO**

Presidente do BCSD e Chairman, The Navigator Company

JOSÉ SOARES **DE PINA** CEO da Altri

LUÍS FILIPE DE **CASTRO HENRIOUES**

Direção-Geral ENV Presidente da AICEP





A evolução do mundo atual exige um enfoque cada vez maior na transição de uma economia linear para uma circular. Da passagem de uma economia baseada em materiais e matérias-primas finitas, para materiais de origem renovável e reciclável, e em especial neutros em carbono.



A importância da economia circular está cada vez mais enraizada na sociedade e também nas empresas. De norte a sul do país, muitas são as empresas que já incorporam a economia circular na sua atividade diária, criando soluções e produtos inovadores mais sustentáveis.



PAULO LEMOS

A economia circular é um fator essencial para a competitividade e resiliência dos países e das empresas ao reduzir a necessidade de matérias-primas. Sem uma transição para uma economia mais circular será muito difícil atingir as reduções de gases com efeito de estufa necessárias para cumprir os objetivos do Acordo de Paris.



UM NOVO PARADIGMA DE SUSTENTABILIDADE À GESTÃO DE LAMAS BIOLÓGICAS

O projeto da Agristarbio pretende demonstrar a capacidade e viabilidade da produção, a partir de lamas biológicas e chorumes, de fertilizante organomineral com grande performance, eficiência, baixa pegada de carbono e promotor de solos saudáveis.

A iniciativa "Completar o Ciclo dos Nutrientes e Carbono na Agricultura e Silvicultura" pretende demonstrar a capacidade e viabilidade da produção, a partir de lamas biológicas e chorumes, de fertilizante organomineral com grande performance, eficiência, baixa pegada de carbono e promotor de solos saudáveis. Nesse processo, explica a Agristarbio, promotora deste projeto, é reciclada a totalidade da matéria orgânica e nutrientes e ajustado o equilíbrio de nutrientes NPK, de acordo com as necessidades do agricultor ou produtor florestal, fazendo deste fertilizante um substituto perfeito para o fertilizante de síntese ou químico de mercado.

A tecnologia está pronta para o seu lançamento no mercado e o fertilizante registado com a marca Ferteen já tem autorização de venda no mercado português. "Falta incrementar a capacidade de secar, granular e de packaging, questão que será ultrapassada ao completar-se a primeira unidade industrial durante o ano de 2022", explica a empresa na sua candidatura. Ainda durante 2022, deverá ser contratualizada uma unidade de produção de fertilizante líquido e granulado a partir de efluente suinícola. A Agristarbio menciona ainda que foram realizados testes com fertilizante produzido por serviços da Altri Florestal para a produção de eucalipto e pela Escola Agrária de Santarém para a produção de milho e alface com significativo sucesso.

FERTILIZANTE RICO EM MATÉRIA ORGÂNICA

Na sua candidatura, a empresa afirma que pretende trazer um novo paradigma de



A tecnologia da Agristarbio é disruptiva em vários aspetos, sendo um dos mais importantes o seu design modular. sustentabilidade à gestão de lamas biológicas e fertilização dos solos agrícolas, ao completar o Ciclo dos Nutrientes e do Carbono. Foi precisamente para isso que desenvolveu a tecnologia necessária para produzir fertilizante organomineral, a partir de lamas biológicas e chorumes com origem em ETAR urbanas, agroindustriais e agropecuárias, reciclando todo o carbono e todos os nutrientes, num processo realizado em ambiente fechado, pressurizado, sem perdas de carbono ou subprodutos.

O fertilizante produzido é rico em matéria orgânica (até 60% M.O.), resistente à lixiviação de nutrientes para a água, volatilização de





azoto/nitratos para a atmosfera e promotor da microbiologia, revertendo a degradação dos solos e aumentando a sua produtividade. A iniciativa tem aplicação exemplar no ciclo da floresta e da produção de pasta de papel, ao utilizar lamas biológicas das fábricas de papel para produzir fertilizante organomineral que será utilizado na floresta, devolvendo matéria orgânica e diversos macro e micronutrientes à floresta, de onde se destacam o azoto e o cálcio.

No ciclo de produção e fertilização agrícola, a Agristarbio introduz uma nova circularidade na cadeia alimentar e pecuária, uma vez que produzirá fertilizante organomineral a partir de efluente suinícola, que permite a recuperação de 80% da água limpa, em estado de devolução ao meio hídrico ou uso agrícola. "Os sólidos diluídos serão utilizados para produção de fertilizante líquido e os sólidos suspensos para produção de fertilizante granulado, reciclando também a totalidade de nutrientes e matéria orgânica no processo."

OS IMPACTOS NO PILAR SOCIAL

Os impactos no pilar social são diversos, destacando-se as oportunidades de emprego criadas localmente, em que se prevê entre 8 e 10 postos de trabalho por unidade produtiva. "Referir ainda o tipo de trabalho especializado e técnico deste tipo de indústria, onde a formação contínua dos trabalhadores é fundamental em áreas como a segurança e a saúde no trabalho, prevenção e riscos de acidentes, manutenção de equipamentos, entre muitos outros."

AGRISTARBIC

Empresa: Agristarbio, Environmental Solutions, Lda.

Nome do projeto:
Completar o Ciclo
dos Nutrientes
e Carbono na
Agricultura e
Silvicultura

Data de início: **01/01/2021**

Data de conclusão: **31/12/2024**

Principais beneficiários da iniciativa:

produtor de resíduo/ lama orgânica, agricultores, populações que sofrem com os odores das explorações suinícolas, com águas contaminadas.

10
postos de trabalho por unidade produtiva

65%
dos constituintes
do fertilizante são
reciclados

TONELADA de fertilizante produzida por hora

QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA



84

9

Água potável e saneamento

Trabalho digno e crescimento económico

Indústria, inovação e infraestruturas

120

13

Cidades e comunidades sustentáve Produção e consumo sustentáveis Ação climática

eliminação dos cheiros de diversos processos produtivos, fontes de queixas permanentes das populações circundantes: acaba com as lagoas de deposição do efluente suinícola, fontes de emissões de gás metano, mas também, dos odores que se sentem a quilómetros e que muito incomodam as populações vizinhas. Permite ainda evitar as pilhas de estabilização e mineralização de composto, típicas dos centros de compostagem, também fontes de odores e cheiros difíceis de suportar. "Todo o processo de tratamento e produção de fertilizante é feito em ambiente fechado, mineralizando a matéria orgânica em menos de uma hora, eliminando os típicos e desagradáveis odores." Por fim, a Agristarbio refere a proteção das linhas de água, a recuperação dos riachos e rios para uso mais lúdico impactando significativamente na qualidade de vida das populações vizinhas.

ECONOMICAMENTE VIÁVEL

A empresa esclarece que a iniciativa tem custos e investimentos financeiros, mas o modelo de negócio e as fontes de receita são suficientes para que seja economicamente viável com vantagens significativas para quem adote a tecnologia. O caso da Agristarbio não exige um pagamento de qualquer prémio para que se tenha um produto mais ambientalmente sustentável. "A solução de produção de fertilizante a partir de lamas biológicas permite a obtenção de duas fontes de rendimento, ao resolver dois problemas: a gestão das lamas biológicas e o uso de fertilizante, ao fazê-lo altamente eficiente e promotor da saúde dos solos."



E DO PÃO NASCE CERVEJA

Uma ideia simples: pegar nas sobras do pão de lojas da ALDI Portugal e fazer cerveja. Assim nasceu a Bread Beer.



A proposta da ALDI Portugal não podia ser mais atrativa: a partir das sobras do pão das lojas desta marca, produzir cerveja. E, pela descrição da empresa, para além de saborosa, leve e refrescante, é também mais sustentável, uma vez que contribui para o combate ao desperdício alimentar, já que parte dos maltes habituais foram substituídos por pão. "O sucesso económico sustentável só pode ser alcançado se for assumida a responsabilidade pelas pessoas, pela natureza e pelo ambiente. Através das nossas ações nas empresas do grupo ALDI Nord, procuramos continuamente contribuir para um desenvolvimento sustentável onde quer que operemos", explica a empresa na sua candidatura.

A marca, que se apresenta como líder da distribuição a retalho, reconhece publicamente a sua responsabilidade nas cadeias de abastecimento globais e na utilização de recursos. "Ao longo de todas as cadeias de abastecimento, desde a aquisição de matérias-primas até ao processo de produção final, asseguramos que os critérios de sustentabilidade ambiental e social são tidos em conta".

Na proposta, a empresa candidata destaca que o manuseamento responsável dos alimentos

é especialmente importante para a marca. "A produção de alimentos requer recursos valiosos e gera gases com efeito de estufa prejudiciais para o clima. Desta forma, as perdas alimentares constituem um consumo desnecessário destes recursos e causam um impacto negativo sobre o clima." Assim sendo, o objetivo é evitar estas perdas nas próprias operações do grupo, passando por toda a cadeia de abastecimento até às casas dos clientes.

BREAD BEER É APENAS UM DOS PROJETOS

A ALDI Portugal tem implementado várias medidas e objetivos de combate ao desperdício alimentar. Um destes é a oferta de produtos produzidos a partir de excedentes alimentares, com o projeto Bread Beer a surgir como impulsionador desse objetivo.

Neste sentido, a cadeia de comércio a retalho juntou-se à Aldeana para produzir a cerveja a partir de sobras de pão das suas lojas. "Esta cerveja pode ser descrita como cerveja ruiva, de tons quentes, em que o pão e o malte são os protagonistas. Para além de leve e refrescante, esta cerveja é diferenciadora e mais sustentável, uma vez que contribui para o combate ao desperdício alimentar



A primeira disponibilização em todas as lojas da ALDI Portugal ocorreu a 11/08/2021, estando previstas novas comercializações.

através da substituição de parte dos maltes habituais pelo pão." Com este projeto, a marca pretende reforçar a valorização dos alimentos, mostrar as possibilidades de reutilização dos excedentes alimentares e inspirar os seus clientes a utilizarem as sobras alimentares de forma criativa.

ALDEANA APOSTA NOS INGREDIENTES NATURAIS

O parceiro Aldeana é uma cervejeira de identidade local, original do Montijo e inspirada na influência das cervejas belgas. Artesanal, tem uma abordagem mais tradicional usando apenas ingredientes naturais. Em 2017, lançou as primeiras edições que oficializaram aquilo que começou como um hobby. "Ao implementarmos estas medidas e mais concretamente este projeto, comprometemo--nos, uma vez mais, com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável 12 e 3 das Nações Unidas, de reduzir para metade o desperdício de alimentos per capita a nível mundial, de retalho e do consumidor, e reduzir os desperdícios de alimentos ao longo das cadeias de produção e abastecimento até 2030, posicionando-nos de forma clara, como uma entidade ativa no combate ao desperdício alimentar."

Aliás, para esta marca, o desperdício de géneros alimentícios não é só uma questão ética e económica, já que conduz a uma utilização excessiva dos recursos necessários para a produção e a uma poluição do clima através das emissões de gases com efeito de estufa daí resultantes. "Recursos como o solo, água, fertilizantes, energia para a colheita, transformação e transporte são desperdiçados. Isto significa que o desperdício alimentar tem um impacto direto sobre o clima", dizem na sua candidatura. "A Bread Beer permitiu--nos desenvolver um produto diferenciador que contribui para a redução do desperdício alimentar e, consequentemente, das emissões de CO₂. Para além disso, este projeto permitiu reduzir o consumo de recursos virgens dado que se recorreu à utilização de sobras de pão das lojas ALDI".





Empresa: **ALDI Portugal**

Nome do projeto:

Bread Beer

Data de início:

01/02/2021

01/02/2021

Data de conclusão: **11/08/2021**

Principais beneficiários da iniciativa:

consumidores portugueses.

QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA

12⇔

Produção e consumo sustentáveis

UNIÃO DE ESFORÇOS

O projeto foi criado pelo Departamento Corporate Responsibility, movido, diz a empresa, pela problemática do desperdício alimentar. Para a sua implementação, estiveram envolvidos vários departamentos da ALDI Portugal, como o departamento de compras, responsável pelo diálogo e negociação com o fornecedor, o departamento de vendas, responsável pela definição e alteração dos procedimentos necessários em loja, os colaboradores das lojas, que agilizaram todas as necessidades de armazenamento e acondicionamento da matéria-prima, o departamento de marketing e comunicação, responsável pelo branding do projeto e comunicação externa do mesmo, bem como a Aldeana, o parceiro para produção da Bread Beer.



Este projeto do Aeroporto Francisco Sá Carneiro, no Porto, permite que na zona de controlo de segurança os passageiros possam esvaziar as garrafas para reaproveitar a água recolhida e possibilitar a reciclagem das garrafas.

Simples e eficaz. É assim que a ANA define este projeto que tem como palco o Aeroporto Francisco Sá Carneiro, no Porto, e que consiste em permitir reutilizar a água das garrafas que não podem passar a zona de controlo de segurança, assim como potenciar a separação de resíduos na origem, com melhoria da separação e encaminhamento de plásticos para reciclagem. Assim, a iniciativa assenta no comportamento dos passageiros que, impossibilitados de transitar com as garrafas, são convidados a despejar os líquidos e a colocar as garrafas num recipiente próprio. "Nesse sentido, toda a iniciativa é um modo de sensibilização dos passageiros para a necessidade de reduzir consumos, reutilizar e reciclar, sempre que possível."

O projeto, que foi desenvolvido com base em recursos do aeroporto e teve um custo de 18.179 euros, permitindo, em média, a reutilização de 250 litros por dia. A taxa de reciclagem do plástico no Aeroporto do Porto ronda os 95%. A iniciativa permite, assim, reaproveitar a áqua das garrafas dos

18.179 EUROS custo da iniciativa

250 LITROS por dia reutilizados

95%
de taxa de reciclagem
de plástico

passageiros, aproveitando a oportunidade criada por questões de segurança aeroportuária (pela não possibilidade de passagem de garrafas contendo líquidos para o lado ar). Deste modo, a água é reaproveitada para usos menos "nobres", como seja a rega, lavagens e rede de incêndio, diminuindo o consumo desse mesmo recurso natural. "É ainda incrementada a separação de resíduos na origem, com a recolha e o encaminhamento de garrafas plásticas vazias para a miniestação de triagem no aeroporto, para posterior reciclagem. Assim sendo, incrementa-se a taxa de valorização de resíduos no aeroporto."

INICIATIVA REPLICADA NOS AÇORES

Esta iniciativa está a ser replicada no Aeroporto João Paulo II, em Ponta Delgada, com recolha de água para rega. Foi também instalado um sistema aproximado no Aeroporto de Lisboa, com o add on. Com efeito, neste aeroporto instalou-se um compactador solidário que consiste numa máquina de venda automática inversa para compactação de latas e garrafas

A água é reaproveitada para rega, lavagens e rede de incêndio, diminuindo o consumo desse mesmo recurso natural.

de plástico. Por cada embalagem depositada para reciclagem, o passageiro está a doar o valor a uma ação solidária. "De notar que a iniciativa está ainda a ser analisada para replicar em alguns dos aeroportos da rede VINC!", explica a empresa.

COMPROMISSO COM O AMBIENTE

Na sua candidatura, a ANA assume o ambiente como um elemento estratégico de gestão, comprometendo-se com a proteção deste, com as obrigações decorrentes de legislação, com a promoção da formação e consciencialização ambiental e com a procura da melhoria contínua. "É neste sentido que se integra a implementação de um conjunto vasto de boas práticas ambientais, as quais têm contribuído para assegurar a redução dos impactos e a melhoria do desempenho ambiental da empresa."

Neste caminho, e alinhados com o grupo VINCI, a empresa incrementou a ambição de ser melhor e mais sustentável num mundo em transição. "2021 tem sido um ano repleto de múltiplos desafios para o mundo e para a empresa, sendo, contudo, o ano em que a VINCI reafirmou o seu empenho com o ambiente".



Empresa:

ANA Aeroportos de Portugal SA

Nome do projeto:
Reutilização da
Água das Garrafas
na Zona de Controlo
de Segurança no
Aeroporto do Porto

Data de início: **02/03/2020**

Data de conclusão: **31/12/2030**

Principais beneficiários da iniciativa:

passageiros e Aeroporto Francisco Sá Carneiro.



Para isso, foi lançando para todos os aeroportos VINCI uma estratégia ambiental ambiciosa, com enfoque em três grandes áreas. Na energia e alterações climáticas, na economia circular e gestão de resíduos e, por último, a água e ambiente natural. Associadas a cada uma destas áreas, a empresa tem definidos objetivos e metas ambientais que aponta como "muito ambiciosas" para 2030. A ANA menciona a redução da pegada de carbono (âmbito 1 e 2, em cerca de 20.000 tonCO₂ equivalente aos valores de 2018) e em melhorar os níveis de acreditação no Airport Carbon Accreditation do Airport Council International, para além da redução de zero resíduos diretos para aterro, redução para metade dos consumos de água, manter a certificação ISO 14001 de todos os aeroportos do grupo e a promoção da biodiversidade enquanto é controlado o risco de acidente com aeronaves. "Esta estratégia apresenta uma trajetória compatível com a nova estratégia da ACI Europa para a neutralidade carbónica em 2030, netzero em 2050."



QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA

60

Água potável e saneamento



Cidades e comunidades sustentáveis



POTENCIAR POR 50 O ENVIO DE UMA ENCOMENDA

A CTT Eco Reutilizável quer ser a alternativa de embalamento para encomendas de e-commerce. E bastante mais sustentável, já que tem uma capacidade de resistência prevista até 50 envios.

Em junho de 2021, os CTT lançaram um projeto-piloto de embalagens reutilizáveis, na cidade de Lisboa, em colaboração com dois e-sellers portugueses. A denominada CTT Eco Reutilizável é apresentada como a alternativa de embalamento para encomendas de e-commerce, em Portugal. "Estas embalagens pretendem substituir as tradicionais embalagens de utilização única e têm uma capacidade de resistência prevista até 50 envios", explica a empresa na sua candidatura. Com a subscrição deste serviço por parte dos

Com a subscrição deste serviço por parte dos parceiros e-sellers, estes passam a ter acesso a embalagens reutilizáveis para acondicionarem os seus envios online. parceiros e-sellers, estes passam a ter acesso a embalagens reutilizáveis para acondicionarem os seus envios online. Já os compradores (e-buyers) poderão ter a opção de usar esta nova solução de distribuição, cumulativamente às já existentes.

Ao receberem uma encomenda com esta embalagem, os e-buyers podem devolvê-la em qualquer um dos pontos de contacto dos CTT: lojas CTT, Pontos CTT, diretamente ao distribuidor no ato de entrega da encomenda, ou nos marcos de correio para que a embalagem reinicie um novo ciclo de envio. Ao permitir um sistema de reutilização, esta embalagem constitui um passo importante no apoio à transição para uma economia circular, com particular impacto num mercado em expansão como o do comércio eletrónico.



DISPONÍVEL NO DISTRITO DE LISBOA

A empresa explica que a nova solução está atualmente disponível para o distrito de Lisboa, onde os CTT disponibilizam as embalagens aos e-sellers que queiram participar neste projetopiloto para que as utilizem na preparação das suas encomendas. "Numa fase inicial, efetuámos um trabalho árduo de procura e de teste de protótipos de embalagens reutilizáveis, junto de fornecedores nacionais. De forma colaborativa e próxima com o nosso fornecedor Placynt, chegámos à criação da solução atual, com a disponibilização de dois tamanhos de embalagens reutilizáveis, que lançámos para teste em ambiente real."

Neste momento, os CTT têm dois clientes de e-commerce portugueses muito empenhados na implementação de práticas sustentáveis a usá-las ativamente. "São eles a Näz, empresa de moda sustentável, 100% portuguesa, e a Sanjo, marca portuguesa de calçado desportivo, 100% nacional. A curto prazo, um grande retalhista internacional irá participar também no piloto."

500_{MIL} potenciais envios por ano

50%
taxa de devolução das embalagens
por parte dos clientes

1.200 embalagens em circulação

A empresa explica que compete a cada e-buyer que receba a sua encomenda numa embalagem Eco Reutilizável o papel mais importante de devolver a embalagem aos CTT. Ao devolver a embalagem, o comprador é recompensado com um voucher de desconto para utilização numa futura compra na loja online de origem da sua encomenda, além de contribuir para uma distribuição menos poluente.

A iniciativa promove a redução do desperdício associado às compras online e promove um modelo de economia mais circular, assente na sua reutilização. "O potencial desta solução é particularmente positivo ao ser aplicada a um mercado em expansão, como é o do e-commerce", defende a empresa.

500 MIL ENVIOS POR ANO

O promotor acredita que após a fase-piloto, este tipo de solução terá cada vez mais procura por parte dos clientes finais e dos retalhistas. "Temos vindo a sentir uma crescente procura por parte dos nossos clientes e-sellers por soluções mais sustentáveis." Se os principais clientes de e-commerce dos CTT prepararem uma pequena parte dos seus envios com estas embalagens, a empresa aponta para os 500 mil envios por ano, "o que significaria uma forte redução do desperdício associado às embalagens de uso único com benefícios ambientais muito positivos".

Aliás, o número de utilizações por embalagem é chave para a medição do sucesso desta solução, uma vez que a reutilização é o atributo diferenciador da embalagem CTT Eco Reutilizável. De momento, já conseguiram testar a circulação da mesma embalagem até um máximo de quatro ciclos, sendo que os CTT pretendem conseguir testar o potencial de 50 ciclos de utilização por embalagem, ao alargar esta solução a mais e-sellers e zonas geográficas.





Empresa: CTT –
Correios de Portugal
S.A.

Nome do projeto: Embalagens CTT Eco Reutilizáveis

Data de início: **01/07/2021**

Data de conclusão: **31/12/2041**

Principais beneficiários da iniciativa: todos os clientes de e-commerce que podem passar a receber as suas encomendas em embalagens reutilizáveis, os beneficiários são todos os cidadãos em geral.

"A taxa de devolução das embalagens por parte dos clientes é também um indicador relevante para medição do impacto desta solução, sendo que, atualmente, ronda os 50%."

É importante também referir que, até ao momento, os clientes que usaram a embalagem indicam estar muito satisfeitos com a experiência, sendo que mais de 97% indicam estar "satisfeitos" e 70% "muito satisfeitos".

A empresa avança que após a fase de piloto, será definido o modelo de negócio para esta solução, de acordo com o feedback recolhido durante o piloto junto dos vários intervenientes.

QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA

Cidades e comunidades sustentáveis **12**⇔

Produção e consumo sustentáveis



A MISSÃO DE LIDERAR A MUDANÇA NA LOUÇA DE MESA

O projeto Ecogrés+NG tem na sua génese os princípios da valorização de resíduos, reciclagem e economia circular, de forma a criar uma pasta cerâmica com as características de pastas de grés mais sustentáveis. O objetivo é validar o conceito de economia circular na indústria de louça utilitária.

O projeto que deu origem à linha de produtos Ecogrés, Ecogrés+NG, terminou em fevereiro de 2021, com todos os objetivos alcançados e na sua maioria ultrapassados, garante o promotor na sua candidatura. Os produtos desenvolvidos, Ecogrés (resíduos internos) e Ecogrés+ (resíduos internos + resíduos de indústrias não cerâmicas), encontram-se em fase de comercialização, no caso do primeiro, ou em fase de industrialização e apresentação do produto ao mercado, no caso do segundo.

Segundo a empresa, o sucesso comercial alcançado até ao momento - 900 mil euros de volume de vendas em 2021 - levou ao investimento na linha Ecogrés e nas suas potencialidades. "Está prevista a construção de uma nova unidade fabril de 14.000 m² focada na produção de pasta da linha Ecogrés." Esta unidade também será dotada de um laboratório e instalação-piloto de I&D, de forma a desenvolver novas formulações, potenciando resíduos industriais ainda não testados. Aliás, a empresa avança que o estabelecimento de contactos com diferentes parceiros industriais já foi iniciado, estando a ser desenvolvidos testes para validar esses resíduos como adequados à adição de pastas de grés, mantendo as suas propriedades.

VALORIZAÇÃO DOS DESPERDÍCIOS E RESÍDUOS

Basicamente, o projeto Ecogrés+NG pretende a valorização de grande parte dos desperdícios e de resíduos produzidos durante o processo produtivo da Grestel, como sejam as aparas de pasta, caco cru, lamas de Estação de Tratamento de Águas Residuais Industriais (ETARI) e pó de despoeiramento, e validar o conceito de economia circular na indústria de louça utilitária. Segundo a empresa, o atingir destes objetivos significa uma redução no consumo de matérias-primas, a redução de emissões de CO₂ e a valorização de resíduos que em última análise





Empresa: Grestel

Nome do projeto: **Ecogrés**

Data de início: **01/06/2018**

Data de conclusão: **28/02/2021**

Principais beneficiários da iniciativa: **todos os consumidores.**

seriam descartados em aterro ou calcinados nas cimenteiras. Para tal, a Grestel aliou-se ao Departamento de Engenharia de Materiais e Cerâmica/CICECO da Universidade de Aveiro, com trabalhos reconhecidos na valorização de resíduos/subprodutos industriais.

O projeto foi realizado em duas etapas. Na primeira etapa, o desenvolvimento foi centrado na formulação de uma pasta corada, na qual foram introduzidos todos os resíduos/subprodutos resultantes do processo de fabrico da Grestel. "A necessidade de corar a pasta prende-se com a necessidade de produzir peças com uma coloração uniforme entre produções, algo que seria difícil quando se adicionam diferentes resíduos, nomeadamente lamas de ETARI e pó de despoeiramento."

VALORIZAÇÃO DOS RESÍDUOS

A segunda etapa focou-se na incorporação de resíduos de outras indústrias, numa ótica de valorização desses resíduos, mas também na

Este produto pretende beneficiar as comunidades locais através da redução de resíduos em aterro.

procura de resíduos que pudessem conferir cor à pasta, com o mesmo objetivo da adição de pigmentos comerciais. Para tal, foram testados resíduos de diversas indústrias locais (Navigator, Grohe, Extrusal e Fapricela), tendo-se escolhido as lamas de anodização (Extrusal) e resíduos de trefilagem (Fapricela), por apresentarem um potencial económico e ambiental mais elevado, exigindo pouco ou nenhum pré-tratamento antes de serem utilizados.

Para além do impacto ambiental, a candidata garante terem sido identificadas vantagens económicas e comerciais. "A industrialização das melhores soluções permitirá responder às crescentes exigências do mercado, quer em termos estéticos quer em termos de sustentabilidade ambiental." Segundo dados fornecidos na candidatura, a nova pasta tem um custo inferior a uma pasta semelhante produzida com matérias-primas virgens. "A otimização da composição da pasta com a incorporação dos resíduos/subprodutos, atrás referidos, tornou possível a redução da temperatura de processamento, com os benefícios ambientais e económicos associados."

LIDERAR PELO EXEMPLO

O Ecogrés pretende liderar a mudança na louça de mesa, criando produtos cada vez mais sustentáveis indo ao encontro das expectativas já presentes em certos segmentos de mercado, relacionadas com a sustentabilidade ambiental e gestão dos recursos naturais. O desenvolvimento de um produto que na sua génese tem estas preocupações "irá contribuir para a perceção do consumidor da possibilidade de existência de alternativas relativamente à utilização de recursos, alertando para as possibilidades que a economia circular pode representar".

A nível ambiental, os produtos desenvolvidos no âmbito deste projeto apresentam várias vantagens, desde logo por evitarem o consumo de matérias-primas virgens ao incorporarem uma percentagem superior a 90% de resíduos e subproduto. Por outro lado, a redução da temperatura de cozedura em cerca de 2,6%, devido à incorporação de resíduos mais fusíveis, traduz-se numa redução do consumo de gás natural e de emissões de CO₂. "A valorização de resíduos de outras indústrias, permitiu a sua



14.000_{m²} numa nova unidade fabril

900 MIL EUROS de volume de vendas em 2021

200_{m²} de laboratório

incorporação em produtos de valor acrescentado, prevenindo o seu envio para aterro ou tratamento em cimenteiras".

O promotor destaca na sua candidatura que o desenvolvimento dos produtos Ecogrés também teve em consideração o design das peças, sendo utilizados princípios de ecodesing, como a produção de peças mais finas e com menos vidrado. Em ambos os casos, o objetivo é a redução do consumo de matérias-primas. Aliás, para a Grestel, a redução da quantidade de vidrado utilizada deve ser realçada, por este apresentar um impacto ambiental superior. Em termos de escalabilidade do projeto, pode ser replicado por toda a indústria cerâmica, assim como integrar diferentes indústrias. Mesmo, a nível interno, o sucesso do projeto levou ao já mencionado aumento de capacidade produtiva que se irá traduzir numa nova unidade fabril. "O objetivo final será ter uma estrutura física de referência que permita a integração de resíduos em pastas de grés, o que permitirá uma maior interação, e, logo, maior conhecimento entre setores muito diferentes que terão aqui um ponto de comunicação."



QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA

9 &

13

Indústria, inovação e infraestruturas Cidades e comunidades sustentáveis Ação climática



RECICLAR PARA CONTINUAR A IMPRIMIR

O Planet Partners é um programa gratuito de reciclagem de consumíveis e hardware, que permite aos consumidores ou empresas reciclarem estes bens de forma fácil, conveniente e consciente.

Uma das missões da HP é promover serviços responsáveis de fim de vida útil para os seus produtos. O programa HP Planet Partners, ativo desde 1991 e presente em 67 países, permite a clientes domésticos e empresariais devolver gratuitamente os seus tinteiros e toners HP para reciclagem em mais de 18.500 locais autorizados em todo o mundo. Um serviço que se estende a Portugal, disponível em vários parceiros HP e presente em mais de 150 lojas de retalho que se encontram por todo o país. Este programa faz particular sentido numa empresa que ao longo de 2020 fabricou mais de 4,9 mil milhões de tinteiros originais HP e Samsung, utilizando cumulativamente 125 mil toneladas de plástico reciclado, inclusive de tinteiros HP reciclados. Isto manteve, segundo contas feitas pela marca, 916 milhões de tinteiros HP originais, uns estimados 127 milhões de cabides e 5 mil milhões de garrafas de plástico pós-consumo fora dos aterros, os quais foram, em vez disso, reciclados para uma utilização contínua. "Com cada produto que é devolvido via HP Planet Partners, estamos a proteger o nosso planeta, garantindo que



Empresa: HP

Nome do projeto: **HP Planet Partners**

Data de início: **01/01/1991**

Data de conclusão: Não há uma data de conclusão prevista.

Principais beneficiários da iniciativa: todos os clientes e parceiros da HP que queiram reciclar os seus produtos de forma fácil e conveniente. estes produtos não acabam em aterros, e que o plástico recuperado desses produtos é utilizado para fabricar novos produtos", escreve a empresa na sua candidatura.

Em Portugal, nos últimos cinco anos, a marca recolheu e reciclou através deste programa cerca de 145 toneladas de tinteiros e toners originais HP. "A HP disponibiliza este programa de ciclo fechado para reciclagem de consumíveis a todos os seus parceiros e clientes, sem qualquer custo."

UMA ESTRATÉGIA DE IMPACTO AMBIENTAL

Este programa faz parte da estratégia de Impacto Sustentável da HP, que aborda os imperativos apresentados pelas mudanças climáticas e procura transformar a empresa e impulsionar uma economia mais eficiente e regenerativa, circular e com nível zero de carbono. Atualmente, 85% dos tinteiros originais HP contêm conteúdo reciclado pós-consumo e 100% dos toners originais HP contêm conteúdo reciclado pós-consumo ou pós-industrial. Através desta iniciativa, já foi possível aos





A HP continua empenhada a expandir o Planet Partners, trazendo mais parceiros para o programa.

clientes e parceiros do promotor reciclar 916 milhões de consumíveis, mantendo estes produtos fora dos aterros e, em vez disso, reaproveitar esses materiais para uso contínuo. "Nos últimos cinco anos, em Portugal, recolhemos perto de um milhão de consumíveis originais HP, representando 145 toneladas de material."

Ou seja, é uma iniciativa com forte impacto nas metas de sustentabilidade. Em apenas um ano, por via do uso de plástico reciclado em detrimento de novo, a marca garante ter conseguido uma redução de 60% do consumo de combustível fóssil, 39% da água utilizada e uma redução em média de 30% na pegada de carbono.

A HP compromete-se ainda nesta candidatura a atingir uma circularidade de produtos e embalagens de 75% até 2030.

O IMPACTO NO ECOSSISTEMA HP

O impacto sustentável é, para a HP, um imperativo de negócios que impacta várias dimensões, nomeadamente as vendas, com mais de um bilião de dólares, nas quais a sustentabilidade foi uma consideração conhecida, pelo segundo ano consecutivo. Depois, o impacto nos colaboradores, com o envolvimento de 53 mil funcionários HP que definiram metas de impacto sustentável como parte dos seus objetivos anuais. Por último, um impacto no canal, com mais de 50% dos parceiros HP Amplify a participarem ativamente em programas de sustentabilidade. "Incorporamos a sustentabilidade em todos os níveis na nossa empresa, a equipa de gestão

18.500 locais globalmente autorizados para reciclagem

150 lojas em Portugal

5,9 MIL MILHÕES de tinteiros originais produzidos em 2020 executiva, liderada pelo nosso CEO, mantém a responsabilidade pelo impacto sustentável como parte da nossa estratégia de negócios", escreve a empresa na sua candidatura. "Todos os membros da equipa executiva supervisionam as metas relevantes para as suas organizações, avaliando anualmente os objetivos relacionados com o impacto sustentável, incluindo mudanças climáticas e diversidade, equidade e inclusão."

MAIS PARCEIROS PARA FORNECER ESCALA

A escalabilidade desta iniciativa está contemplada nesta proposta. Para o consumidor final, trabalhando com os parceiros Staples e Worten, estendem os pontos de recolha do Planet Partners a todo o território nacional, presente em mais de 150 lojas. Essa escalabilidade é ainda garantida através dos parceiros profissionais. Com a introdução do programa para tratar dos resíduos dos contratos de impressão, as empresas asseguram que os seus resíduos vão ser reciclados de acordo com as mais elevadas práticas de sustentabilidade. "Para empresas que necessitem de grandes quantidades de consumíveis, disponibilizamos também uma caixa de armazenamento, para posterior recolha de todos os consumíveis."



QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA

Cidades e comunidades sustentáveis **12**⇔

Produção e consumo sustentáveis





A LG tem incentivado as suas subsidiárias a encetarem uma série de medidas que contribuam, de uma forma geral, para uma sociedade mais sustentável. Em Portugal, lançou a Tecnologia Sustentável na Era Digital, um projeto que nasce em 2019 da vontade da LG Portugal de agir local ao nível da problemática do lixo eletrónico.

O Tecnologia Sustentável na Era Digital é um projeto que nasce em 2019 da vontade da LG Portugal de agir local ao nível da problemática do lixo eletrónico. Desde essa altura até à atualidade, a filial portuguesa da gigante sul--coreana de eletrónica de consumo aliou-se à entidade gestora de resíduos ERP Portugal e tem vindo a desenvolver vários projetos, para diferentes públicos-alvo (jovens, start-ups, academia, entidades gestoras, administração central, público em geral), para promover a sensibilização e a partilha de conhecimento entre os vários setores da sociedade sobre esta temática com dois objetivos primordiais. O primeiro é contribuir para a alteração do comportamento dos portugueses no que respeita ao consumo de equipamentos elétricos e eletrónicos, tornando-o mais sustentável. O segundo centra-se em reforçar a importância de reciclar estes equipamentos em fim de vida reencaminhando os resíduos de equipamento elétricos e eletrónicos para os canais adequados de recolha e posterior reciclagem.



Empresa:

LG Electronics Portugal, S.A.

Nome do projeto:

Tecnologia Sustentável na Era Digital

Data de início: **01/03/2021**

Data de conclusão: **31/12/2022**

Principais beneficiários da iniciativa: **sociedade portuguesa em geral.**

SUSTENTABILIDADE É PRIORIDADE

O trabalho que a empresa tem vindo a desenvolver nos últimos quase três anos tem enquadramento na estratégia de Responsabilidade Social e Corporativa da LG Electronics. Aliás, na sua candidatura, a marca advoga que a sustentabilidade é uma prioridade, tanto a nível internacional, como local, há mais de 25 anos. A sua política de responsabilidade social e de sustentabilidade ambiental remonta a 1994 e, desde então, tem vindo a implementar sistemas de gestão ambiental ao longo do ciclo de vida dos produtos, desde o seu desenvolvimento até ao fim da sua utilização, de forma a reduzir a pegada ambiental da empresa e assim cumprir a sua maior missão: criar um sistema de gestão e um portefólio que assegurem um ambiente melhor. "Uma das maiores inovações da LG surge no momento da produção dos equipamentos eletrónicos, com uma forte política de ecodesign a nível mundial que pressupõe um processo de montagem que é executado de forma que o desmantelamento



A LG incentiva as suas subsidiárias a tomarem medidas, criarem iniciativas e serem o mais efetivas possível no que à sustentabilidade diz respeito.

permita a reciclagem de grande parte dos componentes", refere Hugo Jorge, Director de Marketing e Comunicação da LG Electronics Portugal.

EFICIÊNCIA ENERGÉTICA É PRIORIDADE

Também o desenvolvimento das embalagens é avaliado tendo em conta o cumprimento de 22 pontos-chave, tais como a redução do volume e peso, a otimização da eficiência logística e o uso mínimo de substâncias perigosas de forma a minimizar os seus efeitos ambientais. Em complemento, foi introduzida em 2012 uma diretriz para o design de Embalagens Verdes para televisores e smartphones a que se juntaram, no ano seguinte, orientações específicas para outras gamas de produtos como frigoríficos, máquinas de lavar e aspiradores.

A eficiência energética é outro dos pilares da atividade da empresa enfatizado nesta candidatura, pois permite que os consumidores reduzam a sua pegada ambiental, tanto no consumo de eletricidade como no de água. A marca explica que os seus equipamentos são desenvolvidos tendo sempre a sua eficiência em mente, procurando incluir processos de funcionamento sustentáveis, que gerem grandes poupanças energéticas e de tempo também, o que é especialmente relevante quando passamos tanto tempo em casa e os nossos eletrodomésticos trabalham mais do que nunca. A empresa encontra-se também a reduzir as emissões de carbono das suas operações globais através da implementação de várias iniciativas



2050 deve estar concluída a transição completa para energia renovável

330 toneladas de equipamentos recicladas

300_{MIL} visualizações

QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA

Cidades e comunidades sustentáveis **12**⇔

Produção e consumo sustentáveis

ao nível da redução de carbono e de energia renovável de forma a alcançar um ambicioso objetivo: reduzir as emissões de carbono nas unidades globais de produção de cerca de dois milhões de toneladas registados em 2017 para 960 mil toneladas até ao final de 2030.

MISSÃO CUMPRIDA

Os benefícios gerados, ou seja, o número de pessoas impactadas com as várias iniciativas levadas a cabo nos últimos três anos, superam largamente o investimento alocado aos vários projetos nos últimos tempos, garante a empresa. A título de exemplo, a LG menciona que só a iniciativa e-Waste Talks e vídeos associados a estas já superaram as 300 mil visualizações e o vídeo do streaming do e-Waste Summit deste ano iá alcancou mais de 3.700 visualizações. Já o projeto "Reciclar Não tem Truque", levado a cabo em parceria com o mágico Luís de Matos, Luís Filipe Borges e Gabriel Ferreira, em social media, teve um reach (IG+FB) de 165 mil e mais de 42 mil impressões. No que respeita ao PR Value, já foram atingidos cerca de 4,5 milhões de euros. Só as duas edições do e-Waste Summit (2019 e 2021) alcançaram um total combinado de 39 artigos e 4,1 milhões de euros. "Em suma, o número de pessoas impactadas com as mensagens e projetos ao nível de sensibilização tem superado amplamente o investimento efetuado."







O MELHOR RESÍDUO É AQUELE QUE NÃO É PRODUZIDO

Transformar resíduos em novos recursos pela implementação de práticas inovadoras e circulares, gerando e compartilhando valor, é a proposta da LIPOR.



A Valorização Multimaterial, a Valorização Orgânica e a Valorização Energética, complementadas por um Aterro Sanitário para receção dos rejeitados dos processos e de resíduos previamente preparados, são os componentes principais que a LIPOR desenvolveu na sua estratégia integrada de gestão. Este universo cresceu de forma natural e, hoje, o Serviço Intermunicipalizado de Gestão de Resíduos do Grande Porto abraca cada vez mais novos projetos e serviços, reforçando o seu caminho estratégico. "Assim, o sistema integrado de gestão de resíduos passou a traduzir-se no Modelo Circular de Negócios da LIPOR, apresentado em 2014 e em implementação até aos dias de hoje." A entidade gere e valoriza resíduos urbanos produzidos pelos oito municípios que a integram (Espinho, Gondomar, Maia, Matosinhos, Porto, Póvoa de Varzim, Valongo e Vila do Conde), tratando anualmente cerca

Entidade:

LIPOR - Serviço Intermunicipalizado de Gestão de Resíduos do Grande Porto

Nome do projeto:

Modelo Circular de Negócio da LIPOR

Data de início: **17/06/2014**

Data de conclusão: Não há uma data de conclusão prevista.

Principais beneficiários da iniciativa:

colaboradores, comunidade e clientes. de 500 mil toneladas de resíduos urbanos, produzidos por, aproximadamente, 1 milhão de habitantes. À escala nacional, o universo LIPOR representa aproximadamente 1% do território de Portugal continental, concentra 10% da população e é responsável pela produção anual de 12% do total de resíduos urbanos

ECONOMIA CIRCULAR É PREMISSA

O desenvolvimento das comunidades tendo por base uma economia circular é uma premissa que a LIPOR tem assumido e internalizado naquilo que é o seu modelo de negócio, garante a organização na sua candidatura. "Aliás, a nossa missão é precisamente: transformar resíduos em novos recursos pela implementação de práticas inovadoras e circulares, gerando e compartilhando valor." Contudo, o lema é que "o melhor resíduo é aquele que não é produzido" e, portanto, o candidato "insiste" em desenvolver esforcos ao



O Modelo Circular de Negócio da LIPOR não funciona sem o envolvimento e a participação ativa dos cidadãos.

nível da Prevenção na Produção de Resíduos. "Depois disso, aí sim, a LIPOR assume de forma clara que a gestão de resíduos é realizada na ótica do recurso, consolidando um posicionamento que se reflete pela criação de valor ao longo de todo o ciclo produtivo." Esta abordagem, que tem por base o mencionado Modelo Circular de Negócio e que se caracteriza pela incorporação do "resíduo" como um "recurso", permite à LIPOR restituir materiais ao ciclo produtivo, abastecendo o mercado com matérias-primas secundárias de qualidade, pela reciclagem multimaterial e orgânica, fomentando os ciclos contínuos de materiais. "Com esta abordagem, fechamos o ciclo dos recursos!"

NOVOS PRODUTOS CIRCULARES

No entanto, a entidade quer ir, ainda, mais longe, desenvolvendo a sua atividade no sentido de passarem de uma gestora de resíduos a gestora de recursos, para mais recentemente repensarem o modelo de negócio para uma transição de gestora de recursos a produtora de produtos. "Estando, portanto, focada na produção de produtos e cientes da responsabilidade na promoção da economia circular, esta visão decorre de uma ação estruturada e diária de inovação na LIPOR."

500
MIL TONELADAS
de resíduos urbanos
tratados

29 candidaturas aprovadas desde 2017

50 cursos ministrados em 2020

QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA



120

Educação de qualidade

Cidades e comunidades sustentáveis Produção e consumo sustentáveis

desenvolvimento de novos produtos circulares e sustentáveis em três áreas prioritárias: valorização de escórias provenientes da central de valorização energética, o desenvolvimento de novos produtos para agricultura e aumento do grau de pureza dos materiais. "É a concretização desta visão que representa uma mudança de paradigma, na medida em que nos desafiamos e posicionamo-nos no início de uma nova cadeia de valor."

EQUILÍBRIO FINANCEIRO É FUNDAMENTAL

O equilíbrio económico e financeiro é considerado pelo candidato como "um princípio estratégico constante". A LIPOR tem apresentado resultados financeiros "muito positivos" e os últimos anos têm sido sobretudo de afirmação. No ano de 2020, o volume de negócios rondou os 48 milhões de euros, um crescimento de 2,0% face ao período homólogo, e um EBITDA de 20,7 milhões de euros. "Não podemos esquecer de que só gerando resultados financeiros positivos poderemos continuar a investir no negócio, na sustentabilidade da organização e na comunidade que servimos."

Na história mais recente, e para sustentar os seus projetos, a entidade tem procurado financiamento externo, pelo que desde 2017 viram aprovadas 29 candidaturas aos diversos mecanismos de financiamentos.

A organização considera que a experiência obtida pode constituir um exemplo para as entidades mudarem de paradigma e passarem a encarar os resíduos como um recurso, em vez de "lixo". "Foi este o caminho trilhado pela LIPOR ao longo de 39 anos, espelhado no atual modelo circular de negócio, servido por infraestruturas capazes para a valorização de recursos materiais, numa ótica restaurativa e regenerativa, e complementado pelas práticas circulares de suporte."



QUEM MAIS RECICLAR MENOS VAI PAGAR

Na Maia, está a ser desenvolvida uma iniciativa na qual é medida a quantidade de resíduos produzidos. Paga menos quem mais reciclar. O Recicle Mais Pague Menos (R+P-) pretende, sobretudo, incentivar à separação dos materiais com potencial para reciclagem existentes nos resíduos urbanos.



Em janeiro de 2020, o município da Maia lançou o projeto Recicle Mais Pague Menos (R+P-), escolhendo uma zona-piloto, a Urbanização do Lidador, com cerca de 3 mil habitações. O objetivo é a aplicação do princípio do poluidorpagador, através da implementação de um novo modelo tarifário para o cálculo da Tarifa do Serviço de Gestão de Resíduos Urbanos, paga mensalmente pelos munícipes da Maia. A Maiambiente, promotor da iniciativa, garante que esta é uma iniciativa pioneira em todo o país, mais justa para os cidadãos, na qual o cálculo desta tarifa, hoje relacionada com o consumo de água, é substituído pela indexação à produção de resíduos.

Para a medição da quantidade de resíduos produzidos, e beneficiando da contentorização individual e recolha porta a porta já praticada no município há longa data ("Ecoponto em A implementação do R+P- teve início em janeiro de 2020, com um projeto-piloto na Urbanização do Lidador, com cerca de 3.000 casas.

Casa" desde 2012), os contentores estão registados com um código no Sistema de Gestão de Dados da Maiambiente e equipados com um identificador eletrónico, que permite monitorizar as recolhas efetuadas, através de instrumentação nas viaturas de recolha. Desta forma, a informação recebida é integrada, relacionando o identificador eletrónico e o contentor com o cliente, calculando para cada um a tarifa a pagar, com base no número de recolhas efetuado, ou seja, no volume de resíduos recolhido.

Segundo esta empresa municipal, o sistema incentiva à separação dos materiais com potencial para reciclagem (papel/cartão, embalagens, vidro e biorresíduos) existentes nos resíduos urbanos, garantindo a sua posterior valorização em linha com os princípios da economia circular.





No Plano de Comunicação do projeto, os munícipes são contactados por carta, dando a conhecer o Novo Modelo Tarifário e os benefícios que poderá trazer – ambientais, sociais e financeiros –, dependendo do seu comportamento na separação dos materiais recicláveis dos resíduos indiferenciados.

Depois, recebem uma fatura virtual, designada por Ecocontribuição, em que é apresentada a tarifa já calculada com base nas recolhas dos seus contentores, que poderão comparar com a fatura enviada pelos SMAS, na qual a tarifa ainda é calculada com base no consumo de água.

11 MIL CLIENTES USUFRUEM DA INICIATIVA

Desde janeiro de 2022, estes clientes passaram a receber a "fatura real" desta tarifa. Hoje, o projeto está implementado em cerca de 11 mil clientes, o que corresponde a aproximadamente 27 mil habitantes do município da Maia, ou seja, a 22% da população. "Este é um sistema tarifário mais justo, em que apenas se paga pelos resíduos indiferenciados colocados no contentor para recolha, fomentando a separação dos materiais com potencial para a reciclagem", lê-se na candidatura.

A primeira fase, em curso, abrange as moradias unifamiliares e tem data de conclusão em 2022, a segunda fase terá incidência em edifícios multifamiliares dotados de compartimentos de resíduos, em 2023, e uma última e terceira fase em edifícios multifamiliares que utilizam equipamentos coletivos de via pública, em 2024.



Empresa: **Maiambiente EM**

Nome do projeto: Recicle Mais Pague Menos (R+P-)

Data de início: **01/01/2020**

Data de conclusão: **31/12/2024**

Principais beneficiários da iniciativa: população residente no concelho, empresas instaladas no concelho:

no concelho, empresas instaladas no concelho; instituições e entidades públicas do concelho, fornecedores do setor, entidades de tutela do setor (ministério, APA, ERSAR).



140_{MIL} contentores entregues

QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA

Cidades e comunidades sustentáveis 120

Produção e consumo sustentáveis

Os principais indicadores do projeto a monitorizar prendem-se com o tipo de cliente servido (doméstico e não doméstico), os clientes sem recolhas de contentores registadas, o padrão de comportamento dos clientes em termos de frequência de recolhas, os intervalos de valor de faturação com o novo modelo tarifário e a receita obtida.

UM MILHÃO DE INVESTIMENTO

O investimento total para o projeto é de cerca de um milhão de euros, distribuídos pela aquisição de contentores, de identificadores eletrónicos (Tag RFID), montagem de elevadores automáticos nas viaturas de recolha, instalação de instrumentação para leitura dos Tag RFID, plataforma tecnológica para gestão de dados, contratação de serviços de consultoria especializada na área regulamentar e financeira, e para a elaboração e implementação do Plano de Comunicação do projeto e serviços de impressão e envio da Ecocontribuição aos clientes.

Segundo o promotor, o projeto tem potencial de replicação, uma vez que o conceito global do serviço envolve equipamentos e tecnologias que, apesar de inovadoras no mercado nacional, já se encontram disponíveis, podendo por isso ser replicadas de forma generalizada. Além disso, salienta a Maiambiente, a mudança de paradigma e a alteração para o modelo tarifário assente na medição dos resíduos produzidos têm vindo a ser desenvolvidos nos últimos anos um pouco por toda a Europa, nomeadamente na Europa Central, onde este projeto se inspirou.



TRANSFORMAR BORRAS DE CAFÉ EM COGUMELOS-OSTRA

Para a Delta Cafés, o desperdício não existe. Foi precisamente esta máxima que deu origem ao projeto Nãm Farm, que se propõe produzir cogumelos-ostra a partir de borras de café.

A Nãm Farm, enquanto projeto de economia circular e quinta urbana, centra a sua atividade na produção de cogumelos-ostra e fertilizante orgânico, em que a principal matéria-prima é a borra do café. Este modelo totalmente circular pretende provar que a sustentabilidade ecológica e a financeira podem e devem coexistir. Para materializar esta ideia, foi encetada uma parceria com a Delta Cafés, que assegura a recolha dos resíduos na região de Lisboa, permitindo à Nãm transformar, até ao momento, 36 toneladas de desperdício de café.

A empresa explica que o fertilizante resultante do desperdício de produção é em parte doado às hortas comunitárias de Lisboa ou vendido a baixo preço a outros agricultores urbanos interessados. Paralelamente, a Nãm Farm tem como segundo pilar a educação para a circularidade de sistemas de produção, desenvolvendo programas educativos e visitas à quinta em torno da agricultura urbana e da economia circular, promovendo debates e incentivando os mais novos a pensar de forma circular.

O projeto faz ainda mais sentido se levarmos em conta que em Lisboa toneladas de borras de café são depositadas em aterro anualmente. "Ao resolver o problema associado à deposição deste resíduo orgânico, nascem dois novos produtos de valor para o mercado – cogumelos-ostra e fertilizante orgânico", diz a empresa. Inicialmente, o principal desafio do projeto prendia-se com a recolha da borra do café, que não podia representar um acréscimo de pegada carbónica no processo. Fazendo valer-se da já mencionada parceria com a Delta Cafés, a Nãm aproveita as rotas já implementadas para repor café nas vending machines, trazendo de volta as borras para a quinta, evitando a criação de novos circuitos de recolha.

Assim, todos os dias, a borra do café enquanto ingrediente principal da receita é misturada com micélio e palha, demorando cerca de seis semanas a frutificar cogumelos-ostra, que são



36
toneladas de desperdício
de café foram
transformadas

4.000 visitas feitas à quinta

distribuídos no próprio dia aos clientes num raio de 15 quilómetros da quinta, através de uma carrinha elétrica. Em termos de packaging, a Năm garante que utiliza caixas reutilizáveis e retornáveis, e apenas envolve os cogumelos em papel kraft para evitar contacto direto com a caixa. "Assim, não existe desperdício na distribuição."

3 TONELADAS DE COGUMELOS FRESCOS

Neste momento, a Nãm consegue receber até 12 toneladas de desperdício que transforma em três toneladas de cogumelos frescos e duas toneladas de fertilizante orgânico, no centro da cidade.

Em termos quantitativos, os promotores pretendem triplicar a quantidade de cogumelos e fertilizante produzidos e, consequentemente, triplicar a quantidade de borra do café a ser utilizada. Pretendem, ainda, duplicar a oferta



corporativa e escolar. "Em termos qualitativos, queremos apostar em clientes maiores para não dispersar a distribuição e trabalhar mais com grupos vulneráveis (implementar projetos com doentes de paralisia cerebral e autismo)."

CUSTOS SÃO DE CLIMATIZAÇÃO

Os custos gerados pela Nãm prendem-se com o sistema de climatização necessário ao desenvolvimento dos cogumelos, que naturalmente consome energia. "Todavia e tendo em consideração o estudo de impacto ambiental que se anexa à presente candidatura, comprova-se que esses custos a nível ambiental acabam por ter um balanço insignificante face ao benefício gerado."

A nível económico, o investimento inicial realizado nestes equipamentos é, segundo a empresa, amortizado ao longo de cinco anos, sendo que posteriormente deixam de representar uma despesa.





Empresa: Nãm

Nome do projeto: Nãm, powered by Delta

Data de início: **01/07/2020**

Data de conclusão: Não há uma data de conclusão prevista.

Principais beneficiários da iniciativa:

restaurantes locais a quem são entregues os cogumelos, as empresas que entregam a borra e a Delta.

A Nãm cresceu com parcerias, desde logo com a Delta, na recolha do café, envolvendo ativamente os colaboradores da Delta no projeto.





O CURRÍCULO DA NÃM

A Nãm Farm, situada no centro de Lisboa, encontra-se em atividade desde julho de 2020, enquanto quinta urbana e projeto de economia circular. Ao fim de um ano de consolidação do processo e prova de conceito, a Nãm Farm está em fase de "scale-up", tendo aumentado a capacidade de produção para o triplo e, consequentemente, triplicado o seu impacto em termos de tratamento e valorização de resíduos. A Nãm Farm começou por receber mensalmente quatro toneladas de desperdício de café (borra do café), para produzir uma tonelada de cogumelos-ostra, sendo o substrato reminiscente usado para produzir fertilizante. Em agosto de 2021, aumentou a escala de produção, tendo atualmente capacidade para receber 12 toneladas de borras de café por mês. "Ainda que se tenha estabelecido no mercado em plena pandemia, a Nãm provou o seu potencial de crescimento."

QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA

9 &

12

Indústria, inovação e infraestruturas Cidades e comunidades sustentáveis Produção e consumo sustentáveis





BORRAS DE CAFÉ ALIMENTAM CAMPOS DE ARROZ

'Reciclar é Alimentar' o projeto que une há 12 anos a Nespresso e a Federação de Bancos Alimentares Contra a Fome. A iniciativa pioneira consiste em reaproveitar a borra das cápsulas usadas de café em campos de arroz, que é depois doado a mais de 2.600 instituições portuguesas de solidariedade social, apoiadas por 12 bancos alimentares do continente e ilhas.

"Reciclar é Alimentar" é um projeto de economia circular que começa no momento em que os portugueses bebem café e colocam a cápsula Nespresso para reciclar no saco/recipiente para o efeito. Das cápsulas recicladas é aproveitada a borra do café, depois integrada num composto para terrenos de cultivo de arroz, na Herdade Monte das Figueiras, em Santa Margarida do Sado.

O projeto, que junta a Nespresso e a Federação de Bancos Alimentares Contra a Fome, foi iniciado há +126
toneladas de arroz
entregues em 2021

12 anos como uma iniciativa-piloto da Nespresso em Portugal e já foi replicado noutros países, tal como em Itália e Espanha.

O Arroz produzido é depois comprado pela Nespresso e doado ao Banco Alimentar Contra a Fome. Segundo dados divulgados na candidatura, em 2021, foram entregues mais de 126 toneladas de arroz e, nos últimos 12 anos, foram doadas cerca de 850 toneladas, o que tornou possível entregar mais de 17 milhões de refeições a quem mais necessita. De norte a sul do país, há empresas parceiras que contribuem para este projeto de economia circular que começa na borra de café. A reciclagem das cápsulas tem lugar em Loures, com o respetivo alumínio a seguir a fileira da reciclagem; a borra de café é integrada num composto em Setúbal e depois entregue na Herdade Monte das Figueiras, e, no final, o arroz chega à mesa de quem dele mais precisa.

Este projeto-piloto é apresentado como o grande contributo da Nespresso para o crescimento da economia circular em Portugal. "Sendo a borra do café um resíduo com propriedades enriquecedoras do solo e o alumínio um material infinitamente reciclável, a Nespresso garante que as suas vidas úteis não acabam numa chávena de café."

No caso do alumínio, este material é utilizado para produzir novos objetos, como canetas, máquinas fotográficas, canivetes ou até bicicletas. Assim, a proposta da Nespresso, ao mesmo tempo que oferece ao consumidor um café da mais alta qualidade, contribui para diminuir o desperdício e promover a sustentabilidade.

UM IMPACTO POSITIVO NO AMBIENTE

Relativamente ao impacto do pilar ambiental, através da iniciativa "Reciclar é Alimentar", a Nespresso pretende assegurar que todos os momentos em que os portugueses bebem café (seja na sua pausa do trabalho, reuniões, com amigos ou em família) só terminam quando as cápsulas são devidamente separadas e depois recicladas. "Cada chávena tem um impacto positivo no ambiente - com a otimização da utilização de água e energia. Um compromisso reforçado com o objetivo de atingir, já este ano, a neutralidade de carbono em toda a cadeia de abastecimento e ciclo de vida do produto." Convém salientar que a borra de café é um composto natural, 100% orgânico, que permite uma fertilização dos campos de forma sustentável e amiga do ambiente.

Este projeto é ainda descrito pelo promotor como

NESPRESSO

Empresa:

Nespresso Portugal

Nome do projeto:

Reciclar é Alimentar

Data de início: **01/10/2009**

Data de conclusão:

Não há uma data de conclusão prevista.

Principais beneficiários da iniciativa: as familias a quem as mais de 2600 instituições apoiadas pelo Banco Alimentar Contra a Fome chegam.



850 toneladas doadas em 12 anos

17 MILHÕES de refeições entregues



tendo o objetivo de incentivar e comunicar a necessidade de reciclar. "É apenas necessário que as cápsulas sejam depositadas num dos mais de 250 pontos de reciclagem dos parceiros Nespresso, ou entregues nas boutiques ou ao estafeta aquando da receção de uma nova encomenda realizada online." As cápsulas são então recolhidas e transportadas até ao local de separação da borra de café do alumínio. Este último elemento, infinitamente reciclável, é depois reciclado.

A Nespresso explica na sua candidatura que trabalha para que cada cápsula tenha um impacto positivo para agricultores, consumidores e parceiros. "A existência deste projeto deve-se ao grande contributo dos portugueses, que, cada vez mais, se têm envolvido na recolha e separação das cápsulas. Esta é uma realidade para a qual as pessoas têm uma maior consciencialização." A iniciativa representa ainda um impacto positivo na produção agrícola, sendo que, todos os anos, a Nespresso investe mais de 500 mil euros em reciclagem e, parte deste montante, é investido neste projeto-piloto lançado em Portugal. O contributo económico está também alinhado com o investimento promovido anualmente na integração do composto agrícola nos campos de arroz, na compra de arroz e no embalamento e transporte deste bem alimentar para que chegue ao seu destino - o Banco Alimentar. Em termos globais, e igualmente com dados

fornecidos na candidatura, o investimento da Nespresso em reciclagem cresce, tendo atingido

mil pontos de recolha em 53 países.

cerca de 175 milhões de euros, com mais de 100

QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA



12 🖨

17

Erradicar a fome

Cidades e comunidades sustentáveis Produção e consumo sustentáveis Parcerias para a implementação dos objetivos



Durante um mês, 30 praias portuguesas receberam uma ação que pretendeu sensibilizar os portugueses para as questões da reciclagem, bem como para a poluição dos mares e oceanos.

A iniciativa "Reciclar é a nossa praia", desenvolvida pela Novo Verde em parceria com a Sailors for the Sea Portugal, teve na sua génese a preservação das espécies e ecossistemas marinhos e a reciclagem (de embalagens) como forma de reduzir o impacto da ação humana, evitando, assim, que os resíduos tenham como destino os mares e o oceano.

A campanha materializou-se em 30 praias diferentes, de 30 municípios da costa litoral de Portugal e chegou a mais de 3.200 pessoas, entre crianças e adultos. Os intervenientes recolheram 380 quilos de resíduos (equivalente ao peso de 6.000 sardinhas) e 30 litros de beatas (11 campos de futebol). No total, foram ministrados 45 mil minutos de sensibilização para a literacia dos oceanos. No pódio de resíduos encontrados, estão os microplásticos, seguidos pelas beatas e redes de pesca. Em matéria de media, foram publicadas 90 notícias (meios locais e nacionais), comunicados 43 minutos de televisão e conquistadas mais de 500 mil impressões

30 praias diferentes

3.200 pessoas

45.000
MINUTOS
de sensibilização para
a literacia dos oceanos

nas redes sociais. "Tendo um enquadramento naturalmente agradável, a ação vestiu-se de conceitos sustentáveis e juntou a componente formativa (conhecimento apreendido e que será alargado aos pares) à empírica, através dos jogos e atividades pedagógicas conduzidas", explica o promotor, Novo Verde, na sua candidatura. Os participantes que entregavam garrafas PET recebiam cantis reutilizáveis de alumínio, reduzindo a sua pegada ecológica.

PERSONALIDADES ANIMARAM O EVENTO

Assim, o projeto pretendeu sensibilizar os portugueses para as questões da reciclagem, bem como para a poluição dos mares e oceanos. A iniciativa, que marcou o verão de 2021,contou com o apoio da Agência Portuguesa do Ambiente e teve início no dia 21 de junho na praia de Afife, em Viana do Castelo, percorrendo depois mais de 940 km de costa até à praia de Monte Gordo, em Vila Real de Santo António, no dia 24 de julho. Ao longo destes dias, decorreram diversas sessões de educação ambiental e literacia dos oceanos,



bem como ações de limpeza do areal, a cargo da Sailors for the Sea Portugal, responsável pela dinamização das atividades, em que participaram ativamente escolas, escuteiros, ATL, diversas entidades e associações, bem como comunidades locais. Entre as atividades realizadas, o promotor destacou a medição da acidificação dos oceanos e quem é quem dos oceanos, separação de resíduos e parceria com o CCMAR (Praia de Faro).

Ao longo do percurso, a iniciativa contou com a presença de algumas personalidades ligadas ao mundo do surf e uma forte ligação aos mares, foram eles Nic Von Rupp, Tiago "Saca" Pires e, também, Vasco Ribeiro. Também na Meia Praia, em Lagos, a ação contou com a participação de uma equipa de mergulhadores do Centro WeDive Lagos para uma recolha de resíduos debaixo de água que totalizou 20 kg de resíduos.

LONAS VÃO SER REUTILIZADAS

"Como não poderia deixar de ser, a economia circular e o respetivo reaproveitamento de todo o material produzido para a comunicação da iniciativa vai ter uma nova vida." Todas as lonas que percorreram os mais de 900 km de costa vão agora, garante o promotor, ser reutilizadas para delimitar as hortas dos cultivadores do projeto "Crescer em Casa", cujo objetivo é reduzir o isolamento social e aumentar a autonomia dos residentes idosos e promover a

Os participantes que entregavam garrafas PET recebiam como brinde um cantil reutilizável (alumínio) nas três cores do ecoponto.



Empresa: Novo Verde

Nome do projeto: Reciclar é a nossa praia

Data de início: **21/06/2021**

Data de conclusão: **24/07/2021**

Principais beneficiários da iniciativa: os principais visados foram os grupos de crianças de escolas e ATL, entre os 6 e os 10 anos, tendo-se verificado também a participação de adultos (colaboradores de autarquias, por exemplo) e residentes ou veraneantes locais.

QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA

13

149

Ação climática Proteger a vida marinha

participação cívica e a consciência ambiental. O cultivo regular de plantas funciona como um instrumento agregador da comunidade e estimula a interação entre os 200 cultivadores que compõem a rede do projeto. Este modelo de ação, diz o Novo Verde na sua candidatura, aliou a pedagogia ao comportamento, promovendo fortemente o envolvimento dos participantes que, com

o envolvimento dos participantes que, com base na experiência, levaram a mensagem e contagiaram positivamente os seus pares. Como oferta pela reciclagem de plástico PET, foram oferecidos cantis de alumínio (reutilização, redução e prevenção) das três cores do ecoponto.

"Ao mesmo tempo, foi possível trabalhar a relação com os parceiros locais, sobretudo municípios, cujo apoio foi fundamental para disseminar a iniciativa e conduzir os grupos de escolas e ATL a participar e aprender sobre o tema da economia circular"







A Oro Agri Europe desenvolve e produz uma nova era de produtos para aplicações agrícolas, de baixo impacto ambiental, baseados em substâncias naturais e com modos de ação inovadores. Esta é a base da candidatura desta empresa recém-criada em Portugal.

Recém-criada no nosso país, a Oro Agri Europe tem como missão produzir e comercializar agroquímicos de acordo com as exigências e regulações mais rigorosas do mercado, empregando as mais eficientes e ecossustentáveis tecnologias disponíveis. Sempre, diz a empresa na sua candidatura, com vista à satisfação plena das necessidades dos seus clientes e consequente criação de valor nos setores agrícola, florestal e agroalimentar. "A utilização de subprodutos agrícolas e reciclagem de matérias vegetais introduz uma dinâmica de economia circular e de sustentabilidade aos recursos utilizados pela empresa na produção e aos seus consumidores", esclarecem.

O grande objetivo desta missão é tornar a empresa reconhecida como um fornecedor de excelência no mercado do biocontrolo de pragas e doenças, assumindo uma posição de liderança tanto a nível nacional como a nível internacional e primando pela qualidade, inovação e sustentabilidade ambiental dos produtos e serviços por si oferecidos.

14% ao ano de crescimento

90 países onde atuam

10.000
MILHÕES DE EUROS
de crescimento entre
2021 e 2026 no setor de
fitofarmacêuticos

DIFERENCIAÇÃO TECNOLÓGICA

A candidatura da Oro Agri Europe é sustentada na aposta na diferenciação tecnológica e inovação como vantagem competitiva, desenvolvendo e produzindo uma nova era de produtos de baixo impacto ambiental, baseados em substâncias naturais e com modos de ação inovadores. "Importa referir que o mercado dos produtos orgânicos não é tão sensível ao preço como o da agricultura intensiva e de grande escala devido à valorização pelo consumidor ao produto final." Assim, explicam no projeto, a par da qualidade do serviço prestado, a empresa visa o desenvolvimento de produtos inovadores que satisfaçam as necessidades dos seus clientes e, em simultâneo, respondam às mais elevadas exigências regulatórias europeias - mais restritivas que as aplicadas em outros mercados que a empresa pretenderá abordar. A candidata esclarece que pretende que tanto o portefólio de biopesticidas e bioestimulantes da empresa como o seu serviço de apoio ao cliente sejam considerados de alto valor acrescentado, contribuindo para a produtividade

A Oro Agri foi bem recebida pela comunidade em Palmela, sendo a sua interação com o poder local guiada pelo objetivo de contribuir para o desenvolvimento e progresso deste concelho.

e sustentabilidade das culturas agrícolas. "Não obstante, tal como em qualquer negócio, ambiciona-se também a minimização dos custos produtivos e operacionais. O facto de estes produtos serem, por natureza, suficientemente competitivos em preço para concorrerem no mercado agrícola em geral implica que a abordagem a este mercado será global e que o preço será sempre um fator competitivo a ter em conta."

PRODUTOS INOVADORES E POLIVALENTES

Para além disso, a Oro Agri Europe pretende comercializar um portefólio de produtos integrado e polivalente. Basicamente, e dentro do mercado global (convencional e orgânico), a marca quer apostar na diversificação, enveredando pelo desenvolvimento de novas formulações, suportadas em tecnologia de fenotipagem de alto débito. "Uma parte importante da gama de biopesticidas comercializada pela Oro Agri tem como substância ativa o óleo de laranja extraído da casca de laranja, assim sendo, é aproveitado um subproduto da laranja, que depois de







Empresa: **Oro Agri Europe S.A.**

Nome do projeto:

"From the peel to the field": Zero Desperdício, Zero Resíduos, Máxima Eficácia

Data de início: **18/11/2018**

Data de conclusão: **31/12/2022**

Principais beneficiários da iniciativa:

agricultores, consumidores e o planeta.



QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA



9

12⇔

a fome e promover a agricultura sustentável

ır Indústria, e inovação e r a infraestruturas Produção e consumo sustentáveis

formulado é utilizado novamente na cultura para a proteger de pragas e doenças."

A empresa candidata é uma subsidiária da Oro Agri Internacional, e membro do Grupo Rovensa. Com produtos distribuídos em mais de 90 países em todo o mundo, tem fábricas em quatro continentes e centros de investigação e ciência de última geração no Brasil, Europa, EUA e África do Sul. Criado em 2000, o grupo Oro Agri começou com um único produto e expandiu amplamente a sua gama, bem como a sua presença global. O portefólio inclui produtos fitofarmacêuticos, adjuvantes, bioestimulantes, condicionadores de solo, fertilizantes, detergentes, biocidas e produtos para o pós-colheita.

Nos últimos dois anos, a Oro Agri cresceu em média 14% por ano, um valor que, segundo a empresa, demonstra bem o crescimento deste mercado e da importância que esta nova gama de produtos tem para a agricultura mundial. A empresa está neste momento numa forte fase de internacionalização estando já presente nos cinco continentes e em mais de 90 países. Na candidatura, a empresa revela que a nível mundial, é expectável um crescimento de 10 mil milhões de euros entre 2021 e 2026 no setor de fitofarmacêuticos, abrindo-se assim novas oportunidades de crescimento e negócio.

UNIDADE DE PALMELA AMPLIADA

Em Portugal, a empresa tem uma unidade de produção em Palmela que, fruto do seu forte e rápido crescimento nas vendas, está a ser expandida. Nesta fase será construída uma nova nave de produção para fazer face às demandas do mercado e ainda um "Centro de Inovação e Desenvolvimento" único na Europa e que servirá todas as empresas do Grupo Rovensa.



FAZER PLÁSTICO NOVO A PARTIR DO PLÁSTICO VELHO

A Silvex criou de raiz uma infraestrutura inovadora de economia circular, na qual transforma material plástico que já tinha chegado ao fim da sua vida útil em novos produtos da marca.

Pavilhão de Reciclagem em Economia Circular. Este é o projeto apresentado pela Silvex que implicou a criação de raiz de uma infraestrutura na qual é transformado o material plástico que já tinha chegado ao fim da sua vida útil em novos produtos da marca. Esta unidade de reciclagem de filme plástico, que de resto já se encontra em fase de funcionamento integral, foi concebida para uma traçabilidade total do filme plástico desde a origem do resíduo até à transformação em granulado reciclado que será usado em substituição do polímero virgem na produção de novos produtos.

Na sua candidatura, a empresa garante que a infraestrutura tem os processos-chave de reciclagem interligados: triagem, lavagem, remoção de etiquetas, extrusão, filtragem e embalamento. "O desenho em fluxo desta unidade permite à Silvex produzir embalagens e artigos plásticos a partir dos resíduos plásticos dos seus clientes, dando-lhes uma segunda vida e cumprindo os requisitos do conceito de economia circular. Ou seja, fazer plástico novo a partir do plástico velho." Ao fazerem plástico a partir do plástico, a empresa está a contribuir para a redução da poluição plástica e a reduzir a utilização de novos recursos naturais.

CONSCIÊNCIA AMBIENTAL

O problema da poluição, nomeadamente o descartar de plásticos no meio ambiente, não é responsabilidade do material em si e a Silvex quis fazer parte da solução, contribuindo para ajudar a resolver o problema. "Partindo da premissa de que acabar com plástico não é a solução, até porque iríamos substitui-lo por materiais menos amigos do ambiente, a Silvex decidiu criar de raiz uma infraestrutura totalmente inovadora, na qual pode tratar os plásticos em fim de ciclo e dar a estes materiais uma segunda vida, tornando-os mais circulares."

Uma atitude que de resto não é propriamente





Empresa: Silvex

Nome do projeto:
Pavilhão Reciclagem
Economia Circular

Data de início: **01/08/2020**

Data de conclusão: não há uma data de conclusão prevista.

Principais beneficiários da iniciativa: todas as entidades que geram resíduos, toda a sociedade que beneficia. recente, uma vez que já fazia parte da estratégia de produção da empresa incrementar a sustentabilidade do portefólio de produtos Silvex, utilizando uma percentagem superior de polímeros reciclados no desenvolvimento das suas soluções produtivas.

Relativamente a clientes, com esta nova unidade de economia circular, é-lhes dada a oportunidade de incorporar resíduos plásticos decorrentes das suas atividades em novos produtos. "Assim, os nossos clientes conseguem garantir uma alocação e um conhecimento do destino dos seus resíduos." Com esta iniciativa, a Silvex não tem dúvida de que desenvolveu uma engenharia de produção de polímero reciclado totalmente inovadora comparativamente aos processos de produção tradicionais de reciclagem.

Segundo a candidatura, esta nova unidade realiza os processo-chave de reciclagem de filme plástico, desde a triagem, lavagem,

A fábrica contribui para
o aumento de reciclagem
de plásticos, evitando a
utilização de novos recursos e
contribuindo para a diminuição
da poluição ambiental.

secagem e extrusão, em que os vários elementos da linha estão integrados sem inventários intermédios e controlados por uma única unidade computorizada, garantindo uma estanquicidade de fluxos de forma que o produto final seja produzido através dos resíduos do cliente a que se destina. "Para além da singularidade do fluxo produtivo em economia circular, a fábrica foi dotada de equipamentos de última geração incluindo a separação ótica e a gestão e tratamento de águas."

MAIS DE TRÊS MIL TONELADAS APROVEITADAS

Em termos ambientais, com este investimento, a Silvex já garantiu que mais de 3 mil toneladas de resíduos de filme plástico tivessem um destino de valorização e sem impacto ambiental negativo. "Esta unidade de economia circular vem dar aos nossos clientes um maior controlo sobre o que acontece aos seus desperdícios plásticos, melhorar a qualidade do material reciclado e assim aumentar a percentagem de polímero reciclado em detrimento de polímero virgem", esclarecem na candidatura.



+3.000
TONELADAS
de resíduos plásticos
reciclados

21 novos postos de trabalho gerados

7.000
TONELADAS
de capacidade para
reciclar plásticos
pós-consumo

No pilar económico, a fábrica de reciclagem em economia circular contribui para o aumento de reciclagem de plásticos em Portugal, evitando a utilização de novos recursos e contribuindo para a diminuição da poluição ambiental. Segundo o promotor, este projeto está totalmente alinhado com a aposta das economias mais desenvolvidas na redução do impacto ambiental do plástico. "Assim, os novos produtos resultantes do projeto vêm reforçar a capacidade e o potencial de internacionalização da Silvex, num contexto de maior exigência à indústria transformadora do plástico, decorrente da maior consciência ambiental dos países e seus cidadãos." Neste contexto, este projeto tem uma importância crítica para a consolidação da presença da Silvex em mercados muito exigentes, como a Alemanha, a Dinamarca, o Reino Unido e os Estados Unidos. Relativamente à escalabilidade deste projeto, que já permitiu a criação de 21 postos de trabalho diretos e indiretos, a iniciativa tem um cariz industrial a uma escala de produção regular com uma capacidade anual para reciclar sete mil toneladas de plástico.



QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA

Cidades e comunidades sustentáveis **12**⇔

Produção e consumo sustentáveis



PNEUS COM AINDA MUITOS QUILÓMETROS PARA "ANDAR"

O Nextlap surgiu para potenciar soluções para os materiais derivados da reciclagem dos pneus usados. Das 45 candidaturas apresentadas, 13 ideias foram selecionadas.

A procura por soluções para os materiais derivados da reciclagem dos pneus usados esteve na base da iniciativa Nextlap, um programa que tem como parceiros a Valorpneu, a Genan e a consultora de inovação Beta-i. Os principais materiais que derivam destes resíduos são o granulado de borracha, o pó de borracha, as fibras de têxtil e o aço, que, dada a sua diversidade, podem perfeitamente ter diversas aplicações que poderão ser usadas nos mais diversos contextos.

O programa começou com um desafio lançado à população e principalmente aos agentes deste setor para partilharem as suas ideias para a criação de novas aplicações derivadas dos pneus usados. Após apresentarem a ideia e serem selecionados para participarem no programa, tiveram a oportunidade de aceder aos recursos necessários e aproximarem-se das pessoas e entidades-chave deste setor, assim como receber insights de profissionais de outras indústrias. Depois de definir em conjunto com todos os parceiros quais os requisitos que procuravam



Empresa: Valorpneu

Nome do projeto: **Programa Nextlap**

Data de início:

01/09/2020

Data de conclusão: **27/05/2021**

Principais beneficiários da iniciativa:

consumidores finais/ público em geral e a indústria, pois irá substituir na sua produção as matérias-primas virgens por materiais reciclados. e os desafios do setor na busca de novas soluções, começou o processo de scouting de ideias, que demorou aproximadamente dois meses e foi dividido em três tipos de pesquisa: orgânica, base de dados da Beta-i e pesquisa através de métodos científicos.

13 IDEIAS SELECIONADAS

No total, houve 45 candidaturas das quais 28 foram selecionadas para participar no Innovation Day. Segundo a empresa, este evento deu a oportunidade aos inovadores de contactarem pela primeira vez com todos os parceiros. Os inovadores tiveram de realizar um pitch com a sua ideia e de seguida puderam adaptá-la consoante os inputs dos parceiros.

Deste primeiro grupo, foram selecionadas 13 ideias para participar no Bootcamp, ou seja, três dias de reuniões e trocas de ideias com os parceiros. Das 13 ideias, apenas cinco avançaram para a fase de integração. "O programa chega assim ao fim com cinco projetos focados em dar uma nova vida a materiais derivados da reciclagem de pneus em fim de vida, nomeadamente granulado de borracha, fibras têxteis e aço, e promover um mercado mais circular."

A marca francesa de artigos desportivos Decathlon, ao lado dos parceiros de inovação Rubberlink e Tintex, foi responsável por dois destes projetos-piloto, que consistem em protótipos de calçado fabricado com materiais de pneus descartados.

Os inovadores da portuguesa Rubberlink criaram uma solução de borracha de pneu desvulcanizada que permitiu à Decathlon Portugal produzir um protótipo de um sapato com uma sola de borracha 100% reciclada, enquanto os inovadores da portuguesa Tintex, através dos materiais fornecidos pela recicladora Genan, conseguiram reaproveitar o pó de borracha derivado do pneu para criar a gáspea de calçado de ginástica que será também testada pela empresa de produtos desportivos do país.





TÊXTIL DERIVADO DE PNEU

A Tintex foi ainda responsável pelo desenvolvimento de uma solução para aproveitar o têxtil derivado do pneu, que permitirá reutilizar um material que tem poucas aplicações económicas e, comparativamente a matérias-primas standard feitas com couro, reduzir o consumo total de energia e água na sua produção. Possíveis aplicações para esta solução são, por exemplo, os selins das bicicletas.

Também a Infraestruturas de Portugal poderá vir a apoiar, em colaboração com os inovadores Pavnext e o parceiro Pragosa, a implementação de uma tecnologia nas estradas, coberta com borracha proveniente de pneus reciclados, que tem como objetivo desacelerar a velocidade dos veículos quando entram nas localidades. Juntamente com a Opway, a empresa pública tem ainda interesse em continuar a apoiar a Ruconbar na possibilidade de implementação de barreiras acústicas feitas de compostos de borracha derivada de pneu reciclado nas suas linhas ferroviárias, o que permitirá uma diminuição de 30% das emissões de carbono em relação à produção de barreiras à base de óleo.

45 candidaturas apresentadas

28
foram selecionadas
para participar no
Innovation Day

deias avançaram para a fase de integração

Segundo a empresa, é essencial que estes programas de inovação existam para provar ao mercado a possibilidade e viabilidade de integrar subprodutos reciclados na economia a custos semelhantes ou inferiores aos produtos existentes e com níveis de consumo energético e pegada de carbono inferiores. "Alguns dos pilotos selecionados reduzem em mais de 50% as emissões de carbono ao utilizar granulado de borracha em substituição de um combustível fóssil."

QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA

9

12⇔

Indústria, inovação e infraestruturas Cidades e comunidades sustentáveis Produção e consumo sustentáveis





RESÍDUOS DE ALVARINHO TRANSFORMAM-SE EM MALHA INOVADORA

No Alto Minho, estão a valorizar os resíduos da vindima de Alvarinho, dando-lhe nova vida e criando uma malha inovadora e com utilizações variadas.

O Soalheiro desenvolveu um produto que consiste na utilização dos resíduos da vindima de Alvarinho - anteriormente só uma pequena parte era utilizada para a produção de aguardente - para produção de um substrato têxtil em parceria com a Tintex.

A Tintex, diz o promotor, seguindo as métricas do seu trabalho de inovação sustentável, tem vindo a desenvolver, nos últimos anos, trabalho de referência no que se refere à incorporação de resíduos e subprodutos vegetais nas suas formulações de revestimento. Neste sentido, foi focada uma evolução da linha de produtos designada "Coatings Inspired in Leather", a qual visou alargar a cobertura do caráter sustentável e de bioeconomia no vasto espectro de produtos alternativos ao couro animal, integrando elementos excedentários, de caráter natural, provenientes de operações económicas e processos industriais paralelos.



O Soalheiro é uma empresa de vinhos, enoturismo e infusões e a Tintex uma empresa têxtil. Neste contexto, a maximização do valor de sustentabilidade foi alcançada por intermédio de incorporação de resíduos gerados nos processos de vindima e vinificação de um dos produtores vinícolas de referência de vinho Alvarinho da região do Alto Minho, a Quinta de Soalheiro. "Este trabalho permitiu a introdução, manipulação, acondicionamento, preparação e a adoção do pó de bagaço de uva, por parte da equipa de trabalho da Tintex, incrementando o leque de resíduos e subprodutos atualmente utilizados - adição ao pó de cortica, serrim e casca de pinheiro." Entretanto, já foi produzido um substrato têxtil com os resíduos de vindima, que neste momento continua a ser otimizado no que se refere à performance e nas diferentes possibilidades estéticas de desenvolvimento. A empresa avança que alguns protótipos de produtos já foram elaborados com este material e uma marca já foi criada: Invinotex.



MALHA INOVADORA DE ALGODÃO ORGÂNICO

Os conceitos de economia circular foram materializados recorrendo à tecnologia de revestimento, a qual operacionalizou a união de todos os materiais orgânicos, sintéticos, de base sustentável, e verdes, por meio de duas camadas. O primeiro produto final desenvolvido, que consistiu em malha revestida, foi então constituído por uma malha inovadora composta exclusivamente por algodão orgânico e pela camada de revestimento edificada. Foi ainda incorporada matéria verde e biocompatível, sendo este teor proveniente da natureza biopolimérica (extraídos de fontes naturais e/ou renováveis ou alternativamente sintetizados a partir de substâncias naturais, tais como ácidos gordos) e do caráter reciclado dos polímeros da matriz da camada, e de fragmentos de resíduos gerados em processos industriais - neste caso, a vindima. Em iterações posteriores, a empresa estudou as otimizações de camada, de resíduos a serem incorporados e no aumento da componente verde do revestimento desenvolvido.

Já foram produzidos mais de 300 metros desta malha, aplicada em vários protótipos: um casaco, sacos para embalamento de produtos, aventais, mangas para envolver garrafas em provas cegas, etc.



Empresa: Vinusoalleirus

Nome do projeto: **Invinotex**

Data de início: **01/09/2020**

Data de conclusão: **31/12/2041**

Principais beneficiários da iniciativa: ambiente, economia, tecido social da região e, consequentemente, do país.

700 QUILOS DE BAGAÇOS VALORIZADOS EM MAIS DE 300 METROS DE MALHA

Neste momento, o candidato está a preparar a realização de um Life Cycle Assessment (LCA), sendo que já foram utilizados mais de 700 quilos de bagaços de uva que de outra forma seriam resíduos, dando origem aos tais mais de 300 metros de malha. Ao que tudo indica, existe capacidade de evolução e conhecimento criado para aumentar estes números em muito. "Dagui para a frente o sucesso da iniciativa prender--se-á com a capacidade de criar mais produtos e a sua penetração nos diferentes mercados." Os custos, segundo o promotor, já estão enquadrados no investimento das empresas em investigação e desenvolvimento, até porque esta iniciativa não gerou custos adicionais, a não ser muito residuais, como o transporte dos bagaços para a Tintex e, mais tarde, da malha para as empresas que desenvolvem os diferentes protótipos. "Quanto aos benefícios, já são vendidos produtos onde a malha é utilizada, a marca Invinotex já foi registada pelas duas empresas - o projeto ainda agora começou." Existindo uma enorme quantidade de resíduos, não só no Soalheiro como nas várias empresas de vinho da região, do país, e conhecimento para produzir esta malha, o projeto pode ter qualquer escala desde que haja interesse nos produtos.

Quanto ao impacto da candidatura no pilar social, o promotor refere a promoção da região como inovadora e pioneira em práticas sustentáveis e a dinamização de sinergias de proximidade – duas empresas do Alto Minho, Soalheiro em Melgaço e Tintex em Vila Nova de Cerveira. Destacam ainda que o projeto valoriza a região e as pessoas que nela trabalham. "Tanto o Soalheiro como a Tintex são grandes empregadores à escala regional e não reduziram funcionários durante a pandemia, pelo contrário."



QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA

9 🔔

Cidades e comunidades

sustentáveis

12 🗟

Indústria, inovação e infraestruturas Produção e consumo sustentáveis



E DO PLÁSTICO SE FAZEM MÓVEIS

Esta iniciativa da Worten tem por base a produção de mobiliário de loja a partir de plástico reciclado e incorporação de plástico de Resíduos de Equipamentos Elétricos e Eletrónicos.

Em 2020, foi lançado o desafio interno de se conseguir, no que toca aos equipamentos de loja, reduzir custos e encontrar alternativas mais sustentáveis - idealmente, até, que se identificasse uma solução que juntasse essas duas variáveis. Para este propósito, a Worten consultou o seu fornecedor Prodelix, que apresentou uma solução de materiais reciclados, plásticos mistos, com um custo muito próximo ao que é praticado atualmente. Depois de visitas várias ao showroom desse parceiro, iniciou-se uma fase de desenvolvimento e partilha de desenhos técnicos dos equipamentos, com vista a replicar esteticamente o que existe hoje validado nas lojas Worten.

Com esta fase do projeto fechada, a empresa achou por bem averiguar a possibilidade de se criar um formato de economia circular. "A ideia baseava-se na possibilidade de se integrar o plástico dos Resíduos de Equipamentos Elétricos e Eletrónicos (REEE) nos materiais a reciclar pela Prodelix e, assim, conseguir-se desenvolver equipamentos através dos REEE, que são entregues diariamente pelos clientes nas lojas", explicam na sua candidatura. Para alcancar este obietivo, foi desenvolvida uma parceria com a ERP Portugal, entidade gestora de REEE, que possibilitou a entrega desses resíduos junto do parceiro Prodelix. Neste momento, está implementado um teste-piloto, na loja Worten do Amoreiras Plaza, na qual os equipamentos de loja foram produzidos com a incorporação de 25% do plástico proveniente dos REEE, tendo já sido realizado um novo ensaio com a incorporação de 35% deste material. A ambição é aumentar cada vez mais essa percentagem na produção destes equipamentos de loja. Ou seja, o objetivo é medir os resultados deste projeto, avaliando a sua pertinência e alargamento a mais lojas Worten, a curto prazo.



worten

Empresa: Worten

Nome do projeto:

Worten Transforma

– Juntos

Transformamos o

Planeta

Data de início: **01/09/2021**

Data de conclusão: **31/12/2022**

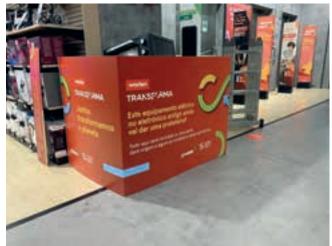
Principais beneficiários da iniciativa: **clientes.**

O IMPACTO NA SOCIEDADE E NOS CIDADÃOS

Quanto ao impacto que esta iniciativa tem na sociedade e nos cidadãos, o promotor explica que é através do pilar ambiental, inerente ao programa de responsabilidade ambiental e social Worten Transforma, que a marca, com o apoio da ERP Portugal, gestora de resíduos e responsável pelo seu tratamento correto, fomenta e apela à necessidade de os Resíduos de Equipamentos Elétricos e Eletrónicos serem devidamente reciclados, uma vez que são altamente prejudiciais para o Homem e para o Planeta.

Na relação entre benefícios gerados e custos da iniciativa, a produção do conjunto de mobiliário produzido neste material difere em cerca de 200 euros em relação aos equipamentos que existem em loja ao dia de hoje, o que não é, adjetiva a empresa, de todo significativo. Na vertente deste projeto-piloto, a Worten e a ERP Portugal garantem o reaproveitamento de parte









dos materiais eletrónicos deixados em loja pelos clientes.

"Esta iniciativa vem, por isso, solidificar a posição da Worten ao nível da responsabilidade ambiental e o seu impacto positivo nas comunidades locais." Na candidatura, a marca explica tratar-se de mais um "braço", ou seja, mais uma iniciativa em prol do ambiente, sob a chancela do Worten Transforma, cuja missão, no fundo, é transformar a vida das pessoas, nomeadamente ao contribuir para um Planeta mais limpo e saudável, fomentando também o reaproveitamento e a circularidade da economia.

O CICLO DA INICIATIVA

Numa primeira fase, a Worten incentiva os consumidores à entrega dos equipamentos elétricos e eletrónicos em fim de vida nas suas lojas, depois, o consumidor efetivamente entrega esses equipamentos nas lojas. Numa terceira parte, a Worten reúne os equipamentos

35% de incorporação de plástico nos equipamentos de loja

1322_{kg} peso de plástico total incorporado

ZUUeuros de diferença face
aos atuais equipamentos

usados, sendo que depois a ERP Portugal, a entidade gestora, recolhe os REEE e entrega-os nos recicladores. No quinto passo, o reciclador desmantela os REEE e entrega o plástico na Prodelix que procede à transformação do plástico dos REEE (25%) em mobiliário para as lojas Worten.

QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA

9

12 😂

Indústria, inovação e infraestruturas

Cidades e comunidades sustentáveis Produção e consumo sustentáveis





EAGORA?

s números são avassaladores e há-os para uma grande quantidade de formas de vida. Enumeramos alguns. Segundo estimativas da Organização das Nações Unidas (ONU), cerca de um milhão de espécies está em risco de extinção e só 4% dos animais vivem em ambiente selvagem. No mundo das árvores, cerca de 30% das espécies existentes em todo o mundo podem desaparecer nas próximas décadas, segundo a última previsão da Conservação Internacional dos Jardins Botânicos. Mergulhando no mar, apenas 13,2% dos oceanos estão em condições mais ou menos intactas, a sobrepesca está a levar ao limite inúmeras espécies, como o atum, por exemplo, e o planeta perdeu 14% de todos os corais em apenas 12 anos, sendo que, se a temperatura aumentar 1,5 °C, entre 70% e 90% dos corais irão desaparecer, e com eles também uma parte muito significativa da vida nos oceanos. No universo dos peixes de água doce, uma em cada três espécies também está ameaçada de extinção, de acordo com o relatório "Peixes Esquecidos do Mundo", publicado em fevereiro de 2021 por 16 organizações internacionais de conservação.

Poderíamos continuar a enumerar por vários parágrafos os riscos que correm mamíferos, peixes, anfíbios, insetos, plantas, ecossistemas vários, etc. Estes são apenas alguns exemplos das grandes perdas de património natural que estão a ocorrer em todo o planeta a uma velocidade estonteante. Por isso, a Assembleia Geral das Nações Unidas declarou 2021-2030 como a Década para a Recuperação dos Ecossistemas.

Os ecossistemas são teias muito complexas que funcionam em balanço e em que a falta de um elo pode ter consequências muito importantes noutros ecossistemas distantes. Por isso, todas as formas de vida são críticas para um planeta saudável. Porém, as crescentes pressões das atividades humanas, protagonizadas pela

excessiva emissão de gases de efeito de estufa (GEE) para a atmosfera, puseram em risco o equilíbrio do planeta, em que se está a ter como consequências o aquecimento global, as secas extremas, tempestades e inundações de maior dimensão, a acidificação dos oceanos, o degelo acelerado do Ártico e Antártida, etc.

Em janeiro de 2022, a Organização Meteorológica Mundial (OMM) deu conta do estado do aquecimento global do planeta e referiu que a temperatura média global em 2021 foi de cerca de 1,11 °C acima dos níveis pré-industriais (1850-1900). E que 2021 foi o 7.º ano consecutivo em que a temperatura global ficou mais de 1 °C acima dos níveis pré-industriais.

O ano de 2021 foi marcado por uma temperatura recorde de quase 50 °C no Canadá, comparável aos valores relatados no deserto do Saara, na Argélia, chuvas excecionais e inundações mortais na

Valorizar o património natural e os serviços de ecossistema que prestam é essencial para estabelecer estratégias que sirvam o desenvolvimento ao mesmo tempo que se preserva a natureza.





Ásia e na Europa, bem como seca em partes de África e da América do Sul.

A temperatura é apenas um dos indicadores das alterações climáticas. Outros incluem os níveis de acumulação dos GEE, calor oceânico, pH oceânico, nível médio global do mar, massa glaciar e extensão do gelo marinho.

Desde a década de 1980, cada década tem sido mais quente do que a anterior. Espera-se que o aquecimento global e outras tendências de alterações climáticas de longo prazo se mantenham. E os impactos vão continuar devastadores na natureza e nas comunidades em todos os continentes. Muitos investigadores consideram que o mundo está à beira de um 6.º evento de extinção em massa, e que tal teria um impacto destrutivo em comunidades e economias de todo o mundo.

DAMOS VALOR AO QUE É CONTABILIZADO

A realidade é que temos desvalorizado o que está precisamente na base de toda a economia: a natureza. Estima-se que o valor do património natural corresponda a 50% do valor do PIB mundial, uma vez que a biodiversidade é, direta ou indiretamente, responsável por serviços de ecossistemas, como sejam a produção de oxigénio, de todos os alimentos, a filtragem da água, o sequestro de carbono, etc. Valorizar o património natural e os serviços de ecossistema que prestam é essencial para estabelecer estratégias que sirvam o desenvolvimento ao mesmo tempo que se preserva a natureza.

Em março de 2021, a Organização das Nações Unidas (ONU) deu um passo decisivo neste sentido e adotou uma nova forma de medir índices sobre economia e ambiente. "Um passo histórico e transformador na forma como vemos e valorizamos a natureza", descreveu na altura António Guterres, secretário-geral da ONU. Com este novo

parâmetro, denominado Sistema de Contabilidade Económica – Contabilidade do Ecossistema (SEEA EA, sigla em inglês), pretende-se assegurar o reconhecimento do capital natural, como florestas, rios, oceanos, desertos, pantanais e outros ecossistemas e os seus serviços, como valor económico de um país, fazendo assim "concorrência" ao tradicional PIB, que tem servido para medir a riqueza nas últimas décadas. Com isto, já não será possível contabilizar uma determinada destruição ambiental como progresso económico, além de que o novo quadro ajudará a reformular decisões e políticas para o desenvolvimento sustentável dos países.

Francisco Ferreira, presidente da Associação ZERO, considera que integrar o capital natural na contabilidade de um país, município ou empresa é incontornável: "É um passo importante. Não é um passo possível agora, mas estamos a caminhar para lá. Precisamos de metodologias, de conhecimento científico e de técnicas que permitam ter critérios claros à escala do país, de uma empresa ou de um município para se poder fazer essa contabilização. O que falta acima de tudo é métrica para quantificar muitas das variáveis e de traduzir essas variáveis monetariamente."

De acordo com o Programa das Nações Unidas para o Ambiente (PNUMA), a degradação dos ecossistemas marinhos e terrestres afeta de modo relevante o bem-estar de 3,3 mil milhões de pessoas em todo o mundo, e tem associado um custo anual de cerca de 10% do produto bruto do planeta em termos de perda de espécies e de serviços dos ecossistemas essenciais para a alimentação, agricultura, gestão de água, etc. A emergência de ações de restauro é, portanto, global. Assim, a nível planetário, perspetivase a recuperação de 350 milhões de ha de ecossistemas e solos degradados até 2030, o que poderá gerar 9 triliões de dólares em serviços dos ecossistemas, incluindo a dissipação de 13 a 26 gigatoneladas de gases com efeito de estufa.







A Europa reconhece que as alterações climáticas e a degradação do ambiente representam uma ameaça existencial para a Europa e o resto do mundo.

ESTRATÉGIAS PARA TRANSFORMAR **E RECUPERAR O PLANETA**

A missão é global e hercúlea. Para além da necessária contabilização dos ativos naturais, várias estratégias foram e estão a ser acordadas e executadas a nível global, regional, nacional e também focadas em preservar determinados ecossistemas e espécies, como é, por exemplo, o projeto internacional de recuperação do tubarão--aneguim, ou o projeto ibérico de recuperação do lince-ibérico.

O Acordo de Paris, aprovado em 2015, representa uma mudança de paradigma na implementação da Convenção-Quadro para as Alterações Climáticas, com o reconhecimento explícito de que apenas com o contributo de todos é possível vencer o desafio das alterações climáticas.

Já aqui vimos que a temperatura do planeta está cerca de 1,11 °C acima dos níveis pré-industriais. O Acordo de Paris enreda os países no objetivo de conter o aumento da temperatura média do planeta abaixo do 1,5 °C, realizando esforços de transformação das suas realidades em sociedades sustentáveis, rumo à neutralidade carbónica em 2050. Até lá, é preciso descarbonizar a economia assente em combustíveis fósseis emissores de GEE e apostar nas energias verdes e renováveis, sendo também preciso restaurar o capital natural.

Sobre a descapitalização do património natural, Maria de Jesus Fernandes, bastonária da Ordem dos Biólogos, disse em setembro ao Negócios que "o problema é grave. Como podemos ultrapassar isto? Há duas soluções. Uma tem que ver com descarbonizar a economia e a outra com a reconstrução da natureza. De facto, se já não podemos preservar as condições naturais - porque já quase não as temos -, temos mesmo de avançar para projetos de renaturalização, restauro e recuperação".

A Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima, cuja última edição decorreu em novembro de 2021, em Glasgow, na Escócia, é um importante palco no qual os líderes mundiais se juntam para acordarem estratégias de combate às alterações climáticas. Apesar das várias críticas de que não foram tomadas decisões ambiciosas, foram acordadas algumas iniciativas na COP26, nomeadamente o aumento dos fundos destinados a ajudar os países em desenvolvimento a combater as alterações climáticas; o lançamento do Compromisso Mundial sobre o Metano; e a finalização das regras sobre os aspetos operacionais do Acordo de Paris.

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) são um conjunto de 17 metas globais, estabelecidas pela ONU para transformar o mundo até 2030 e que vão desde acabar com a fome no mundo, promover a igualdade de género e, claro, adotar medidas para combater as alterações climáticas e proteger a vida no planeta. Para a concretização destes objetivos, é imperativo que todos os intervenientes na sociedade - governos, empresas, organizações várias, cidadãos - integrem estas metas nas suas tomadas de decisão e que contribuam com o seu poder de inovação para um futuro mais sustentável e inclusivo.

No espaço europeu, o Pacto Ecológico Europeu coloca a preservação e a recuperação do capital natural no centro da agenda política europeia e destaca a urgência da transição para um novo paradigma de desenvolvimento. A Europa reconhece que as alterações climáticas e a degradação do ambiente representam uma ameaça existencial para a Europa e o resto do mundo. Para superar estes desafios, a ambição do Pacto Ecológico Europeu é transformar a União Europeia numa economia moderna, eficiente na utilização dos recursos e competitiva, garantindo que as emissões líquidas de gases com efeito de estufa sejam nulas em 2050; que o crescimento económico esteja dissociado da utilização de recursos; e que ninguém nem nenhuma região seja deixada para trás. A Estratégia de Biodiversidade para 2030, parte integrante do pacto, é o braço que assume os compromissos e ações específicas para recuperar a biodiversidade do espaço europeu até 2030. Por exemplo, alargar as zonas Natura 2000 atuais, bem como restaurar os ecossistemas degradados e geri-los de forma sustentável.

O Pacto Ecológico Europeu visa tornar a Europa neutra em termos de clima até 2050. Para tornar este objetivo juridicamente vinculativo, a Comissão propôs a Lei Europeia do Clima, que, além disso, estabelece a meta mais ambiciosa e inovadora de reduzir as emissões líquidas de gases com efeito de estufa em, no mínimo, 55% até 2030, em comparação com os níveis de 1990.

Portugal segue alinhado com todos estes objetivos, através de instrumentos e objetivos nacionais que passam por, entre outros, estabelecer metas intermédias e reduzir 55% das emissões GEE até 2030, recorrer a 80% de energias renováveis na eletricidade, até ao final da década, e proteger e restaurar o património natural do país.



Số 4% dos animais vivem em ambiente selvagem



desaparecer nas próximas décadas

das espécies de árvores podem



Apenas 13,2% dos oceanos estão em condições mais ou menos intactas



1milhão

de espécies está em risco de extinção



2021

foi o 7.º ano consecutivo em que a temperatura global ficou mais de 1 °C acima dos níveis pré-industriais

Este ano foi marcado por uma temperatura recorde de quase

50°C

1em cada 3

espécies de peixes de água doce está ameaçada de extinção próximas décadas



Temperatura média global em 2021 foi de

1,11°C

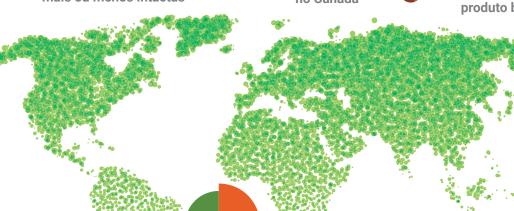
acima dos níveis pré-industriais (1850-1900).



A degradação da natureza afeta o bem-estar de

3,3 mil milhões

de pessoas em todo o mundo e tem associado um custo anual de cerca de 10% do produto bruto do planeta



O planeta perdeu 14%

de todos os corais em apenas 12 anos, sendo que, se a temperatura aumentar 1,5 °C, perderá entre 70% e 90%

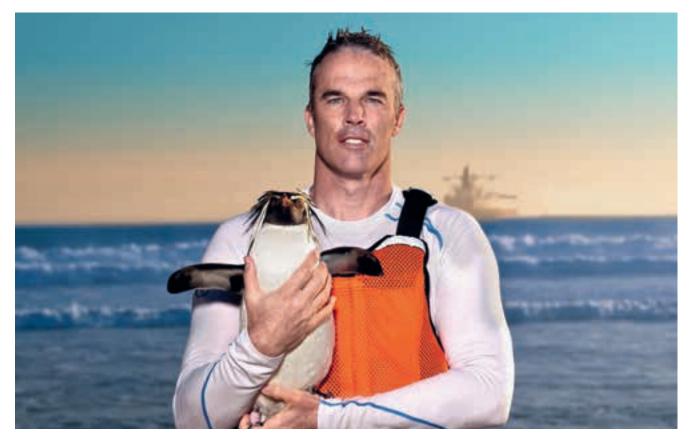


Valor do património natural corresponde a

50% do valor do PIB

mundial





LEWIS PUGH

"A LUTA CLIMÁTICA É UMA QUESTÃO DE JUSTIÇA"

Lewis Pugh é um nadador de resistência que há 35 anos cruza as águas geladas do Ártico, da Antártida e de todos os mares para chamar a atenção para a crise do planeta. O Patrono dos Oceanos da ONU foi a primeira pessoa a nadar no Polo Norte, para testemunhar o degelo, sem saber se sairia vivo da experiência. A partir daí, já percorreu longas distâncias em todos os mares e oceanos, incluindo nadar os 528 km de extensão do Canal da Mancha. Agora, tem o sonho de proteger 30% dos oceanos até 2030. Sónia Santos Dias



Patrono dos Oceanos da ONU explica que há algo de muito sinistro quando se nada num lugar que até há pouco tempo era gelo sólido, como se constata na imagem de abertura da revista, nadando nas águas geladas da Antartida. Esta função exige que trabalhe dia e noite para tentar fazer com que os líderes mundiais unam esforços e trabalhem em conjunto. Esta é a sua missão de vida. Proteger os oceanos. Só espera que o mundo acorde a tempo.

Diz que a luta climática é uma questão de justiça. Porquê?

Esta é uma luta por justiça e é claramente a questão que define a nossa geração. Se não a resolvermos, que futuro têm os nossos filhos? Mas não é só uma luta por justiça entre nós e as gerações futuras, é também uma luta por justiça entre nós e o reino animal. Não temos o direito de empurrar os animais para a extinção, então eu falo também de justiça entre espécie. Por último, é uma luta por justiça entre países. Alguns países estão a agir de tal forma que não se importam com países menores ou com países que estão a sofrer os maiores impactos da crise climática.

Já vamos aprofundar um pouco mais a crise. Queria primeiro conhecer melhor a sua história. Imagino que começou a nadar em criança?

Eu cresci em Plymouth, em Inglaterra. É uma grande cidade, descrita como a Cidade Oceânica da Grã-Bretanha. E quando se mora em Plymouth, olha-se para o oceano. Vivi lá até aos 10 anos e depois, com os meus pais, emigrámos para a Cidade do Cabo, na África do Sul, onde tive a sorte de ter crescido também perto do mar e foi lá que eu comecei a nadar.

A minha escola estava bem ao lado do mar. Estava sempre a ver o mar pela janela e o nosso recreio era a praia. Nós íamos até à praia, jogávamos râguebi e depois íamos nadar no mar. Foi uma bela infância.

Onde e quando decidiu fazer a primeira grande maratona de natação?

A primeira foi ao redor da ilha Robben. É uma ilha na Cidade do Cabo, onde Nelson Mandela esteve preso. Estávamos em 1987 e eu tinha começado a ter aulas de técnicas de natação. Via a ilha Robben das janelas da escola e um dia pensei que tinha de nadar ali. Obtive a permissão, um barco levou-me até à ilha e nadei de lá de volta à Cidade do Cabo. São cerca de 8 km. Era incrivelmente magro e na primeira hora esteve tudo bem, depois fiquei com muito frio, mas terminei ao fim de três horas. E a sensação de pôr os meus pés na areia e ter conseguido foi espetacular. Todos os anos depois disso comecei a fazer uma grande maratona de natação, cada vez mais difíceis, mais frias.

E que distâncias nada atualmente?

Algumas distâncias são muito grandes. Normalmente as pessoas nadam no Canal da Mancha entre Dover e Calais e já 2.000 pessoas o fizeram. Mas ninguém tinha nadado no sentido longitudinal. Fui a primeira pessoa a nadar os 528 km de extensão do Canal da Mancha há alguns anos. Foi o mais longo, durante 49 dias. A água estava a 17° e nadava 10 km por dia. Recentemente estive na Gronelândia para fazer algo semelhante, 12 dias de natação, mas lá só se consegue nadar 500 m de cada vez, porque a água está muito fria, a 0°.



Se aquecermos o nosso planeta mais de 1,5°, a ciência diz que 70% dos recifes de coral do mundo morrerão. Aos 2°, 99% dos corais morrerão.

Quando e porque é que se tornou um defensor do clima?

Eu quero acender uma luz. Quero iluminar o que está a acontecer com o nosso planeta. Estou nos oceanos há 35 anos e já vi grandes mudanças. As três grandes mudanças que estamos a assistir nos oceanos são a crise climática, a poluição por plástico e a sobrepesca. Estas três coisas juntas criaram uma tempestade perfeita. Há 18 anos que nado no Ártico e a cada ano vejo menos gelo. O gelo é essencial para a vida na Terra, porque mantém o planeta frio. "No ice no life" é o que digo sempre aos líderes mundiais. Em 2005, nadei no Ártico e a água estava a 3° centígrados. Voltei 12 anos depois, ao mesmo lugar e na mesma época do ano, e a água já não estava a 3°, mas sim a 10°. É uma mudança gigantesca.

Sente as mudanças climáticas na sua própria pele. É diferente nadar a 3° ou a 10°?

É muito diferente. Eu sinto todos os graus. Mas, repare, se tivermos a água a 10° a bater, o gelo vai derreter. É tão simples quanto isto. Em Lisboa, nesta altura do inverno, a água está a 12°, não é muito diferente, são só dois graus a mais. Cada grau que estamos a atingir no planeta faz uma enorme diferença.

Já nadou em todos os oceanos. Tem um contacto direto que nós não temos. O que viu que mais o impressionou?

Lembra-se que lhe disse que aos 17 anos nadei da ilha Robben para a Cidade do Cabo? Eu lembro-me de estar na praia, tirar a roupa, vestir o fato, pôr os óculos e olhar para a esquerda, para uma linda praia, a Sandy Beach, cheia de pequenos pinguins-africanos. Eram centenas e centenas. Eles fazem imenso barulho, como os burros. Eu voltei lá há dois anos para fazer um documentário e encontrámos apenas dois pinguins. Os cientistas dizem que eles vão estar funcionalmente extintos na costa oeste da África do Sul dentro de 15 anos, porque não conseguem sobreviver. É a poluição, é a necessidade de ir buscar comida cada vez mais longe, é a sobrepesca mesmo ao lado de colónias de pinguins a competir pela mesma comida. Com isto tudo, o resultado é catastrófico e repete-se em todos os oceanos.



Não aprendemos a lição.

Não. E é por isso que estou a trabalhar para criar grandes áreas marinhas protegidas. São como parques nacionais, mas no mar. Tentar salvaguardar estas últimas áreas selvagens para proteger animais incríveis.

É o trabalho que está a desenvolver na sua fundação?

Sim, a questão principal é tentar proteger 30% dos oceanos do mundo até 2030. Mas a questão é que podemos proteger 30% dos oceanos do mundo, mas se não pararmos a crise climática então entraremos num novo mundo.

E acredita que conseguimos parar esta crise climática? Esteve na COP26, ficou satisfeito com os resultados?

Não. Temos de fazer tanta coisa. A COP27 vai decorrer em Sharm El-Sheikh, no Egito, em novembro de 2022. Sharm El-Sheikh tem alguns dos recifes de coral mais incríveis do mundo. E a ciência é muito clara quanto a isto. Até ao momento, aquecemos o nosso planeta em 1,1° centígrados. Se aquecermos o nosso planeta mais de 1,5°, a ciência diz que 70% dos recifes de coral do mundo morrerão. Aos 2°, 99% dos corais morrerão. Então imagine um mundo sem recifes de coral, que é para onde nos estamos a dirigir agora. Temos de ter muito mais ambição, muito mais determinação e muito mais urgência. É a velocidade da mudança que é tão dramática. Temos de agir mais depressa e não só os líderes políticos, mas também as empresas, a comunidade. Temos de nos tornar ambientalmente letrados.

Estamos a destruir todo o património natural.

Sim. Tenho 52 anos e durante a minha vida perdemos quase 70% da vida selvagem do mundo. Estamos a assistir a uma catástrofe ambiental. Já passámos alguns pontos de inflexão. E quanto mais demorarmos, menos esperança haverá.

Então, quando escolhe lugares para nadar, quais são os seus critérios?

Eu escolho lugares específicos para os evidenciar, onde não existem pessoas, onde o que lá acontece é crucialmente importante e

tem efeitos em todos nós. Eu concentro-me nas regiões polares, porque o que lá está a acontecer vai ter impacto no mundo inteiro. Eu estou dentro de água, vejo o gelo e vejo as mudanças ao longo do tempo. Há dois lugares-chave onde se veem as alterações climáticas a acontecer: no gelo e nos corais. Porque o gelo derrete e os corais morrem. Por isso, agora vou concentrar-me um pouco nos corais e contar a história dos recifes de coral. Tenho nadado no Ártico e na Antártida nos últimos 18 anos. Vou continuar a ser uma voz para o Ártico e a Antártida, isto é crucial. Mas vou adicionar agora os recifes de coral.

Como se prepara para uma grande maratona de natação, para a distância, para enfrentar a água gelada?

Exige imensa preparação. Por exemplo, para nadar os 528 km do Canal da Mancha, treinei nadando todos os dias hora e meia de manhã e hora e meia à tarde. Faço muitos pesos, muitos alongamentos. São precisos muitos meses de treino para se fazer algo assim tão longo. Tem de se treinar a braçada, para que seja o mais fácil e sem esforço possível, já para nadar em águas geladas trata-se de treinar o sprint. Ali na água tenho de me movimentar o mais rápido possível. É fazer sprints todos os dias e depois começamos lentamente a baixar a temperatura da água até chegarmos a cerca de 10°. E depois faço alguns dos treinos na Islândia, onde a água é incrivelmente fria, à volta de 3°. Não se pode treinar na água abaixo de 3°, é demasiado doloroso. Aí começo um minuto por dia, depois dois minutos por dia, três minutos por dia, até conseguir 20 minutos. E depois vou para a região polar e faço a maratona.

A que temperatura nada na região polar?

No ano passado, na Gronelândia, estava a 0°, mas quando fiz a primeira maratona de natação no Polo Norte estava ainda mais baixa. A água salgada congela a -1,8° e eu nadei com a água a -1,7° durante 18 minutos e 50 segundos. Também já nadei durante 30 minutos na Antártida com a água a 2°.

O que sente na pele nessas águas?

Dor. Mas o que arriscaria para proteger algo que ama? Sempre que entro nestas águas ponho a minha vida em risco. Algumas pessoas dizem que sou louco. Não, não. Eu sou normal. O resto do mundo é que está louco. Eu faço isto, porque é uma luta pela justiça.

Diz que sente as alterações climáticas na sua pele?

Eu faço isto há 35 anos. Pode levar-me até ao mar e eu digo-lhe a que temperatura está a água. Consigo dizer que está a 10°, a 8°, a 6°, a 4°. Consigo dizer-lhe todos os graus. Eu sinto cada grau na minha pele. Por isso, imagine, se é um animal que vive no oceano, cada grau importa.

Testemunha que os animais estão a sofrer?

Estas três ameaças juntaram-se: alterações climáticas, sobrepesca e poluição. Com a sobrepesca falta o alimento, vi também muita poluição por plástico, muitos animais a comer plástico, vi muitos animais na costa, muitas focas, com plásticos à volta do pescoço. Mas não podemos perder a esperança, temos de lutar.

ponto verde



JUNTOS,
DESENHAMOS
O FUTURO.

A inovação das embalagens tem sempre lugar aqui. E no futuro.

O Ponto Verde Lab é o hub de **conhecimento e inovação** da Sociedade Ponto Verde.

Da investigação ao desenvolvimento de embalagens, aqui partilhamos todas as ideias, processos e mecanismos para que as embalagens e a sua reciclagem sejam cada vez mais eficientes.

Descubra as soluções que temos para as embalagens da sua marca em **pontoverdelab.pt**







O país pinta-se de verde e azul, com quase 70% do seu território terrestre ocupado por espaços florestais e uma extensão marinha 18 vezes superior à terrestre. Apesar de ser um dos países com maior biodiversidade na Europa, todo este património está a degradar-se rapidamente, com a forte pressão das alterações climáticas e da ação humana. Sónia Santos Dias

ocalizado entre duas regiões biogeográficas, o Atlântico e o Mediterrâneo, e com os arquipélagos dos Açores e da Madeira localizados na região da Macaronésia, Portugal é um dos países com maiores níveis de biodiversidade da União Europeia. Possui um património natural rico, tanto em ambiente terrestre como aquático, com uma grande diversidade de fauna, flora, paisagens e patrimónios biológico e geológico.

Segundo dados da União Internacional da Conservação da Natureza (IUCN, sigla em inglês), vivem no país cerca de 35 mil espécies de animais e plantas, ou seja, 22% da totalidade de espécies descritas na Europa e 2% das espécies identificadas no mundo. Para efeitos de comparação, Espanha, que possui uma área cinco vezes maior do que a de Portugal continental, alberga 54% das espécies da Europa e 5% do mundo.

Vamos agora dissecar um pouco alguns dos ativos deste extenso património natural nacional. Ao nível das florestas, o último Inventário Florestal Nacional, realizado pelo Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF), em 2015, contabilizou 6,2 milhões de hectares de espaços florestais (floresta, matos e terrenos improdutivos), o que representa 69,4% do território nacional continental. Este inventário identificou também que a floresta nacional é maioritariamente constituída por espécies autóctones (72%) e que os montados, com sobreiros e azinheiras, são a principal ocupação florestal, representando 1/3 da floresta. Os pinhais são a segunda formação florestal mais expressiva no país.

Existem no país 104 espécies de mamíferos, desde o lobo-ibérico, passando pela raposa, veados, texugos, esquilos, uma série de roedores, etc., e, mergulhando no mar, vivem e passam pela extensa costa portuguesa uma série de mamíferos marinhos, como diversos tipos de baleias e golfinhos.

Já no que toca a mamíferos, de acordo com o último "Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal" (2005), existem no país 104 espécies de mamíferos, desde o lobo-ibérico, passando pela raposa, veados, texugos, esquilos, uma série de roedores, etc., e, mergulhando no mar, vivem e passam pela extensa costa portuguesa uma série de mamíferos marinhos, como diversos tipos de baleias e golfinhos.

E já que falamos de mamíferos marinhos, passemos agora ao ambiente aquático. Com uma extensão marinha 18 vezes superior à terrestre, é no mar que o país tem um dos seus maiores patrimónios naturais. O "Manual de Identificação de Peixes Ósseos da Costa Continental Portuguesa", publicado pelo Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA), em 2018, dá conta de que "é grande a biodiversidade faunística da costa portuguesa no que respeita a peixes ósseos". Das 732 espécies de peixes que figuram na lista de registos de ocorrência na Zona Económica Exclusiva continental portuguesa, apenas cerca de 150 têm interesse comercial e são regularmente capturadas. Este manual dedica-se a descrever estas espécies e a indicar o seu estado de conservação. Aqui ficamos a saber, por exemplo, que a lampreia-de-rio está "criticamente em risco", o estatuto mais grave nesta etiquetagem, ou que a pescada-branca não está em risco, apresentando uma etiqueta de "pouco preocupante".

De salientar que o património natural se faz também de muitos outros seres vivos, como anfíbios, insetos, répteis, etc., que não dissecamos aqui. Mas qual o estado de todo este património natural, dados os conhecidos efeitos desastrosos das alterações climáticas e da ação humana na natureza? Qual o seu estado de conservação na atualidade? Alguns estudos permitem-nos compor um pouco este complexo puzzle.

UM PATRIMÓNIO AMEAÇADO

O mais recente Relatório do Estado do Ambiente, apresentado pela Agência Portuguesa do Ambiente (APA), em dezembro de 2021, dá conta de que 21% da área total terrestre nacional e 10,7% da área marinha estão integradas na rede europeia de proteção de habitats, a Rede Natura 2000. No entanto, segundo este mesmo relatório, apenas 4% das florestas portuguesas apresentam um estado de conservação "favorável", sendo que cerca de 90% são categorizadas como estando num estado de conservação "desfavorável inadequado" (referente ao período 2013-18). No período anteriormente analisado (2007-2012), a conservação das florestas em estado "favorável" era de 16%. Portanto, no que toca



Algumas das espécies mais ameaçadas em território português são a cabra-montês, o lince-ibérico e o morcegode-ferradura-mediterrânico, classificadas como "criticamente em perigo" de extinção.

a florestas, a extensão no território é grande, mas o seu estado de conservação está largamente deteriorado e a situação tem vindo a agravar-se. De salientar também o decréscimo do número de charnecas e matos em estado "favorável", pois passou de 60%, em 2012, para 40%, em 2018. A restante percentagem está em estado "desfavorável inadequado" e "desfavorável mau". De referir ainda um indicador que salta à vista como aquele que tem a maior percentagem de estado de conservação "desfavorável mau" nos itens analisados neste relatório. Falamos dos habitats dunares, que estão 60% em mau estado e apenas 15% em estado "favorável". Recorde-se que estes são elementares na preservação das linhas costeiras.

Já no que toca a mamíferos, este mesmo relatório da APA mostra uma evolução positiva. O grupo de mamíferos que se apresenta num estado de conservação "favorável" mais do que duplicou, de 10%, em 2012, para 22%, em 2018. Continua ainda com uma taxa muito baixa, mas a recuperar. Porém, é de salientar que está categorizado como "desconhecido" o estado de conservação de 50% dos mamíferos existentes em Portugal. E estes podem estar bem ou mal, não sabemos.

Já segundo o "Livro Vermelho dos Mamíferos", que avaliou 74 espécies de mamíferos de entre as mais de uma centena assinaladas no país, 18 estão ameaçadas de extinção. Algumas das espécies mais ameaçadas em território português são a cabramontês, o lince-ibérico e o morcego-de-ferradura-mediterrânico, classificadas como "criticamente em perigo" de extinção.

Este "Livro Vermelho" data de 2005, estando agora a ser trabalhada uma nova edição para atualizar estes dados. O mesmo documento pressupõe que o risco de extinção de algumas espécies de mamíferos se tenha acentuado nos últimos 15 anos. Mas também há boas notícias. Desde 2005, foram registadas 12 espécies novas com ocorrência em Portugal continental, entre as quais, o rato-das-neves, o morcego-hortelão-claro, a baleia-de-bryde, e o golfinho-de-fraser.

E já que entrámos no mar, vamos ver o estado de conservação dos peixes. Voltando ao Relatório do Estado do Ambiente recentemente di-





vulgado, os números mostram-nos um retumbante agravamento na conservação da fauna piscícola nacional. Se em 2012 existiam 33% de espécies de peixes em estado de conservação "favorável", os dados referentes a 2018 mostram que a percentagem desceu para nenhuma espécie (0%). Ou seja, os dados mais recentes mostram que 76% dos peixes em Portugal estão em estado de conservação "desfavorável inadequado" e os restantes 24% estão em estado "desfavorável mau".

Indo mais ao pormenor, a primeira avaliação sobre tubarões e raias no mar português, realizada em 2021 pela associação ambientalista Associação Natureza Portugal/WWF, deu conta de que 43% das espécies de tubarões, raias e quimeras existentes na extensa costa portuguesa estão ameaçadas. O relatório especifica que 1,5 milhões destes animais são capturados anualmente em Portugal, pondo o país no pódio dos que mais capturam tubarão e raia na Europa, atrás de Espanha e França. A nível mundial, Portugal está em 12.º lugar.





Das 732 espécies de peixes que figuram na lista de registos de ocorrência na Zona Económica Exclusiva continental portuguesa, apenas cerca de 150 têm interesse comercial e são regularmente capturadas.

AS ARMAS PARA A RECUPERAÇÃO

Aqui chegados, percebemos então que o país tem um património natural riquíssimo, mas em muito mau estado. Cientes da situação, pressionados pelas organizações ambientalistas e pela cada vez mais consciente sociedade civil, as autoridades competentes já começaram a definir estratégias para travar toda esta perda e reverter o processo no sentido da recuperação da biodiversidade. A Estratégia Nacional de Conservação da Natureza e Biodiversidade 2030 (ENCNB 30) é a matriz portuguesa desenhada para gerir e potenciar o capital natural de Portugal até ao final da presente década. A Estratégia tem por objetivos melhorar o estado de conservação do património natural e promover o reconhecimento do seu valor pela economia e pela sociedade para o desenvolvimento do país. Para isso, baseia-se em três pilares: melhorar o estado de conservação do património natural; promover o reconhecimento do valor do património natural; e fomentar a apropriação dos valores naturais e da biodiversidade pela sociedade. A ENCNB 2030 sistematiza objetivos que se desdobram num conjunto de medidas de concretização.

Mais recentemente, foi promulgada a Lei de Bases do Clima, com entrada em vigor a 1 de fevereiro de 2022, que tem entre os seus diversos objetivos "proteger e dinamizar a regeneração da biodiversidade, dos ecossistemas e dos serviços". Para tal, um conjunto de ações serão levadas a cabo para ajudar o país a recuperar o seu riquíssimo património natural.



FRANCISCO FERREIRA

Presidente da ZERO

ANDRÉ SILVA

Ex-deputado e ex-porta-voz do PAN

HUMBERTO ROSA

Diretor para o Capital Natural, DG Ambiente, Comissão Europeia

MARIA DE JESUS FERNANDES

Bastonária da Ordem dos Biólogos

NUNO BANZA

Presidente do Conselho Diretivo do ICNF - Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas

PRESIDENTE DO JÚRI



O capital natural presente em Portugal, das florestas aos recursos hídricos, incluindo a biodiversidade e o valor dos oceanos, requer um intenso trabalho de preservação e recuperação. Identificar e promover as melhores ideias nesta matéria, algo proporcionado por este Prémio Nacional, traduz-se numa enorme mais-valia. atual e futura.



A biosfera
e os serviços que
os ecossistemas
prestam
à sociedade
e economia estão
na base de toda
e qualquer
dimensão da
sustentabilidade,
donde deriva
o caráter
fundamental
desta categoria
do prémio.



A vida na Terra depende da preservação do capital natural, conter a perda de biodiversidade é determinante para a nossa própria sobrevivência e está intimamente relacionada com o controlo das alterações climáticas.





A defesa da biodiversidade e a preservação do capital natural são o compromisso de um desafio comum. liderando pelo exemplo a necessária alteração de comportamentos. O prémio honra este compromisso e contribui ativamente para vencer o desafio!



Nesta categoria foram aceites projetos, iniciativas, produtos e serviços que promovem a biodiversidade e a integração do capital natural (e.g. água, solo, ar, oceanos, florestas, etc.) como fator no processo de decisão das organizações.

Foram valorizadas as iniciativas que tenham como princípio a preservação do capital natural e que promovam benefícios e impactos positivos para a sociedade em geral através das diferentes formas de integrar o capital natural na organização.

NUNO LACASTA

Presidente do Conselho Diretivo da APA - Agência Portuguesa do Ambiente



O Prémio Nacional de Sustentabilidade contribui para a promoção dos princípios de sustentabilidade nas organizações, em particular a integração do conceito de serviços dos ecossistemas nas suas decisões diárias.

O FUTURO SUSTENTÁVEL É FEITO DE ÁGUA

A Águas do Tejo Atlântico está disponível para encetar parcerias dinâmicas com municípios, industriais e agricultores, para a reutilização de água segura, salvaguardando a água no seu estado natural e a água tratada "potável" para recurso estratégico e usos essenciais para a saúde humana.

"Nós temos água." Esta é a forma de a Águas do Tejo Atlântico responder ao pacto climático em prol de um planeta sustentável. "Fará hoje sentido gastar o recurso escasso e essencial que é a água, um dos principais ativos do capital natural da nossa região, do nosso país, do nosso planeta, em situações que têm alternativas circulares, viáveis e seguras (comprovadas) recorrendo à reutilização e reciclagem deste recurso de forma sustentável?", questiona o promotor. "Faz sentido usar água captada numa nascente ou barragem para, depois de tratada e segura para consumo humano, ser utilizada para lavagens de rua, rega de espaços verdes, sistemas de climatização e outros usos urbanos, industriais ou agrícolas?" Na Águas do Tejo Atlântico são produzidos 194.000.000 de m³/ano de água reciclada disponível que podem contribuir para o uso racional e eficiente de água, de resto um dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável para a atual década.

Na estratégia e compromissos do candidato para o futuro, grande parte deste volume de água que diariamente é tratado, 24/24h, terá aptidão para diversas utilizações não potáveis, com qualidade e segurança exigidas e adequadas para cada fim a que se destina. Assim, a Águas do Tejo Atlântico diz-se disponível para encetar parcerias dinâmicas com municípios, industriais e agricultores, salvaguardando a água no seu estado natural e a água tratada "potável" para recurso estratégico e usos essenciais para a saúde humana.

ÁGUA: MAIS QUE BOA OU MÁ

Encarar a plenitude da palavra "água", não limitada ao binómio do conceito "boa/má", é um princípio para aceitar a necessária evolução da mentalidade coletiva que nos conduza a uma Sociedade Carbono Zero e a uma real economia circular, diz o promotor na sua candidatura. "A





Empresa: **Águas do Tejo Atlântico**

Nome do projeto: **Nós temos Água: água+**

Data de início: **31/07/2018**

Data de conclusão: **31/12/2050**

Principais beneficiários da iniciativa:

sociedade em geral, através da alternativa "reciclada" para grandes consumidores de água urbana, agrícola e industrial. água serve para vários usos e não precisa de ter sempre a mesma qualidade... até é bom que não tenha, pois evita custos operacionais e sociais desnecessários, bem como, o desgaste deste recurso estratégico e do nosso capital natural".

Para a Águas do Tejo Atlântico, é, por isso, fundamental reconhecer e utilizar fontes alternativas de água, como a água para reutilização, que tem tido escasso protagonismo na atual equação climática. Ou seja, distinguir água para beber de água para agricultura ou para as indústrias, para rega de espaços verdes ou para lavar ruas e veículos. "Tudo precisa de água, mas isso não implica desgastar o recurso água potável, com origem natural, para tudo". Por esta razão, a Águas do Tejo Atlântico desenvolveu o conceito "água+", criando uma marca que identifica a água para reutilização com o principal produto de uma Fábrica de Água, reforcando o caráter industrial do trabalho realizado nesta infraestrutura onde o esgoto passa a ser encarado como uma matéria-prima plena de



A água tem um papel decisivo na edificação das cidades verdes, ao nível da reutilização de água, de materiais e bioenergia.

recursos, que se deve usar, reutilizar, reciclar e valorizar, transformando-os em novos produtos circulares.

A água é essencial à vida, à saúde, ao ambiente e aos ecossistemas, disserta na sua candidatura a Águas do Tejo Atlântico. "É essencial às pessoas, ao seu bem-estar, às suas necessidades e lazer. É essencial aos alimentos, ao território, e à produção." A água é ainda essencial ao combate às alterações climáticas e à descarbonização do planeta. Aliás, em 2019, a ONU afirmou que "90% dos eventos climáticos extremos estão relacionados com água". O Fórum Económico Mundial definiu a "crise da água" como o 5.º risco global com maior impacto na economia mundial. O nosso território nacional não fica indiferente a estas realidades. De acordo com o Painel Intergovernamental para as Ações Climáticas (2021), "Portugal é um dos países europeus com maior vulnerabilidade às Alterações Climáticas", apresentando um "elevado risco de stress hídrico em 2040", segundo o World Resources Institute.

EFICIÊNCIA HÍDRICA

A evolução do tratamento das águas residuais em Portugal, desde 1980, tem sido significativa, servindo hoje 98% da população, facto que tem permitido a erradicação de doenças como cólera e febre tifoide, mas também fazer um simples passeio nas margens do Tejo, onde agora se avistam golfinhos. "Para chegar aqui foi necessário um programa de investimento sem precedentes em sistemas de recolha e tratamento de águas residuais, centrados nas chamadas Estações de Tratamento de





90%
dos eventos climáticos
extremos estão
relacionados com água

550 LITROS de água são necessários para fabricar

umas calças de ganga

237
LITROS para produzir
uma alface

Águas Residuais (ETAR)", explica o promotor. "Esta realidade fomentou o desenvolvimento económico e social, atraindo investimentos, turismo e defendendo o ecossistema. Urge agora a valorização deste recurso que não deve ser tratado como um 'resíduo', mas sim como uma matéria-prima circular, a integrar na economia enquanto recurso essencial". Segundo a Águas do Tejo Atlântico, a inovação, com suporte científico, permite definir metas e objetivos sustentáveis, capitalizando o valor social e natural intrínseco a uma transformação sustentável operada em Fábricas de Água, disponibilizando água+ para utilizações económicas, reduzindo a pegada hídrica e custos de produção e utilização.

"Sabendo que não existe nada mais circular do que a água, os modelos de negócio que conduzem à necessária eficiência hídrica passam por explorar novas fontes de água, sustentáveis e economicamente viáveis, assegurando o futuro da humanidade."

QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA



Erradicar a fome



Saúde de qualidade



Água potável e saneamento



Cidades e comunidades sustentáveis



Produção e consumo sustentáveis



Ação climática



Parcerias para a implementação dos objetivos



O projeto da Bondalti apoia a implementação de um conjunto de medidas de conservação e promoção da biodiversidade, focadas especialmente na recuperação e conservação de duas espécies prioritárias: o lince-ibérico e a águia-imperial.

"Bondalti em prol da biodiversidade" nasce do interesse da Bondalti em interiorizar as preocupações de caráter ambiental e social. Inspirada no conceito de Business & Biodiversity, a Bondalti estabeleceu em 2017 uma parceria com a ANPC para apoiar a conservação e o fomento da biodiversidade no terreno, com escala espacial e temporal.

Este projeto de preservação do capital natural apoia a implementação de um conjunto de medidas de conservação e promoção da biodiversidade, "focadas especialmente na recuperação e conservação de duas espécies prioritárias, o lince-ibérico e a águia-imperial", explica a empresa na sua candidatura. O projeto desenvolve-se em Vale de Perditos, território com cerca de três mil hectares, situado junto à fronteira ao longo do rio Chança em Vila Verde de Ficalho, que constitui um corredor ecológico e que assegura a conectividade e a expansão de populações existentes destas espécies protegidas, em ambos os lados da fronteira. A área é composta por quatro Zonas de Caça Turística, com as quais foram estabelecidos protocolos de colaboração. "Assegura-se a execução continuada de medidas de gestão e conservação que beneficiam as espécies-alvo, contribuindo ativamente para a preservação da paisagem, prevenção de



Empresa: Bondalti Capital, S.A.

Nome do projeto: Bondalti em prol da biodiversidade

Data de início: **01/10/2017**

Data de conclusão: **01/10/2023**

Principais beneficiários da iniciativa:

a sociedade em geral e as populações locais. incêndios rurais, combate à desertificação e promoção socioeconómica local."

O candidato assegura que este projeto é uma iniciativa com resultados significativos na conservação do lince-ibérico e da águia-imperial, e um case study, exemplo a seguir por outras entidades preocupadas e empenhadas na preservação do capital natural.

EXCELENTES RESULTADOS SÃO PARA MANTER

Os candidatos preveem que o projeto continue nos próximos anos "e que os excelentes resultados até agora atingidos possam não só ser mantidos, mas igualmente reforçados", nomeadamente em relação ao lince-ibérico, com o estabelecimento de reprodutores, tendo a área escala e condições de habitats e presas compatíveis com a presença de várias fêmeas reprodutoras.

Para além da recolonização natural que já ocorreu – um exemplar isolado – e que o promotor espera poder voltar a acontecer dado a qualidade do território e a sua localização numa zona de interface entre os núcleos existentes no Vale do Guadiana e em Espanha, poderá ainda vir a ocorrer a libertação de exemplares criados em cativeiro, no âmbito do Plano de Ação para a Conservação do Lince-Ibérico em Portugal (PACLIP).



MONITORIZAÇÃO PERMANENTE

O sucesso do projeto está em permanente avaliação através da monitorização que é desenvolvida pela equipa no terreno, garante o promotor. Para além da monitorização sazonal das densidades de populações de presas (indivíduos/ha), com enfoque na perdiz-vermelha e coelho-bravo, existe ainda monitorização permanente de várias outras espécies, quer através de fotoarmadilhagem, quer pelos vários colaboradores, os quais percorrem diariamente o terreno, tendo instruções para anotar todas as observações e informações dignas de registo. "É este vasto conjunto de observações e registos que permite obter uma visão geral sobre as populações das diversas espécies e identificar locais específicos, como por exemplo os locais de nidificação de aves de rapina." Aliás, segundo os promotores, o trabalho desenvolvido em Vale de Perditos tem acompanhamento científico desde longa data, tendo os responsáveis pela gestão deste território sempre procurado estabelecer parcerias com investigadores e instituições científicas e alicerçado a sua atuação no melhor conhecimento disponível. "Nesse sentido, nos últimos anos tem vindo a decorrer uma parceria com o CIBIO. Universidade do Porto, entidade que tem colaborado nos trabalhos de monitorização e realizado trabalhos de investigação e desenvolvimento experimental, quer ao nível da biologia e ecologia das espécies, quer ainda ao nível genético e sanitário, sendo que os resultados e o conhecimento produzidos ao longo do tempo têm contribuído para ajustar e melhorar a gestão de habitats e populações em permanência."

CASO DE ESTUDO

Os candidatos não têm qualquer dúvida de que o trabalho desenvolvido em Vale de Perditos constitui um verdadeiro case study e um exemplo que poderá vir a ser seguido por outras entidades preocupadas e empenhadas na preservação do capital natural. "Trata-se, por conseguinte, de um projeto que tem elevado potencial para poder vir a ser replicado/escalado



QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA



Trabalho digno e crescimento económico



Reduzir as desigualdades 15%

Proteger a vida terrestre

em situações semelhantes, com elevados

17

Parcerias para a implementação dos objetivos

O projeto
desenvolve-se em
Vale de Perditos,
território com cerca
de três mil hectares,
situado junto à
fronteira ao longo do
rio Chança em Vila
Verde de Ficalho.

MIL HECTARES

é o território que ocupa
o Vale de Perditos

MIL visualizações teve o filme realizado pela Bondalti

760
MIL EUROS
distribuídos por seis
anos é o montante do
investimento

ganhos ao nível da conservação do capital natural." O projeto constitui ainda um case study de gestão sustentável e de responsabilidade social e ambiental no âmbito do BCSD Portugal. A iniciativa contribui de forma significativa para a salvaguarda da sustentabilidade social e económica, a par da sustentabilidade ambiental e ecológica, desenvolvendo modelos de gestão que permitam a criação de rigueza com base na exploração sustentável dos recursos naturais, bem como a criação de emprego, mediante a dinamização das atividades rurais tradicionais, incluindo formas de exploração sustentável dos recursos naturais como a agricultura, silvopastorícia, caça e turismo. Segundo dados fornecidos pelo próprio promotor, o projeto financiado pela Bondalti acarreta um investimento associado aos primeiros três anos de 360 mil euros, que foi reforçado para os próximos três anos em 400 mil euros, totalizando 760 mil euros distribuídos por seis anos, para a gestão multifuncional de uma área de aproximadamente três mil hectares. "Este investimento é canalizado na sua totalidade para suportar os custos com os recursos humanos associados ao projeto e ainda a aquisição de bens e serviços a nível local e regional. É um investimento que, de forma direta e indireta, contribui para o desenvolvimento económico da região."



A ARTE DE COLAR COM BASE BIOLÓGICA

A Colquímica desenvolveu uma gama de colas termofusíveis formuladas à base de matérias-primas de base biológica para diversas aplicações industriais.



Chama-se Kmelt Essence e é uma gama de colas termofusíveis formuladas com matérias--primas de base biológica. Estes produtos têm diversas aplicações industriais, nomeadamente na área das embalagens, higiene e área médica, colchões, filtros. Certificada pelo instituto DIN CERTCO, que avalia a percentagem de conteúdos biológicos na sua formulação, esta gama contempla também produtos, não só com matérias-primas bio, mas também polímeros mais sustentáveis (catalisados por metaloceno). Segundo o promotor, estes produtos, comparativamente aos comummente usados no mercado na indústria das colas (à base de polímeros EVA), são mais sustentáveis na sua aplicação, uma vez que apresentam redução nas temperaturas de fabrico utilizadas. menores consumos e permitem um aumento de eficiência com a redução do tempo de paragem das linhas produtivas.



Empresa:

Colquímica S.A.

Nome do projeto:

Gama de hot melts "Kmelt Essence"

Data de início: **17/09/2020**

Data de conclusão: Não há uma data de conclusão prevista.

Principais beneficiários da iniciativa: indústrias consumidoras de colas termofusíveis.

UTILIZAÇÃO DE ENERGIA RENOVÁVEL

Ou seja, tratando-se de uma gama formulada a partir de matérias-primas de base biológica, comparativamente às comummente usadas, de origem petrolífera, apresentam um menor impacto ambiental, quer na sua extração, quer no seu processo produtivo. "Para além disto, com o foco da empresa na sustentabilidade, a Colquímica tornou os seus processos produtivos mais eficientes." Nomeadamente em termos energéticos, com a utilização de eletricidade, 100% proveniente de fontes renováveis e em termos de desperdício de recursos, sendo que todo o produto, mesmo o não conforme, é reaproveitado em novas produções industriais. "É importante referir que a Colquímica Adhesives se encontra num consórcio organizado pelo ForestWISE - Laboratório Colaborativo para a Gestão Integrada da Floresta e do Fogo que visa a Inovação na



Fileira da Resina Natural para Reforço da Bioeconomia Nacional."

PRODUTOS DE BASE BIOLÓGICA

Assim, e na sua componente ambiental da sustentabilidade, a presente gama - que já se encontra a ser comercializada com um volume de vendas de cerca de 3000 toneladas - pretende substituir componentes de origem não renovável, os combustíveis fósseis, por produtos de base biológica, tais como resinas provenientes do pinheiro, ou do processo de produção de "kraft". "Deste modo, estamos a apoiar e a promover a economia circular, com redução de desperdícios e recuperação de produtos que seriam descartados". Para além disso, diz o promotor, com a utilização destas matérias-primas, estão a contribuir para a redução significativa das emissões associadas aos combustíveis fósseis.

Já na vertente económica da sustentabilidade. a gama Kmelt Essence apresenta na sua formulação uma grande percentagem de componentes resínicos naturais. Sendo Portugal um país com uma indústria resineira bastante forte, no que toca a resinas naturais, a utilização destas matérias-primas na formulação dos nossos produtos irá contribuir, segundo o candidato, para o crescimento da economia destes stakeholders e. como resultado. da economia nacional. "Assim, poderemos eventualmente considerar mais incorporação de matéria-prima nacional bio, com significativa redução da pegada carbónica de transporte."



3000 **TONELADAS** de volume de vendas

Utilização de eletricidade 00% proveniente de fontes renováveis

foi a data de início do projeto

QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA

Água potável e saneamento

renováveis e acessíveis

Trabalho digno e crescimento económico

Indústria. inovação e infraestruturas

Cidades e comunidades

sustentáveis

Ação climática

149 153 17

Proteger a vida marinha

Proteger a vida terrestre

Parcerias para a implementação dos objetivos

SENSIBILIZAR A SOCIEDADE

Neste momento, a Colquímica Adhesives já se encontra a divulgar esta gama através das suas plataformas sociais, webinars, e junto de todos os stakeholders. Com esta divulgação, pretendem sensibilizar a sociedade da importância da sustentabilidade e do uso de componentes naturais como substitutos de matérias-primas com origem em combustíveis fósseis. "Nesse sentido, pretendemos contribuir para a mudança de comportamento da sociedade em geral."

O objetivo da criação e divulgação desta gama é, em forma de resumo, sensibilizar toda a sociedade da necessidade de mudança, de modo a alcançar um futuro sustentável. "Apesar de os nossos produtos serem utilizados por outras indústrias e não diretamente pelo consumidor final, queremos divulgar que contribuímos para a produção de embalagens, produtos de higiene íntima, colchões, etc. mais sustentáveis." O promotor enfatizou ainda o facto de esta divulgação ser feita a nível nacional e internacional, uma vez que a Colquímica Adhesives é uma empresa multinacional com presença em três países e dois continentes.





Valorizar o contributo das searas de trigo do Alentejo para a promoção de biodiversidade de aves, em particular da águia-caçadeira, é o grande objetivo da candidatura da MC.

Com o objetivo de promover a conservação da águia-caçadeira, uma espécie seriamente ameaçada de risco de extinção, o Clube de Produtores Continente (CPC), a Associação Nacional de Produtores de Proteaginosas, Oleaginosas e Cereais (ANPOC) e o Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos (CIBIO/BIOPOLIS) da Universidade do Porto, com a colaboração do Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF), juntaram-se num projeto que pretende valorizar o contributo das searas de trigo do Alentejo para a promoção de biodiversidade de aves, em particular da águia-caçadeira.

A primeira fase da iniciativa, realizada em 2021, visou uma prospeção da área de ocorrência da espécie no Alentejo, identificação de colónias e ninhos, implementação e monitorização de medidas de proteção dos ninhos, sensibilização e envolvimento dos produtores na proteção da

80%
da produção das searas
de trigo do Alentejo
destina-se às padarias
do Continente

15 colónias foram monitorizadas neste projeto

áreas vão ser contempladas: Nordeste Transmontano e Alentejo espécie e, por fim, avaliação da problemática de conservação da espécie, de forma a se traçar um plano de intervenção a mais longo prazo. A primeira etapa permitiu ainda integrar um conjunto de aprendizagens relativas ao seu estado de conservação e efetividade das práticas e medidas de proteção e melhorar o desenho do protocolo metodológico, bem como atualizar conhecimento sobre a distribuição atual e a abundância relativa da espécie. Os últimos dados disponíveis remontavam a 2004. O trabalho realizado permitiu constatar o nível crítico de ameaça desta espécie, estimando um declínio nacional de 85% em apenas 10 anos, evidenciando a importância deste projeto que continuará nos próximos dois anos e será ampliado ao território nacional com os parceiros CPC, ANPOC, Palombar - Conservação da Natureza e do Património Rural e CIBIO/ BIOPOLIS.

PROMOVER O QUE É NACIONAL

Valorizar e promover a produção nacional tem sido a missão do Clube de Produtores Continente (CPC) desde a sua criação, há mais de 20 anos. Com uma atuação em diversas áreas, nos últimos anos, os cereais ocuparam um espaço central na agenda do CPC: considerando imperioso reduzir a dependência das importações de cereais, que representavam mais de 90% do trigo consumido e, simultaneamente, obter um produto de qualidade superior, estimulando um setor adormecido em Portugal, o CPC dinamizou um projeto inédito que juntou agricultores, industriais da moagem e investigadores. A ambição era voltar a fazer crescer trigo e triticale e outros cereais no Alentejo em quantidade suficiente para fornecer a padaria de todas as lojas Continente. Segundo o candidato, atualmente, fruto deste projeto, cerca de 80% da produção dos cereais do Alentejo têm como destino as padarias do Continente, que produzem diariamente um pão mais fresco, feito 100% com matéria-prima nacional. "Todo o processo de produção é certificado, do campo ao prato. Além de ter menos pesticidas, serem produções certificadas, o cereal produzido no Alentejo é armazenado durante muito pouco tempo, chegando mais fresco à fábrica de moagem, onde é transformado em farinha."

PROMOVER A BIODIVERSIDADE

Para além dos impactos positivos mencionados,

compreendeu-se a oportunidade que estas searas teriam na conservação da espécie seriamente ameaçada (a águia-caçadeira), ao aumentar a disponibilidade de habitat de nidificação e alimentação. Desta forma o CPC, a ANPOC e o CIBIO/BIOPOLIS desenvolveram uma primeira ação, através da qual a farinha utilizada diariamente nas padarias das lojas Continente passou a ter origem em searas de trigo que promovem a biodiversidade e a conservação desta espécie.

Complementarmente, a águia-caçadeira tem uma elevada importância considerando a manutenção de um conjunto de serviços para o ecossistema que assegura, sendo uma excelente aliada dos agricultores no controlo de pragas agrícolas. Não obstante, "caso não sejam implementadas medidas ativas de proteção da espécie há o risco de esta se extinguir no curto prazo", lê-se na candidatura. Desta forma, o projeto pretende contribuir para a reversão desta tendência, nomeadamente



Empresa: MC

Nome do projeto: Searas com biodiversidade: salvemos a águia-caçadeira

Data de início: **01/03/2021**

Data de conclusão: **29/12/2023**

Principais beneficiários da iniciativa:

a espécie, a região do Alentejo e os seus agricultores.

Foram realizadas iniciativas de educação, sensibilização e promoção de boas práticas para a conservação da águia-caçadeira.

QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA

12

Produção e consumo sustentáveis 15%

Proteger a vida terrestre

pela condução de uma avaliação que permitirá compreender a situação de referência da espécie no Alentejo. Procura igualmente contribuir com a implementação de medidas de emergência que visem a salvaguarda de ninhos e crias visando o aumento do sucesso reprodutor da espécie.

O Censo Nacional promovido e coordenado pelo projeto servirá de base para uma estratégia nacional visando a conservação da águiacaçadeira. O alargamento das medidas a implementar ao Nordeste Transmontano dará uma dimensão nacional do projeto ao abarcar as áreas cerealíferas mais importantes do país.



RESPEITAR A NATUREZA E MINIMIZAR OS IMPACTOS AMBIENTAIS

O Monverde Wine Experience Hotel, num local de inegável beleza vinícola, compromete-se a atuar em completo respeito pela natureza e a minimizar os impactos ambientais. O projeto está assente numa política de sustentabilidade, reflexo da sua preocupação com os problemas ambientais e energéticos, afirmando-se solidário e responsável para com as gerações futuras.

A sustentabilidade é, fundamentalmente, uma prática de responsabilidade partilhada. Neste sentido, o Monverde Wine Experience Hotel convida os seus hóspedes e visitantes a respeitar a natureza e a contribuir para um mundo melhor, partilhando a sua política ambiental, a carta ecológica, e todas as características úteis e informação sensibilizadora para uma atuação assente em boas práticas ambientais. "Sendo, também, uma forma de interagir com o mundo, preservando-o e não comprometendo os seus recursos para as gerações futuras, a sustentabilidade deve ser encarada do foro ecológico, económico, social e cultural e requer um empenho contínuo por parte das empresas e daqueles que as constituem", diz o promotor na sua candidatura.

É precisamente nesta visão de futuro e de planeamento consciente de negócio que o Monverde iniciou o seu trajeto já alimentado pela necessidade de respeito pelos recursos e de implementação de medidas que garantam o seu crescimento a longo prazo. Assim, tem vindo a aplicar várias medidas que permitem alcançar, em 2022, o objetivo de ser sustentável em 70% da energia necessária para o seu normal funcionamento, através da instalação de um parque solar. Também têm intensificado a busca por alternativas que correspondam às expectativas de quem os visita e que buscam por espaços mais "verdes" e de respeito pelos recursos naturais.

O IMPACTO AMBIENTAL

Localizado numa propriedade de 30 hectares, sendo 22 hectares de vinha plantada, o projeto teve já o seu planeamento assente numa política



Sendo o primeiro hotel vínico da Região dos Vinhos Verdes, o Monverde Wine Experience Hotel criou e desenvolveu novos métodos sustentáveis que hoje acompanham o crescimento deste projeto.

de preservação da paisagem natural circundante e da reutilização dos materiais preexistentes para a renovação dos edifícios que hoje o constituem, e vários outros fatores determinantes. Exemplo disso é o aproveitamento de recursos naturais. Seja beneficiando da colocação de painéis solares como fonte de energia limpa, do reaproveitamento da energia dos painéis solares para aquecimento das águas da área termal e de spa e deslocação em carros elétricos dentro da propriedade ou do aproveitamento das águas da chuva e respetivo encaminhamento para os edifícios (com filtragem) e jardins da propriedade. Lavagens de materiais apenas em carga total, e sempre com sensibilização junto dos colaboradores/hóspedes



para a gestão de recursos durante a estadia e a utilização das coberturas ajardinadas foram ainda aspetos a ter em conta.

Outro fator é a renovação e reciclagem de materiais. Aqui, é levada em conta a separação correta dos excessos produzidos em pontos de coleta devidamente sinalizados para hóspedes e colaboradores em toda a propriedade, assim como a condução adequada desses excessos para serem reciclados e reutilizados através de empresas próprias para o efeito. É ainda realizado o direcionamento de excessos não recicláveis para um sistema de compostagem, de base orgânica, e de posterior uso na horta biológica da propriedade. Foi igualmente feita a troca e substituição de materiais industriais e de escritório e descartáveis por materiais recicláveis ou de compostagem rápida.

UMA LIGAÇÃO MAIS PRÓXIMA À SOCIEDADE

As medidas e práticas sustentáveis que foram aplicadas durante a execução deste projeto, e nos últimos anos de desenvolvimento de negócio, permitiram, segundo os promotores, uma ligação mais próxima e direta com a sociedade, que se tornou mais crítica e atenta aos processos usados pelas empresas. O reconhecimento do Rótulo Ecológico da UE permitiu solidificar o esforço aplicado nos últimos anos, permitindo o reconhecimento e reforço dos critérios rigorosos aplicados. "Esta atenção à forma como os recursos naturais são usados e incorporados numa empresa, à forma como reutilizamos os recursos, como renovamos e nos ajustamos às novas diligências ambientais, gerou uma curiosidade adicional sobre o projeto, que tem atraído mais turistas nacionais e internacionais para o nosso espaço,



Empresa: **Monverde Wine Experience Hotel**

Nome do projeto: Preservação do Capital Natural

Data de início: **16/05/2015**

Data de conclusão: **30/06/2022**

Principais beneficiários da iniciativa:

hóspedes, visitantes e locais.



70%
da energia necessária
para o funcionamento do
hotel será sustentável
em 2022

35%
de redução do consumo
de energia foram
conseguidos com o
recurso a painéis solares

40%
de redução do consumo de águas municipais



que procuram cada vez mais produtos e serviços 'verdes', gerando um maior fluxo de visitas na região e na procura dos produtos locais e culturais", lê-se na candidatura.

Também permitiu, segundo os candidatos, uma maior procura pela oportunidade de trabalho em Monverde, uma vez que o projeto é já referência em vários trabalhos universitários, como exemplo de implementação de práticas ambientais, económicas e sociais sustentáveis em hotelaria e restauração.

QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA

30

Saúde de qualidade

60

Água potável e saneamento

7

Energias renováveis e acessíveis

84

Trabalho digno e crescimento económico

9

Indústria, inovação e infraestruturas

Cidades e comunidades sustentáveis

12⇔

Produção e consumo sustentáveis

13

Ação climática

17

Parcerias para a implementação dos objetivos

COMO ACELERAR PARA UMA ECONOMIA (MAIS) NATURAL?

A NBI – Natural Business Intelligence é uma consultora de negócios & ecologia fundada por especialistas em gestão estratégia e operacional de biodiversidade e ecossistemas com mais de 20 anos de experiência no mercado e na academia.

O foco da NBI é ajudar as organizações a criar opções para acelerar a transição para uma economia de base natural, ou seja, uma nova forma de criar valor para a sociedade, as pessoas e as empresas assente na integração dos benefícios dos bens e serviços da natureza, assim como da integração da avaliação e contabilização do capital natural na análise económica e financeira dos modelos de negócio e da forma como as próprias entidades públicas promovem a geração de riqueza e integram os benefícios socioeconómicos e ecológicos nas contas públicas.

De forma a poder concretizar a sua visão de transição ecológica e adaptação climática na prática, a NBI desenvolveu uma série de metodologias de entre as quais destaca-se a 'WESA: Whole Ecosystem Services Accounting', uma metodologia de integração do capital natural, que incorpora desde a visão estratégica até ao plano operacional, associando biodiversidade e serviços dos ecossistemas aos modelos de negócio.

A WESA foi desenvolvida com base na experiência da equipa na gestão de ecossistemas

2022 ano em que a metodologia será

internacionalizada

ODS impactados por esta iniciativa

2020 data de início do projeto

agrícolas, florestais e naturais, tanto em contexto de negócio como de planeamento e gestão territorial, de forma a permitir às organizações procederem à gestão e avaliação do capital natural através da valoração económica e socioecológica de bens e serviços dos recursos naturais, do território e da paisagem, assim como estimular as empresas na implementação de ideias inovadoras para criar valor através da conservação e gestão da biodiversidade e mesmo na diversificação de atividades industriais e de I&D na área da bioeconomia circular. Na prática, esta metodologia permitirá às organizações:

- Conhecer e compreender o valor do capital natural,
- Avaliar os impactes e dependências das suas atividades na biodiversidade e nos serviços dos ecossistemas,
- Desenvolver estratégias 'Nature Positive' e planos de gestão que ajudem a organização a integrar o valor da economia natural nos seus processos, produtos e serviços;
- Estimular a inovação e apostar em modelos de negócio regenerativos e mais alinhados com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, o Pacto Ecológico Europeu e mesmo com os critérios ESG emergentes, entre outros aspetos estratégicos mais setoriais.

A metodologia começou a ser implementada em 2020 e já conta com exemplos da sua aplicação em municípios como Loulé, Arruda dos Vinhos, Alvaiázere e Arouca – onde deu origem à primeira certificação de serviços dos ecossistemas pelo FSC em Portugal -, e empresas como ALTRI, Amorim Florestal, BRISA, Companhia das Lezírias, Esporão, LIPOR, SONAE MC, entre outras. A WESA foi recentemente distinguida com o Prémio 'Innovation Challenge' da construtora espanhola SACYR – para o qual concorreram 245 empresas de 25 países – e vai ser implementada em La Palma, nas Canárias, em 2022.







conjunto de indicadores que refletem os três tipos de serviços dos ecossistemas – provisão (produção de alimentos, fibras, energia, produtos silvestres, etc.), regulação (água, solos, polinizadores e controlo de pragas, carbono, adaptação climática, resiliência a incêndios e desastres naturais, habitats e espécies protegidas) e culturais (valores patrimoniais, culturais, tradicionais, científicos e educacionais) – e também os stocks e fluxos de capital natural. Toda a informação é analisada como apoio de sistemas de informação geográfica e algoritmos de apoio à decisão, na ótica da resposta aos desafios da transição ecológica e adaptação climática.

Desta forma, a WESA providencia informação integrada sob a forma de indicadores estratégicos e operacionais que refletem o real posicionamento da organização em termos de transição para uma economia de base natural, onde a valoração do capital natural e serviços dos ecossistemas é um aspeto chave, desenvolvidos com base em estatísticas e levantamentos de dados e processos de meta-análise de cálculo dos valores em unidades monetárias, para cada serviço dos ecossistemas − por hectare, por ano (€/ha/y). Desta forma, a NBI afirma que a WESA permite a integração com o relatório financeiro, análise económica de investimentos e respetivos



Empresa: **NBI Natural Business Intelligence**

Nome do projeto:

WESA: Whole Ecosystem Services Accounting

Data de início: **09/03/2020**

Data de conclusão: Não há uma data de conclusão prevista.

Principais beneficiários da iniciativa: PME e grandes empresas e autoridades locais, desde municípios a comunidades intermunicipais. trade-offs em termos de análise de custobenefício. "Da mesma forma, potencia novas oportunidades de investimento normalmente invisíveis aos olhos da economia convencional, tais como bancos de créditos de carbono e de investimentos em indústrias de base biológica no âmbito da bioeconomia".

ACADEMIA NBI

Com base no potencial da WESA, a NBI anunciou o lançamento da Academia NBI, que será orientada à formação e capacitação de comunidades e agentes económicos para a integração de boas práticas de gestão do capital natural, biodiversidade e ecossistemas, de forma a acelerar a transição ecológica e capacidade de adaptação climática das empresas e também ao nível do território e das comunidades. Na candidatura a empresa refere que a Academia NBI irá incluir sessões de acesso livre e gratuito, de forma a complementar o seu modelo de negócio, para assim aumentar o alcance e escalabilidade para o desenvolvimento de uma economia de base natural. A NBI acredita que só com uma alteração profunda do sistema económico poderemos ter algum otimismo para enfrentarmos os grandes desafios societais, económicos e ambientais que estamos a viver, e que é possível progredirmos conservando e até tirando partido da natureza.

QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA



Erradicar a fome



Trabalho digno e crescimento económico



Cidades e comunidades sustentáveis



Produção e consumo sustentáveis



Ação climática



Proteger a vida marinha

15%

Proteger a vida terrestre

DESAFIAR A AGRICULTURA SUSTENTÁVEL

A gama ADN Performance, uma nova geração de bioestimulantes para produção vegetal, foi lançada em França e chega agora a Portugal. O novo conceito surge como mais uma solução para os efeitos dos fenómenos extremos que, cada vez mais, alteram os ciclos de produção das culturas com consequências produtivas e económicas para o setor agrícola.



Após mais de sete anos de investigação e desenvolvimento no Centro Mundial de Inovação Roullier, em Saint Malo - França, a Timac Agro criou o novo conceito de bioestimulantes ADN Performance - Aumento, Destress e Nutrição. Em articulação com instituições académicas internacionais como o INRA Caen, a Universidade de Navarra ou a Universidade de Nottingham, entre outras, são agora apresentadas ao mercado cinco novas gamas de bioestimulantes, cujo início de comercialização foi a 1 de janeiro de 2022. "Foi uma longa maratona de I&D", diz o promotor. Um caminho que envolveu 448 ensaios de investigação no CMI e parcerias com universidades e instituições de investigação. Ensaios estes realizados na Alemanha, Bélgica, Espanha, França, Hungria, Itália, Polónia, Roménia. Foram ainda encetados 250 testes de demonstração realizados

Empresa: Vitas
Portugal, Unipessoal
Lda

Nome do projeto: **ADN Performance**

Data de início: **01/01/2014**

Data de conclusão: **31/12/2022**

Principais beneficiários da iniciativa: **de forma direta são os agricultores**

que venham a adotar os novos bioestimulantes Timac Agro. diretamente pelos países já citados e ainda na Ucrânia, Áustria, Bulgária, Grécia, Turquia, Portugal, Letónia, Lituânia, Marrocos.

OS DESAFIOS SUSTENTÁVEIS

Para o promotor, os desafios para uma agricultura sustentável e eficiente passam pela consciencialização da emergência climática num contexto cada vez mais complexo e dominado por um crescimento constante do ponto de vista económico, demográfico e tecnológico, obrigando a questionar os modelos de industrialização e de produção agrícola e agroalimentar. Nesse âmbito, a Timac Agro desenvolve linhas de investigação para melhorar a eficiência da nutrição, reduzindo a pegada ambiental das explorações agrícolas ao diminuir as emissões de gases com efeitos de estufa, a poluição de águas superficiais e subterrâneas, melhorando a eficiência de fatores

de produção, e dando preferência à utilização das matérias-primas da economia circular e incentivando a produtividade da agricultura biológica.

O candidato explica que a ADN Performance procura ser uma tecnologia de referência numa abordagem agroecológica.

"Responder às necessidades das culturas já não chega", lê-se na candidatura. "Devemos questionar-nos sobre o que pretendemos da agricultura e que impacto ambiental desejamos. Os bioestimulantes são já uma ferramenta importante na agricultura atual mas o conceito ADN Performance pretende ser uma etapa rumo à agroecologia." Esta agroecologia assenta, por exemplo, nas interações entre organismos vivos ou como os bioestimulantes podem favorecer a melhor compreensão de funcionamento das plantas e inserirem-se nos itinerários técnicos das culturas de modo a potenciarmos a sua produção com mínimo impacto. "A ADN Performance pretende responder à evolução global da agricultura. A investigação procura soluções para diferentes questões como a eficiência do sistema solo e planta, quais os desafios da fileira agrícola face a um enquadramento regulamentar em constante evolução."

O PAPEL DO AGRICULTOR E DA AGRICULTURA

O novo conceito de bioestimulantes "ADN Performance" pretende ainda, segundo o candidato, contribuir para sensibilizar a sociedade para o papel fundamental do agricultor e da agricultura enquanto provedores da alimentação duma população em acelerado crescimento. "Este novo conceito vem também reforçar o papel de preservação dos ecossistemas que é atribuído aos agricultores garantindo máxima segurança aos consumidores. Esta iniciativa visará também sensibilizar a sociedade para a importância do respeito pelo alimento, respeito pelo ambiente e respeito pela agricultura e pelos agricultores". Como resultado do desenvolvimento pelo



Com base em
ensaios realizados
em várias geografias,
esperam-se
melhorias de
produtividade em
diversas culturas
representativas do
setor agrícola.

400

ensaios de campo em explorações agrícolas a nível mundial foram realizado

448 ensaios de investigação

250 testes de demonstração

Centro de Inovação da Timac Agro em França, esta gama de bioestimulantes foi desenvolvida para apresentar soluções para as mais variadas culturas, solos e climas. Trata-se, portanto, de uma gama de produtos com aplicação na generalidade dos países europeus. "No caso de Portugal, tem potencial para cobrir todas as áreas geográficas, incluindo as ilhas, constituindo-se como solução para a grande ou pequena exploração, biológica ou tradicional."

CINCO NOVAS GAMAS

O novo conceito de bioestimulantes "ADN Performance" ramifica-se, assim, em cinco novas gamas com diferentes objetivos. O Kaoris, bioestimulante homologado à base de algas castanhas e extrato de plantas, regula a expressão de mais de mil genes que regem três grandes famílias fisiológicas relacionadas com a qualidade dos frutos. Já o Genaktis, bioestimulante homologado à base de algas castanhas e extratos de plantas, regula a expressão de mais de 2 mil genes que regem três grandes famílias de funções fisiológicas fundamentais para o bom desempenho agronómico das culturas para uma máxima performance genética. O Seactiv, bioestimulante homologado à base de algas extraídas da costa da Bretanha, ajuda as plantas a lidarem com os stresses abióticos com que se deparam no dia a dia e tem efeito desintoxicante de radicais livres, aumentando a atividade fotossintética para maior performance. A quarta gama, denominada Irys, é um bioestimulante, à base de aminoácidos e dum complexo húmico patenteado que liberta no solo os princípios ativos em função da necessidade da planta, e estimula o desenvolvimento radicular e a nutrição - com ação alargada sobre os stresses abióticos para uma nutrição estimulada. A última gama, Astelis, para uma nutrição bioativada dos cereais, cumpre o propósito de estimular naturalmente as plantas e de reforçar a expressão do potencial genético, regulando e otimizando a máxima expressão dos genes das plantas.



QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA



Erradicar a fome



Saúde de qualidade



Trabalho digno e crescimento económico

12⇔

sustentáveis

Produção Ação e consumo climática





É possível abandonar uma energia barata baseada no petróleo, consumir menos água, reciclar e, mesmo assim, manter a qualidade de vida de quem vive nas cidades, garantir a justiça social e promover a inclusão?

O caminho é longo, exige colaboração e, possivelmente, sacrifícios de todos.

Mas está a ser feito.

Luís Francisco

m 2007, as Nações Unidas (ONU) anunciaram que, pela primeira vez na história da Humanidade, o número de pessoas que viviam em cidades superara o total da população rural. A tendência vinha de trás e continuou a reforçar-se: as estimativas preveem que em 2050 os grandes aglomerados congreguem 70% dos seres humanos no planeta. Essa é, também, a data fixada por alguns países para se tornarem neutrais nas emissões de carbono. Se as cidades são responsáveis atualmente por mais de dois terços das emissões de gases que contribuem para o aquecimento global, como é que se vão conciliar estas duas realidades?

Em Portugal, que em 2016 foi pioneiro no anúncio da intenção de chegar à meta "carbono zero", os dados mostram que a realidade anda muito a par do retrato global no mundo: 64% dos portugueses vivem em cidades, que são responsáveis por 70% das emissões de dióxido de carbono. Como é que o mundo – e Portugal, em particular – vai enfrentar a transição energética para fontes não poluentes e o desafio de não exaurir os recursos do planeta sem comprometer a qualidade de vida das pessoas?

São muitas as interrogações e ainda mais as variáveis. Para começar, num mundo a várias velocidades, há quem tenha começado a poluir bem mais cedo e quem ainda não tenha o conforto material para se preocupar com o longo prazo. Há quem sofra na pele os primeiros sinais da ameaça das alterações climáticas (com tempestades, secas, ondas de calor e subida do nível dos mares) e quem até pareça beneficiar delas (no Ártico, o clima mais temperado pode abrir novas oportunidades, desde os transportes à agricultura). Há interesses económicos, estratégias políticas, tensões sociais, rivalidades, invejas, mentalidades mais ou menos abertas à mudança, oportunismos e calculismos. Enfim, há pessoas no processo.

Se, como acentua Miguel Morais, responsável da área de negócio da Deloitte que trata das questões da sustentabilidade (ver entrevista nestas páginas), as pessoas só mudam quando têm algo a ganhar com isso, será preciso descobrir as formas de incentivar à mudança sem acenar com a ameaça de um retrocesso civilizacional. E é aqui que a qualidade de vida se cruza com as questões ligadas à adoção de políticas sustentáveis.

Foi nas cidades que a Humanidade encontrou o acelerador da sua evolução e é lá que continua a encontrar melhor qualidade de vida. Entre 1770 e 2020, a economia global cresceu 135 vezes, o rendimento per capita tornou-se 15 vezes superior e a população do planeta quase decuplicou, tornando-se progressivamente mais urbana. O reverso da medalha é que as emissões de ${\rm CO}_2$ (dióxido de carbono, o mais importante dos gases com efeito de estufa que estão a aquecer o planeta) também dispararam nesse período, até atingirem os 37 mil milhões de toneladas em 2019. A concentração de ${\rm CO}_2$ na atmosfera passou de 300 partes por milhão em 1920 para 417 em maio de 2020.

Os saudosistas ou os idealistas até podem dizer que o melhor era mesmo regressarmos todos ao campo, a uma existência mais simples em contacto direto com a natureza e seguindo os ritmos do planeta. Mas a realidade não se compadece com lirismos. Na verdade, estudos mostram que a concentração urbana permite reduzir os impactos ambientais per capita. Manhattan, com a sua "selva" de arranha-céus, é mais eficiente em termos energéticos e tem uma pegada ecológica menor do que Washington ou Los Angeles, revelou na sua obra "Green Metropolis" o norte-americano David Owen, redator da "New Yorker" e autor de uma série de livros sobre questões ambientais e urbanismo. A mensagem que acompanha o título do livro aponta de imediato algumas pistas: "Porque é que viver em menor escala, viver mais próximos e conduzir menos são as chaves da sustentabilidade."

OS BONS EXEMPLOS

A solução, portanto, está em gerir melhor as cidades. Ou até repensá-las. Alguns autores apontam para a necessidade de mais gente ainda viver em cidades – embora o ideal fossem cidades mais pequenas, com muitos espaços verdes e agricultura urbana, deixando espaço livre para a natureza se regenerar. No seu livro "Half-Earth: our planet's fight for life", Edward O. Wilson, famoso biólogo norte-americano por muitos chamado "Charles Darwin do século XXI" e que morreu em 2021, deixou mesmo uma estimativa; metade do planeta devia ser mantido fora da influência dos seres humanos para assegurar o equilíbrio da Terra.

Por enquanto, é apenas uma pista. Mas as cidades por esse mundo fora vão procurando formas de, potenciando as vantagens que a escala lhes traz, manterem ou até melhorarem as condições de vida das suas populações. Porque só há pessoas nas cidades porque elas têm vantagens – se assim não fosse, as pessoas não se fixariam. Os seres humanos têm uma enorme capacidade de adaptação, mas são também instintivamente calculistas.

Para percebermos o que está a ser feito e o que pode ainda vir aí, o melhor é darmos uma espreitadela nos "rankings" internacio-



nais de sustentabilidade. O mais global é o Sustainable Cities Index, compilado pela Arcadis todos os anos em colaboração com o Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Urbanos (ONU--HABITAT) e que classifica 200 cidades do mundo a partir de três vetores de sustentabilidade: social (que inclui a qualidade de vida), ecológico (energia, contaminação, emissões) e económico (ambiente empresarial, saúde da economia). A lista de 2021, parcialmente divulgada, coloca Lisboa na 46.ª posição, numa lista liderada por Zurique (Suíça), Singapura e Estocolmo (Suécia). A primeira destaca-se na reciclagem e reaproveitamento do lixo não orgânico, a segunda apresenta uma notável gestão e reutilização da água, a terceira conta com um exemplar sistema de transportes públicos. Outro "ranking", este da Uswitch e cujos critérios são baseados em dados sobre energia, transportes, custo de vida, poluição, qualidade do ar, emissões de CO₂ e percentagem de espaços verdes, coloca a capital australiana, Camberra, no topo, seguida de Madrid (Espanha) e Brisbane (Austrália). Copenhaga (Dinamarca), Frankfurt (Alemanha), Hamburgo (Alemanha), Praga (Rep. Checa) e Zurique (Suíça) são as outras cidades europeias no "top 10". Razões para este sucesso: Camberra tem uma rede exemplar de transportes públicos movida em 48% a energia solar ou eólica; Madrid também apostou nas energias alternativas nos transportes públicos; Brisbane está entre as líderes mundiais no recurso à energia solar.

No relatório da Arcadis, a capital portuguesa sai-se bem nos dois primeiros vetores de análise (sustentabilidade social e ecológica), mas perde no terreno da economia. São dados interessantes para analisar, mas nem o gabinete do vereador responsável da Câmara Municipal de Lisboa nem a E-Nova, Agência de Energia e Ambiente de Lisboa, responderam aos pedidos de contacto para este trabalho. Quanto ao estudo da Uswitch, embora não apareça entre as primeiras 20 desta lista, Lisboa é a segunda das cidades analisadas com melhor desempenho no capítulo das energias sustentáveis.

Ficam alguns factos: para ganhar a eleição de Capital Verde da Europa em 2020, Lisboa – a primeira a assinar o novo Pacto dos Autarcas para o Clima e Energia, em 2016 – esgrimiu argumentos como os 50% de redução de emissões de ${\rm CO_2}$ entre 2002 e 2014 ou os cortes do consumo de energia em 23% e de água em 17%, entre 2007 e 2013.

AS "ARMAS" DE PORTUGAL

E essa é uma arma importante da capital e do país – que surge na 27.ª posição das nações mais sustentáveis em 2020 num "ranking", o Environment Performance Index, da Universidade de Yale, EUA – na "batalha" da transição energética, sublinha Miguel Morais: "Temos sol, temos ventos estáveis ao longo do ano, temos condições naturais que favorecem a produção de energia limpa. Fomos dos primeiros países a apostar nas renováveis: barragens, eólicas, centrais solares... foi um dos grandes investimentos do país nas últimas décadas. E isso posicionou Portugal de uma forma muito competitiva, permitindo até que empresas portuguesas se afirmassem lá fora e exportassem o seu conhecimento e os seus produtos. E se o projeto de conversão da central de Sines para hidrogénio for adiante, estaremos a par dos principais países no domínio dessa tecnologia."

O reverso da medalha é a ameaça de falta de água, alerta o executivo da Deloitte: "Chove cada vez menos e o nosso Sul poderá evoluir para uma situação semidesértica. Com implicações na fixação das populações, na agricultura e numa área estratégica para a economia nacional, o turismo: para combater a sazonalidade do sol-praia, estabelecemos uma estratégia de aposta no golfe. Foi muito bem-sucedida, mas ambientalmente tem um preço elevado. Como é que vamos resolver isto? Há países que estão a olhar para a utilização de água do mar... a tecnologia já existe, mas é muito cara. Seria muito interessante em Portugal investir verbas e conhecimento na investigação nesta área, para procurar soluções mais baratas."

Centrando a atenção nas cidades, e nos aspetos menos favoráveis das urbes portuguesas na caminhada para uma maior sustentabilidade, há problemas evidentes nos transportes, com os portugueses na cauda da Europa no que respeita à utilização de transportes públicos; na construção, que teve uma explosão nos anos mais recentes; e nos resíduos, onde ainda há muita coisa para fazer. "É claro que a economia circular depende dos comportamentos individuais, mas os maiores consumidores de recursos são os processos industriais", salienta Miguel Morais. "Se as pessoas alterarem os seus comportamentos privilegiando as empresas que têm práticas mais sustentáveis (práticas efetivas, porque também há muito marketing à volta do tema...), criam o estímulo para que continuem a investir nessa dinâmica. É na escala das empresas, das atividades comerciais, que se faz a grande diferença."

É tudo uma questão de o exemplo vir de cima. Porque as cidades portuguesas são atrativas, como o provam os constantes "rankings" ligados ao turismo. E não só. O site britânico "Money" colocou Lisboa na 4.ª posição mundial como cidade mais saudável para se viver em 2022, uma lista em que o Porto surge no 14.º lugar. Foram tidos em conta indicadores habituais como esperança média de vida, poluição atmosférica, taxa de obesidade, segurança e horas de luz solar, mas também alguns ligados à era de pandemia que atravessamos: a assistência médica, o número de enfermeiros, psiquiatras, assistentes sociais ou psicólogos. Lisboa tem "2806 horas de sol, ajudando os seus habitantes a absorver a sempre importante vitamina D, excelente sistema de saúde e alguns dos mais saudáveis estilos de vida, com muitos espaços para exercício físico ao ar livre", destaca o site inglês. Valência (1.ª), Madrid (2.ª) e Camberra (3.ª) são as únicas cidades que ficaram à frente da capital portuguesa.

Mas há outras cidades em Portugal a merecerem destaque nesta transição rumo a uma maior sustentabilidade. Guimarães integrou a lista de "100 Cidades Inteligentes" compilada pela Comissão Europeia, Aveiro lançou a iniciativa Aveiro Tech City, o Porto aposta nos espaços verdes e no projeto Porto Energy Hub, cujo lema é "Eficiência energética para todos". Em 2020, Águeda, Porto e Braga integraram a lista de 88 cidades líderes do ambiente a nível mundial, numa escolha da organização não governamental Carbon Disclosure Project, que as colocou na "classe A". No ano anterior, em 2019, Guimarães, Lisboa e Sintra já tinham merecido igual distinção.

Vai exigir trabalho, coordenação e a ajuda de todos, mas é possível viver melhor em cidades mais sustentáveis. O planeta agradece.

BARÓMETRO

₽P0\$1171\/0

HABITAÇÃO

Portugal é um dos países da União Europeia (mais Islândia, Noruega, Reino Unido e Suíça) que relatam menos problemas de sobrelotação na habitação, com apenas 9% dos agregados nessa condição

... 7 ... 😯 Chipre Malta Bélgica 2,5 5.6 4,2 VALORES EM PERCENTAGÉM

ENERGIAS RENOVÁVEIS

Bom desempenho, que em Portugal representam 34% do total da produção e quase duplicaram a sua contribuição entre 2004 e 2020. O aproveitamento da energia geotermal dá à Islândia uma liderança destacada

VALORES EM PERCENTAGEM

EMISSÕES DE CO2 POR AUTOMÓVEIS O rejuvenescimento da frota de ligeiros põe Portugal numa boa posição no que respeita aos níveis de emissões de carbono (em gramas de dióxido por quilómetro percorrido). Os portugueses optaram por cilindradas mais baixas

Noruega Bulgária 80.2 82,3 VALORES EM GRAMAS DE CO2 POR KM

ÁREA MARINHA DA REDE NATURA 2000

Na Europa, só França e Espanha têm mais superfície marinha abrangida pela rede Natura 2000. Temos quase 10% do total europeu, um sinal evidente pela preocupação com a proteção dos oceanos num país virado para o mar

0 Franca Eslovénia Espanha 132,7 84,4 VALORES EM HECTARES

FLORESTA
A floresta cobre 50% do território português, a 7.ª área mais significativa na Europa. É um recurso natural e uma arma para mitigar as alterações climáticas. A área florestal na Finlândia, a primeira da lista, é de 70,1%

Finlândia Suécia 70.1 66,6 62,5 VALORES EM PERCENTAGEM

AR EM PORTUGAL

É dos melhores da Europa. Por m³, os portugueses inalam 9,1 partículas (2,5 micrómetros), o que nos coloca no 8.º lugar europeu. Estamos pior nas partículas maiores (10 micrómetros) mas em 20 anos melhorou muito

Finlândia Estónia Suécia Bulgária 4,8 5,1 5.8 VALORES EM PERCENTAGEM

CULTIVO BIOLÓGICO Portugal é o 11.º país da Europa com maior percentagem de área de cultivo biológico. Entre 2000 e 2020, a opção por este modo de produção mais sustentável disparou de 1,2% para os atuais 8,1%

1 Suíca Estónia R. Checa Port VALORES EM PERCENTAGEM

PRODUÇÃO DE RESÍDUOS

Somos dos que menos resíduos produzem. Com 1316 kg per capita ficamos na 7.ª posição. Não estamos tão bem nos resíduos perigosos, com Portugal a ocupar um bem menos honroso 16.º lugar

Chipre Estónia Letónia Croácia 922 930 701

REDE NATURA 2000 EM -Em terra não estamos tão bem como no mar. A rede Natura 2000 cobre 20,6% do território português,

o que nos vale a 11.ª posição a nível europeu. A Eslovénia encabeça a lista com quase 40% da sua área

Eslovénia Croácia 36,7 34.9

AGREGADOS COM ACESSO À INTERNET A mensagem de sustentabilidade passa melhor entre populações informadas. Nesse aspeto, Portugal tem uma arma a seu favor. é o 5.º país com maior percentagem

de agregados familiares com internet de alta velocidade Malta Dinamarca Espanha Portugal Grécia 100 93,8 91,7 <mark>86,6</mark> 10,2

GASTOS DE ENERGIA PELO CLIMA Num índice fortemente influenciado pela meteorologia,

as famílias dos países do Sul são as que menos energia gastam. Portugal aparece em 2.º nesta lista, calculada em kg equivalentes de petróleo

Malta **Espanha** 204 VALORES EM KG

REDE DE ESGOTOS A rede pública cumpre o seu papel em Portugal. A percentagem da população servida por, pelo menos, tratamento secundário das águas residuais era em 2017 de 84,6%, um crescimento notável face aos 27% em 2002

P. Baixos Luxemb. 97 99.5 14.9 VALORES EM PERCENTAGEM

ÁGUAS As águas portuguesas são de qualidade, mas sem deslumbrar. As nossas zonas costeiras ficam em 7.º lugar com 93,3%; nas águas interiores, menos bem, com a 13.ª posição (74,5%)

ÁGUAS COSTEIRAS

VALORES EM PERCENTAGEM

(2) (1) Chipre 97,1 98,8 100

ÁGUAS INTERIORES f OFinlândia 97,7 94



MIGUEL MORAIS

"AS PESSOAS VÃO TER DE PRESCINDIR DE COISAS OU PAGAR MAIS POR ELAS"

Miguel Morais, 46 anos, licenciado em Gestão e com a maior parte da sua carreira centrada no setor da banca e dos seguros, é o responsável de Risk Advisory na Deloitte. É esta a linha de negócio da empresa que trata os temas da sustentabilidade – e eles são cada vez mais abrangentes, explica. Num mundo que enfrenta uma revolucionária transição energética e riscos climáticos crescentes, existe a consciência coletiva de bem comum, mas não se tem passado a mensagem de que esta adaptação terá de ser paga por cada um de nós. Em dinheiro ou em perda de mordomias.

omecemos pela noção essencial: de que falamos quando falamos de sustentabilidade? Falamos de muita coisa! O conceito tem evoluído ao longo do tempo. Começou por uma componente muito ambiental, para tratar temas como a energia, as energias renováveis, as alterações climáticas, e agora evoluiu para aspetos da sociedade em geral: a diversidade, o modelo de governo das sociedades. É um conceito muito mais abrangente, que é conhecido pela sigla ESG [iniciais de Ambiente, Sustentabilidade e Governação, em inglês]. Estes temas são agora vistos em conjunto. Dou-lhe um exemplo muito concreto, na banca. O Banco Central Europeu fará os habituais testes de esforço em 2023, mas em 2022 vai fazer um exercício exclusivo sobre riscos climáticos. Porquê? Porque está a dar uma importância acrescida ao ESG dentro da atividade bancária. Analisar de que perspetiva os riscos climáticos vão pôr em causa a capacidade de os clientes pagarem os créditos, por exemplo, mostra a importância que é dada a este tema.

Já é um tema "mainstream"?

Não, acho que avança a diferentes velocidades. Uma coisa são as atividades que são reguladas (a energia, a banca...), e aí os reguladores têm incrementado a rapidez com que as coisas estão a

ser feitas. No setor da energia há mesmo pressão dos governos e da comunidade internacional. Depois, em sentido completamente contrário, se pensar na cadeia de abastecimento e na venda a retalho... produtos feitos na China a darem a volta ao mundo antes de chegarem a casa das pessoas não é propriamente o modelo mais ecológico.

Em termos globais, em que ponto estamos na definição e aplicacão de metas de sustentabilidade?

Depende. O que lhe posso dizer é que tem ganho uma importância adicional. Se olharmos para as principais empresas portuguesas, vemos que na generalidade já estão a aplicar ou a definir programas direcionados à sustentabilidade em que essas metas estão definidas e são acompanhadas. Tem havido a preocupação de incorporar nas organizações conhecimento sobre esta questão. Nos últimos dois/três anos o tema ganhou uma importância que não tinha até aqui.

Quais são os principais desafios que se colocam?

O maior deles todos é a transição energética. Portugal até foi pioneiro na aposta "zero carbono em 2050"... Esse é um grande desafio, do ponto de vista da mudança tecnológica que implica. Mas





há um desafio adicional: que essa transição seja feita de uma forma razoavelmente justa. Vamos a um exemplo: estamos todos de acordo na ideia de abandonar as fontes de energia à base de petróleo e adotar outras que não emitam carbono. Mas como é que se faz isso? Primeiro, é precisa uma evolução tecnológica para produzir essa energia e isso está em curso. Segundo, essa evolução tem de chegar ao consumo. E é aí que a noção de justiça entra em jogo. Porque, não podemos esquecer, estamos a trocar uma energia que é mais barata por uma energia que é mais cara. Alguém vai ter de pagar esse diferencial... Vamos ter carros elétricos e deixar o gasóleo! Certo, mas há carros a gasóleo a circular. Como é que vamos levar essas pessoas a fazer a transição? Incrementamos a carga fiscal do gasóleo? Isso leva a que as pessoas que não tinham dinheiro para um carro elétrico, que é mais caro, vão pagar mais para fazer a sua vida normal... A energia é mais cara e os equipamentos que permitem consumir essa energia também são mais caros. As pessoas que têm capacidade para os adquirir são os mais favorecidos - isto pode levar a uma situação socialmente injusta.

Podemos confiar nos dados sobre sustentabilidade fornecidos pelas instituições?

As empresas definem metas e práticas e relatam as suas atividades. No caso das que estão cotadas em bolsa, a Deloitte e outras empresas do ramo são chamadas a fazer uma verificação independente dessas conclusões, garantindo que o que está lá dito é mesmo verdade. Noutro tipo de organizações, não haverá verificação independente. São autoavaliações.

Fale-nos do trabalho da Deloitte nesta área.

Por um lado, ajudamos a definir a estratégia de sustentabilidade de uma empresa, à volta dos temas do ESG, o que implica estabelecer a situação atual, traçar objetivos e desenhar as ações necessárias para os cumprir. Aí estamos numa perspetiva de consultor. Depois, apoiamos as empresas a pôr em prática essas ações. Por último, há o trabalho de auditoria, de verificação. Naturalmente, fazemos questão de não auditar aquelas empresas cujo plano e objetivos ajudámos a definir e pôr em prática! (risos)

No curto prazo, o que é que eu, cidadão anónimo, tenho a ganhar com a adoção de práticas mais sustentáveis?

É uma excelente pergunta, porque se calhar a resposta não é agradável! Nós o que estamos a dizer às pessoas é que há um bem comum, com o qual todos concordamos, mas de facto no curto prazo isto vai implicar transformações que provavelmente têm um custo de adaptação. E esse custo necessariamente vai ser suportado por cada um de nós. Por exemplo, no período da covid houve problemas nas cadeias de abastecimento. Vamos ao caso dos chips, cuja produção está essencialmente baseada na China e na Índia: houve um período de alguns meses em que houve falta de chips no mercado, condicionando a entrega de automóveis, de computadores... Uma cadeia deste tipo, com os componentes a viajarem milhares de quilómetros para serem montados em todo o mundo, não é a ideal do ponto de vista ecológico. Olhando de um ponto de vista ambiental, há um custo. Mas ele não é imputado neste momento, pelo que continua a ser mais barato. O dilema é: vamos diversificar a produção e trazê-la para a Europa? Mas aí ficará mais caro, por

força dos custos de mão de obra... O consumidor está disponível para pagar esse preço? Estamos a falar de coisas tão óbvias como o retalho alimentar: nos supermercados temos a "manga de avião" – vem do Brasil para Portugal, mas os consumidores habituaram-se a comer mangas todo o ano. O que é que estamos dispostos a perder? Porque não é possível produzir mangas no Alentejo! No curto prazo, há um custo de adoção efetivo e as pessoas vão ter de, ou prescindir de coisas, ou pagar mais por elas.

Essa mensagem tem passado?

Não!

A sustentabilidade pode acarretar um retrocesso civilizacional, no conforto e no bem-estar?

Eu creio que ninguém quer viver a sua vida em retrocesso. E não tem existido transparência sobre esse custo de adoção.

Como se motiva as pessoas a fazerem um esforço para saírem da sua zona de conforto?

Não sou sociólogo, mas a ideia que os estudos nos dão é que há um conceito básico: as pessoas movem-se por interesse próprio. Mover-se-ão na direção daquilo que lhes é favorável, que lhes dá vantagens. É por isso que existem incentivos fiscais na transição energética, para que o nivelamento entre uma energia mais barata mas poluente e uma mais cara mas ecológica seja feito por intervenção do Estado. Vejamos os carros: há incentivos fiscais na compra de veículos elétricos. Isso foi o primeiro passo. Mas o essencial é que um produtor, a Tesla, trouxe uma nova proposta que é basicamente um computador com rodas, que oferece aos clientes coisas que um carro tradicional não tem. Isto traz vantagens para o consumidor e o resto da indústria automóvel, percebendo que o público adere, avança com propostas semelhantes. Aí a revolução está em andamento.

Por falar em políticas globais, qual é a quota-parte dos decisores e dos cidadãos? Eu poupo água em casa e depois vejo um jardim público a ser regado num dia de chuva... O exemplo vindo de cima é relevante ou não?

Os grandes consumidores de energia, de água, os grandes produtores de resíduos, estão identificados. Cada participante neste processo vai tentar reduzir o seu peso. Mas temos de separar os universos: as empresas, as famílias, o Estado. Acho que as empresas estão muito motivadas para definirem metas de sustentabilidade e melhorarem a sua eficiência, até porque a energia e a água não são baratas e vão ficar mais caras. Do ponto de vista das famílias há uma consciência social, mas a grande mudança acontece quando os custos aumentam e as pessoas passam a consumir menos. Como em tudo, a ideia de responsabilização é essencial para que se passe da consciência para a ação concreta. As situações de desperdício que vamos testemunhando são resultado dessa falta de responsabilização.

Os decisores económicos parecem estar mais sensibilizados para esta questão do que os decisores políticos. A política está a ir a reboque da economia?

Os políticos, ou os governos, têm uma função de orientação da sociedade, de dar prioridade a determinados temas. Em Portugal, o







A ideia de responsabilização é essencial para que se passe da consciência para a ação concreta. As situações de desperdício que vamos testemunhando são resultado dessa falta de responsabilização.

PRR (Programa de Recuperação e Resiliência) introduz essa prioridade na agenda económica e social. Por essa via, estamos a criar um programa de incentivo ao investimento público que na prática estimula a iniciativa privada a mudar na transição energética. Mas essa preocupação já existia nas empresas, porque há custos de produção que podem subir, porque há consciência ambiental e até, nalguns casos, porque o seu modelo de negócio pode estar ameaçado. Se não houver água suficiente, não há agricultura intensiva! O projeto de desenvolvimento imobiliário da Comporta, dos maiores da Europa, pode ser inviabilizado pela prevista subida do nível dos mares – uma parte daquela zona ficará submersa! É claro que as empresas envolvidas neste processo não vão sozinhas travar a subida do nível dos mares, precisam da ajuda do resto da sociedade, do resto do mundo. Tem de haver uma consciência global. E a grande incógnita deste processo é que o bem é comum, precisa da ação de todos, mas está muito no longo prazo. E as pessoas só agem se tiverem benefícios no curto prazo.

É nas grandes decisões ou nas pequenas atitudes que reside o fator-chave para impulsionar a mudança?

Em ambos. É claro que a consciência das pessoas influencia e condiciona os decisores, mas é nas empresas que se faz a diferença. Por uma questão de escala.

As alterações climáticas são a grande bandeira para agudizar a necessidade de apostar em modos de vida mais sustentáveis. Como é que vê o debate à volta dessa questão?

Parece haver maior consenso na comunidade científica sobre a existência desses processos e que esses processos, no longo prazo, nos trarão consequências nefastas. Por outro lado, a verdade é que o tema tem sido arma de arremesso entre adversários políticos. Acho que o que temos de fazer é dar mais voz aos cientistas. Muitas vezes na espuma dos dias o que interessa é a polémica e ela só é válida no curto prazo e só existe se houver opiniões divergentes...

Se tivesse de escolher o "inimigo público nº1" da sustentabilidade, qual seria? O petróleo, o dinheiro, o comodismo? Outro?

Acho que é sempre o dinheiro ou, ainda melhor, o valor. As pessoas, as empresas, o Estado, movem-se em função do interesse. Têm de ver valor para se mexerem. Obviamente a consciência social sobre estes temas está muito mais desenvolvida nas gerações mais jovens e isso é essencial. Mas só isso não basta. E não podemos esquecer de que estamos a debater este assunto num país que proporciona conforto à sua população; há muitas partes do mundo onde estas questões nem se colocam, porque as necessidades são muito mais básicas.

Existe, ou não, o risco de a sustentabilidade ser vista como aqueles ideais políticos (o liberalismo, o comunismo, por exemplo) que são perfeitos em teoria, mas que depois não resistem à erosão da vida real?

Acho que não, acho que já passámos a fase do idealismo. A consciência social poderia até corresponder a um certo idealismo, mas quando as empresas desenvolvem programas de sustentabilidade abrangentes, tendo em conta que o seu modelo de negócio pode ser impactado por estas questões, aí estamos já bem para lá disso.

Consegue imaginar uma sociedade moderna com impacto zero no ambiente?

Não. Não consigo e acho que é contranatura: se há coisa que o Homem fez desde que surgiu foi intervir no ambiente. E vamos continuar a fazer coisas de que não temos consciência imediata dos seus efeitos. A Revolução Industrial começou no século XVIII e passou muito tempo até percebermos que estávamos a libertar quantidades enormíssimas de carbono para a atmosfera e que isso iria ter consequências. Agora, acho é que o conhecimento científico é cada vez maior, permitindo uma mais rápida compreensão das consequências dos nossos atos e a correção desses comportamentos.



As autarquias têm um papel decisivo para se chegar à neutralidade carbónica. Mas, para que isso aconteça, é necessária uma transformação dos serviços dos centros urbanos para que sejam mais eficientes e mais sustentáveis. Apesar de Portugal já ter dado alguns passos nesse sentido, ainda não há uma estratégia comum a nível nacional. Ana Petronilho





Parque das Nações, Lisboa

s alterações climáticas são uma realidade e o mundo está em contrarrelógio para minimizar todas as consequências da pegada humana. E esse grande desafio passa pela transformação de todos os serviços dos grandes centros urbanos – vilas, cidades ou áreas metropolitanas. Neste campo, Portugal não é exceção e apesar de já terem sido dados alguns passos, ainda há, dizem os governantes e os especialistas, um longo caminho a percorrer para que os municípios portugueses se tornem sustentáveis, havendo hoje um país sem uma estratégia nacional comum e a várias velocidades na corrida do combate às alterações climáticas.

Há já alguns exemplos de municípios portugueses "com boas práticas de sustentabilidade reconhecidas" pela União Europeia, mas, no geral, as autarquias "ainda têm um caminho a percorrer no conhecimento, intervenção e monitorização dos seus padrões de sustentabilidade urbana" quando comparadas com alguns centros urbanos de países como a Alemanha, a Áustria, a Holanda ou dos países Nórdicos, disse ao Negócios o Ministério do Ambiente e da Acão Climática.

O pódio do ranking europeu de desenvolvimento sustentável para 2021 é ocupado pela Finlândia, pela Suécia e pela Dinamarca. Neste relatório, que avalia 34 países europeus em termos de sustentabilidade, Portugal surge em vigésimo lugar (com 69,1 pontos), duas posições acima de 2020. No entanto, no Índice de Desenvolvimento Sustentável em 2021, que mede a eficiência ecológica do desenvolvimento humano a nível mundial, em 166 países, o país recuou três posições face a 2020, passando da 68ª para a 71ª posição (com 0,634 pontos num máximo de um). O índice é liderado pela Costa Rica com 0,850 pontos.

Com metas para a redução de carbono no horizonte, o cenário preocupa especialistas e ambientalistas nacionais, que alertam, apesar de Portugal ter "um conjunto de ferramentas legislativas e políticas em vigor", para a falta de "estratégias mais claras" sobre como o país pretende alcançar os objetivos para o desenvolvimento sustentável, sublinha a associação Zero.

Em Portugal, os municípios estão ainda a começar a testar, tal como em alguns países europeus, os indicadores locais que vão integrar no referencial comum para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, diz o Ministério do Ambiente e da Ação Climática, para quem devem ser tidos em conta toda a política ambiental e climática, incluindo a energia, a mobilidade e transportes, os resíduos e a economia circular.

Apesar da falta de uma estratégia comum a nível nacional, o combate às alterações climáticas e a meta da neutralidade carbónica "são prioridades para os municípios portugueses", garante a Associação Nacional dos Municípios Portugueses (ANMP), lembrando que é necessário um reforço no seu envelope financeiro e que é "urgente" a descentralização. Só com mais verbas e mais poder de decisão o país vai conseguir, de forma mais célere, um quadro de sustentabilidade generalizado em áreas como planeamento urbano, bem-estar das populações, gestão de recursos naturais, valorização de resíduos, preservação ambiental, proteção civil e mobilidade.

Entre os vários setores, o principal desafio está, sublinha ainda ao Negócios o Ministério do Ambiente e da Ação Climática, nos transportes. Há cinco anos "eram responsáveis por 25% das emissões e hoje representam 28% e o pior é que estão a crescer em termos absolutos. Num país que reduziu em 32% as suas emissões, os transportes não têm vindo a reduzir as suas emissões", observou o ministro João Pedro Matos Fernandes, que aponta que, no pós-covid, é preciso reforçar a confiança nos transportes coletivos.

Segundo a Organização das Nações Unidas, as cidades representam 60% do produto económico gerado e são responsáveis por 75% das emissões de carbono. Emissões que temos de eliminar para chegarmos à neutralidade carbónica. Ainda de acordo com os dados da ONU, as cidades ocupam apenas 3% da área dos continentes, mas consomem entre 60% e 80% de toda a energia. A mesma organização estima ainda que vivem atualmente cerca 3,5 mil milhões de pessoas em cidades, cerca de metade da população mundial. Um número que deverá crescer para cinco mil milhões na próxima década, representando 60%, sendo que em 2050 os habitantes urbanos deverão ultrapassar os 70%.

PAPEL CENTRAL DOS CENTROS URBANOS

Então, "não há outra forma de resolvermos os nossos problemas relacionados com sustentabilidade ambiental sem ser através das cidades", diz logo à partida Miguel Eiras Antunes, partner e líder global da área de Smart Cities da Deloitte. A mesma posição tem o presidente da Câmara do Porto, Rui Moreira, que, durante a intervenção na abertura na 6ª edição do fórum anual da European Metropolitan Authorities (EMA), que decorreu em novembro de 2021 na Alfândega do Porto, defendeu o papel vital dos municípios na transição energética, salientando que "os desafios que o mundo está a enfrentar exigem de todos a capacidade de trocar conhecimento e perspetivas".

Também o ministro do Ambiente e da Ação Climática, João Pedro



Preça da República, Braga

Matos Fernandes, aproveitou a mesma ocasião para alertar que "só há transição energética justa com um envolvimento muito grande por parte das autarquias". Isto porque, continuou o governante, são os autarcas "quem está em melhores condições de compreender bem o risco que todos corremos e ao mesmo tempo são capazes de os interpretar para o seu território, tentando que ninguém fique para trás", no campo da integração social.

Mas, para Miguel Eiras Antunes, o papel dos municípios para chegarmos à neutralidade carbónica representa "um grande desafio, porque cada cidade é independente e a única forma de termos um impacto relevante na sociedade é trabalharmos de forma relativamente integrada. Não chega Lisboa, Porto, Braga ou Viseu fazerem coisas, porque isso não vai ter impacto relevante. Para ter impacto tem de ser feito de uma forma relativamente coordenada", acrescentou.

A nível europeu essa coordenação parece estar mais encaminhada do que em território nacional. Em novembro de 2021, durante o fórum anual da EMA, autarcas, líderes e representantes políticos das áreas metropolitanas de 21 países europeus assinaram a Declaração Política do Porto, que passa por um compromisso para trabalharem em conjunto em quatro áreas – transportes públicos, coesão, habitação e espaço público – para que cheguem à neutralidade climática, transformando os centros urbanos em locais mais sustentáveis e mais inteligentes. Mas, para que isso aconteça, na mesma linha do que defendem os municípios portugueses, as 21 áreas metropolitanas – incluindo a de Lisboa e Porto – reclamam um reforço no seu envelope financeiro e no seu poder decisivo.

54 AUTARQUIAS COM BANDEIRA VERDE

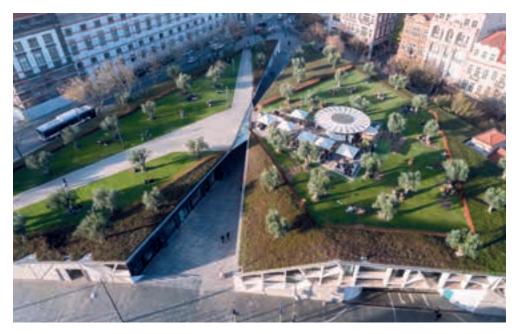
Apesar da falta de concertação a nível nacional, há vários municípios a quem são reconhecidas, pela Associação da Bandeira Azul da Europa, boas práticas de sustentabilidade. Todos os anos, desde 2005, que o programa Eco XXI avalia 21 indicadores e subindicadores nas áreas ambiental, social e económica. As autarquias com as melhores práticas para o desenvolvimento sustentável recebem a Bandeira Verde.

No ano passado, foram galardoados 54 municípios com a Bandeira Verde, de norte a sul do país. Foi o ano em que foi registado o segundo maior número de candidaturas, com 58 municípios – cerca de 19% do total de 308 autarquias do país – a apresentar-se na corrida pela Bandeira Verde.

Entre os indicadores avaliados pelos peritos está o desempenho das autarquias face a metas desejáveis relacionadas com a sustentabilidade municipal, que vão desde o ordenamento do território e ambiente urbano até à produção e recolha seletiva de resíduos urbanos, ou ainda à mobilidade sustentável. São ainda tidos em conta indicadores específicos no âmbito das alterações climáticas e saúde e bem-estar, sendo também considerados temas como a educação para a sustentabilidade, cidadania, participação e governança, gestão e conservação da floresta, a qualidade do ar e turismo sustentável, entre outros. Para que seja atribuída uma bandeira, as autarquias têm de ter um desempenho com um índice acima dos 50%.

Entre os candidatos, Pombal foi a autarquia com a melhor classificação, com um índice acima de 80%, seguindo-se Torres Vedras e Braga, também na casa dos 80%. Mais sete municípios conseguiram o feito de igualar ou superar os 80%, sendo eles Maia, Santo Tirso, Leiria, Oeiras, Lousã, Sintra e Águeda.





21 países europeus assinaram a Declaração Política do Porto, que passa por um compromisso para trabalharem em conjunto em quatro áreas – transportes públicos, coesão, habitação e espaço público – para que cheguem à neutralidade climática.

Praça de Lisboa, Porto

No reverso, com as classificações mais baixas, com índices entre os 50% e os 60%, foram atribuídas Bandeiras Verdes a 14 municípios: Tábua, Horta, Torres Novas, Lajes do Pico, Ourém, Fundão, Soure, Caminha, Vila do Porto, Amarante, Vila de Rei, Sesimbra, Beja e Vila do Bispo.

Das 58 autarquias que se candidataram, houve quatro – Alandroal, São Roque do Pico, Montemor-o-Velho e Porto Moniz – que não reuniram as condições necessárias para receber a Bandeira Verde por não terem conseguido ultrapassar o índice de 50% nos critérios avaliados.

BAIÃO E OUTROS EXEMPLOS

O caminho para a sustentabilidade está associado a uma profunda transformação de todos os serviços dos centros urbanos, que terão de ser mais eficientes e sustentáveis. Neste percurso, a nível nacional, há municípios a várias velocidades. Ainda assim, há algumas cidades que se estão a destacar pelo esforço de transformarem alguns dos seus serviços em ofertas mais sustentáveis.

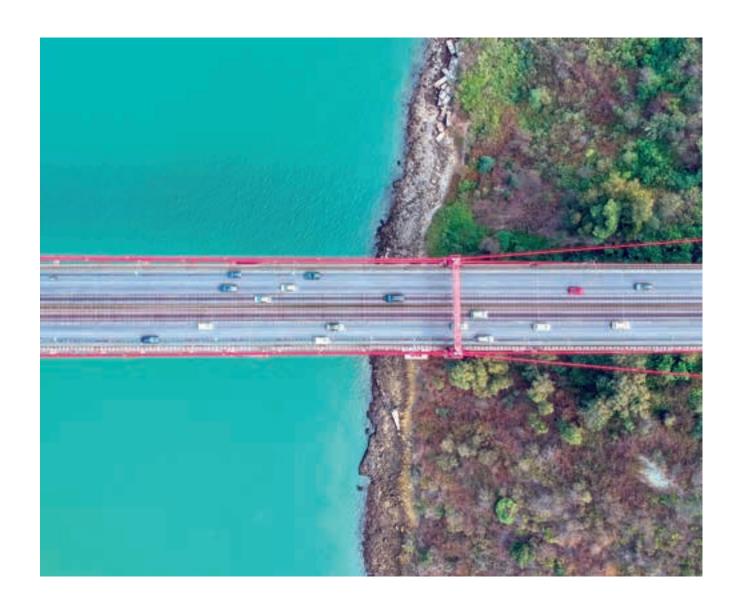
É o caso de Baião, que é o primeiro concelho português a ser galardoado, pelo Global Sustainable Tourism Council, com o certificado de "Galardão Prata" EarthCheck como destino turístico sustentável. Para atribuir o certificado a Baião, a organização criada em 2007, com o apoio da Fundação das Nações Unidas e da Organização Mundial do Turismo, analisou vários serviços da autarquia, entre os quais: a recolha gratuita de monstros domésticos e de construção de demolição, a aquisição pelo município de terrenos florestais de elevado valor ambiental, projetos para a criação de percursos pedonais ao longo dos rios Ovil, Teixeira e Douro. Foi ainda tida em conta a reflorestação do território com 14.290 árvores, o repovoamento dos rios Ovil e Teixeira com trutas, a criação da rede municipal de oleões e de ecopontos, a distribuição de sacos de reciclagem à população e a renovação gradual da frota automóvel municipal com veículos elétricos.

Também Lisboa já foi reconhecida pelas suas práticas sustentáveis e, em 2020, foi eleita Capital Verde Europeia. O título foi atribuído à capital portuguesa por esta ter estabelecido vários objetivos de eficiência energética e neutralidade carbónica em vários serviços da cidade, nomeadamente na energia, água, mobilidade, resíduos e infraestruturas verdes e biodiversidade. Por exemplo, pretende atingir 25% de espaços verdes até 2022 e poupar 10% da água consumida na cidade através da reutilização de água não potável para outros fins.

O Porto tem-se focado na mobilidade, na transição energética e em novos produtos ou serviços mais sustentáveis. Entre várias iniciativas, destaca-se o Porto Energy Hub e a aposta nos espaços verdes. Mas, além das medidas ambientais, para que um município seja sustentável é necessário que seja, também, inclusivo e competitivo, com capacidade de gerar empregos e que consiga proporcionar bem-estar aos seus habitantes. Uma cidade sustentável terá então de ser uma cidade inteligente (smart city).

E aqui também há algumas autarquias a ganhar algum destaque. Guimarães é um desses exemplos, e em 2020 recebeu a distinção "100 Cidades Inteligentes" atribuída pela Comissão Europeia. O município quer ser um Laboratório de Futuro e está a trabalhar em projetos transformadores em 12 setores desafiantes para as cidades, nomeadamente na energia, água, mobilidade, futuro do trabalho, habitação, resíduos, etc.

Também em Aveiro foi destacada a iniciativa Aveiro Tech City que pretende utilizar a tecnologia como meio para melhorar a qualidade de vida dos cidadãos e ajudar as entidades de governação a recolher e partilhar informação relevante sobre novas formas de gerir a cidade em áreas como mobilidade, educação, cultura e meio ambiente. Com o objetivo de se tornar numa smart city no prazo de oito anos, Cascais tem investido no desenvolvimento de soluções que transformem o espaço urbano, através de plataformas de gestão da rede de transportes, disponibilidade dos veículos a circular, gestão energética, redução dos gastos com iluminação, entre outras.



OS DESAFIOS DAS CIDADES PARA CHEGAREM À SUSTENTABILIDADE

Em Portugal, nos centros urbanos pouco mais de metade da população usa os transportes coletivos. Uma realidade que preocupa o Governo e os autarcas que afirmam que os transportes são o setor mais desafiante para se chegar a uma cidade sustentável. Ana Petronilho



a busca pela cidade sustentável, são vários os desafios que se apresentam a um município, sobretudo nas áreas dos transportes, da energia ou das tecnologias. "Vamos ser neutros em carbono em 2050 sem esforço? A resposta é não", avisa desde já o ministro do Ambiente e da Ação Climática, João Pedro Matos Fernandes, considerando que nesta matéria "todos" têm de fazer um esforço, tanto as entidades públicas, como as empresas e as famílias.

Em uníssono, Governo, autarquias e empresas dizem ter a descarbonização e a sustentabilidade no topo das suas preocupações. Mas, apesar de a indústria, as empresas de transportes e as de energia já adotarem algumas medidas mais ecológicas, o tecido empresarial de todos os setores e as autarquias têm ainda trabalho a fazer.

Para a Confederação Empresarial de Portugal (CIP), o contributo do tecido empresarial para se transformar uma cidade ou uma vila mais sustentável passa por "uma transição energética bem-sucedida e que as atividades produtivas sejam cada vez mais alicerçadas na economia circular". E este desenvolvimento vai implicar "transformações importantes no ciclo de vida dos produtos". Desta forma, "as empresas terão de reinventar novos métodos de produção de bens para reincorporar matérias já fora de uso e relançar na economia aquilo que, ainda hoje, é desperdício", diz ao Negócios fonte oficial da CIP, que garante que estas mudanças "estão em curso".

Mas além das alterações de gestão de produtos e produção em marcha, as empresas e as cidades enfrentam outras mudanças. Com a pandemia, o teletrabalho ou o modelo híbrido passou a fazer parte da rotina de todos, o que fez despertar a ideia de que deslocações diárias para ir trabalhar são uma verdadeira perda de tempo e de dinheiro. Passámos também a querer ter mais perto os serviços médicos, os serviços educativos, os espaços de lazer, os locais onde fazemos compras, etc.

CIDADE DOS 15 MINUTOS

E é desta mudança de paradigma que Carlos Moreno, professor catedrático na Universidade de Paris IAE - Pantheon Sorbonne e diretor científico da cadeira de Empreendedorismo-Território-Inovação, criou o conceito de cidade dos 15 minutos. A ideia é transformar as cidades que temos atualmente em cidades que sirvam as pessoas e não os carros. Para isso, é preciso mudar o conceito de cidade cêntrica para um modelo policêntrico, com serviços descentralizados, aos quais as pessoas cheguem em 15 minutos a pé ou de bicicleta a partir das suas casas.

"Não é possível continuar a viver nas cidades dos carros a gasóleo, com más redes de transportes públicos, assim como também não é possível continuar a ir às compras aos grandes centros comerciais. A crise da pandemia da covid-19 está a mudar radicalmente a situação, incluindo o dia a dia da vida de cada um de nós", defende Carlos Moreno, para quem a cidade dos 15 minutos não só é uma forma de reduzir as emissões de gases como também é uma forma de reduzir o stress e gerar bem-estar.

O conceito do professor da Sorbonne é bem visto e está já a ser testado em algumas cidades no mundo como em Milão, Itália, em Melbourne, na Austrália, e em Utrech, na Holanda.

O PROBLEMA DOS TRANSPORTES

Mas no imediato, o maior desafio das cidades para atingir a sustentabilidade são os transportes, apontam o Governo, os especialistas e a Associação Nacional de Municípios, que defendem ser vital a aposta e o apelo para que se recorra mais aos transportes coletivos como meio de deslocação no dia a dia. "Os transportes que eram responsáveis por 25% das emissões há cinco anos, hoje, representam 28% e o pior é que estão a crescer em termos absolutos", alertou o ministro Matos Fernandes, que frisou que "a pandemia da covid-19 tirou muitas pessoas do transporte coletivo" tendo sido registada uma procura "na ordem dos 60%". É, por isso, "essencial criarmos condições para que as pessoas voltem a ganhar confiança nos transportes coletivos", defendeu ainda o ministro.



É essencial criarmos condições para que as pessoas voltem a ganhar confiança nos transportes coletivos.

Matos Fernandes, ministro do Ambiente e da Transição Climática







Posição partilhada pela ANMP, que entende que o "país é demasiado pequeno para que os obstáculos físicos à coesão territorial persistam", sendo "incontornável a aposta numa política pública de mobilidade e de transporte que encurte as distâncias" reduzindo os tempos e os custos das deslocações.

Estas preocupações revelam que são ainda insuficientes os reforços que as autarquias têm vindo a fazer na sua frota de autocarros urbanos, sobretudo nos elétricos.

No ano passado, por exemplo, a Carris comprou 15 elétricos articulados, passando para o dobro a frota atual, e adquiriu também 30 autocarros elétricos, num investimento total de cerca de 60 milhões de euros. Desde 2017, quando a Carris foi municipalizada, foram adquiridos mais de 300 veículos.

Também na Invicta a câmara tem feito esta aposta com a Sociedade de Transportes Coletivos do Porto (STCP), tendo estabelecido a meta de, num prazo de dez anos, atingir os 40% de autocarros urbanos totalmente elétricos. Em dois anos, a empresa intermunicipal conta chegar aos 76 veículos deste tipo e mais do que duplicar essa frota até 2027.

Uma aposta que também está a ser feita nas periferias das áreas metropolitanas e fora dos grandes centros urbanos, com o apoio dos fundos comunitários. O Ministério do Ambiente lembrou as autarquias que os fundos europeus vão permitir apoiar a compra de autocarros elétricos por empresas que prestam serviços de transporte coletivo em Guimarães, Braga, Coimbra, Aveiro e Faro, mas também em territórios com mais baixa densidade populacional, como Fornos de Algodres, Almodôvar, Castro Verde ou Vila Velha de Ródão. No mês passado, havia já uma frota de 193 novos autocarros elétricos prestes a arrancar pelas estradas destas cidades e vilas.

Praça do Giraldo,

O projeto Positive Energy **City Transformation** Framework, do grupo EDP, através da New, passa por uma nova forma de produzir e consumir energia em cidades históricas, tendo como cidade-piloto Évora.

CIDADES DE ENERGIA POSITIVA

Além dos transportes elétricos, os centros urbanos começam também a dar passos noutras formas de produzir energia. É o caso do projeto Pocityf (Positive Energy City Transformation Framework), do grupo EDP, através da New, que passa por uma nova forma de produzir e consumir energia em cidades históricas, tendo como cidades-piloto Évora, em Portugal, e Alkmaar, na Holanda.

Nestas cidades foram instalados um conjunto de Positive Energy Blocks, uma nova tecnologia, em áreas geograficamente delimitadas, através da qual se conseguem produzir níveis de energia renovável superiores ao consumo, em termos de média anual. Através destas soluções tecnológicas (os Positive Energy Blocks), os edifícios geram energia que pode ser utilizada na preservação do património cultural da cidade ou da mobilidade urbana.



NOVA GAMA JEEP_® 4xe HÍBRIDA PLUG-IN. AGORA **CLASSE 1** NAS PORTAGENS.*



Consumos e emissões da gama em ciclo combinado WLTP de 1,9 a 4,1l/100km e de 44 a 94g/km. * Jeep Wrangler – Classe 2 nas portagens.

Jeep, is a registered trademark of FCA US LLC.



MIGUEL EIRAS ANTUNES

Partner e Global Smart Cities and Urban Transformation Leader da Deloitte

ANDRÉ DIAS

CTO & Founder da FLOW

LUÍSA SCHMIDT

Socióloga e investigadora principal na ICS

MIGUEL DE CASTRO NETO

Subdiretor NOVA Information Management School e coordenador do NOVA Cidade – Urban Analytics Lab

PAULA TELES

CEO da Mobilidade PT

PRESIDENTE DO JÚRI



As cidades estão na linha da frente da transição para uma sociedade mais verde, digital e inclusiva, sendo que o bem-estar dos cidadãos não pode nunca ser esquecido. Premiar pioneiros nestes domínios é evidenciar a urgência e a importância desta transição.



A sustentabilidade urbana e o bem-estar dos cidadãos implicam antes de mais uma cidade de habitantes. uma cidade de proximidade: aos serviços, ao trabalho, à educação, aos lazeres, aos consumos, aos poderes públicos e sobretudo a uma cultura de cooperação para encontrar soluções comuns.



O nosso futuro comum está a ser construído hoje e as cidades são as protagonistas da sustentabilidade e neutralidade carbónica que ambicionamos, capaz de garantir qualidade de vida a quem nelas vive, trabalha ou visita.





O Planeta está doente. E é tempo de atuarmos rapidamente para um futuro mais sustentável. E este exige novas medidas urgentes ao nível do planeamento e da gestão das cidades! Nesta categoria foram aceites iniciativas, serviços ou produtos que promovam cidades ou vilas sustentáveis e o bem-estar da comunidade. Para tal, tiveram de contemplar metodologias com impacto positivo nos ecossistemas urbanos através da integração e interação sustentável com a academia e o cidadão, através da melhoria da mobilidade, das infraestruturas e transportes públicos existentes, aumento das ligações entre áreas urbanas, desenvolvimento de edifícios sustentáveis, otimização de património histórico e cultural, desenvolvimento de turismo sustentável, promoção de cidades despoluídas, habitação acessível, espaços verdes e de lazer, serviços públicos, modos de vida sustentáveis, equilíbrios geracionais, combate ao isolamento social e promoção de organizações de moradores.

RAUL MOURA Comissário da Comissão Técnica de Sustentabilidade da Ordem dos Arquitetos



A cidade sustentável é uma cidade centrada nas pessoas e nas suas comunidades; é uma cidade inclusiva e diversificada; é uma cidade com os olhos no futuro e a experiência e ensinamentos do passado.

A APOSTA NA MICROMOBILIDADE

Mudar o paradigma relativamente à mobilidade dos cidadãos, acabar com os carros particulares e incentivar a utilização de meios de transporte e mobilidade partilhados, sustentáveis e acessíveis é a missão da Bolt.

Demonstrar aos cidadãos que não precisam de depender de um carro privado para se moverem e viverem o seu dia-a-dia é o grande objetivo da Bolt, empresa estónia fundada em 2013 que fornece trotinetas e bicicletas elétricas. serviços de transporte de passageiros (TVDE) e de transporte de mercadorias. A candidata visa, assim, contribuir para a alteração do paradigma no que respeita à propriedade no âmbito do transporte e mobilidade. Isto é, pouco a pouco alterar a perceção e comportamento dos cidadãos de que é imperativo ter um veículo privado, que existem alternativas mais económicas, ecológicas, individuais ou coletivas que permitem aos cidadãos realizar as suas viagens do dia-a-dia. "Os nossos serviços tornaram-se um elemento de conexão do cidadão com as redes de transporte público assim como um apoio durante a pandemia do Covid 19, proporcionando um meio de transporte seguro, individual e ao ar livre", lê-se na proposta da Bolt.

VIAGENS INFERIORES A 5 KMAs opções de transporte da Bolt são

tipicamente utilizadas para viagens inferiores a cinco quilómetros, sendo uma forma de conectar centros urbanos a hubs de mobilidade - como estações de comboios, aeroportos - "de forma rápida, independente, ao ar livre e acessível, quando comparada com outros transportes convencionais". A diminuição de carros privados leva, logicamente, a uma diminuição de congestionamento, emissões de CO, e poluição sonora contribuindo, segundo a empresa, para uma cidade mais ecológica e limpa. "De forma resumida, podemos concluir que o nosso serviço contribui para a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos da seguinte forma: redução das despesas relacionadas com o transporte, maior higiene e segurança durante as viagens e cidade mais limpa/menos ruidosa".



Bolt

Empresa: Bolt Support Services

Nome do projeto: Frota de trotinetes e bicicletas elétricas e servico de TVDE

Data de início: **18/01/2018**

Data de conclusão: **31/12/2040**

Principais beneficiários da iniciativa:

os cidadãos
portugueses que
procuram opções
de transporte mais
acessíveis, mais
sustentáveis
e práticas.

A Bolt tem oito anos de experiência e opera em mais de 40 países e 250 cidades em toda a Europa, África e América Latina. Particularmente na Europa, conta com uma frota de trotinetes elétricas em mais de 160 cidades e 16 países. No caso do serviço de TVDE - transporte individual e remunerado de passageiros em veículos descaracterizados, tem já 2,5 milhões de condutores a nível mundial. Em Portugal, a empresa da Estónia está presente no Algarve, Aveiro, Barcelos, Braga, Castelo Branco, Coimbra, Évora, Guimarães, Leiria, Lisboa, Madeira, Porto, Santarém, Sines, Viana do Castelo e Viseu.

UMA SAUDÁVEL PEGADA

Para garantir uma saudável presença no mercado, a empresa explica que as trotinetes são Climate Positive desde 2021, calculando uma pegada de carbono e reduzindo-a a zero através de uma combinação de medidas de eficiência interna, energia renovável e projetos de compensação. Aliás, a Bolt garante ter levado a neutralidade de carbono ainda mais longe, orgulhando-se de ser "a primeira plataforma de veículos elétricos a operar trotinetes elétricos climáticos positivos (climate



Os serviços da Bolt impactam o pilar económico das cidades ao incentivarem a não possuir veículo próprio

positive) a partir de 1 de dezembro de 2020". O armazém de Lisboa é alimentado por energia verde, sendo parte dos objetivos da Bolt alimentar todos os seus armazéns com energia 100% renovável.

A par da sensibilidade para a vertente ambiental, a acessibilidade dos preços faz igualmente parte do conceito do candidato. "Acreditamos firmemente que as opções de transporte mais sustentáveis devem ser, também, acessíveis a todos". A empresa aposta, nas suas próprias palavras, em ter o serviço mais acessível do mercado, seja trotinetes ou bicicletas elétricas, "porque acredita que é a única forma de atingir um maior público e assim diminuir o número de carros nas ruas e a poluição".

Para contribui para a melhoria de políticas públicas, a Bolt compromete-se em partilhar dados reais relacionados com os seus serviços de mobilidade por forma a que os responsáveis pelas cidades possam realizar os investimentos corretos. "Os planos de mobilidade fazem parte da estratégia de qualquer município ou cidade. Existem objetivos e intenções por parte dos mesmos de investir em infraestrutura e alternativas de transporte sustentáveis. No



+40
países contam com
presença da Bolt

4058 viagens é a vida útil esperada das trotinetes

2,5
MILHÕES de condutores
a nível mundial

entanto, são necessários dados reais para o fazer corretamente. É esta a proposta de valor da Bolt para com as cidades".

A IMPORTÂNCIA DA PARTILHA DE DADOS

Aliás, a empresa responsável pela candidatura admite que a eficiência das operações é chave para disponibilizar o serviço mais prático possível aos utilizadores, sendo esta eficiência apenas possível através de um extenso trabalho de análise de dados de utilização tendo em vista a criação de novos processos otimizados. "Neste sentido, o contínuo estudo e adaptação dos nossos serviços levam ao desenvolvimento de novas tecnologias tanto para uso interno como externo". A título de exemplo, a Bolt destaca o uso de uma tecnologia de geolocalização em tempo real de todos os clientes. "Adicionalmente, possuímos equipas de desenvolvimento de tecnologia e software que está em permanente contacto com empresas disruptivas neste setor e que, desta forma, garantem colaborações que nos dão acesso aos mais recentes desenvolvimentos na área". Assim, e através da estreita colaboração com estas instituições, a empresa diz garantir que presta permanentemente um serviço de qualidade superior e que é um agente na geração de conhecimento relevante nos setores de mobilidade e micromobilidade. "Na Bolt estamos abertos à partilha de todos os dados recolhidos no âmbito das nossas operações por forma a ajudar as cidades a enfrentar o desafio da Regeneração Urbana".



QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA

10 m m

Reduzir as desigualdades – Reduzir a desigualdade dentro e entre países

Cidades e comunidades sustentáveis - Tornar as cidades e as povoações humanas inclusivas, seguras, resistentes e sustentáveis

13

Ação climática – Tomar medidas urgentes para combater as alterações climáticas e os seus impactos



Promover um conjunto de dinâmicas institucionais que sejam promotoras da compreensão, aceitação e valorização da participação dos cidadãos é um dos objetivos da iniciativa Meu Bairro, Minha Rua, promovido pela câmara municipal.

O Meu Bairro, Minha Rua (MBMR) é um projeto da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia que visa promover o envolvimento e a participação ativa dos cidadãos na gestão do espaço público. Integra duas áreas de intervenção que, embora distintas, são inevitavelmente indissociáveis: a área de natureza material, que engloba todas as obras físicas nos espaços públicos e a área de natureza relacional, que promove a coesão social e visa a criação de vínculos de confiança entre os cidadãos e destes com as instituições. Na vertente de intervenção urbana, a autarquia explica que a delimitação da área a intervir pressupõe um levantamento dos espaços públicos existentes passíveis de intervenção, bem como das restrições impostas pelos demais documentos orientadores municipais, nomeadamente o Plano Diretor Municipal. "Em articulação com os diferentes serviços do município são sinalizadas algumas zonas do concelho com maior necessidade de intervenção, nomeadamente alguns locais estruturantes que carecem de uma melhoria do espaço público e do fortalecimento de vínculos entre os cidadãos e com os espaços", lê-se na candidatura.

PROMOVER A PARTICIPAÇÃO ATIVA DOS CIDADÃOS

Já na vertente de natureza relacional, a autarquia pretende, através de um trabalho muito próximo das pessoas e das instituições,



Empresa: Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia

Nome do projeto: **Meu Bairro, Minha Rua**

Data de início: **01/04/2019**

Data de conclusão: 1.ª fase 31/12/2024 Continuidade por igual período.

Principais beneficiários da iniciativa:

A comunidade no seu todo, desde a comunidade escolar, famílias, empresas e demais atores-chave dos territórios. ajudar a criar uma nova forma de viver em comunidade com todas as suas realidades e desafios. "Assim, para colmatar a falta de participação e desresponsabilização dos cidadãos, entre eles e com os espaços, são promovidas, em parceria com o Instituto Padre António Vieira - IPAV, o programa social Ubuntu no Bairro, dinâmicas que visam aumentar a coesão social e o sentido de pertença." O projeto Meu Bairro, Minha Rua encontra-se em fase de velocidade de cruzeiro, depois do piloto realizado em 2019 no guarteirão da Biblioteca. Neste momento, segundo a autarquia, tem intervenção em curso em sete locais: Biblioteca (Mafamude), Quebrantões (Oliveira do Douro), Cedro (Mafamude), António Sérgio (Mafamude), Senhora Graça (Grijó), S. João (Canelas), Espinheiro (Canidelo). "No plano de ação estão identificados três novos locais, com início programado para janeiro de 2022." O objetivo é chegar a 30 territórios.

A iniciativa pretende, numa primeira fase, evidenciar a falta de participação ativa dos cidadãos e posteriormente promover um conjunto de dinâmicas institucionais que sejam promotoras da compreensão, aceitação e valorização da participação dos cidadãos, quer ao nível do desenvolvimento social, como ao nível de suporte à tomada de decisão e, consequentemente, do investimento público.

Projeto procura promover a participação ativa dos cidadãos, sem discriminar estrato social, faixa etária, níveis de escolaridade ou conhecimentos.

MICROPROBLEMAS, MAS DE GRANDE IMPACTO

A resolução de microproblemas, com grande impacto na vida dos cidadãos que usam os espaços, é, por vezes, mais visível do que intervenções estruturais mais onerosas e, porventura, mais generalistas. É nesta perspetiva que são reconhecidas inúmeras mais-valias ao projeto, nomeadamente na promoção do desenvolvimento social, na participação ativa dos cidadãos e no reforço do vínculo aos espaços. Segundo a câmara municipal, o envolvimento dos diferentes agentes do território, sejam eles os cidadãos, as instituições ou o poder político, é fundamental, nomeadamente no que concerne à estreita colaboração com as Juntas de Freguesia, na identificação dos problemas e no desenho de soluções, uma vez que o conhecimento das realidades é tanto maior quanto maior é a proximidade e a interação.

No terreno desde o início de 2019, a autarquia não tem qualquer dúvida de que se "nota claramente um desejo de manutenção da dinâmica de participação, duradoura e consistente, com normalização do acesso dos munícipes aos serviços municipais e melhor compreensão do papel de cada um na construção de um ambiente urbano de melhor qualidade".

ESPAÇO PARA CRESCER

Em termos de abrangência, o Meu Bairro, Minha Rua pretende envolver a comunidade no seu todo, através de uma abordagem próxima e adequada aos diferentes públicos, como a comunidade escolar, as famílias, as empresas e demais atores-chave dos territórios, criando vínculos de confiança de forma que todos se sintam parte integrante de uma mesma comunidade. Nos projetos de natureza participativa, todos os envolvidos são os próprios beneficiários, sendo para a câmara municipal expetável um envolvimento e responsabilização contínua, criando-se um sentido de pertença e de comunidade. Foram assim dinamizadas inúmeras iniciativas, nomeadamente o Ubuntu Fest, Cinema Comentado, À Conversa com... e Conversa de Vizinhos.



10.538
pessoas envolvidas na conversa com os rappers Ace e Mundo Segundo

30 territórios deverão ser abrangidos por esta iniciativa

foi quando nasceu o Meu Bairro, Minha Rua A iniciativa não quer ficar por aqui. Após a validação da metodologia nas intervenções já realizadas e em curso, verificou-se que esta é escalável para outras áreas de intervenção do município, bem como a outros territórios. O projeto MBMR já se encontra no terceiro ano de implementação, com um sucesso reconhecido pelos cidadãos e pelos serviços municipais, estando a funcionar como um benchmark para outras áreas de ação municipal. "É cada vez mais fácil envolver na aplicação desta metodologia outros atores institucionais, como juntas de freguesia, IPSS e, até, empresas." O MBMR constitui, para a autarquia gaiense, um bom exemplo da metodologia de desenvolvimento local "bottom up" e da sua capacidade de contribuir para uma melhor gestão, participação, transparência e responsabilidade de todos os envolvidos bem como na construção efetiva de uma democracia participativa capaz de contribuir para a definição de linhas políticas mais próximas dos cidadãos.

QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA



Saúde de qualidade



Educação de qualidade



Cidades e comunidades sustentáveis



Ação climática

SUSTENTABILIDADE PARTILHADA A DUAS RODAS

A partilha de bicicletas, elétricas ou clássicas, na cidade de Lisboa, permite desenvolver um sentimento de comunidade, para além de ser uma alternativa económica e sustentável ao automóvel.



O objetivo do projeto Gira é simples: promover a mobilidade suave, providenciando uma alternativa económica e ambientalmente sustentável aos automóveis e complementar ao transporte público. A iniciativa, já em funcionamento, é baseada num serviço de bicicletas partilhadas que todos os habitantes e visitantes da cidade de Lisboa podem utilizar. O modo de uso é simples e intuitivo, basta fazer o download de uma aplicação e escolher o passe mais adequado. Há a versão anual, mensal ou mesmo diária. Depois, é só encontrar a doca mais próxima, escolher a bicicleta – clássica ou elétrica – e começar a pedalar.

Da responsabilidade da EMEL - Empresa Municipal de Mobilidade e Estacionamento de Lisboa, o projeto apela à cidadania e consciência social e ecológica dos habitantes e visitantes da cidade, desenvolvendo também um sentimento de comunidade em torno deste servico Empresa: EMEL

Nome do projeto: GIRA - Bicicletas de Lisboa

Data de início: **09/01/2017**

Data de conclusão: **12/31/2041**

Principais beneficiários da iniciativa:

População que vive, trabalha ou visita Lisboa acima dos 18 anos. Está a ser avaliado o acesso a todos os maiores de 16 anos. inteiramente assente na ideia da partilha. Esta ideia ganha particular relevo se atentarmos aos dados do INE de 2017, que expressavam que a repartição modal na Área Metropolitana de Lisboa e na Cidade de Lisboa estava muito desnivelada a favor do transporte Individual: quase 60% das deslocações dentro da AML eram em carro próprio. A EMEL considerou, então, que tinha chegado o momento ideal para uma iniciativa como a Gira, capaz de providenciar aos seus habitantes e visitantes uma alternativa ao stress do trânsito, para além de ajudar a evitar a poluição desencadeada pelo imenso fluxo de automóveis e o constante congestionamento das estradas.

COMPLEMENTAR DE FORMA ECOLÓGICA O TRANSPORTE PÚBLICO DE MASSAS

Nesse sentido, a importância da Gira no panorama ambiental torna-se óbvia, na medida em que

O nascimento da Gira encontra-se umbilicalmente interligado à conclusão de que o trânsito em Lisboa se aproximava do insustentável.

a EMEL estima que o seu crescimento seja correspondido por um decréscimo no número de veículos. A Giro apresenta-se como mais meio de transporte público que complementa de forma ecológica o transporte público de massas. Ao promover as deslocações em bicicleta, a EMEL afirma estar a contribuir para uma melhoria da qualidade do ar, promovendo uma diminuição de doenças respiratórias, de resto uma das principais causas de morte em Portugal. Aliás, um estudo recente, divulgado pelo Observatório Nacional das Doenças Respiratórias, informa de que doenças respiratórias não-COVID mataram 36 pessoas por dia em 2019. Para além do mais, a saúde dos seus utilizadores é ainda potenciada, uma vez que os desafia a terem um estilo de vida consideravelmente mais salutar.

O projeto está, assim, alinhado com as metas europeias. Foi acordado ao nível da União Europeia preceder a uma redução das emissões de gases com efeito de estufa no âmbito do esforço mundial de estabilização das suas concentrações como objetivo de reduzir e evitar os efeitos relativos às alterações climáticas. Nesse contexto, ao providenciar uma alternativa aos veículos automóveis que, como sabemos, se contam entre as principais fontes de emissão de dióxido de carbono (CO₂), um dos gases que contribui para o efeito de estufa, a Gira contribuiu para uma economia de combustível mais sustentável.

TARIFAS ACESSÍVEIS

Na sua vertente de utilização, a empresa municipal garante que o tarifário da Gira foi concebido para ter máxima penetração, ou seja, os passes custam apenas 25 euros por ano, um valor que a EMEL acredita ser acessível mesmo às pessoas quem têm parcos recursos financeiros, providenciando-lhes uma opção de mobilidade que não consuma a maior parte do seu orçamento ou as impossibilite de se deslocarem. Adicionalmente, num país onde o salário médio ronda os 1100 euros por mês, a Gira pode, segundo os promotores, ajudar a diminuir os gastos com a mobilidade dos agregados familiares

Neste momento, a Gira direciona-se a toda a



102 estações

40%
dos utilizadores são
do sexo feminino

9000
viagens diárias foram
alcançadas em outubro
de 2021

população que vive, trabalha ou visita Lisboa acima dos 18 anos, mas a EMEL está a avaliar permitir o acesso a todos os maiores de 16 anos. Criada em 2017, hoje, segundo dados fornecidos pela empresa municipal, a Gira tem bastante adesão, verificando-se mesmo que a procura se tornou superior à oferta, como evidenciado pelo crescimento exponencial do número de utilizadores: só em novembro de 2021 houve uma subida de 77% de clientes guando comparado com o período homólogo em 2019. Em outubro de 2021, a GIRA ultrapassou pela primeira vez a marca das 9000 viagens diárias, tendo tido já vários dias/semanas com esse valor. A verdade é que antes do aparecimento da Gira, a bicicleta era um meio de transporte pouco utilizado em Lisboa, como evidenciado pelo número reduzido de ciclovias na nossa cidade. No entanto, a adesão ao serviço tem sido tão grande, diz a EMEL, que passaram a ser os próprios utilizadores a exigir mais ciclovias e estações de bicicletas, levando à atual proliferação de ambas. Hoje, a empresa municipal tem 102 estações disponíveis aos utilizadores.

QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA



Educação de qualidade

Cidades e comunidades sustentáveis 13

Ação climática



Parcerias para a implementação dos objetivos



Ambiente, Acessibilidade, Sensibilização e Segurança, são as vertentes que o Programa Praia Saudável tem vindo a abranger ao longo dos últimos 16 anos. O investimento total é cerca de 18 milhões de euros.

Há 16 anos que o Programa Praia Saudável, promovido pela Fundação Vodafone em parceria com a Direção Geral da Autoridade Marítima/ Instituto de Socorros a Náufragos, Agência Portuguesa do Ambiente, Instituto Nacional para a Reabilitação e Associação Bandeira Azul da Europa, tem vindo a implementar um conjunto de iniciativas com o objetivo de promover e contribuir para a melhoria da qualidade das zonas balneares

Lançado em 2005, o projeto tem como missão melhorar a segurança das zonas balneares, contribuir para a acessibilidade das praias a pessoas com necessidades especiais e melhorar a qualidade ambiental destes espaços. Este programa tem sido materializado através da doação pela Fundação Vodafone de meios para apoio nas vertentes do Ambiente, Segurança, Acessibilidade e Sensibilização. Segundo os promotores, o investimento global já ascendeu aos 17 milhões de euros, aplicados em diversas ações. No ambiente, por exemplo, tem havido um efetivo apoio ao Programa Nacional de Vigilância, promovido pela Associação Bandeira Azul,

794 vidas salvas

20.000
pessoas utilizaram
a cadeira anfíbia

320.000 instalações da app Praja em Directo com a doação de dispensadores de cinzeiros, máquinas de limpeza do areal e cinzeiros a zonas balneares integradas no Programa. Na vertente da segurança, foram doados equipamentos complementares de apoio ao salvamento, desde motas aquáticas de salvamento, macas flutuantes e torres de vigia, assim como a disponibilização de uma rede privada virtual de apoio ao salvamento aquático. No que à acessibilidade diz respeito, têm sido doados equipamentos de apoio à mobilidade de pessoas com necessidades especiais, como por exemplo passadeiras acrílicas e cadeiras de anfíbias. Por outro lado, no capítulo da sensibilização, houve a implementação de um conjunto vasto de ações com o objetivo de, por um lado, moldar os comportamentos menos adequados dos utilizadores das praias, com vista a minimização do impacte negativo nas praias, nomeadamente na vertente de segurança, acessibilidade e ambiente. Por outro lado, projetar as zonas balneares portuguesas a nível nacional e internacional como um dos melhores recursos para usufruir.

O programa pretende tornar as praias mais seguras, acessíveis, inclusivas e menos poluídas, contribuindo para o bem-estar dos veraneantes.

FORTE IMPACTO AMBIENTAL

Atualmente presente em mais de 200 praias portuguesas – 196 praias costeiras e 16 praias fluviais, esta iniciativa tem uma forte componente ambiental, até porque tem em um dos seus principais objetivos sensibilizar e incentivar a comunidade a adotar comportamentos de forma a prevenir a poluição das zonas balneares, contribuindo para a minimização do impacto ambiental negativo na praia e, consequentemente, nos municípios. A introdução do conceito e a prática de utilização de cinzeiros de praia, em 2005, foi inovadora, a fim de reduzir a quantidade de beatas depositadas no areal.

IMPACTO EM 24 MIL JOVENS E 330 MIL CRIANÇAS

De forma a contribuir para a formação de cidadãos ativos, não só estimulando o contacto com a natureza, bem como sensibilizando para as temáticas ambientais, o projeto apoia o Programa Nacional de Vigilância da Associação Bandeira Azul que já abrangeu mais de 24 mil jovens. Já através da iniciativa Verão de Campeão, que já impactou diretamente e de forma presencial mais de 330 mil crianças nas praias, são abordados, de forma lúdica, temas como cuidados a ter com a limpeza das praias, como proceder à reciclagem, tudo através de jogos e abordagens práticas. Estes aprendem quais os cuidados a ter para não poluir a praia e os oceanos e como fazer a separação dos vários tipos de embalagens.

No verão de 2020 e com o objetivo de colaborar com os Parceiros na implementação de medidas de combate à Covid-19 nos espaços balneares,



Empresa: Fundação Vodafone Portugal

Nome do projeto: Programa Praia Saudável

Data de início: **06/2005**

Data de conclusão:

Não há uma data de conclusão prevista

Principais beneficiários da iniciativa:

veraneantes e
equipas envolvidas
no apoio ao
salvamento aquático,
nomeadamente
nadadoressalvadores,
bombeiros, proteção
civil, entre outros.





desenvolveu a campanha "A segurança é a sua praia" cuja missão principal era veicular de forma muito clara e simples quais as regras de ouro que os veraneantes tinham que cumprir nos espaços balneares a fim de se reduzir o risco de infeção pela Covid-19. As mensagens veiculadas através da campanha foram vizualizadas 29 milhões de vezes, garantindo que as praias se mantêm um lugar seguro.

Num outro eixo, de forma a contribuir para que os municípios tenham os equipamentos necessários para prevenir a poluição das suas praias, a Fundação já distribuiu mais de cinco milhões de cinzeiros para uso individual e mais de 125 dispensadores de cinzeiros para as praias, incentivando a comunidade a deitar as beatas no local correto. De forma a contribuir para uma limpeza mais eficiente e eficaz das praias, foram ainda doadas mais de 25 máquinas para limpeza do areal.

CONTINUIDADE DA INICIATIVA

Trata-se de um Programa cujo mérito é reconhecido não só pelos parceiros signatários do protocolo, mas também pelas restantes entidades envolvidas na gestão dos espaços balneares, assim como pelos utentes das zonas balneares. A Fundação Vodafone pretende dar continuidade a estas iniciativas no âmbito da sua missão de disponibilizar a tecnologia ao serviço da sociedade, bem como promover o desenvolvimento de uma sociedade mais inclusiva e sustentável.

QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA



Saúde de qualidade



Educação de qualidade



Reduzir as desigualdades



Cidades e comunidades sustentáveis



Proteger a vida marinha



Parcerias para a implementação dos objetivos

TRAVAR A CORRUPÇÃO, POTENCIANDO O CRESCIMENTO

Uma cidade sustentável é também uma cidade com um forte sistema anticorrupção, um fator impulsionador do crescimento económico, de competitividade, de confiança e de bem-estar.

Projetamos Futuro não é apenas um projeto ou uma iniciativa, garante a Gaiurb, o promotor desta candidatura. É o comprometimento em promover a sustentabilidade, a inclusão e a transparência num novo modelo de governança, assente em duas premissas: pensar global e agir local. A empresa municipal acredita que o ecossistema urbano se constrói com comunicação e interação com o cidadão, com a participação pública e o acesso a todas as fases de tomada de decisão, para além de iniciativas multimunicipais e partilha de boas práticas nacionais e internacionais. A Gaiurb avança que um dos pilares fundamentais para a construção de uma cidade sustentável e do bem-estar da comunidade encontra-se na fase de implementação do sistema anticorrupção, "como fator impulsionador do crescimento económico, de competitividade, de confiança e de bem-estar". Assim, a empresa municipal gaiense diz assumir como desiderato projetar uma cidade mais aberta, mais transparente, mais justa, mais sustentável e mais inteligente. "O sistema de

300 trabalhadores impactados e restantes empresas relacionadas

3000 quilómetros foram percorridos pelas bicicletas do Euromudanças

2020
ano de implementação do Projetar Futuro

gestão anticorrupção (SGAC) vem corroborar o nosso compromisso e com uma visão estratégica que nos posiciona no caminho das 100 cidades neutras em carbono".

REFORÇAR O MODELO DE GOVERNANÇA

Com a implementação do SGAC, bem como com a divulgação da sua política anticorrupção e aplicação dos procedimentos e controlos financeiros e não financeiros, a Gaiurb -"consciente do seu papel na sociedade", esclarece – , pretendeu reforçar o seu modelo de governança, para além de contribuir com o seu exemplo para a difusão das boas práticas de gestão nas várias áreas de atuação, seja no urbanismo, reabilitação urbana ou habitação social. "Projetamos Futuro pretende disseminar uma cultura ética e de responsabilidade social por todos os stackholders da empresa: município, as restantes empresas municipais, estagiários, clientes, fornecedores e demais parceiros sociais, políticos e financeiros".

O projeto, que aproveita elementos e dados organizacionais e de governança, como por exemplo a estrutura, os sistemas de informação ou os dados quantificados de gestão, pretende otimizar os suportes de comunicação que já se encontravam desenhados e implementados com possibilidade de permissão de acesso e disponibilidade a todas as partes interessadas envolvidas, "a fim de disseminar, com maior eficácia, uma cultura de ética, integridade e de tolerância zero à corrupção".

CANAL DE COMUNICAÇÃO PARA DENUNCIAR IRREGULARIDADES

Segundo a empresa municipal, foi criado um canal para comunicação de irregularidades referente à proteção dos denunciantes. "Com o canal pretendeu-se ser mais eficaz na deteção e investigação de tentativas ou atos de corrupção cumprindo com a Estratégia Nacional de





Cerca de 1% do PIB da União Europeia, o que corresponde a 120 mil milhões de euros por ano, são canalizados para a corrupção.

Combate à Corrupção e com as recomendações do Conselho de Prevenção da Corrupção". A iniciativa integra um conjunto de projetos da Gaiurb com vista à promoção do bem-estar e de uma cidade sustentável, designadamente o projeto Escola Oficina, Endomudanças, Living Lab da Afurada, Locarbo ou Eurocities facilities, entre outros

A CORRUPÇÃO COMO TRAVÃO DE DESENVOLVIMENTO

Um dos claros impactos deste projeto é na melhoria da qualidade de vida. A empresa evoca não restar dúvidas de que a corrupção é o maior obstáculo ao desenvolvimento económico e social no mundo. "A implementação do SGAC, bem como a divulgação da sua Política Anticorrupção e aplicação dos procedimentos





Empresa: Gaiurb
- Urbanismo e
Habitação, EM

Nome do projeto: **Projetamos Futuro**

Data de início: **04/01/2020**

Data de conclusão: **31/12/2021**

Principais beneficiários da iniciativa: Munícipes, Município de Gaia, fornecedores e outros parceiros da atividade. colaboradores. Área Metropolitana do Porto, visitantes e turistas de V.N. Gaia, indústria e agentes comerciais e de serviços, clientes ou requerentes do urbanismo, habitação e da área social, Estado e restantes entidades públicas e reguladoras.

QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA

\$

4

84

Erradicar a pobreza

Educação de qualidade Trabalho digno e crescimento económico

9

10 in in

Indústria, inovação e infraestruturas Reduzir as desigualdades

Cidades e comunidades sustentáveis

12

16 🖳

17

Produção e consumo sustentáveis Paz, justiça e instituições eficazes Parcerias para a implementação dos objetivos

e controlos financeiros e não financeiros contribuirão decididamente para o aumento da prosperidade: a corrupção trava o crescimento económico, fere o Estado de Direito e desperdiça talentos e recursos preciosos e restringe o acesso ao emprego". Inversamente, advoga a Gaiurb, a transparência e a legalidade da atuação da administração atrai o investimento empresarial, proporcionando o investimento face ao custo nitidamente menos elevado da atividade económica. "A divulgação desta filosofia pelo Município de Vila Nova de Gaia transmite respeito pelos direitos dos cidadãos, pela democracia, pela governança robustecendo a empresa e o serviço público que presta ao munícipes e clientes, contribuindo para uma sociedade mais justa e equilibrada".

Esta medida torna-se particularmente importante se levarmos em conta que cerca de 1% do PIB da União Europeia, o que corresponde a 120 mil milhões de euros por ano, são canalizados para a corrupção. "Acresce que os custos adicionais de um contrato em resultado de práticas corruptas podem elevar-se a 20 a 50%, do custo total do contrato. Segundo dados divulgados pela Gaiurb, calcula-se, ainda, que em Portugal a corrupção cause anualmente um dano no valor de cerca de 18,2 mil milhões de euros, equivalente a 7,9% do PIB.

TORNAR UMA MORADIA NUM SONHO ECOLÓGICO



Criar uma maior consciencialização da sociedade para a melhoria da qualidade e aproveitamento das suas habitações é o grande objetivo da Casa de Sonho Eco, promovido pela Melom. "É urgente mudar o paradigma da construção civil em Portugal", diz a empresa, que espera, com esta iniciativa, alcançar todos os clientes interessados na construção de moradias, esperando assim que isso se repercuta em cidades mais sustentáveis. Esta candidatura materializa-se em soluções ecológicas e económicas para adaptar a construção de moradias a um futuro mais verde. Com base no projeto Casa de Sonho Melom, que contempla a construção de raiz de moradias unifamiliares com serviço chave na mão, foram desenvolvidas soluções para tornar estas construções mais ecológicas e eficientes, com retorno económico ao longo da vida da habitação, diz a empresa na sua candidatura. O projeto é constituído por quatro packs: basic, standard, full e premium – e ainda um sub-pack para aproveitamento de águas, que pode ser adicionado a qualquer uma das ofertas. Na conceção das moradias foi particularmente tida



Empresa: Melom

Nome do projeto: Casa de Sonho Eco Melom

Data de início: **01/01/2022**

Data de conclusão: **01/01/2100**

Principais beneficiários da iniciativa: qualquer pessoa interessada em construir uma moradia, que valorize a sustentabilidade e o impacto ecológico desta.

em conta a exposição solar; a caixilharia, com corte térmico para evitar perdas energéticas e maximizar a energia gerada dentro da habitação; assim como o isolamento exterior, recorrendo ao sistema EPICS e ETICS.

CERTIFICAÇÃO ENERGÉTICA A+ GARANTIDA

A empresa salienta que os detalhes de cada moradia são pensados para que seja possível a obtenção de Certificação Energética A+. "Com estes packs Eco existe a garantia de equipamentos de compensação e ao mesmo tempo a ventilação do ar", explica a Melom. Para isto ser possível, as moradias são envolvidas por um revestimento térmico, tendo a empresa optado por construir uma laie térrea com caixa sanitária de altura mínima de 0,50 m, não havendo assim contacto direto com o solo, garantindo que esta não está sujeita a capilaridades do solo. "Esta caixa é ventilada para assegurar que também não dá origem a condensações. Ainda relativamente à laje térrea, é utilizado como isolamento térmico o material floormate, onde mais uma vez a

Para os clientes que optem por estes packs ecológicos, é previsível que tenham retorno dos mesmos a partir do terceiro ano da instalação das respetivas soluções.

espessura colocada será a necessária para obter melhor resultado energético". Toda a cobertura das moradias irá levar como isolamento térmico o material roofmate com espessura também a definir. "Com todas estas características garante-se que toda a moradia fica envolta num isolamento térmico, garantindo assim que esta não tem pontes térmicas, ficando dotada de todas as condições para reduzir os seus gastos energéticos ao longo do tempo."

Em resumo, com estas soluções, o cliente consegue ter uma casa mais equilibrada termicamente, reduzindo assim o seu impacto ambiental. Para além disso, estas soluções estão pensadas também para a melhoria do ar interior na habitação dotando-a de melhor qualidade do ar. "Se a longo prazo todos os cidadãos investirem neste tipo de soluções aquando da procura de construção de moradias, a malha urbana ficará gradualmente mais sustentável e teremos cidades mais verdes."

FORTE IMPACTO AMBIENTAL

Basicamente, esta candidatura pretende contribuir para uma maior consciencialização e compromisso para com o meio ambiente, através de opções de construção ecológicas e sustentáveis. A longo prazo, a Melom espera que estas soluções passem a ser a norma e não a exceção, favorecendo assim o desenvolvimento de cidades sustentáveis.



4.700
EUROS é o valor do pack básico

2022 é a data de início deste projeto eco

ANOS é quanto a empresa espera que todas as Casas de Sonho sejam Eco Para os clientes que optem por estes packs ecológicos, a empresa prevê que tenham retorno dos mesmos a partir do terceiro ano da instalação das respetivas soluções. Quanto aos custos, estes variam mediante o pack escolhido pelo cliente, sendo que o pack básico começa nos 4.700 euros, a que acresce o IVA. Na candidatura, o promotor salienta ainda o facto de que estas intervenções pensadas na construção deste tipo de moradias podem ser submetidas aos programas de apoio do governo, na ótica de melhoria da eficiência energética dos edifícios.

Quanto à escalabilidade da iniciativa, a Melom avança que após o desenvolvimento destes packs, irá procurar escalar este tipo de iniciativa para todas as obras de remodelação geral e mesmo para as pequenas intervenções.

QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA



Saúde de qualidade



Água potável e saneamento



Energias renováveis e acessíveis



Indústria, inovação e infraestruturas



Cidades e comunidades sustentáveis 13

Ação climática



Parcerias para a implementação dos objetivos

CORRER POR UM ESTILO DE VIDA SAUDÁVEL

São já cerca de 500 as pessoas que, todas as semanas, usufruem da pista de atletismo que a REN construiu no concelho de Famalicão na envolvente da subestação de Riba de Ave. O objetivo é praticar desporto, promovendo os equilíbrios geracionais e a promoção de estilos de vida ativos em ambientes saudáveis.



No âmbito da construção da subestação de Riba de Ave, em Vila Nova de Famalicão, a REN construiu uma pista de atletismo em terrenos que são propriedade da empresa, na envolvente da subestação. Um equipamento para benefício e usufruto das populações locais, que não dispunham deste tipo de infraestrutura para a prática de desporto ao ar livre. E parece ter sido uma aposta ganha, já que a procura das populações vizinhas por este espaço aumentou, com a pista a ser visitada com muita regularidade pelas comunidades do concelho de Vila Nova de Famalicão, municípios limítrofes e até alguns atletas federados e olímpicos, que ali faziam os seus treinos diários.

Em 2019, a REN, em parceria com a freguesia de Oliveira Santa Maria e o município de Famalicão, decidiu proceder a obras de melhoria e beneficiação da pista, com a ajuda da atleta olímpica Sara Moreira, e à colocação de Empresa: **REN - Redes Energéticas Nacionais**

Nome do projeto: **Pista de Atletismo**

Pista de Atletismo REN

Data de início: **06/01/2019**

Data de conclusão: **04/10/2019**

Principais beneficiários da iniciativa:

comunidades do concelho de Vila Nova de Famalicão e concelhos limítrofes. Todas as faixas etárias. instalações sanitárias e equipamentos de fitness. Hoje, esta infraestrutura é visitada, segundo dados disponibilizados pela REN, por mais de 500 pessoas por semana, entre crianças, jovens, seniores e vários clubes de atletismo da região do Minho. Para além disso, é palco de algumas iniciativas desportivas, como a Corrida de Pedome – Oliveira Santa Maria, que junta cerca de mil atletas de vários escalões da modalidade de atletismo e caminhada.

PROMOVER UM ESTILO DE VIDA ATIVA

A prática saudável do desporto, promovendo os equilíbrios geracionais e a promoção de estilos de vida ativos em ambientes saudáveis, é, por tudo isto, uma das principais mais-valias desta candidatura, que contribui para o aumento do bem-estar da comunidade, integrando uma infraestrutura da empresa, como uma subestação elétrica, num espaço agradável e sustentável



A pista de atletismo pretende contribuir para o desenvolvimento cognitivo, social e cultural das

pessoas visitam a pista todas as semanas

> foi a data de início do projeto



QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA

Saúde de qualidade

Indústria, inovação e infraestruturas

Reduzir as desigualdades

Cidades e comunidades sustentáveis Ação climática

cidadania corporativa ativa, contribuindo para

Parcerias para a implementação dos objetivos

comunidades locais.

o desenvolvimento das comunidades e das pessoas, e desenvolvendo em conjunto soluções para um futuro mais sustentável. Neste propósito, a REN agregou as autarquias, as associações desportivas e recreativas locais e atletas em torno de uma iniciativa da região". A atleta olímpica Sara Moreira, utilizadora regular do espaço, também contribuiu para o desenho e a melhoria da pista, dizem na sua candidatura.

POTENCIAR A MARCA REN

Mesmo a relação entre benefícios gerados e custos da iniciativa, a REN diz ser positiva. Sendo os benefícios obtidos intangíveis, a empresa considera que com o aumento significativo de praticantes de desporto, incluindo a realização de iniciativas desportivas, existe um reconhecimento da utilidade e da necessidade deste tipo de equipamentos, assim como um reconhecimento da própria marca REN, que cria valor junto das comunidades.

Além do mais, esta iniciativa da REN pretende desmistificar os efeitos dos campos eletromagnéticos na saúde humana e a ideia de que as infraestruturas elétricas são prejudiciais à saúde. "A pista de atletismo é um exemplo concreto de como as populações de todas as idades, incluindo atletas olímpicos, podem fazer desporto junto a uma subestação elétrica." A este propósito, a empresa apoia o Prémio Medea, da Sociedade Portuguesa de Física, em que os alunos do ensino secundário de todo o país são chamados a desenvolverem o seu espírito crítico e desafiados a procurar informação cientificamente credível sobre os eventuais efeitos dos campos eletromagnéticos na saúde humana.

CIDADANIA ATIVA

do rio Ave."

O impacto na área social é facilmente explicável pelo promotor, que acredita numa cidadania corporativa ativa envolvendo e apoiando iniciativas das comunidades locais, numa lógica de criação de valor partilhado com as populações que mais interagem com as infraestruturas da REN. "Neste caso, esta iniciativa promove a preocupação permanente com as pessoas e as suas condições de vida, em matéria de saúde e lazer. Por outro lado, defende o respeito pela diversidade cultural das comunidades locais." Aliás, pela natureza e âmbito da sua missão, a REN garante ser uma empresa cuja presença se encontra disseminada por todo o país, e cuja atividade frequentemente implica interação com as comunidades locais. "Promovemos a

com impacto positivo no ecossistema urbano e

"A pista de atletismo está integrada ainda num

espaço verde, de lazer, promovendo modos

ao sedentarismo e ao isolamento social e a

lê-se no documento de apresentação.

de vida saudáveis e sustentáveis, o combate

promoção de eventos locais organizados pela

comunidade, ativando o associativismo na região",

A Redes Energéticas Nacionais pretende, assim,

das suas atividades, promovendo a utilização

racional dos recursos naturais, tendo em vista a

salvaguarda dos direitos das gerações futuras.

"Com esta iniciativa, a REN está a promover a

requalificação de espaços verdes, assim como a

preservação da biodiversidade na área envolvente

assegurar uma interação harmoniosa com o meio ambiente, minimizando os impactos decorrentes

desportivo da região, ao serviço das populações.

ONDE ESTIVER, RECICLE SEMPRE

Aumentar o número de embalagens que são separadas e incentivar os portugueses a manterem o seu compromisso para com a reciclagem, também fora de casa, ou alterar o comportamento daqueles que não separam de todo, é o grande objetivo do projeto Onde Estiver, Recicle Sempre.





Cada vez mais os lares portugueses estão sensíveis à separação das embalagens. No entanto, esse comportamento parece esvanecer-se quando saímos de casa ou da rotina. Em locais como o emprego, escola ou ginásio, não estando equipados para efetuar a separação seletiva, as embalagens consumidas vão parar ao contentor de indiferenciado. explica a Sociedade Ponto Verde na sua candidatura, denominada Onde Estiver, Recicle Sempre. Este projeto visa ultrapassar esta barreira e equipar empresas e organismos com equipamentos para separação de embalagens. "Temos o objetivo de aumentar o número de embalagens que são separadas e incentivar os portugueses a manterem o seu compromisso para com a reciclagem, também fora de casa, ou alterar o comportamento daqueles que não separam, de todo". Ou seja, o objetivo é consolidar a ideia de que se deve reciclar em qualquer lugar e que a separação das embalagens deve fazer parte da rotina de cada um, não só em suas casas.

A iniciativa encontra-se atualmente a decorrer, sendo contínua a atribuição de ecopontos a inúmeras empresas e organismos públicos que os solicitam, ministrando, de igual forma, ações



Empresa: Sociedade Ponto Verde, S.A.

Nome do projeto:
Onde Estiver, Recicle
Sempre

Data de início: **12/02/2019**

Data de conclusão: Não há uma data de conclusão prevista.

Principais beneficiários da iniciativa: Cidadãos e organizações, clientes embaladores da SPV, comunidade SIGRE e SGRU e entidades governamentais. de sensibilização a todos os colaboradores e equipas de limpeza, "para que todos fiquem dotados de conhecimento acerca das regras de separação de embalagens para reciclagem".

ECONOMIA CIRCULAR E A CRIAÇÃO DE EMPREGO

O potenciar este comportamento tem particular importância quando dados demonstram que a recolha seletiva de embalagens registou, em 2021, um aumento de 6,4%, face ao ano anterior, tendo sido encaminhadas mais de 435 mil toneladas de embalagens para reciclagem. "Para continuarmos no caminho de um planeta mais saudável, é necessário que o ato de separar as embalagens que usamos esteja já intrínseco em nós e é igualmente importante que esta separação seja feita de forma consciente e correta, de modo a não causar constrangimentos na zona de triagem". A candidatura tem um forte impacto na vertente económica, já que, ao reciclar, está a contribuir para uma economia mais circular, reduzindo o impacto ambiental. "O investimento e inovação na promoção de uma economia mais circular resulta em benefícios económicos para as organizações e sociedade".



Onde Estiver, Recicle Sempre encontra-se presente em organismos públicos, ginásios, faculdades, sedes de agrupamentos de Escuteiros, marcas da distribuição, entre muitos outros sítios.

Segundo a Sociedade Ponto Verde, o setor da reciclagem promove a implementação de modelos de negócio favoráveis à regeneração de recursos, tornando o mercado sustentável, redesenhando e criando soluções mais naturais. "A reciclagem é promotora de criação de emprego em Portugal e, com este tipo de modelos de negócio implementados, estima-se que as empresas gerem poupanças de 600 mil milhões de euros e que se criem 170 mil novos empregos".

Aliás, segundo os promotores, este projeto está enquadrado na estratégia de comunicação, sensibilização e educação da Sociedade Ponto Verde, que em 25 anos já investiu mais de 55 milhões de euros na promoção de melhores hábitos e na alteração de comportamentos.

PARCERIA COM ESCUTEIROS

A empresa salientou na sua candidatura a recente parceria com o Corpo Nacional de Escutas (CNE), no âmbito da Semana Europeia da Prevenção de Resíduos, que este ano teve como temática "Comunidades Circulares", com a finalidade de promover a reciclagem de embalagens em Portugal, considerando o papel dos escuteiros na vertente de educação ambiental e no desenvolvimento das competências de cidadania. A Sociedade está a dotar a sede nacional e os 1200 agrupamentos do CNE com os ecopontos verde, azul e amarelo. No entanto, a iniciativa interage com diferentes áreas pois é, segundo os promotores, um projeto transversal que pretende chegar a todos aqueles que verdadeiramente querem e necessitam. Para além dos escuteiros, o projeto Onde Estiver. Recicle Sempre encontrase presente em ginásios, faculdades e marcas da distribuição. "Paralelamente, este projeto interage também com a Academia Ponto Verde (projeto educativo para a Comunidade Escolar

55
MILHÕES DE EUROS
foram gastos na
promoção de melhores
hábitos

6000 ecopontos já foram entregues

dos lares portugueses efetuam a separação das embalagens

da Sociedade Ponto Verde, que permite levar a reciclagem às escolas), onde nos encontramos igualmente a dotar as escolas de equipamentos para separação de embalagens".

OBJETIVO É DESCOMPLICAR

Basicamente, o objetivo da Sociedade é "descomplicar" a vida do consumidor, com comunicação e sensibilização a passar também por promover a conveniência e a simplicidade na hora de reciclar. "Com os ecopontos que entregamos aos organismos e as ações de sensibilização, que permitem esclarecer dúvidas e mitos sobre a reciclagem, ao mesmo tempo que promovemos um consumo mais sustentável – atuando no início da cadeia– estamos a causar um impacto positivo nos ecossistemas urbanos através da integração e interação sustentável do cidadão com a reciclagem".

No âmbito do projeto Onde Estiver, Recicle Sempre a empresa já conseguiu, até agora, entregar mais de 6000 ecopontos e chegar a mais de 30 empresas. Foram dadas mais de 20 horas de formação e 70 mil pessoas foram, segundo os promotores, impactadas, direta ou indiretamente, por este projeto.

QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA

Cidades e comunidades sustentáveis 12

Produção e consumo sustentáveis 146

Proteger a vida marinha **15**%

Proteger a vida terrestre



SERINGAS E AGULHAS NO LIXO COMUM NÃO!

Desde a implementação do contentor reutilizável, foram recolhidas mais de uma tonelada de seringas que agora "viajam" em transporte dedicado para tratamento final. Uma alternativa mais segura e ambientalmente responsável, face ao seu encaminhamento como resíduo urbano.

Proteger a saúde pública e o ambiente são os dois principais objetivos da solução de recolha de seringas usadas que a Stericycle implementou desde 2017.

Esta solução de entrega, recolha e tratamento seguro de resíduos corto-perfurantes vem colmatar uma clara necessidade a nível nacional, uma vez que, nem farmácias nem municípios disponibilizavam contentores adequados para a receção de resíduos provenientes da prestação de cuidados médicos em domicílio.

Com esta iniciativa passou a ser disponibilizado um contentor Bio Systems da Stericycle, no qual todos os cidadãos poderão colocar as suas seringas usadas.

Com a implementação do sistema de entrega de resíduos corto-perfurantes em contentor

+1 TONELADA

de seringas e agulhas foram recolhidas em 2020 e 2021

2019

Implementação do Bio Systems, contentor reutilizável até 600 vezes

ZUZZ está prevista a expansão territorial homologado, a sua recolha em transporte dedicado e o respetivo tratamento adequado, são retirados dos resíduos urbanos este tipo de dispositivos (corto-perfurantes), pondo em segurança o ambiente e a comunidade em geral. Isto para além de melhorar a relação dos resíduos depositados em aterro, já que estes resíduos perigosos são de incineração obrigatória. Com o sistema de recolha e eliminação segura de resíduos corto-perfurantes, há o envolvimento da população na separação e entrega destes no local certo, ganhando maior consciência ambiental e de proteção à comunidade.

1.100kg DE SERINGAS RECOLHIDAS EM DOIS ANOS

Este sistema de recolha e eliminação segura

de resíduos corto-perfurantes permite a sua disponibilização em farmácias, em Lojas de Cidadão, em instalações de câmaras municipais ou mesmo juntas de freguesia. Os números vieram corroborar a importância desta iniciativa: entre janeiro de 2020 e dezembro de 2021 foram recolhidas mais de uma tonelada de seringas e agulhas. Para os promotores, a relação entre benefícios gerados e o custo da iniciativa é fácil de justificar, já que o custo se baseia no serviço de recolha regular ou pontual deste resíduo, enquanto os benefícios ambientais e de segurança para a população são muito elevados, afastando possíveis contaminações para humanos, animais e ambiente. "O acesso democratizado através de farmácias

solução."
Para além do mais, colocando seringas e agulhas nos contentores próprios ajuda na proteção do ambiente e da saúde humana e animal, através da remoção deste tipo de resíduo, direcionando-o para o circuito específico e correto segundo a lei. A integração desta solução nos orçamentos municipais ou nas associações de farmácias permite, ainda, a melhoria da política de saúde pública.

comunitárias e organismos públicos, sem custo

para o cidadão, promove a universalidade da

ESCALABILIDADE GARANTIDA

Direcionado aos doentes diabéticos e todos os doentes que necessitam de medicamentos



Empresa: Stericycle

Nome do projeto:
Disponibilização
de contentores
reutilizáveis Bio
Systems para
Recolha de Seringas
e Agulhas Usadas

Data de início: **2017 - Início do projeto**

2019 -Implementação do Bio Systems

Data de conclusão: não há uma data de conclusão prevista.

Principais beneficiários da iniciativa: doentes diabéticos e todos os doentes que necessitam de medicamentos injetáveis.

QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA

30

14%

15%

Saúde de qualidade

de de v

Proteger a vida marinha

Proteger a vida terrestre

injetáveis, esta solução é de fácil escalabilidade – aliás, uma pretensão dos promotores, já que a Stericycle tem cobertura nacional e as farmácias e municípios são um segmento com o qual já trabalham.

De referir que a Stericycle é a especialista mundial na gestão de resíduos e redução do risco. Com mais de 30 anos de experiência, oferece soluções integradas que protegem as pessoas e as marcas, promovem a saúde e preservam o meio ambiente. Os seus serviços consistem na recolha, transporte, tratamento e destino final de resíduos hospitalares, industriais e comerciais, com toda a complexidade e exigências legais associadas.



Este sistema
de recolha e
eliminação segura
de resíduos
corto-perfurantes
permite a sua
disponibilização
em farmácias,
Lojas de
Cidadão,
instalações
de câmaras
municipais
ou juntas de
frequesia.





s pessoas são fortemente a favor do aumento da igualdade de género, mas compartilham uma visão menos entusiasta pelo aumento da diversidade étnica, religiosa e racial. E apesar das tendências de secularização, um estudo do Pew Research Center, que englobou 27 países, mostra que a maioria destas geografias não se opõe a que a religião tenha um papel mais importante na sua sociedade. Assim vai o mundo no que diz respeito à igualdade e diversidade.

Em toda a Europa, América do Norte e Austrália, há um forte consenso de que a diversidade aumentou. E, na maioria das vezes, essa diversidade é bem-vinda, revela o documento. Com duas exceções: a Grécia, onde 62% se opõem a um país mais diversificado, e em menor grau Itália, onde 45% se opõem à diversidade. Mas no Reino Unido, Canadá, Estados Unidos, Austrália e Espanha, cerca de seis em dez pessoas dizem ser a favor de mais diversidade.

Na Europa, América do Norte e Austrália, as pessoas mais a favor da diversidade tendem a ser mais jovens, com mais educação e que se colocam mais à esquerda do espectro político. Em vários países europeus, pessoas com opiniões favoráveis a partidos de direita e anti-imigração opõem-se mais ao aumento da diversidade no seu país. Por exemplo, aqueles que têm uma visão favorável dos Democratas Suecos são cerca de três vezes menos propensos a favorecer mais diversidade do que aqueles que têm uma visão desfavorável desse partido. Diferenças semelhantes aparecem entre apoiantes e não apoiantes da AfD na Alemanha, PVV na Holanda, UKIP no Reino Unido e National Rally em França.

HOMENS ACREDITAM MAIS NA IGUALDADE DO QUE AS MULHERES

Em muitos dos países citados neste documento do Pew Research Center, os homens são mais propensos do que as mulheres a dizer que a igualdade de género aumentou no seu país nos últimos 20 anos. Por exemplo, 78% dos homens alemães dizem que a igualdade de género aumentou nas últimas duas décadas, contra apenas 62% das mulheres. Diferenças de dois dígitos também ocorrem no Japão, Reino Unido, Canadá, Coreia do Sul, Holanda, Espanha, Estados Unidos, Suécia e Quénia.

Uma média de 23% opõe-se ao aumento da diversidade no seu país, mas, no geral, mais pessoas são a favor de uma sociedade mais heterogénea. A maioria em oito países – Indonésia, Coreia do Sul, Canadá, Reino Unido, Estados Unidos, Austrália, Espanha e Suécia – favorece mais diversidade no seu país. Os indonésios têm as atitudes mais positivas em relação à diversidade em geral: 76% apoiam o aumento da diversidade e apenas 5% se opõem.

Os europeus tendem a ser mais ambivalentes quanto ao aumento da diversidade. Por exemplo, a maioria dos suecos vê o seu país a tornar-se mais diversificado, mas apenas 56% das pessoas são a favor dessa mudança, enquanto 30% são contra. As atitudes na Grécia em relação à diversidade são as mais negativas entre os países pesquisados; enquanto a maioria concorda que o seu país se tornou menos homogéneo nos últimos anos, apenas 17% são a favor dessa mudança e 62% são contra. Um padrão semelhante, embora menos gritante, pode ser visto em Itália. Muitos italianos acreditam que a sua sociedade se tornou mais diversificada e



pouco menos de metade (45%) se opõe. Há um apoio moderado para uma cidadania mais diversificada nos países pesquisados no Oriente Médio e Norte de África, África Subsariana e América Latina. No geral, mais pessoas tendem a dizer que o nível de diversidade de seu país não mudou nesses países em comparação com países de outras regiões.

MULHERES SÃO MENOS DE METADE DA FORÇA PRODUTIVA

As organizações que acompanham a igualdade de género em valências como a saúde, economia, política e educação – como o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento e o Fórum Económico Mundial – encontram uma desigualdade generalizada. Por exemplo, as mulheres representam menos da metade da força de trabalho globalmente, e poucas nações já tiveram uma líder feminina.

No seu mais recente relatório Global Gender Gap, o Fórum Económico Mundial projeta que, nos países englobados no documento, levará mais de um século para eliminar a atual lacuna de género. No entanto, é igualmente notória a tendência geral de uma crescente igualdade de género em muitos países.

Um pouco por todo o mundo, as pessoas parecem cientes dessas mudanças no seu próprio país. A maioria em 23 dos 27 países





Na Europa, América do Norte e Austrália, as pessoas mais a favor da diversidade tendem a ser mais jovens, com mais educação e que se colocam mais à esquerda do espectro político.

As mulheres representam menos da metade da força de trabalho globalmente, e poucas nações já tiveram uma líder feminina. pesquisados pela Pew Research Center acredita que a igualdade entre homens e mulheres no seu país aumentou nas últimas duas décadas.

Os países com as percentagens mais altas e mais baixas de que a igualdade de género aumentou podem ser encontrados na Europa. Na Suécia – um dos países mais igualitários da Europa, de acordo com o Instituto Europeu para a Igualdade de Género –, 80% dizem que a igualdade aumentou nas últimas duas décadas. Os húngaros, no entanto, viram mudanças muito menos positivas no seu país, que é uma das nações menos igualitárias da União Europeia, segundo a mesma fonte. Menos de um terço dos húngaros (29%) acredita que a igualdade de género aumentou na sua sociedade.

Muitos na região da Ásia-Pacífico veem os seus países como mais igualitários, incluindo cerca de três quartos dos indonésios (77%), indianos (76%), australianos (75%) e sul-coreanos (74%). A maioria dos japoneses também tem essa opinião, embora 34% digam que não houve mudanças nas últimas duas décadas. Os filipinos estão divididos, no entanto. Menos de metade (46%) acredita que homens e mulheres se tornaram mais iguais no seu país, enguanto a mesma parcela acredita que não houve mudança.

DIVERSIDADE AUMENTA GLOBALMENTE

Os países da OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico e, por extensão, a sua força de trabalho tornaram-se consideravelmente mais diversificados num período de tempo bastante curto. Segundo este organismo, nas últimas duas décadas, a participação das mulheres no mercado de trabalho aumentou fortemente; as parcelas populacionais de migrantes e os seus filhos estão a crescer em quase todos os países da OCDE e mais pessoas LGBT assumem a sua orientação sexual.

A OCDE admite que a diversidade é um termo amplo e que inclui muitos grupos para os quais os dados não estão disponíveis ou são difíceis de comparar entre países ou, em muitos casos, entre diferentes agências governamentais e fontes de dados no mesmo país. Este é especialmente o caso da identidade étnica, bem como das pessoas LGBT. Apenas algumas pesquisas de base populacional incluem perguntas sobre orientação sexual e, mesmo dentro de um determinado país, as participações podem diferir acentuadamente dependendo se as perguntas da pesquisa pedem autoidentificação sexual ou comportamento sexual e se são administradas online ou pessoalmente. Por exemplo, as estimativas da população LGB nos Estados Unidos variam entre 2,8% e 5,6%. Para a identidade de género, Chile, Dinamarca e Estados Unidos começaram a implementar pesquisas representativas sobre a população transgénero.

Também aqui, nos dados disponibilizados na biblioteca da OCDE, as disparidades de emprego entre homens e mulheres, nativos e imigrantes, trabalhadores em idade ativa e mais velhos e pessoas com e sem deficiência continuam consideráveis em muitos países No entanto, este organismo alerta que isso não deve ser interpretado como uma indicação de quão eficazes são as políticas de diversidade num determinado país. Por exemplo, em países com grandes parcelas de trabalhadores migrantes (altamente qualificados) que chegam ao país com uma oferta de emprego, as lacunas de emprego tendem a ser menores do que em países



Nos países em desenvolvimento, 10% das raparigas entre os 15 a 24 anos não sabem ler ou escrever.

com altas parcelas de migrantes familiares ou refugiados – dois grupos que tendem a lutar para encontrar uma posição no mercado de trabalho.

DISPARIDADES DE EMPREGO DIMINUÍRAM

Tanto para as mulheres quanto para os trabalhadores mais velhos, as disparidades de emprego diminuíram acentuadamente na maioria dos países da OCDE. Entre 2007 e 2017, ou seja, ainda sem dados da "era" covid, a disparidade de género no emprego diminuiu pelo menos 25% em dois dos três países da OCDE. Em três países, foi reduzido para mais de metade (Luxemburgo, Letónia e Lituânia). No entanto, em média, a disparidade de emprego entre homens e mulheres ainda era de 15 pontos percentuais em 2017. Além disso, na maioria dos países com grandes disparidades de género, por exemplo, Turquia, México e Coreia, o declínio foi consideravelmente mais lento; as diferenças diminuíram apenas cerca de 10% nos últimos 10 anos. Uma exceção notável é o Chile, onde as disparidades de género, segundo este organismo, diminuíram em mais de um terço.

Para os imigrantes, o quadro é mais "misto". Em contraste com as mulheres e os idosos, os imigrantes têm taxas de emprego mais altas do que os nativos em 11 países da OCDE. Na maioria desses países, as taxas de emprego das mulheres migrantes são mais altas do que entre as mulheres nativas. Em todos os países da OCDE, no entanto, as mulheres migrantes têm taxas de emprego mais baixas do que os homens migrantes. Em toda a OCDE, em 2016/17, a lacuna de emprego migrante foi de -0,8 p.p. – o que

significa que, em média, as taxas de emprego para imigrantes foram de quase 1 p.p. mais alto. No entanto, isso é em grande parte impulsionado por países não pertencentes a esta organização. Na UE, em média, há uma diferença de 3,5 p.p., e em cinco países (Bélgica, Finlândia, Dinamarca, Suécia e Holanda) a diferença é superior a 10 p.p.

Para vários países onde os nascidos no exterior já são mais propensos a trabalhar, essas diferenças aumentaram ainda mais entre 2006/07 e 2016/17, principalmente no Chile, Israel e Portugal.

ACEITAÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE E IGUALDADE DE GÉNERO INTERLIGADOS

No contexto da aceitação geral da diversidade, a OCDE acredita que a abertura para os migrantes, a aceitação da homossexualidade e o apoio à igualdade de género estão interligados. Além disso, em países onde a aceitação da homossexualidade é maior, a proporção de pessoas que concorda que os nativos devem ser favorecidos em relação aos migrantes quando os empregos são escassos é menor. Isso pode indicar, diz a OCDE na sua caracterização sobre a igualdade e diversidade, que promover a abertura em relação a um grupo também pode afetar positivamente as atitudes em relação a outros grupos.

Apenas uma pequena maioria das pessoas na OCDE (55%) acredita que os seus bairros são bons lugares para se viver para minorias étnicas, pessoas LGBT e imigrantes. Entre 2008 e 2018, a proporção dos entrevistados que concorda com essa afirmação aumentou na maioria dos países da OCDE, mas num ritmo muito desigual entre os países. Além disso, em vários países, as participações diminuíram consideravelmente em 2018 e, em mais de um terço dos países da OCDE, pelo menos metade da população não acha que os seus bairros são bons lugares para as minorias viverem. Observar como as pessoas avaliam a qualidade de vida de diferentes grupos mostra que em muito poucos países a proporção de pessoas que pensam que os seus bairros são bons lugares para se viver para pessoas LGBT diminuiu. Para as minorias étnicas e raciais, é um pouco mais provável que seja o caso, mas a diminuição é mais pronunciada para os imigrantes; em quase metade dos países da OCDE, a proporção de pessoas que pensam que os seus bairros são bons lugares para os imigrantes viverem diminuiu.

Os dados compilados pelos vários organismos, apesar de alguns ainda não contemplarem os anos em que o mundo esteve cercado por um contexto de pandemia, levam a crer que o mundo caminhou, de uma forma geral, para uma sociedade mais igual e diversificada. Ainda assim, convém ter em mente que, segundo o departamento de Assuntos Económicos e Sociais da ONU, nos países em desenvolvimento, 10% das raparigas entre os 15 a 24 anos não sabem ler ou escrever. E em todo o mundo, um terço das mulheres já experienciou violência física ou sexual dos seus parceiros íntimos. Ou que 49% dos funcionários hispânicos deixaram o emprego depois de sofrerem discriminação, segundo uma pesquisa sobre diversidade e inclusão no local de trabalho realizada em 2020 pela Glassdoor. Ou mesmo que, segundo a McKinsey & Company, embora 79% da população sul-africana seja negra, apenas 16% dos cargos executivos são ocupados por sul-africanos negros.





RUI DINIZ

"AS EMPRESAS PERCEBERAM O VALOR DA INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA"

O medo é ainda uma barreira à integração das pessoas com deficiência no mercado de trabalho. Empresas e candidatos a emprego têm receio de falhar. Mas, nos últimos anos, os mitos e os preconceitos começaram a cair, acredita Rui Diniz, fundador do Inclusive Community Forum (ICF), projeto da Nova SBE destinado a promover a inclusão das pessoas com deficiência. Criado em 2017, tem trabalhado temas como a empregabilidade – porque o desemprego é precisamente uma das maiores barreiras à integração das pessoas com algum tipo de incapacidade, sublinha Rui Diniz, também CEO da CUF. A pandemia desacelerou o recrutamento inclusivo, mas não apagou o tema da agenda das empresas – também porque o novo sistema de quotas de emprego assim o exige. Lúcia Crespo

nity Forum (ICF). Costuma dizer que o primeiro impulsionador foi o seu filho Bernardo.

Sim. Tenho cinco filhos e o mais novo, o Bernardo, foi adotado há 10 anos. Na altura, eu e a minha mulher queríamos ter uma família maior e avançámos com um processo de adoção na Segurança Social. Questionaram-nos então sobre as características da criança que estaríamos dispostos a adotar... Nós sabemos que estas perguntas fazem parte do processo, mas não deixam de ser estranhas. Deixámos a porta aberta para a possibi-

lidade de acolher uma criança com algum problema de saúde ou

deficiência e a Segurança Social propôs-nos que adotássemos o

á uma história pessoal por trás do Inclusive Commu-

Bernardo. E o Bernardo tem uma deficiência profunda, com 99% de incapacidade. Demorámos algum tempo a decidir, pois não era realmente uma decisão nada fácil. Passados seis meses, avançámos com o processo, o Bernardo veio para a nossa casa e, desde então, a sua integração tem sido realmente extraordinária. Esta é uma excelente história, mas, claro, não é uma história isenta de dificuldades...

É preciso viver a realidade de perto para perceber essas dificuldades?

O Bernardo não vê, não anda, não fala. Ter um filho com este grau de incapacidade envolve desafios imensos, e só vivendo a situação de uma maneira mais próxima é que percebemos de facto as dinâ-





micas do dia a dia. Fomos ultrapassando esses obstáculos, mas com a consciência de que o conseguíamos fazer, também, por sermos capazes de desbloquear algumas situações que iam surgindo. Sabíamos que muitas pessoas tinham dificuldades semelhantes às nossas, e que essas dificuldades eram ainda potenciadas por circunstâncias familiares ou pessoais, elas próprias, também difíceis. Sentimos por isso necessidade de contribuir para que a comunidade adotasse soluções mais estruturadas, com uma escala maior, destinadas à inclusão de pessoas com deficiência. Em geral, os outros eixos de diversidade e inclusão, como igualdade de género ou etnia – e todos eles válidos –, têm porta-vozes próprios. Já as pessoas com deficiência, muitas vezes, não se consequem cons-

tituir elas mesmas como porta-vozes com força, e por isso temos todos uma responsabilidade acrescida de olhar para estas pessoas e de as representar.

Foi para criar soluções com maior escala que decidiram envolver a Nova SBE?

Sentimos que o projeto deveria ser realizado no contexto de uma instituição e desafiámos a Nova SBE a criar um fórum que beneficiasse da estrutura da faculdade, dos alunos, dos professores e das empresas que ali gravitam. Ficariam todos a ganhar. É muito evidente o valor acrescentado das pessoas com deficiência na comunidade em que estão inseridas. Não tenho dúvidas de que a nos-

sa família é uma família melhor porque o Bernardo faz parte dela, e que a escola do Bernardo é uma escola melhor porque o Bernardo anda nessa escola, e que as empresas que contratam pessoas com deficiência são melhores empresas por terem essas pessoas a trabalhar consigo... Toda a gente tem um valor acrescentado, as pessoas com deficiência não são disso exceção, pelo contrário. Costumo dizer que é muito impressionante o valor acrescentado do meu filho Bernardo, a quem foi atribuída uma incapacidade de 99%, ou seja, 1% de capacidade...! Muito daquilo que agora andamos a fazer foi motivado por ele. Se calhar, não o teríamos feito noutras circunstâncias.

Existem ainda muitos mitos e preconceitos no mundo empresarial? Sabemos que o desemprego de pessoas com deficiência continua bastante elevado.

A falta de emprego para as pessoas com deficiência é talvez a principal barreira, na idade adulta, para a sua inclusão na comunidade. Basta olhar para as estatísticas para perceber que o desemprego das pessoas com deficiência será quatro vezes superior em relação às pessoas sem qualquer tipo de incapacidade. E que o desemprego de longa duração é tremendo. Elencámos razões objetivas e identificámos uma razão subjacente: as empresas têm medo de recrutar pessoas com alguma deficiência e os potenciais candidatos a um emprego têm também receio do desconhecido. Há medo de arriscar e de falhar.

Como desconstruir esses receios e, assim, combater a barreira da empregabilidade?

No diagnóstico que fizemos às empresas, percebemos que existia muitas vezes uma falta de consciência da existência do problema. Ao falarmos com presidentes ou diretores de recursos humanos, era recorrente ouvirmos dizer: "Nunca tinha pensado nisso de forma tão clara." Ou seja, não tinham nada contra, mas não existia a noção da prioridade deste assunto. Em alguns casos, notámos alguma inércia, motivada até pelo enorme número de prioridades que todos temos nas nossas empresas e nas nossas vidas: isto é mais uma área, é mais uma linha. Portanto, não havia tanto uma lógica de resistência, era mais uma lógica de ausência de ação. Para contrariar esta situação, lançámos o "Compromisso com a Inclusão" e desafiámos grandes empresas a operar em Portugal a assinarem o documento – 44 organizações já o fizeram –, no qual se com-

prometem publicamente a fazer um esforço claro para aumentar o recrutamento de pessoas com deficiência.

Esta é uma matéria de responsabilidade social, ou não pode ser apenas isso?

Não deve ser, nós temos mesmo insistido para que o tema da inclusão não seja apenas abordado numa lógica de responsabilidade social. Se for encarado dessa forma, a prazo, poderá não ser estruturalmente sustentável. Deve ser gerido como algo que faz sentido também do ponto de vista empresarial. As pessoas com deficiência têm de ocupar vagas reais, não devem trabalhar de uma forma supletiva. Uma vez mais, há que contrariar preconceitos: não podemos pensar que, por terem uma deficiência, as pessoas não podem fazer nada. Por exemplo, eu sou economista, sinto-me profundamente incapaz de fazer uma cirurgia cardíaca, e toda a gente acha normal eu não saber fazer uma cirurgia, afinal, não estudei Medicina. E as pessoas percebem também que, enquanto economista, saberei fazer outras coisas. Muitas vezes, relativamente a quem tem algum tipo de incapacidade, tendemos a tomar a parte pelo todo. Ora, a pessoa pode ter alguma incapacidade, mas isso não a impossibilita de fazer tantas outras coisas. Ou seja, a lógica da conversa terá de mudar: de pessoas com algum grau de incapacidade para pessoas que têm um conjunto específico de capacidades, tal como eu tenho as minhas capacidades.

É esse espírito que tenta também implementar na CUF, empresa que lidera?

Sim, na CUF temos pessoas a trabalhar em áreas nas quais a incapacidade que têm em nada afeta a sua performance. Alguns destes trabalhadores são até mais produtivos, porque são mais focados, e porque às vezes as suas próprias características tendem a privilegiar algum tipo de trabalho. Ninguém consegue fazer tudo, cada pessoa tem um conjunto de capacidades ajustadas a determinada função. E hoje há uma maior noção disto mesmo. Continuam a existir preconceitos, mas tenho notado, nos últimos anos, um crescimento da consciência em relação ao tema. As empresas perceberam o valor de incluir nos seus quadros pessoas com deficiência. No nosso site, partilhamos histórias de sucesso em empresas como a Accenture, a Galp, a Brisa e a Jerónimo Martins. Estes testemunhos são importantes para escalar o tema e garantir uma maior inclusão de pessoas com deficiência.

Uma inclusão que é também motivada pelo novo sistema de quotas de emprego para pessoas com deficiência (com um grau de incapacidade igual ou superior a 60%), resultante da Lei n.º 4/2019.

O sistema de quotas ajuda muito. Mas às vezes é fácil cumprir a quota com atestados médicos de incapacidade multiusos ou com trabalhadores que tiveram um acidente de trabalho..., e nós estamos a falar de pessoas com outro tipo de deficiência, de pessoas que têm um lugar e um contributo a dar à comunidade. E tudo isso está a começar a ser feito. O recrutamento inclusivo tem evoluído bastante.

Mas a pandemia desacelerou esse movimento. Segundo o relatório "Pessoas com deficiência em Portugal – indicadores de direitos humanos 2020", a taxa de desemprego voltou aos níveis de 2016, com mais de 13 mil desempregados registados.



O recrutamento inclusivo tem evoluído bastante.







As empresas têm medo de recrutar pessoas com alguma deficiência e os potenciais candidatos a um emprego têm também receio do desconhecido.

A pandemia atrasou o ritmo do recrutamento. Eu diria que hoje estamos muito melhor em termos de consciencialização, estamos claramente melhor na concretização, mas ainda precisamos de tornar tudo isto num assunto que quase não justifica uma história. Temos de chegar àquele ponto em que já não é tema.

Muitas vezes, as empresas querem recrutar pessoas com deficiência e há, também, candidatos com vontade de trabalhar, mas nem sempre existe um "matching".

Esse é outro tema decisivo. Faltava um processo de recrutamento inclusivo estruturado, algo que também temos vindo a criar. Quatro empresas de recrutamento (Argo Partners, Michael Page, Randstad e Your People) lançaram subáreas e apostaram em especialistas em recrutamento inclusivo, para poderem tratar o assunto de uma forma adequada. Estas organizações têm hoje mais de 500 currículos disponíveis. Muitas vezes, as empresas recorrem a outros mecanismos, igualmente válidos, como departamentos de colocação de associações e de IPSS. A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, por exemplo, tem uma agência de empregabilidade ao serviço das pessoas com deficiência, a Valor T. Existe também a OED – Operação de Emprego para Pessoas com Deficiência. São iniciativas muito positivas, mas por vezes as associações não têm a escala que é necessária. Se eu quiser recrutar 20 pessoas, não posso andar de associação em associação...

Além da empregabilidade, o ICF trabalha questões relacionadas com a educação, e até criou o selo "escola inclusiva". Qual o retrato que fazem das escolas em Portugal?

Preocupamo-nos sobretudo com a transição para o mercado de trabalho e percebemos que seria necessário trabalhar algumas capacidades numa fase anterior. Começámos a trabalhar com escolas e universidades, no sentido de tentar melhorar a integração das pessoas com deficiência no mercado de trabalho e no ensino superior. É importante que essa capacitação seja reforçada para que a possibilidade de empregabilidade seja ainda maior. Lançámos o tal selo "escola inclusiva", estamos a tentar alargá-lo, para que as escolas adotem práticas promotoras da inclusão e que, nesse sentido, possam ser quase certificadas nessa dimensão. Já existe muito trabalho bem feito, mas por vezes depende da vontade e da compe-

tência das pessoas individualmente, e essas pessoas nem sempre têm o apoio necessário e também precisam, elas próprias, de mais formação. Por isso, há espaço para estruturar e sistematizar este trabalho, articulando-o com outras instituições.

Um dos vossos programas, o Peer2Peer, tem precisamente como objetivo preparar as pessoas para o mercado de trabalho. Como funciona?

Na prática, colocamos 10 estudantes finalistas da Nova SBE, geralmente alunos com grandes capacidades e que estão à procura do primeiro emprego, a trabalhar lado a lado com 10 pessoas com deficiência, que estão também à procura de emprego. É assim um processo conjunto, numa dinâmica de pares, que resulta numa grande aprendizagem para todos. Se, muitas vezes, o aluno finalista reforça a confiança do seu par, tantas vezes é esse mesmo aluno que aprende com a resiliência das pessoas com deficiência.

Quais os próximos passos do Inclusive Community Forum?

Estamos em duas velocidades diferentes. Em primeiro lugar, queremos acelerar e escalar tudo o que tem que ver com empregabilidade. Temos 44 empresas connosco, se calhar queremos ter 60 ou 70. Cinco universidades adotaram o programa Peer2Peer, a prazo queremos chegar às 20. Temos quatro empresas de recrutamento com 500 candidatos e queremos chegar aos 800 ou mil... As soluções são boas, é preciso dar-lhes escala e intensidade. No tema da educação, estamos ainda a terminar o desenho das iniciativas, a torná-las mais robustas e sólidas para que, ao longo do próximo ano, possamos passar à fase seguinte, e que passará também por uma expansão dessas ideias.

Sente-se um embaixador da temática da inclusão?

Sem querer ser "pesado", como dizem os espanhóis, procuro ser um promotor desta causa na minha vida e no meu trabalho. É o tal incentivo que o Bernardo me dá todos os dias. Tenho protagonizado de uma forma mais visível o ICF, mas há muita gente envolvida na iniciativa e é muito importante termos a Nova SBE a enquadrar o projeto. A inclusão é, em primeiro lugar, muito importante para as pessoas que são incluídas, mas é também muito positiva para as empresas e para as instituições que as incluem. Ganhamos todos.



PORTUGAL TEM AINDA UM LONGO CAMINHO A PERCORRER NO CAPÍTULO DA IGUALDADE E DIVERSIDADE

Seja na igualdade de género, de oportunidades, de direitos ou no combate a qualquer forma de discriminação, Portugal não fica propriamente mal na "fotografia" europeia. Mas isso não quer dizer que fique bem. Não quer dizer, de todo, que não haja um imenso trabalho pela frente, um caminho árduo a percorrer, para podermos assumir que vivemos numa verdadeira sociedade regida por princípios de igualdade e diversidade.





revela desde logo uma fragilidade nacional: a partilha de tempo nas tarefas domésticas. Portugal obteve 47,5 pontos, quando a média da UE é de 64,9. O índice indica, por exemplo, que 77,5% das mulheres portuguesas estão encarregadas de ajudar os filhos com os trabalhos da escola, colocando-nos a par de países como Bulgária, Roménia, Eslováquia e Grécia.

Também na violência física a igualdade de género se complica para o lado da mulher, nomeadamente na violência doméstica cujo ranking europeu é liderado precisamente por Portugal, com as taxas a chegarem aos 68%. Já a violência sexual física é mais prevalente na Grécia (26%), Portugal (22%) e em Espanha (20%). De um modo geral, a União Europeia (UE), em 2021, obteve 68 pontos em 100, o que representa um aumento de apenas 0,6 pontos desde a edição de 2020. E se uma Suécia obteve 83,9 pontos, a Grécia não passou dos 52,6 pontos. A pontuação atribuída a Portugal foi de 62,2 pontos, continuando abaixo da média da UE. Apesar de tudo, Portugal faz parte do grupo de países que mais progressos têm feito no capítulo da igualdade de género. Desde 2010, a maior evolução positiva nesta matéria ocorreu no Luxemburgo (+11,2 pontos), Malta (+10,6 pontos), Itália (+10,5 pontos), Áustria (+9,3 pontos) e Portugal (+8,5 pontos). Desde 2018, a pontuação portuguesa subiu 0,9 pontos, sobretudo devido ao que os autores denominam de "melhorias nos domínios do poder".

Diário da República português não deixa grande margem para dúvidas: o princípio da igualdade impõe um tratamento semelhante de todos os seres humanos perante a lei e uma proibição de discriminações infundadas. Está por isso consagrada a igualdade de género, de religião, de direitos, de orientação sexual ou de oportunidades.

Legalmente, trata-se de um direito diretamente ligado ao valor da dignidade humana na sua longa luta contra discriminações arbitrárias, sendo tido como um princípio estruturante do sistema de direitos fundamentais. Em Portugal, a Constituição da República proclama que todos os cidadãos têm a mesma "dignidade social" e estabelece a sua igualdade formal perante a lei. Ninguém pode ser "privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica, condição social ou orientação sexual".

PORTUGAL A MEIO DA TABELA EUROPEIA

Ou seja, em teoria está, assim, tudo consagrado e somos todos iguais, pelo menos aos olhos da Constituição. No entanto, a aplicação deste princípio às "leis" do quotidiano, "geridas" pela sociedade, não são tão claras. Exemplo disso é o Índice de Igualdade de Género publicado pelo European Institute for Gender Equality (EIGE), que no ano passado situava Portugal a meio da tabela. Numa Europa a 27, o nosso país ficou em 15.º lugar.

O relatório, que avalia a igualdade de género em áreas como saúde, trabalho, dinheiro, conhecimento, uso do tempo e poder,



Vamos todos assumir uma postura mais ousada em relação à diversidade e agir a respeito disso (...) com locais de trabalho mais diversos, criaremos uma Europa mais justa e igual para todos.

Helena Dalli, comissária europeia para a Igualdade

MULHERES E A LIDERANÇA CORPORATIVA

O estudo da EIGE reporta ainda o que tem vindo a ser feito, nomeadamente em Portugal, para promover a representação feminina na liderança corporativa, com o nosso país a registar um progresso significativo nesta área, com a representação de mulheres nos conselhos a aumentar de 16% em outubro de 2017 para 28% em abril de 2021. O país está também entre aqueles que têm pelo menos 40% de mulheres no Parlamento.

Já um estudo da consultora Sair da Casca – Sustainability intelligence in action, sobre "Diversidade & Inclusão nas empresas portuguesas", alerta que 55% das empresas admitem não ter uma política de promoção de diversidade e inclusão, enquanto 58% referem não integrar critérios de diversidade na seleção dos seus fornecedores.

Não podemos esquecer que em Portugal, durante a crise espoletada pela covid-19, o número de desempregados com deficiência inscritos no Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP) aumentou 10%, registando-se uma forte descida nas contratações. Os números do IEFP e do Instituto Nacional para a Reabilitação (INR) indicam que apenas 17% das pessoas com deficiência têm rendimentos do trabalho, sendo que a maioria vive dependente de prestações sociais (65,7%).

MULHERES EM CARGOS NÃO EXECUTIVOS AUMENTAM

De acordo com outro documento, o "Livro Branco sobre Equilíbrio entre Mulheres e Homens nos Órgãos de Gestão e Planos para a Igualdade nas Empresas", a lei da paridade nas empresas cotadas em bolsa – que estabelece que a proporção de pessoas de cada sexo designadas para cada órgão de administração e de fiscalização nas empresas não pode ser inferior a 33,3% – resultou, em três anos, num aumento de mulheres em cargos não executivos, mas não teve o mesmo efeito em cargos executivos.

Ainda que aquém da paridade, os 28,1% de mulheres nos órgãos de administração das empresas do PSI-20 identificadas em maio de 2021 representam um aumento de 25,5 pontos percentuais face a 2008. "Por um lado, há um aumento na nomeação de mulheres para cargos não executivos e de fiscalização. Mas, por outro lado, esse crescimento não teve o mesmo efeito no que se refere a nomeações para cargos executivos", dizem os autores do estudo.

Em forma de resumo, o país tem registado uma evolução no que se refere à igualdade de género, com as mulheres a conquistarem lugares de liderança em diferentes segmentos. No ano passado, a secretária de Estado para a Cidadania e a Igualdade, Rosa Monteiro, no Dia Municipal para a Igualdade, que se comemora a 24 de outubro, referia que "Portugal tem sido dos países que mais rapidamente avançaram em termos de acesso de mulheres de decisão nas empresas e na política".

ABRAÇAR A DIVERSIDADE E COMBATER O RACISMO

Mas nem só da igualdade de género se constrói uma sociedade sustentada na igualdade, na diversidade e na inclusão. Promover locais de trabalho inclusivos tem sido reforçado pela ação da Comissão Europeia que passou a destacar maio como o Mês Europeu da Diversidade. Aliás, Helena Dalli, comissária europeia para a Igualdade, deixou isso bem claro no seu depoimento na defesa

Em Portugal, durante a crise espoletada pela covid-19, o número de desempregados com deficiência inscritos no Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP) aumentou 10%, registando-se uma forte descida nas contratações.





da promoção de D&I: "Vamos todos assumir uma postura mais ousada em relação à diversidade e agir a respeito disso (...) com locais de trabalho mais diversos, criaremos uma Europa mais justa e igual para todos."

Ainda assim, na pandemia de covid-19, as queixas à Comissão para a Igualdade e Contra a Discriminação Racial (CICDR) aumentaram 52% em 2020, passando de 436 em 2019 para 665. É o maior número desde que as denúncias passaram a ser registadas, em 2014. No seu relatório anual sobre a situação da "Igualdade e Não Discriminação Racial e Étnica", a entidade admite que a tendência de aumento das queixas, denúncias e participações relativas a fenómenos e manifestações de ódio racial, da xenofobia e da intolerância na sociedade portuguesa se manteve em 2020. "O aumento progressivo de queixas enviadas à CICDR é demonstrativo de uma maior consciencialização social para a temática da discriminação racial e étnica, bem como denota um conhecimento crescente e confiança na Comissão e nos mecanismos disponíveis para o exercício de direitos", lê-se no documento.

Contudo, a Comissão reconhece que os números não representam o universo real da problemática da discriminação racial e étnica no contexto nacional, pelo que, a prevenção, dissuasão e punição das práticas discriminatórias constituem, ainda, um desafio permanente.





A REALIDADE DA DISCRIMINAÇÃO EM FUNÇÃO DA ORIENTAÇÃO SEXUAL

A discriminação e violência contra pessoas em função da sua orientação sexual, identidade ou expressão de género e características sexuais permanece em Portugal uma realidade pouco documentada e sub-representada nos indicadores oficiais de crimes e incidentes discriminatórios. Segundo o último Relatório da Discriminação Contra Pessoas LGBTI+, relativo ao ano de 2019, no que diz respeito à perceção da discriminação, os valores situam-se dentro da média da União Europeia, com 40% das pessoas inquiridas a admitir que se sentiram discriminadas pelo menos num dos seus contextos do quotidiano, e 20% no local de trabalho. Já 30% afirmam ter sido vítima de algum tipo de abuso no último ano e 5% sofreram um ataque nos últimos cinco anos. Por outro lado, apesar de 28% de jovens entre os 15 e os 17 anos de idade esconderem a sua identidade na escola, 60% afirmaram que alguém sempre os apoiou, defendeu ou protegeu os seus direitos como LGBTI+.

Por seu turno, no mapa e Index Rainbow Europe, uma iniciativa anual da ILGA Europe4, Portugal obtém a 7.ª posição no que diz respeito à proteção dos direitos das pessoas LGBTI+ no panora-



DAR OPORTUNIDADES DE TRABALHO AOS "EXCLUÍDOS" NÃO É CARIDADE, É ESTRATÉGIA EMPRESARIAL

Imigrantes, ex-reclusos, pessoas com deficiência, ciganos e refugiados.

Várias empresas em Portugal estão a dar oportunidades de emprego
a estas franjas da população que vivem à margem do mercado de trabalho
a garantem ter conseguido ganhos sociais, organizacionais e económicos.

Três companhias – DST, El Corte Inglés e Sonae –, que são reconhecidas
pelas suas boas práticas, falam dos benefícios da aposta na igualdade
de género, diversidade e inclusão.

Filipa Lino



grupo de engenharia e construção DST, sediado em Braga, é quase uma torre de Babel. Ali trabalham pessoas de mais de vinte nacionalidades diferentes. O CEO, José Teixeira, recorda que foi com as obras para o Euro 2004 que começaram a entrar muitos imigrantes nos quadros de pessoal. "Ainda hoje temos o que chamamos a aldeia de leste. São trabalhadores que estão connosco desde essa altura e que vivem nas nossas casas. A empresa financia também os estudos dos seus filhos. Alguns estão na universidade e um deles está a doutorar-se no Reino Unido."

José Teixeira foi dando emprego às pessoas que iam chegando nas várias vagas de imigração – primeiro dos países do Leste europeu, depois brasileiros e africanos. Mas há cinco anos assumiu um desafio que muitos poderão considerar arriscado - começou a contratar ciganos para guardas de obra. Até hoje, "nunca desapareceu nada de um estaleiro guardado por um homem da comunidade cigana", garante o engenheiro civil, e "estão absolutamente integrados" na empresa.

Questionado sobre a razão que o levou a tomar essa decisão, responde com a sua própria história de vida. "Sou produto do trabalho infantil. Sei o que é a pobreza e isso influencia a minha postura como empresário." O CEO da DST alerta que não se podem hostilizar "as franjas da população, que tiveram o azar de nascer pobres".

As empresas têm um papel da luta contra a pobreza. De facto, sublinha, "todas as empresas devem ter o elevador social bem aberto", não por caridade mas por "interesse económico". Se por um lado há um interesse social, porque "quanto mais integrados os ciganos estiverem, mais segura está a sociedade", por outro, trata-se de "um bom negócio" porque "fica mais barato ter um trabalhador cigano a guardar uma obra do que pagar a uma empresa para fazer esse serviço. E a eficiência é total." O CEO da DST reforça este ponto. "É preciso desmistificar a ideia dos coitadinhos dos pobrezinhos e dos excluídos. As pessoas precisam é de oportunidades. Quando lhas damos, elas agarram-nas".

As mulheres ciganas também não foram esquecidas. A DST envolveu-se num projeto que ajudou um grupo de mulheres desta etnia a criarem o seu próprio negócio. "Investi 7.500 euros para comprarem ferros de engomar profissionais e a Cruz Vermelha arranjou um local para elas trabalharem." Agora ganham dinheiro a prestar serviços para a DST e para outras entidades. "Tenho muitos trabalhadores a dormir em casas do grupo e preciso dos lençóis engomados", diz.

Outra das camadas excluídas da população em que está a investir são os ex-reclusos. "Aquilo que faço com os ciganos e com estes rapazes é tratá-los como trato os outros. Não ponho luz a mais, nem exigência a menos."

A empresa também tem recebido refugiados. Hoje são mais de vinte, sobretudo da Síria e do Bangladeche. São rapazes de 17 ou 18 anos, que estão em Portugal sozinhos. "Alguns perderam a família toda e isso é uma tragédia. Mas não queremos que sintam que estamos com pena deles. Damos-lhes trabalho para tentar que encontrem um caminho" para as suas vidas. A empresa providencia-lhes transporte, alimentação e paga-lhes 450 euros por meio tempo de trabalho. O resto do dia estão na escola a aprender português.

José Teixeira considera que esta diversidade cultural que existe no grupo "é um ativo muito importante". Essa ideia de "tolerância que se vai consolidando entre nós, na cultura do grupo, interessa-me muito". Uma das ferramentas que tem usado para abrir os horizontes dos

seus trabalhadores são os livros. "Foi através da leitura que fugi da miséria", conta, quando em miúdo descobriu as bibliotecas itinerantes da Gulbenkian, por isso, aposta também na cultura como via para desenvolver as suas pessoas, estimulando-as a ler e levando-as a ver espetáculos no Theatro Circo em Braga. É também um mecenas cultural e nas instalações do grupo há obras de arte espalhadas por toda a parte.

TRABALHADORES "ESPECIAIS" CRIAM DINÂMICAS NAS EOUIPAS

Há duas décadas, quando a cadeia de retalho espanhola El Corte Inglés abriu a sua primeira loja em Portugal deparou-se com muita dificuldade em contratar pessoas para a cozinha do restaurante. "Descobrimos então uma escola de cozinha para surdos da Casa Pia e um grupo de estudantes, que já estavam a terminar o curso, veio trabalhar connosco", recorda Susana Silva, diretora de pessoas. Foi assim, numa altura em que ainda não se falava em diversidade e inclusão, que a retalhista deu início a uma política de emprego inclu-

Em 2013, foi elaborada
a Estratégia Nacional para
a Integração das Comunidades
Ciganas. Um dos objetivos
é "garantir as condições
para uma participação plena
e igualitária de pessoas ciganas
no mercado de trabalho
e na atividade profissional".



sivo, que já lhe valeu vários galardões. Tudo por necessidade e não por moda.

Integrar pessoas com deficiência implica dar formação às equipas que as vão acolher, destacar tutores para as ensinar e uma grande articulação da empresa com as associações que trabalham com elas. No caso dos surdos os colegas tiveram formação em linguagem gestual. Mas, até hoje, "apoiamo-nos nos intérpretes das associações, quando queremos fazer uma chamada de atenção ou uma avaliação de desempenho positiva", explica.

Hoje, a empresa emprega pessoas com os mais variados tipos de deficiência física ou mental e em situação de vulnerabilidade social, como mulheres vítimas de violência doméstica e migrantes. Duas décadas depois, a política de diversidade e inclusão do El Corte Inglés já faz parte da cultura da empresa. "Está no nosso ADN. Hoje já somos todos muito maduros na forma como acolhemos estas pessoas. Temos as nossas práticas perfeitamente consolidadas, sistematizadas", afirma Paula Lobinho, responsável pelo departamento de Inclusão no El Corte Inglés.

Já não é a questão da empregabilidade que a preocupa, afinal de contas "temos as quotas [impostas por lei] para deficientes asseguradas há muito tempo". Agora o foco é no desenvolvimento destas pessoas. Dá o exemplo de uma trabalhadora anã que começou a trabalhar na linha de caixa no supermercado, enquanto ao mesmo



Está no nosso ADN.
Hoje já somos todos
muito maduros na
forma como acolhemos
estas pessoas.

Temos as nossas práticas perfeitamente consolidadas, sistematizadas

Paula Lobinho, responsável pelo departamento de Inclusão no El Corte Inglés.





tempo tirava o seu curso em Gestão de Recursos Humanos (RH). "Fez o estágio no nosso departamento de RH e foi contratada porque teve um bom desempenho".

Como a empresa sempre integrou estas pessoas é difícil perceber o que mudou em termos de produtividade. Mas há outros resultados visíveis. Os números do último relatório anual de inclusão do El Corte Inglés "comprovam que a rotação de determinados públicos é, efetivamente, muito menor, quando comparada com as situações ditas 'normais'". E, "as equipas que os recebem ganham competências e perspetivas de vida muito interessantes", refere Paula Lobinho. Uma das situações em que isso aconteceu foi quando uma trabalhadora que não tem braços foi incluída numa equipa de atendimento ao público "muito complexa" e com "uma série de questões internas". "A partir do momento em que a integrámos, aconteceu como que uma desvalorização dos ditos 'problemas' individuais e entre eles, porque houve uma relativização de tudo."

Paula Lobinho está entusiasmada com um dos novos projetos que vai envolver a entrada em vários departamentos de um grupo de oito jovens refugiados, provenientes do Afeganistão e do Egito, com "uma carga de vida extremamente pesada". Estas pessoas vão fazer uma rotação por vários departamentos durante um período de formação de três meses, para ganharem competências de forma a, findo esse período, "estarem em condições de serem contratados".

A responsável pelo departamento de recursos humanos, Susana Silva, refere ainda que todas estas pessoas que entram ao abrigo do departamento de inclusão "são muito agradecidas pela oportunidade que têm na empresa" e demonstram um grande sentido de responsabilidade. "Vêm com muita alegria para o trabalho, cumprem horários e são um exemplo para quem cá está, que tem uma vida facilitada." A inclusão destes trabalhadores fomentou também "a alegria e a entreajuda nas equipas". No fundo, diz, "estamos mais humanos, mais próximos e mais unidos".

O índice internacional de transparência e boas práticas na igualdade de género Bloomberg 2022 Gender-Equality Index (GEI) incluiu várias empresas portuguesas. Entre elas estão a Sonae, Jerónimo Martins, Galp, EDP, EDP Renováveis, REN, Nos e BCP.

LEI N.º 4/2019

Estabelece o sistema de quotas de emprego para pessoas com deficiência, com um grau de incapacidade igual ou superior a 60%. As médias empresas, com um número igual ou superior a 75 trabalhadores, devem admitir trabalhadores com deficiência, em número não inferior a 1% do pessoal ao seu serviço e nas grandes empresas a percentagem sobe para 2%. Ainda está em vigor o período de transição para a aplicação desta lei.

A LIDERANCA DAS MULHERES

A Sonae é a única empresa do PSI-20 que tem uma mulher - Cláudia Azevedo - no cargo de CEO. O grupo tem feito um caminho para dar oportunidades a profissionais do sexo feminino em cargos de liderança, tendo atualmente três mulheres no conselho de administração. Essa estratégia valeu-lhe o lugar de topo no índice "Leading Together", que avalia a igualdade de género nos quadros de administração das empresas do principal índice da bolsa portuguesa. O grupo foi recentemente selecionado para integrar o índice global Bloomberg Gender-Equality Index (GEI), constituído por 418 empresas cotadas, de 45 países.

As metas da Sonae, no que diz respeito à igualdade de género nos lugares mais altos da hierarquia, estão bem definidas. Nas posições de liderança, em níveis estratégicos e de gestão, "aumentámos o peso das mulheres de 34%, em 2019, para 36%, em 2020, e temos como objetivo atingir os 39% em 2023", afirma Eduardo Mendes, head of People & Leadership do grupo.

Para lá chegar estão em curso "planos pessoais de desenvolvimento para talentos femininos, que incluem coaching, formação contínua e executiva, planos de carreira e acompanhamento personalizado, de forma a desenvolver o potencial" destas mulheres.

Paralelamente, nos processos de seleção para funções de topo, a shortlist final deve ser equilibrada em termos de género. Quando acontece um empate entre dois candidatos em termos de mérito, "a opção deve recair sobre o género sub-representado", explica. Eduardo Mendes refere que este método fez com que "o peso das mulheres selecionadas para funções de liderança estratégia e de gestão tenha aumentado 58% entre 2019 e 2020".

Esta é uma aposta com boas perspetivas de sucesso porque as empresas com maior equilíbrio de género em posições de liderança, de acordo com várias análises e estudos internacionais, "tendem a ter uma performance financeira superior".

Durante a pandemia, o grupo já beneficiou deste maior equilíbrio entre géneros porque "a existência de diferentes experiências profissionais e pessoais trouxe pontos de vista muito valiosos e complementares, que permitiram aos nossos negócios responder de forma célere e eficaz aos desafios em tempo recorde".



ISABEL BARROS
Administradora Executiva
da Sonae MC

ANTÓNIO SARAIVA

Presidente da CIP

FILIPE ALMEIDA

Presidente da Portugal Inovação Social

FILIPE SANTOS

Dean, Católica Lisbon School of Business and Economics e Presidente, EVPA

MARGARIDA COUTO

Presidente da Grace e Sócia Vieira de Almeida

PRESIDENTE DO JÚRI



A diversidade e a inclusão já há muito que deixaram de ser palavras de moda, para se tornarem parte integrante e fundamental da estratégia de uma empresa. São inegáveis os benefícios que dagui decorrem para as empresas, para as pessoas e para a sociedade.



Enfrentamos as transicões climática. energética e digital a que se soma o desafio da economia circular: a disponibilidade dos recursos é essencial. Não se pode deixar ninguém para trás: a igualdade e o respeito pela diversidade são condições necessárias para que estas transições sejam justas e aceites.



A sustentabilidade representa hoie o desígnio existencial de conciliar a saúde e a longevidade do planeta com o bem-estar e a sobrevivência da Humanidade. Promovê-la e premiá-la é valorizar novas possibilidades de futuro. É olhar na direção certa.



O Prémio Nacional de sustentabilidade do Negócios permite identificar as inovações sociais que promovem uma sociedade mais inclusiva. onde cada cidadão tem oportunidade de desenvolver todo o seu potencial e dessa forma contribuir também para uma sociedade mais próspera.



A igualdade
e a diversidade
são um tema
incontornável
do pilar "S" do
framework ESG
e, como tal, um
relevante fator
de sustentabilidade.
Devem por isso
ser reconhecidas
e premiadas
as empresas com
melhores práticas
na matéria.

Nesta categoria foram aceites iniciativas, serviços ou produtos que contribuam para o desenvolvimento e fortalecimento social e visem a igualdade de género e redução de desigualdades, através da eliminação da discriminação e da violência de género, especialmente para mulheres e crianças.

Projetos que contemplam questões como a eliminação de qualquer tipo de discriminação (e.g. ascendência, idade, sexo, orientação sexual, identidade de género, estado civil, situação familiar, situação económica, instrução, origem ou condição social, património genético, capacidade de trabalho reduzida, deficiência, doença crónica, nacionalidade, origem étnica ou raça, território de origem, língua, religião, convicções políticas ou ideológicas e filiação sindical, entre outros).

MARIA DE BELÉM ROSEIRA

Ex-Ministra para a Igualdade

SANDRA RIBEIRO

Presidente da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género



Todos somos iguais em direitos e dignidade. Assim o estabelece a Declaração Universal dos **Direitos Humanos. Também** a Constituição da República **Portuguesa** consagra e declina este princípio da igualdade. Mas, sendo todos iguais, cada um de nós é único e irrepetível.



O prémio Negócios Sustentabilidade, na categoria Idualdade e Diversidade, significa o reconhecimento público das organizações que escolhem uma liderança inclusiva, na qual todos e todas se sentem capazes de participar e alcançar potencial.



AJUDAR QUEM AJUDA

Em 33 edições, os Prémios BPI Fundação "la Caixa" beneficiaram diretamente mais de 175 mil pessoas em situação de vulnerabilidade social, apoiando 781 projetos implementados por instituições privadas sem fins lucrativos, com cerca de 22.8 milhões de euros.



Os Prémios BPI Fundação "la Caixa" destinam-se a apoiar projetos que promovam a melhoria da qualidade de vida e a igualdade de oportunidades de pessoas em situação de vulnerabilidade social. Durante estes 12 anos, o alcance dos Prémios BPI Fundação "la Caixa" não se limitou a apoiar projetos sociais das entidades premiadas, tendo também contribuído para:

- O alargamento da influência a todo o sistema do setor social. Mais de 3.200 entidades sem fins lucrativos concorreram pelo menos uma vez aos Prémios, estimando-se que representam cerca de 65 % das Instituições Particulares de Solidariedade.
- A criação de uma Sociedade mais inclusiva através do apoio a projetos para promover a participação de todos na resolução dos problemas do dia a dia da sociedade.
- A capacitação do setor social disponibilizando recursos financeiros para a criação de novas respostas sociais ou melhoramento das existentes. Em 2022, serão 4 os Prémios BPI Fundação "la Caixa" com o fim de apoiar projetos de instituições privadas sem fins lucrativos. Foi feito um reforço de dotação de 600 mil euros, alcançando um valor global de 4,6 milhões de euros. Os prémios





Empresa: Banco BPI, SA e Fundação "la Caixa"

Nome do projeto: **Prémios BPI Fundação "la Caixa"**

Data de início: **01/03/2010**

Data de conclusão: **31/12/2021**

Principais beneficiários da iniciativa: até 2021, inclusive, foram já apoiadas cerca de 175 mil pessoas em situação de pobreza ou vulnerabilidade social.

 Capacitar, Solidário, Seniores, Infância - são uma iniciativa conjunta do BPI e da Fundação "la Caixa" e desde 2010 apoiaram diretamente cerca de 175 mil pessoas em situação de vulnerabilidade social, financiando 781 projetos implementados por 624 entidades, no valor total de 22,8 milhões de euros.

O APOIO AOS ESTRAGOS CAUSADOS PELA PANDEMIA

Em 2021, o contributo dos prémios para o desenvolvimento e fortalecimento social e promoção da igualdade de oportunidades, num período de turbulência social, provocado pela pandemia da covid-19, foi mais uma forma de apoiar as instituições do terceiro sector. "Os prémios apostam na inclusão e na diversidade, apoiando os grupos mais afetados pelas consequências da pandemia", nomeadamente crianças em situação de pobreza, jovens institucionalizados, famílias monoparentais, mulheres em situação de exploração e/ou vítimas de violência doméstica, imigrantes e refugiados, idosos vulneráveis, pessoas em situação de sem abrigo, pessoas com doenças avançadas, com deficiência ou incapacidade permanente,



A dotação dos Prémios BPI Fundação "la Caixa", em 2022, teve um reforço de 600 mil euros para uma dotação global de 4,6 milhões de euros.

entre tantas outras situações de fragilidade e vulnerabilidade humana, económica ou social, através de projetos que promovem a educação, a saúde e o emprego, entre outras áreas. Segundo os promotores, a alteração imediata do regulamento dos Prémios BPI Fundação "la Caixa", ainda na edição 2020, para reforçar o apoio aos novos problemas sociais criados pela pandemia, e a sensibilidade às dificuldades financeiras enfrentadas pelas instituições que, entre outras medidas, assegurou o aumento da dotação da 1ª tranche de pagamento das entidades premiadas em 2021 são dois exemplos que permitiram reforçar o trabalho destes prémios, na mudança e capacitação do setor social e no apoio aos mais vulneráveis, de norte a sul de Portugal continental e nas ilhas.

4,6 MILHÕES DE EUROS DE DOTAÇÃO

Lançados em 2010, a dotação dos prémios este ano, foi reforçada em 600 mil euros para um total de 4,6 milhões de euros. Para os promotores, o impacto dos Prémios BPI Fundação "la Caixa" foi muito além do simples financiamento de projetos. E falam da sua influência sobre todo o setor social, beneficiando as entidades premiadas e sociedade em geral, tendo em conta que dela fazem parte os beneficiários indiretos, empresas e instituições de poder local.

"Cerca de 65% das Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS) nacionais conhecem os Prémios BPI Fundação "la Caixa", e no total concorreram 3.200 entidades sem fins lucrativos ao longo de mais de 10 anos. Destaque também para a adesão das instituições às sessões de esclarecimento dos prémios, que contaram com cerca de mil participantes."

O CONTRIBUTO DOS VOLUNTÁRIOS

Os candidatos destacam ainda o inestimável contributo de uma equipa de voluntários colaboradores e reformados do grupo BPI/ CaixaBank que reforçam a eficácia do processo de avaliação e de seleção das candidaturas visitando e reunindo com as entidades com as candidaturas mais pontuadas em cada Prémio. "Este ano, a equipa de avaliação contou com 54 voluntários que asseguram a avaliação de 226 candidaturas

PRÉMIOS BPI | Fundação "la Caixa" 2022

Ajudar quem *ajuda*



22.394
pessoas foram apoiadas

só em 2021

64%

das candidaturas recebidas nos últimos três anos são em parceria ou envolvem voluntariado

projetos de redução de desperdício alimentar foram apoiados entre 2010 e 2021 e desde o lançamento dos prémios contou com cerca de 100 voluntários que asseguraram mais de 1.200 reuniões com entidades sociais de todo o país." Esta equipa, lê-se na candidatura, para além de introduzir o aspeto inovador e diferenciador de iniciativas semelhantes, permite dar cara e voz às entidades junto do júri, ganhar conhecimento e proximidade com os problemas sociais, parceiros e rede social local e, não menos importante, contribui para a motivação dos colaboradores do BPI e para a humanização da resolução dos problemas do dia a dia, num momento também muito exigente para os colaboradores do banco durante o confinamento.

Outro aspeto enfatizado na candidatura é a campanha de divulgação dos prémios, baseada ao longo de todos estes anos em histórias reais de sucesso, que inspiram e dão esperança a pessoas e instituições para "ajudar quem ajuda", e que continuou mesmo no período de pandemia, partilhando histórias exemplares de resiliência e compaixão e cultivando a esperança num futuro melhor.

Por último, os promotores abordam os programas do Portugal Inovação Social, promovendo um investimento adicional no setor social superior a 500 mil euros e apresentando, em 2021, mais nove candidaturas que mobilizaram mais 220 mil euros de outros investidores sociais, para angariar um financiamento total de mais 660 mil euros de investimento comunitário a fundo perdido.

QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA



Erradicar a pobreza



Saúde de qualidade



Trabalho digno e crescimento económico

Reduzir as desigualdades





A Lusíadas Saúde Porto Sailing 2021 foi muito mais do que uma regata tradicional. Foi a primeira regata inclusiva do País, totalmente preparada para respeitar as características individuais de cada um, considerando diferentes capacidades ou limitações, onde todos puderam participar.

Em setembro do ano passado, realizou-se a Lusíadas Saúde Porto Sailing 2021, uma regata transformada num evento de consciencialização e responsabilidade social e ambiental. A iniciativa teve por objetivo alertar, informar e responsabilizar todos os visitantes sobre temas como a sustentabilidade ambiental e a inclusão e diversidade. Os promotores, a Lusíadas Saúde em parceria com a BBDouro, pretenderam provar a transversalidade destes temas, com propostas de implementação e discussão dos mesmos, desta vez em âmbito de evento desportivo. Além de um momento de promoção ambiental e social, foi, segundo a organização, um "call to action" a todos os visitantes e um estímulo à promoção de vidas mais saudáveis. "Pela promoção do desporto (saúde física) e por uma sociedade inclusiva e responsável (saúde mental)."

Além do evento desportivo, esta iniciativa apresentou-se como "mais do que uma comum regata", com a Lusíadas Saúde e a BBDouro a assumirem o desafio de tornarem este projeto mais inclusivo e mais consciente, colocando esse mesmo desafio a todos os que procuraram o evento.

A iniciativa preparou-se para respeitar as



Empresa: Lusíadas Saúde em parceria com a BBDouro

Nome do projeto: Lusíadas Saúde Porto Sailing 2021

Data de início: **17/09/2021**

Data de conclusão: **18/09/2021**

Principais beneficiários da iniciativa: **Sim Somos Capazes, Associação Salvador, Pais 21, ACAPO** características individuais de cada um, considerando diferentes capacidades ou limitações, para que todos pudessem participar neste momento que, lê-se na candidatura, pretendeu ser uma festa de partilha e de consciencialização. O evento considerou ainda a preservação e a consciencialização ambiental, bem como criou dinâmicas de suporte e desenvolvimento da comunidade.

CINCO EM UM

Na prática, o Lusíadas Saúde Porto Sailing esteve dividido em cinco partes. Primeiro, o evento desportivo "per si". Ou seja, a realização da 11.ª edição da Regata do Infante para embarcações do tipo cruzeiro e a 2ª edição da Women on Water Regatta, evento disputado por tripulações femininas e em embarcações do tipo SB20, prova que serviu a qualificação nacional para a final mundial desta categoria. A segunda vertente baseou-se numa comunicação inclusiva, que envolveu os indivíduos ou as associações, de índole social ou ambiental, as empresas parceiras, os atletas desportivos, os visitantes e os colaboradores da Lusíadas e da academia BBDouro. Todos, explicam os promotores na

Foi a primeira regata inclusiva, a apresentar-se como um evento de consciencialização ambiental e social, além do evento desportivo.

candidatura, foram convidados a participar e deixar-se desafiar pelo evento.

O terceiro pilar foi o facto de este ser um evento inclusivo, estando a iniciativa preparada para receber todos. Desde pessoas cegas, com materiais preparados em braile; pessoas surdas, com intérpretes de língua gestual; crianças, com o cumprimento de normas de segurança e uma equipa atenta; pessoas com mobilidade reduzida, sem constrangimentos à sua deslocação individual e espontânea; pessoas com incapacidade cognitiva, com uma equipa de receção com características semelhantes e participação plena, com acompanhamento próximo de uma equipa especializada.

A consciência ambiental foi igualmente tida em conta, desde a compra ao descarte dos recursos e resíduos necessários ao evento, assim como foi projetado o impacto futuro, com a avaliação e recolha das melhores práticas para implementação interna na Lusíadas e BBDouro. Exemplos disso foram o website e app acessíveis e o compromisso com a sustentabilidade ambiental entre parceiros e "stakeholders".

UM EVENTO INCLUSIVO

Segundo os promotores, esta iniciativa teve por objetivo iniciar a discussão interna e pública sobre a necessidade de criação de uma cultura de espaços não exclusivos. "Espaços que todos podemos partilhar e onde somos



125 MIL EUROS foi quanto custou a edição de 2020

MIL EUROS foram os custos em 2021





conscientes e responsáveis pelo que usamos e produzimos. Espaços criados para servir todos e não só à imagem de alguns." Neste sentido, os organizadores realizaram uma conversa subordinada ao tema "Aceita o desafio de ser inclusivo e consciente", que contou com a presença de Mafalda Ribeiro, Jorge Pina e Bento Amaral. Os oradores partilharam as suas histórias de vida e falaram sobre os lugares exclusivos e não exclusivos com que se deparam diariamente, sem que a maioria se aperceba das dificuldades ou constrangimentos criados pelas mais pequenas decisões. No pilar ambiental, sob o olhar atento da organização Sailors By the Sea, a produção do evento considerou, sempre que possível, materiais reciclados ou ambientalmente responsáveis, fazendo a correta separação dos resíduos e minimizando o número de viagens necessárias com fonte na utilização de combustíveis fósseis. "De modo a minimizar o impacto ambiental do evento desportivo, a organização da Lusíadas Saúde Porto Sailing 2021 cumpriu os requisitos do programa 'Clean Regatta', único no mundo na certificação da sustentabilidade ambiental de regatas."

QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA



Saúde de Igualdade de qualidade género

Trabalho digno e crescimento económico

Reduzir as desigualdades

Produção e consumo sustentáveis

Ação

climática

Proteger a vida marinha



FORMAR DENTRO PARA CRIAR IMPACTO FORA

A MC delineou uma estratégia de diversidade e inclusão que se desenrola em cinco dimensões: Género, Incapacidades, LGBTQIA+, Nacionalidade e Etnias e Gerações. Um projeto que tem como beneficiários, de forma direta, os mais de 35 mil colaboradores, mas também as suas famílias e a sociedade em geral.

A diversidade e a inclusão fazem parte do ADN da MC. Uma atitude que em 2020 a empresa pretendeu formalizar, adotando uma estratégia mais consequente e intencional. Para isso, definiram cinco eixos de diversidade a desenvolver: Género, Incapacidades, LGBTQIA+, Gerações e Nacionalidade e Etnias, sendo que as primeiras duas dimensões foram consideradas prioritárias. "A escolha destas dimensões esteve diretamente relacionada com a nossa forma de estar e a estratégia empresarial", garante o grupo.

A par das dimensões foram ainda definidos três princípios de atuação: responsabilização individual pela promoção da inclusão, promoção da equidade versus a igualdade e, ainda, singularidade, no sentido de garantir que todas as pessoas se sintam respeitadas, valorizadas pelas suas competências e com confiança na organização.

Como parte integrante da estratégia, foram definidos targets objetivos de concretização, de que são exemplo os 40% de mulheres na liderança que a MC quer alcançar em 2023. "Estamos confiantes de que vamos antecipar o cumprimento do nosso objetivo", dizem na sua candidatura.

Outro exemplo é o acelerar de contratação de pessoas com incapacidade com por exemplo o projeto-piloto com a associação Vila Com Vida em que foi desenhado um modelo de integração com recurso a um tutor/mentor. "Apostámos na formação de lideranças, equipas de recrutamento e equipas naturais de acolhimento."

PROGRAMA CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Na dimensão do género, o promotor atua basicamente em quatro áreas: Emprego e





Empresa: MC

Nome do projeto:

Estratégia Diversidade e Inclusão

Data de início:

01/01/2020

Data de conclusão: **01/12/2023**

Principais beneficiários da iniciativa:

os mais de 35 mil colaboradores da MC. Educação, Equilíbrio entre a vida pessoal e profissional, Proteção Social e Visibilidade, "Na primeira área de atuação, estamos a promover uma evolução de carreiras sustentada com o objetivo de termos uma pirâmide mais equilibrada, sobretudo no que respeita aos cargos de liderança, em que promovemos formação, mentoria interna e internacional e estabelecemos targets ambiciosos". Aliás, a este respeito, a OCDE refere como vantagens da promoção da equidade de género o desenvolvimento da própria economia. "Tipicamente, as mulheres investem uma maior percentagem dos seus ganhos nas famílias e comunidades quando comparadas com os homens, o que acelera o desenvolvimento, melhora níveis de pobreza e reduz iniquidades". Por outro lado, diz o candidato, na área de atuação da proteção social está a ser desenvolvido um programa contra a violência



QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA







Erradicar a pobreza

Educação de qualidade

Igualdade de género







Trabalho digno e crescimento económico

Reduzir as desigualdades

Parcerias para a implementação dos objetivos

doméstica que tem uma proposta de valor e apoio diferenciado para as pessoas e que pretende promover a sua autodeterminação. "É sabido que o fenómeno da violência doméstica tem impactos individuais e económicos muito elevados, e sendo um dos maiores empregadores privados nacionais assumimos o nosso papel no combate a este flagelo." Para citar outro exemplo, a empresa aborda o recrutamento inclusivo que estão a promover de forma mais intencional e que "conduzirá à diminuição do desemprego sobretudo de pessoas com incapacidades e/ou em situação de vulnerabilidade social, com efeitos para os próprios e para a sociedade envolvente". No capítulo da relação entre o benefício gerado e o custo da iniciativa, o promotor tem privilegiado o desenvolvimento de ações internas promovidas pela equipa de projeto sem um custo direto associado. Assim, considera que os benefícios são inúmeros, desde um maior sentimento de pertença, maior colaboração e espírito de equipa, que estão intimamente ligados com atração e sobretudo retenção de talento. "A correlação entre custos e benefícios ainda não foi materializada. mas já é evidente de um ponto de vista mais qualitativo."

IMPACTO DENTRO E FORA DA EMPRESA

A MC espera que os impactos sejam duradouros nas diferentes dimensões de diversidade da estratégia. A formação tem 40% de mulheres na liderança até 2023 é o objetivo

5 EIXOS: Género, Incapacidades, LGBTQIA+, Nacionalidade e Etnias e Gerações

+35.000 colaboradores serão impactados por esta iniciativa.



desempenhado um papel muito relevante tendo sido desenvolvidas ações em diferentes áreas, desde recrutamento ou liderança inclusiva até aos preconceitos inconscientes, um e-learning que abrangeu toda a população e que assume um papel fundamental na desconstrução de estereótipos que são muitas vezes bloqueadores de uma verdadeira inclusão. Os efeitos positivos notam-se em todas as dimensões, por exemplo na maior equidade de género em cargos de liderança e na maior autodeterminação das mulheres, com efeitos no acelerar das suas carreiras profissionais. A empresa pretende ainda continuar a construir um local de trabalho seguro onde todas as pessoas saibam que têm a quem recorrer caso se encontrem numa situação de vulnerabilidade. Tudo isto para além dos efeitos positivos no bem-estar físico e psicológico e na construção de um futuro que considere as necessidades e valências de todas as pessoas da empresa. "Esta estratégia desenvolve-se e tem como destinatários de forma direta todos os nossos colaboradores, mais de 35 mil. Nestes primeiros tempos temos focado a nossa atuação sobretudo para dentro, procurando criar os alicerces que nos permitam depois acelerar e impactar também os nossos clientes." A empresa sabe, no entanto, que ao se focarem nos colaboradores, as políticas acabam por tocar também nas suas famílias e terão um reflexo na sociedade em geral.



LUTAR PELA REMUNERAÇAO SEM GÉNERO

Com praticamente 95 anos de história e contando atualmente com mais de mil colaboradores, a Tabaqueira lançou uma iniciativa interna para garantir a certificação de igualdade salarial entre homens e mulheres, que foi alcançada em 2019.





A Philip Morris International (PMI), da qual a Tabaqueira é subsidiária em Portugal, foi, em 2019, a primeira empresa globalmente certificada em termos de igualdade salarial pela entidade independente EQUAL-SALARY Foundation. No caso da PMI, a certificação confirma que a empresa, em todos os países onde opera, procede à igual remuneração entre homens e mulheres.

Segundo estudos mencionados pelo promotor na sua candidatura, são vários os benefícios para a sociedade de uma compensação igual entre os géneros. Por exemplo, o rendimento é o fator que mais impacta as mulheres na decisão de ter ou não um segundo filho e seguintes. "Faz também sentido referir o fardo que ainda recai maioritariamente nas mulheres de assumirem as responsabilidades de cuidarem das crianças." Algo que foi agravado pela pandemia, tendose verificado que, na esmagadora maioria dos casos, foram as mulheres que ficaram responsáveis pelo acompanhamento do ensino à distância dos seus filhos, o que em muitos casos implicou terem de abdicar dos trabalhos que mantinham até então. Em outros casos,



Empresa: **Tabaqueira II, S.A.**

Nome do projeto: Certificação de Igualdade Salarial

Data de início: **25/10/2019**

Data de conclusão: **25/10/2019**

Principais beneficiários da iniciativa: os mais de mil colaboradores da Tabaqueira em Portugal e os cerca de 70 mil colaboradores a nível global da Philip Morris International. teve um impacto negativo na sua progressão, compensação e segurança laboral. "Tal se deve ao facto de, em muitos casos, as mulheres receberem menos do que os seus parceiros ou maridos. Ao garantir-se um salário justo e equitativo entre homens e mulheres, estaremos também a combater este tipo de externalidades negativas, cuja discriminação salarial é uma das principais causas", explicam os promotores.

EMPODERAMENTO TRAZ LIBERDADE

Os candidatos salientam ainda que uma compensação justa e equitativa permite um empoderamento das mulheres, prevenindo situações de possível fragilidade económica que impedem por vezes uma emancipação das mesmas face a situações de possível violência doméstica, física e/ou psicológica, com graves consequências para as mulheres e para as suas famílias

Segundo um estudo do ISEG, em Portugal, 59% do diferencial nos ganhos mensais entre homens ou mulheres não é explicado por fatores de idades, antiguidade, formação, tipo de contrato, indústria ou dimensão da empresa,



Esta é uma iniciativa muito importante pois fortalece ainda mais o compromisso da Tabaqueira em criar um ambiente de trabalho inclusivo.

o que intui que tal se deve a discriminação de género. Adicionalmente, aporta a candidatura, vários estudos internacionais apontam inclusive que as mulheres comparam favoravelmente com os homens no investimento no bem-estar das suas famílias e das crianças, o que tem obviamente um efeito mitigador de pobreza. "Ao garantir-se um salário justo e equitativo entre homens e mulheres estaremos, no curto prazo, não só a contribuir para o crescimento do nosso PIB e para a criação de riqueza, mas no longo prazo, a mitigar a pobreza."

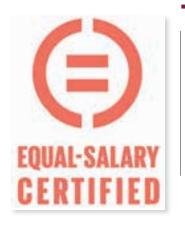
EMPREGADOR DE EXCELÊNCIA

No capítulo dos benefícios, esta iniciativa permite à Tabaqueira ter um reconhecimento pelas práticas que tem desenvolvido para se afirmar enquanto empregador de excelência. Para a PMI e a Tabaqueira, a igualdade salarial é o resultado da cultura da empresa e do seu compromisso com as suas pessoas.

Adicionalmente, a Tabaqueira está confiante de que, quantas mais empresas apostarem neste caminho, remunerando de igual forma, para as mesmas funções, homens e mulheres, estarão, enquanto setor empresarial, a contribuir para uma sociedade mais justa, mais inclusiva, mais próspera e inovadora.

Segundos dados recentes da Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego, "as mulheres ganham, em média, menos 16,7% do que os homens, o que corresponde a menos 61 dias de trabalho remunerado". Para os promotores, esta discriminação tem graves efeitos negativos para a sociedade e para a economia nacional, através, por exemplo, da perpetuação de ciclos de pobreza, de situações de exclusão social ou, tal como referimos anteriormente, de acentuar o envelhecimento demográfico.

Basicamente, esta é uma iniciativa muito importante pois fortalece ainda mais o compromisso da Tabaqueira em criar um ambiente de trabalho inclusivo. "Adicionalmente, fortalece também a sua posição como empregador de referência e como organização justa e focada no futuro."



QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA

5¢

Igualdade de género 10 n n

Reduzir as desigualdades

28
nacionalidades distintas
dentro da empresa

SENTIMENTO POSITIVO DOS TRABALHADORES

No mês de maio de 2019, a Tabaqueira foi auditada pela Price Waterhouse Cooper (PwC) no que diz respeito às suas práticas. Nomeadamente, pretendeu-se avaliar o compromisso da Tabaqueira com a equidade, não só a nível salarial, mas também a forma como a empresa faz o processo de recrutamento, formação, gestão de talento e progressão de carreira.

A PwC também se reuniu com trabalhadores de várias áreas ("focus groups" e entrevistas) para perceber a sua perspetiva em relação a este tema. "A auditoria concluiu que, de forma transversal, os colaboradores da empresa manifestaram um sentimento muito positivo em relação às práticas da mesma e um sentimento de orgulho em trabalhar para uma empresa que os respeita e onde os princípios de equidade estão sempre presentes."







AUTENTICIDADE: O QUE CONTA AO COMUNICAR SUSTENTABILIDADE

Num mercado em que todos querem ser sustentáveis, o principal desafio passa por conseguir diferenciar a mensagem da concorrência. Tendo sempre o cuidado de que, qualquer que ela seja, esteja alinhada com a estratégia de negócio da empresa e seja verdadeira. Alexandra Costa

ransparência e autenticidade. Estas são, segundo Sofia Miranda, CEO & Happy Choreographer at MarketShow da Brand Activation Agency, as palavras de ordem no que concerne à comunicação da sustentabilidade: "Can you 'show me the money' and will you 'walk the talk'?" Para a marketeer, as maiores dificuldades sentidas pelas empresas estão na capacidade de mudarem e influenciarem os consumidores através da comunicação. Algo que tem diminuído ao longo dos anos. "Atualmente, é cada vez mais difícil impor tendências, comunicar meias-verdades e se algumas marcas ainda conseguem criar modas, as mesmas são cada vez mais objeto de escrutínio e/ou efémeras", constata, acrescentando que quando comunicamos sustentabilidade temos de perceber que estamos a assumir um compromisso perante a nossa audiência. Isto significa que as marcas/empresa têm de estar prontas a demonstrar que estão à altura da confiança que lhes auferem e a assegurar que aquilo a que se comprometem em termos de sustentabilidade estará refletido de forma consistente ao longo de toda a customer journey e no longo prazo. "Caso contrário, a sentença não tardará a cair: 'greenwashing'!", afirma de forma

No entanto, um bom plano de comunicação pode trazer reais benefícios. Bem trabalhado pode "ser uma ferramenta poderosa para envolver todos os colaboradores como impulsionadores de mudança, despertar a atenção das partes interessadas e diferenciar a marca ou empresa, reforçando a sua vantagem competitiva, num mundo em que as questões ambientais e sociais são agenda prioritária a todos os níveis".

Já Olivier Establet, CEO da DPD Portugal, considera que dada a prevalência do termo sustentabilidade e a sua presença nos media, um dos maiores desafios passa por conseguir diferenciar a sua mensagem e destacar o seu propósito perante as mensagens que já são comunicadas por outras empresas do mesmo mercado e, claro, estando

Um bom plano de comunicação pode ser uma ferramenta poderosa para envolver todos os colaboradores como impulsionadores de mudança, despertar a atenção das partes interessadas e diferenciar a marca ou empresa.

sempre alinhadas com o que a empresa efetivamente contribui para esta matéria. E tão ou mais importante é "ter presente a importância de comunicar a sustentabilidade com base em resultados e práticas reais, de forma a não se correr o risco da comunicação que seja feita ser interpretada como 'greenwashing', isto é, uma empresa que diz que adota determinadas medidas e práticas sustentáveis, mas quando chega o momento de atuar, isso não se verifica", acrescenta. Sofia Santos, fundadora e Sustainability Champion in Chief na Systemic, por seu lado, considera que os grandes desafios sentidos pelas empresas prendem-se, por um lado, pela desconfiança da população sobre se o que a empresa está a dizer é verdade; mas também a dificuldade desta em compreender o tema e em conseguir passar uma mensagem clara e verdadeira.

Sendo um problema específico das empresas, Francisco Ferreira, presidente da Zero – Associação Sistema Terrestre Sustentável, conta que o feedback recebido pela associação em áreas como os têxteis indica que o principal desafio reside na proliferação de diferentes certificações, o que acaba por dificultar a escolha por parte das marcas. À qual se acrescenta a dificuldade em comunicar um





conceito tão abrangente. "O desconhecimento dos cidadãos sobre certificações pode também levar a alguma descrença das alegações feitas. É um caminho que terá de ir sendo construído", constata o ambientalista.

POR ONDE COMEÇAR E QUE MEIOS UTILIZAR

Ultrapassados os desafios, surgem outras questões. Por onde começar, que passos seguir e que meios utilizar? Tudo começa por perceber do que estamos a falar, explica Sofia Miranda. Sendo que, para isso, "a formação é essencial". Hoje em dia, já existe um sem-número de ferramentas de formação e sensibilização (workshops, cursos online, pós-graduações, mestrados, etc.) que podem ser um ponto de partida. "O objetivo não é saber tudo sobre sustentabilidade nem ser um expert, mas saber o suficiente para poder recorrer aos parceiros certos e sobretudo evitar por desconhecimento, os perigos do 'greenwashing", explica a CEO da Brand Activation Agency. Por outro lado, para a marketeer, há dois públicos prioritários: as chefias e o departamento de marketing. Porquê? Porque, para "as chefias, ser sustentável é uma mudança de estado de espírito corporativo e



O desconhecimento dos cidadãos sobre certificações pode também levar a alguma descrença das alegações feitas. É um caminho que terá de ir sendo construído.

Francisco Ferreira, presidente da Zero

não de um só indivíduo. O departamento de marketing é uma peça central numa organização, pois age a todos os níveis, desde a ideia do conceito de um produto até à sua produção e comercialização". E não esquecer que não há nada melhor do que mostrar. Passar à prática. "Ações valem mais do que mil palavras e muitas vezes o não dito é mais poderoso." Já Sofia Santos considera que as empresas devem começar por fazer uma análise da cadeia de valor e compreender bem onde são os seus maiores impactos negativos. "A partir daí, pensar como os minimizar e como comunicar essas acões". acrescenta.

Quantos aos métodos a utilizar para alguns dos melhores meios, estes são, sem dúvida, os canais digitais. "Uma grande mancha da população está no online, consulta as redes sociais e diferentes websites sobre temáticas que lhes interessam. Como tal, estar presente nestes canais é absolutamente fundamental para chegar a diferentes públicos-alvo, sejam eles consumidores/clientes, colaboradores e potenciais parceiros, ou sociedade de uma forma geral", explica o CEO da DPD, acrescentando que publicar relatórios e disponibilizá-los online evidencia o compromisso da empresa com este tema, permitindo torná-la uma referência em matéria de sustentabilidade e, assim, conquistar a confiança dos clientes, dos fornecedores e do consumidor final. Além disso, marcar presença no online através de um conjunto de iniciativas e ações nesta área é essencial, quer para demonstrar a autoridade da empresa neste tópico, quer para gerar maior literacia dos seus stakeholders para a sustentabilidade.

No caso específico da DPD, a empresa optou por ter um site inteiramente dedicado ao tema da sustentabilidade, em que consta não só a visão que tem sobre o tema, como "alguns números que mostram o impacto positivo que temos vindo a ter". A empresa também disponibiliza o Relatório de Sustentabilidade, "no qual detalhamos factos e números-chave do ano em análise, bem como os nossos compromissos com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável definidos no Pacto Global da ONU". A isto se junta ainda o programa de Monitorização da Qualidade do Ar da cidade de Lisboa e o Barómetro E-Shopper.

EDSON ATHAYDE

"O MAIS IMPORTANTE É NÃO SER 'OVERPROMISSE', NÃO QUERER PARECER SER MAIS DO QUE É"

Para Edson Athayde, especialista em comunicação, a veracidade da mensagem é o mais importante. Alexandra Costa

o mundo da comunicação e da publicidade, o nome Edson Athayde é bem conhecido. O profissional já passou por vários países, tendo assumido, em 2014, a liderança da FCB Lisboa como CEO e diretor criativo. Com vários prémios internacionais no seu currículo é a pessoa ideal para conversar sobre comunicação e sobre comunicar. A sustentabilidade, claro.

Qual a sua perceção sobre a forma como as empresas veem a sustentabilidade em termos de comunicação?

É um tema importante, frequente, algo que está no radar de todas as empresas. Claro que, dependendo das suas áreas de atuação, o tema ganhará maior ou menor relevância. Mas nenhuma empresa hoje em dia pretende passar a imagem de ser insensível às questões ambientais.

Que meios são mais utilizados e quais são os temas/áreas mais discutidos?

Advogo que a construção da imagem de sensibilidade ambiental deve ser sempre feita a partir de coisas reais. Os atos concretos

até podem ser pequenos, mas devem ser comunicados. Grandes mensagens que não passem de discurso vazio devem ser esquecidas. Daí, tudo relacionado ao plástico costuma estar sempre na ordem do dia e que mais facilmente derive em ações concretas.

Quais são os principais desafios na comunicação da sustentabilidade?

Não parecer (e não ser) falso.

Do seu ponto de vista, é um tema que já está devidamente globalizado ou ainda existem áreas do mundo onde as empresas não consideram comunicar o que estão a fazer em termos de sustentabilidade?

No caso de Portugal, o que vejo é que via de regra as empresas fazem mais coisas positivas na área ambiental na prática do que na comunicação. Explico: as empresas portuguesas cumpridoras não querem ser apanhadas em polémicas. Não querem falar abertamente dos seus objetivos com medo de não os cumprir. Depois, até os cumprem, mas fica como se não fosse mais do que obrigação. Claro que há sempre aquelas que dizem mais do que







Vivemos num mundo em que não dá para falsear as coisas. "Greenwashing" é um erro do ponto de vista da técnica de comunicação. fazem e aquelas que fazem coisas reprováveis ou até criminosas. Mas estas são exceções e, sinceramente, não conheço nenhuma.

"Greenwashing" é um termo que começa a ser utilizado e associado à comunicação de sustentabilidade. O que pensa sobre o mesmo?

Vivemos num mundo em que não dá para falsear as coisas. "Greenwashing" é um erro do ponto de vista da técnica de comunicação.

Tem dados sobre a evolução da comunicação de sustentabilidade?

Tudo o que leio aponta para uma tendência crescente, cada vez mais transversal (até as crianças percebem a importância da questão) e cada vez mais globalizada.

Considera que há conhecimento suficiente sobre sustentabilidade?

Há muita informação a circular e acessível a todos. Poderia ser mais, sim. Poderia haver mais investimento institucional da par-



Acho muito importante dar atenção aos stakeholders primários (colaboradores, fornecedores e parceiros de negócios). Eles têm de estar convencidos sobre a atuação sustentável da empresa.



te dos governos, de certeza. Mas ninguém pode dizer que nunca ouviu falar do tema. Dizer isso também é uma forma de negacionismo.

Como avalia a prestação de Portugal e das empresas portuguesas no que concerne à comunicação da sustentabilidade?

Poderiam apostar mais no apoio das organizações não governamentais que atuam no terreno. Sair um pouco de "o que eu faça para dentro" e ir para o "eu quero ajudar ao que a sociedade faz lá fora". Era uma forma de poder comunicar projetos mais criativos e com consequências mais imediatas.

Quais as maiores dificuldades sentidas pelas empresas ao comunicar sustentabilidade?

Há vários riscos embutidos nesse tipo de comunicação. Há que se tentar ser positivo (o desastre ambiental que temos em curso pode assustar as pessoas). É preciso dosear bem as informações (muitos dados pode tornar a comunicação fria; ausência de dados pode tornar a comunicação frívola). O mais importante é não ser "overpromisse", não querer parecer ser mais do que é.

Quais os passos estratégicos que as empresas deveriam seguir ao comunicar sustentabilidade?

É preciso ter tudo bem documentado, quantificado, certificado. Se

houver algum tipo de questionamento, haverá como responder com celeridade. Também ajuda ter um porta-voz só para esse tipo de comunicação. Não precisa ser alguém contratado para a tarefa, pode ser um administrador ou alguém da direção, o importante é que alguém fique responsável por saber responder bem a tudo.

O excesso de utilização (e nalguns casos má utilização) do termo "sustentabilidade" poderá levar à descredibilização do mesmo?

Não creio. Não existe palavra mais usada do que "democracia" e mesmo assim não perde a importância. Sempre haverá bons e maus usos, mas, creio, há mais acertos do que erros.

Que conselhos daria a uma empresa que equaciona começar a comunicar o que está a fazer em termos de sustentabilidade?

Acho muito importante dar atenção aos stakeholders primários (colaboradores, fornecedores e parceiros de negócios). Eles têm de estar convencidos sobre a atuação sustentável da empresa. Só depois é que se pode comunicar para fora com segurança.

Considera que a área da sustentabilidade (e a sua comunicação) deveria ser gerida pela responsabilidade máxima da entidade ou, pelo menos, estar integrada na estratégia da empresa?

Sim. Ou quem manda é parte importante da equação e da solução ou será parte do problema.

PIONEIROS NA INDÚSTRIA INTELIGENTE

A Capgemini Engineering, parte do Grupo Capgemini, consolida, numa única marca, um conjunto único de competências líderes de mercado, agregando os serviços globais de engenharia e de Investigação e Desenvolvimento (I&D) e a experiência em digital manufacturing.

A Capgemini Engineering, detentora de um vasto leque de profundos conhecimentos sobre a indústria, as tecnologias digitais e o software de vanguarda, apoia a convergência entre os mundos digital e físico e, em conjunto com as restantes valências do Grupo, suporta a jornada dos clientes rumo à Industria Inteligente, encorajando-os a desenvolver um futuro em que os seus negócios sejam fortalecidos pela tecnologia e reforçados por um forte compromisso com a sustentabilidade.

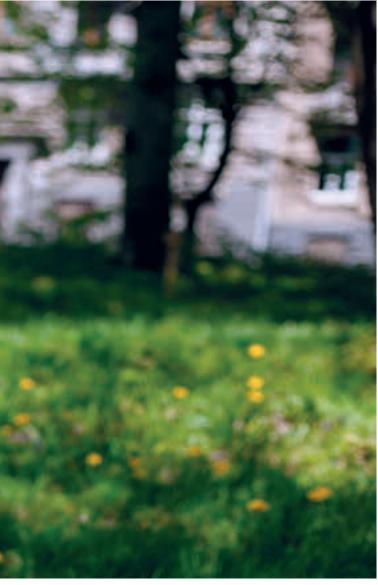


PORTUGAL PREFERE FAZER A COMUNICAR

As empresas portuguesas estão no bom caminho no que concerne à implementação de medidas de sustentabilidade. O Europe Sustainable Development Report 2021 coloca-nos mesmo na 20.ª posição.

No entanto, os especialistas consideram que, em termos de comunicação, ainda são muito tímidas. Alexandra Costa





o panorama mundial, a Europa surge como a região que mais se preocupa com a sustentabilidade e que mais à frente está na implementação de medidas para proteger o planeta e tentar reverter questões como as alterações climáticas. E Portugal? Em que estágio se encontra o nosso país? A resposta, refere Olivier Establet, CEO da DPD Portugal, está no Europe Sustainable Development Report 2021, onde Portugal é posicionado no 20.º lugar do "ranking" dos 39 países europeus com melhor de-

Sobre este estudo, Francisco Ferreira, presidente da Zero – Associação Sistema Terrestre Sustentável, refere que no mesmo foram detetadas inúmeras infrações em termos de alegações incorretas e não fundamentadas. Face a isto, o ambientalista refere que "podemos dizer que já muitas empresas comunicam sobre o

sempenho em matéria de sustentabilidade. Um "ranking"liderado

pela Finlândia.



Apesar dos esforços significativos de apoio à inovação sustentáveis pela via da União Europeia, o nosso país carece gravemente de um sistema de financiamento 'verde'.

Sofia Miranda, CEO & Happy Choreographer at MarketShow na Brand Activation Agency

tema, mas muitas ainda o fazem de forma incorreta e abusiva". Por outro lado, a Zero tem conhecido empresas que, muito embora tenham trabalho feito nesta matéria, optam por não o comunicar de forma intensa por terem receio de serem rotuladas como estando a fazer "greenwashing". Seja como for, a convicção de Francisco Ferreira é a de que "é cada vez mais frequente ver certificações credíveis em produtos, mesmo em marcas portuguesas, o que pode indicar uma evolução positiva no bom sentido, também em Portugal".

Para o CEO da DPD, o cenário atual parece mostrar uma preocupação crescente das empresas em estarem alinhadas com uma estratégia de sustentabilidade, aplicando práticas que tenham em vista a descarbonização do planeta e que sejam capazes de promover um estilo de vida sustentável, levando também os consumidores a optar por escolhas mais ecológicas. E mais do que isso. Olivier Establet acredita que se tem notado, de forma geral, uma sensibilização crescente para este tema no nosso país que é evidente, sobretudo, na comunicação das diferentes empresas. "Porém, o caminho ainda é longo, tendo a sustentabilidade de estar, cada vez mais, entre as prioridades de todos, independentemente do setor", alerta.

Já Sofia Miranda, CEO & Happy Choreographer at MarketShow na Brand Activation Agency, destaca os países nórdicos no que toca a matéria da sustentabilidade e inovação empresarial. No entanto, a executiva alerta para o facto de que a sustentabilidade é um tema mundial e global e que importa tanto ou mais às empresas portuguesas, nomeadamente face aos desafios da internacionalização, acrescentando que, a sustentabilidade implica recursos, nomeadamente financeiros, e "o facto é que, apesar dos esforços significativos de apoio à inovação sustentáveis pela via da União Europeia, o nosso país carece gravemente de um sistema de financiamento 'verde'".





É cada vez mais frequente ver certificações credíveis em produtos, mesmo em marcas portuguesas, o que pode indicar uma evolução positiva no bom sentido, também em Portugal.

Francisco Ferreira, presidente da Zero

Há ainda um outro ponto importante. "Um grande obstáculo que a sustentabilidade continua a enfrentar em Portugal é a ideia de que ser sustentável implica sacrificar alguma coisa: impacto, diferenciação, alcance, lucro ...", afirmação que, esclarece a CEO da Brand Activation Agency, já não corresponde à realidade. Isto porque "existe um shift global do mercado e dos consumidores em prol da sustentabilidade". A prova é que há cada vez mais pessoas preocupadas com o impacto ambiental de produtos e ativações. E mais importante ainda. "Há cada vez mais alternativas em termos

de tecnologias, produtos, serviços que são mais eficientes e económicas do que as tradicionais", constata Sofia Miranda.

Para a executiva é refrescante e inspirador, ver multiplicarem-se os exemplos de empresários e empresas que conseguem fazer da sustentabilidade as bases do sucesso do seu negócio. Sofia dá o exemplo da indústria da "moda (tradicionalmente associada a impactos negativos profundos no meio ambiente e na esfera social) com a Vintage For A Cause, a White Stamp, a Tintex e a lista continua, de todo um ecossistema de empreendedores que estão a revolucionar o setor".

Tudo isto faz com que a CEO da Brand Activation Agency esteja esperançosa em relação ao futuro. Mas com um pé assente na realidade. Porque "o caminho ainda é longo e o recurso ao 'greenwashing' ainda me parece ser uma ilusão para muitos".

Quanto à comunicação propriamente dita, o comunicar a sustentabilidade, a opinião de Sofia Santos, fundadora e Sustainability Champion in Chief da Systemic, é que as empresas portuguesas já estão ativas, mas de uma forma tímida. "Há muitos anos que a comunicação dos valores da sustentabilidade já é realizada em Inglaterra, Holanda, França. Nós por cá, ainda temos medo de comunicar a sustentabilidade, e os anúncios que vejo de empresas portuguesas sobre o tema são, na maioria das vezes, difíceis de compreender", constata.

O MELHOR DOS MELHORES

É certo que o Europe Sustainable Development Report 2021 considera a Finlândia como sendo o líder da sustentabilidade na Europa. Mas isso não significa necessariamente que seja o melhor país a comunicar a sustentabilidade. Não é definitivamente para Sofia Santos, que prefere eleger a Inglaterra. Já Olivier Establet confia nos resultados do estudo, afirmando que o "ranking" acima referido demonstra que a Finlândia é, muito provavelmente, o país que atualmente mais se destaca no seu compromisso com a sustentabilidade e, consequentemente, faz uma grande aposta na comunicação do mesmo. O que se reflete por ser um compromisso assumido por um conjunto de empresas finlandesas e que é evidenciado e promovido no país como um todo. "Um exemplo é a utilização de carros elétricos e o reaproveitamento dos resíduos de um edifício que é demolido para prédios a serem construídos no mesmo local ou cidade. Têm, inclusive, um site dedicado a mostrar a sustentabilidade em diferentes setores de atividade". exemplifica o CEO da DPD.

E estes são exemplos, da Finlândia mas também de outros países, que Portugal deve seguir. Apesar de Olivier Establet considerar que "estamos a fazer um bom caminho".

O PAPEL DA PRESIDÊNCIA PORTUGUESA DO CONSELHO DA UNIÃO EUROPEIA

No ano passado, mais precisamente entre 1 de janeiro e 30 de junho, decorreu a quarta Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia. E uma forma clara de perceber o estágio de Portugal no que concerne à sustentabilidade é observar o que foi conseguido, nessa matéria, durante esse período.

Desde o início que a Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia assumiu a sustentabilidade como um dos seus pilares. Assumiu que iria abordar "os desafios ambientais, sociais





O mobiliário para as zonas sociais no Centro Cultural de Belém como sede da Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia, foi concebido e produzido a partir de matéria orgânica proveniente da manutenção e limpeza da floresta e matas nacionais, e de cortiça e madeira originárias de resíduos industriais.

O impacto mais visível do papel de Portugal na sustentabilidade foram os acordos conseguidos e assinados, durante a vigência da Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia, com o destaque óbvio a ir para a aprovação da Lei Europeia do Clima. e de governação mais prementes, em que assumem particular relevância as alterações climáticas e a consequente necessidade de tornar a economia da União Europeia mais sustentável, em linha com a visão e a estratégia definidas no Pacto Ecológico Europeu e com o Acordo de Paris, e tendo ainda em conta os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas".

A decisão foi mesmo mais longe e decidiu-se, através de uma parceria com o SUSDESIGN – estúdio criativo e de pesquisa especializado em design para a sustentabilidade – desenvolver uma visão estratégica e um conceito original para a Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia. O que se traduziu naquela que foi a sede da Presidência – o Centro Cultural de Belém – em mobiliário para as zonas sociais concebido e produzido a partir de matéria orgânica proveniente da manutenção e limpeza da floresta e matas nacionais, e de cortiça e madeira originárias de resíduos industriais. Na altura, foi explicado que as propostas desenvolvidas tinham por objetivo mostrar o potencial de um Portugal verde, inovador e sustentável. Um outro exemplo foram as Peças Comemorativas PPUE 2021 e na sua integração nos foyers da sede da Presidência Portuguesa do Conselho da UE.

Mas, provavelmente, o impacto mais visível do papel de Portugal na sustentabilidade foram os acordos conseguidos e assinados, durante a vigência da Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia, com o destaque óbvio a ir para a aprovação da Lei Europeia do Clima. Documento que estabelece a meta de neutralidade carbónica até 2050 e prevê um corte de 55% nas emissões de gases com efeito de estufa até 2030 (relativamente aos níveis de 1990), e que era uma das prioridades da presidência portuguesa.





JÚRI

LUÍS MERGULHÃO CEO do Omnicom Media Group

ALEXANDRA ABREU LOUREIRO

Partner e Head of Portugal do Brunswick Group

CATARINA VASCONCELOS

Diretora-geral da LPM

FRANCISCO TEIXEIRA

Diretor-geral da Universidade Europeia | IADE | IPAM

FRANCISCO TEIXEIRA

General Manager & Partner da Hill+Knowlton Strategies

PRESIDENTE DO JÚRI



O desafio que se coloca hoje às empresas e marcas é o da comunicação com base na verdade, e não nas intenções. As pessoas sabem-no bem, e conseguem sempre, mais tarde ou mais cedo, destrincar a verdade da mentira. E é nos momentos de maior gravidade ou disrupção, que tal nos é claramente exigido.



A importância crescente da sustentabilidade transformou-se num imperativo de negócio - indo mais além para revestir a pele de solidariedade, em prol das comunidades. do ecossistema. e do capitalismo inclusivo - ainda mais premente numa Europa que defende hoje os seus valores vitais.



Saber comunicar a cultura e os projetos de sustentabilidade de marcas, personalidades e instituições é um desafio tão crítico como praticar as próprias políticas que defendem o futuro do nosso planeta e o bem-estar de todos nós.



Hoje, mais do que nunca, as nossas ações têm um impacto crítico na qualidade do nosso futuro. A responsabilidade de comunicarmos de forma sustentável é fundamental para contribuirmos para uma mudança de comportamentos na sociedade.



COMUNICAÇÃO DE SUSTENTABILIDADE

Nesta categoria foram aceites candidaturas de iniciativas, serviços ou produtos, no âmbito da criatividade, que representem soluções de comunicação eficazes e de caráter educativo na sociedade, permitindo aumentar a transparência da informação e/ou consciencialização acerca de temas de sustentabilidade. Nesta categoria foi avaliada a criatividade em peças de comunicação em diferentes suportes, como por exemplo em televisão, digital, imprensa, relatórios de sustentabilidade, eventos, ou algum outro, valorizando-se a utilização de mais do que um suporte e o impacto que a mesma terá na mudança de comportamentos sustentáveis de acordo com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Nações Unidas.

ISABEL RODRIGUES
Diretora de Marketing
e Desenvolvimento Digital
da Cofina

JOSÉ FRANCO CEO da Corpcom MARIA DOMINGAS CARVALHOSA Presidente da APECOM MIGUEL COLETA Director Sustainability, Activation & Support da Philip Morris Portugal SALVADOR DA CUNHA CEO da Lift World e Lift Consulting



Comunicarmos eficazmente soluções de sustentabilidade implica um contributo adicional para a sensibilização e educação comportamental (para além da solução em si). **Premiarmos** este esforço é o reconhecimento do mesmo e do seu impacto na sociedade.



O exigente caminho da sustentabilidade tona-se mais fácil quando comunicado de forma clara com todos os públicos. A sustentabilidade social e ambiental não depende apenas de uma decisão mas de todo um ecossistema em que todos fazem parte.



A existência de um prémio de sustentabilidade, como o Negócios Sustentabilidade, é muito importante pois dá-nos a conhecer as boas práticas de muitas empresas nacionais no que se refere à sua sustentabilidade.



Entendo a sustentabilidade como estratégia central de negócio e, portanto, mais sustentável implica mudanças importantes. Mudança de processos, mudança de produtos e, também, mudança do mercado. A boa comunicação em sustentabilidade é um fator crítico de sucesso em todas estas mudanças.



A sustentabilidade nos negócios e nas empresas é uma das dimensões mais relevantes para os destores que querem singrar num ecossistema de boa reputação, que lhes permita atuar como um íman que atrai o melhor talento, os melhores clientes e os melhores parceiros de negócio.



MUDAR O FUTURO AGORA

EDP Changing Tomorrow Now é mais do que uma assinatura de marca – é uma narrativa que materializa a ambição de um plano de negócios que pretende mudar já hoje o amanhã, para um presente e futuro mais sustentáveis.

Changing Tomorrow Now - A mudar, já hoje, o amanhã – é o novo posicionamento global da EDP que reflete a ambição da empresa de antecipar em 20 anos as suas metas de sustentabilidade e ser 100% verde já no final desta década, assim como neutra em carbono. A empresa admite que esta é uma estratégia ambiciosa de uma empresa energética como a EDP perante a emergência da ação climática e a sustentabilidade do planeta. "O setor energético tem de dar um passo decisivo para alcançar as metas mundiais de controlo da subida da temperatura global, com um crescimento expressivo das energias renováveis, livres de emissões de carbono. A EDP quer estar na liderança da transição energética dos mais de 20 mercados em que está presente." Sendo esta uma década considerada decisiva pela marca, é necessário o esforço de outros setores da economia, assim como da sociedade em geral. Por isso, a EDP materializou a sua

projetos materializam a iniciativa

12.000 colaboradores da EDP foram impactados

24
MIL MILHÕES DE
EUROS investidos na
transição energética

estratégia no projeto EDP Changing Tomorrow Now, que inclui os cidadãos nesta transformação da sociedade, em cinco projetos que representam as energias renováveis utilizadas pela EDP.

OS PROJETOS TRANSFORMADORES

O primeiro projeto chama-se EDP Atlantic Mission, no qual o kitesurfer Francisco Lufinha atravessou, sozinho, o oceano Atlântico num barco puxado por uma asa de kitesurf, usando apenas a energia do vento para se mover e a energia do sol para alimentar os sistemas tecnológicos do barco. O atleta iniciou esta ambiciosa travessia tendo chegado às Caraíbas ao fim de 47 dias. O EDP Inclusive Solar Communities consiste em bairros solares solidários que vão ser criados em Portugal e Espanha, onde vizinhos vão partilhar a energia produzida a partir do sol, fazendo chegar assim as vantagens desta energia renovável a cada vez mais pessoas, nomeadamente famílias carenciadas em 2022.

O projeto Changing Tomorrow Now materializa a estratégia definida no plano de negócios EDP ao longo dos próximos anos.

Já no EDP Art Reef, o artista português Vhils vai criar uma exposição subaquática com peças de antigas centrais da EDP de produção a carvão e fuel, entretanto desativadas, para dar lugar a energias renováveis. Estas peças vão ser trabalhadas pelo artista internacionalmente conhecido e serão incluídas numa exposição subaquática, num recife artificial que será criado no primeiro semestre de 2022.

No quarto projeto, denominado EDP Changing Tomorrow Now Exhibition, depois de ter sido a narradora desta história, na campanha multimeios que marcou o seu arranque, a artista plástica Carolina Piteira desenvolveu uma exposição sobre os elementos que compõem este projeto, para promover uma cultura de preservação do planeta. A artista portuguesa expôs pela primeira vez na Central Tejo, em Lisboa, em janeiro de 2022. Por último, a empresa apresenta o EDP Surf for Tomorrow, um programa de mentoria para jovens promessas do surf português e espanhol, que promove o desenvolvimento e a formação dos jovens que vão mudar, já hoje, o amanhã. Os atletas estão a receber uma formação intensiva em algumas das principais capitais mundiais do surf, tendo também acesso a vários circuitos da modalidade

RENOVÁVEIS SÃO O FUTURO

Na sua candidatura, a empresa explica que o Changing Tomorrow Now é um posicionamento de marca que representa a força ainda mais expressiva que as energias renováveis terão no futuro da EDP até ao final desta década. Esta estratégia começou a ser revelada externamente numa campanha multimeios e foi materializada em várias iniciativas, nos canais externos e





Empresa: **EDP**

Nome do projeto:

EDP Changing Tomorrow Now

Data de início: **31/05/2021**

Data de conclusão: **31/12/2030**

Principais beneficiários da iniciativa:

público em geral, colaboradores EDP e opinião pública em mais de 20 países nos quais a EDP opera. internos do grupo EDP. O projeto foi inicialmente revelado aos cerca de 12 mil colaboradores da EDP, que se tornaram embaixadores desta estratégia, que é, ao mesmo tempo, a filosofia da empresa que pretende liderar a transição energética. "Fazem também parte deste posicionamento os novos projetos que o grupo anunciou e começou a desenvolver desde que apresentou o seu novo plano estratégico, em fevereiro de 2021, e que vão culminar com mais 20GW em energias renováveis até 2025. Aqui, salienta-se, por exemplo, o parque solar inaugurado recentemente pela EDP Renováveis no Brasil, o maior do grupo até ao momento e que pode produzir energia limpa para 750 mil pessoas."

Internamente, este posicionamento materializa-se no Changing Tomorrow Now... With You, que se traduz em 40 iniciativas de transformação interna, um projeto global do grupo EDP e transversal a todas as geografias e unidades de negócio, com o propósito de fazer crescer a empresa e continuar a liderar a transição energética, focando a ação nos três compromissos assumidos pela empresa no início de 2021: crescimento acelerado e sustentável; organização preparada para o futuro; e excelência ao nível ESG.



QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA



Energias renováveis e acessíveis



Cidades e comunidades sustentáveis



Produção e consumo sustentáveis



Ação climática

EM CAMPANHA PARA PROVOCAR AS CONSCIÊNCIAS

Provocar as consciências e levá-las à mudança de comportamentos foi a ideia que esteve na base da campanha O Futuro do Planeta Não é Reciclável, uma iniciativa ambiental, inclusiva e multimeios da EGF.



"O futuro do planeta não é reciclável" é uma campanha ambiental, inclusiva e multimeios, das concessionárias EGF – Algar, Amarsul, Ersuc, Resiestrela, Resinorte, Resulima, Suldouro, Valnor, Valorlis, Valorminho e Valorsul – cofinanciada pela União Europeia. A campanha pretendeu ser provocadora de consciências e a criatividade do filme de televisão foi liderada pelo realizador Rúben Alves, que realizou os filmes "Gaiola Dourada" e "Miss".

Este filme publicitário, muito cinematográfico, pretendeu despertar consciências e levar à mudança necessária de comportamentos, diz o promotor na sua candidatura. A campanha interagiu ainda com figuras públicas, como a

30,3 MILHÕES de contactos alcançados

19,9 MILHÕES nos media

6,8
MILHÕES nas redes

atriz Ana Varela, o comediante e apresentador António Raminhos, o cantor Toy ou o artista plástico Xico Gaivota.

A interação estendeu-se a programas de rádio e televisão, dos quais o promotor destacou o "The Voice Portugal", "Big Brother" e o programa da manhã da Rádio Comercial. "Sendo esta a maior campanha de sensibilização ambiental cofinanciada por fundos europeus em Portugal, foi fundamental ter uma forte presença regional." Foram direcionadas propostas regionais por concessionária, garantindo uma maior cobertura mediática.

A campanha alcançou 30,3 milhões de contactos, atingindo nos media 19,9 milhões, em redes sociais 6,8 milhões e em relações públicas 3,7 milhões. "Nestes valores não foram incluídos os resultados de social sensing, contactos da imprensa e rádios regionais."

CURVA DA RECICLAGEM INVERTEU

Para além das métricas habituais das campanhas multimeios, nesta iniciativa foi ainda possível avaliar o comportamento das pessoas com base nas quantidades de embalagens recolhidas seletivamente em cada uma das concessionárias EGF. "Pela primeira vez foi possível fazer a relação entre uma grande ação de campanha nos media, numa altura em que nenhuma entidade estava a comunicar este tema com esta intensidade e em que a curva de reciclagem estava a decrescer." Passado um mês do início da campanha, a curva da reciclagem inverteu o seu percurso descendente e os números de participação, medidos em toneladas, começaram a subir. "Podemos considerar que o impacto ambiental foi muito positivo melhor comportamento dos cidadãos, mais reciclagem, menos resíduos a colocar em aterro sanitário - ganhámos todos."

A EGF acredita que, após tantas campanhas a explicar como reciclar e onde depositar as embalagens usadas, os portugueses continuam a não estar mobilizados. Por isso, nesta campanha, em vez de voltar a dizer às pessoas aquilo que elas já sabem, a EGF optou por enfatizar o que elas não sabem. "Mostrámos que há um 'porquê' que é maior que todos nós. E que existe um serviço público desenvolvido pela EGF e pelas suas concessionárias que não funciona se cada um não fizer a sua parte. Se falar apenas das coisas que podemos reciclar não é suficiente, falámos das coisas que não podemos reciclar."

Esta campanha foi partilhada com a sociedade, inclusive na sua propriedade, o que permitiu a sua capilaridade e utilização por parte de municípios e organizações, esclarece o promotor na candidatura, referindo que o montante investido foi potenciado em valor para todas as partes interessadas, e demonstrou que quando o serviço é público, é com a partilha e valorização coletiva que chegamos mais longe. "Outro aspeto

A campanha foi essencial para repor hábitos menos positivos relacionados com a reciclagem de embalagens.





Empresa: EGF

Nome do projeto:

O futuro do planeta não é reciclável

Data de início: **07/10/2020**

Data de conclusão: **30/11/2020**

Principais beneficiários da iniciativa: cidadãos com mais de 15 anos, com exceção de algumas atividades concretas que alcançaram públicos mais jovens. Existiram ainda ações táticas dirigidas ao comércio, partes interessadas e aos trabalhadores do grupo EGF.

económico: quanto mais embalagens se reciclam, mais matérias-primas secundárias entram no ciclo produtivo – e mais benefício para a economia circular."

FAZER PARTE DE UM MOVIMENTO COLETIVO

O objetivo maior desta iniciativa é, para o promotor, o de levar o cidadão à ação e a fazer parte de um movimento coletivo, através da adoção de comportamentos ambientais adequados na sua gestão diária, e que assuma o seu papel de gestor de recursos numa cadeia de valor da qual fazem parte a EGF e as suas concessionárias. Esta mudança, que se pretende coletiva, foi o mote para o desenvolvimento de peças de comunicação que contaram com várias participações especiais, das quais se destacam os colaboradores do grupo. "A campanha mostra o que acontece aos resíduos depois de separados nos ecopontos e dá rosto e voz aos milhares de trabalhadores deste setor de atividade. É ainda realçado o papel dos municípios e organizações, que se podem juntar à iniciativa e promover nas suas regiões esta campanha, utilizando os suportes desenvolvidos."

QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA



Educação de qualidade

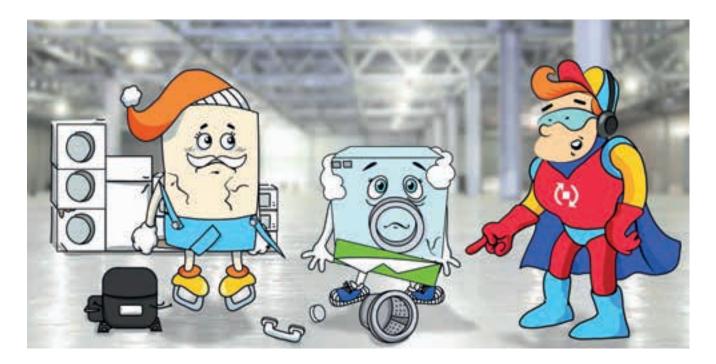
Cidades e comunidades sustentáveis 12

Produção e consumo sustentáveis 13@

Ação climática 17

Parcerias para a implementação dos objetivos





CAPITÃO ERP AO SERVIÇO DA RECICLAGEM

A banda desenhada é o grande suporte à iniciativa da ERP, que tem como principal objetivo explicar aos mais novos as diversas etapas da gestão de resíduos destes equipamentos elétricos e eletrónicos e pilhas em fim de vida.

Com a ação da "Equipa dos REEE & Companhia - Missão: Aprender a transformar o futuro", a ERP Portugal - Associação Gestora de Resíduos, pretende chegar cirurgicamente às crianças entre os 6 e os 12 anos e formá-los para o tema da reciclagem dos REEE e pilhas

A iniciativa encontra-se em fase de divulgação e disseminação através de diversos canais de comunicação dirigidos ao target crianças, famílias e escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico. Através de uma banda desenhada, em formato digital e impresso, e cinco episódios de vídeo, são explicadas as diversas etapas da gestão de resíduos de equipamentos elétricos e eletrónicos e pilhas em fim de vida. Os suportes estão disponíveis online (sites ERP Portugal, parceiros com o Programa Eco-Escolas e canal YouTube) e exibidos na SIC K.

anos consecutivos que a Geração Depositrão está no terreno

data da primeira edição da "Equipa dos REEE"

episódios de vídeo

O CAPITÃO ERP

As personagens são lideradas pelo Capitão ERP, super-herói da história, e representam os diversos grupos de resíduos geridos pela ERP Portugal, bem como as soluções disponíveis em todo o país para a sua recolha - Troca do velho pelo novo, Depositrão e Traga Pilhas. No formato da banda desenhada, os leitores são convidados a fazer parte integrante da história, preenchendo o seu nome em determinadas vinhetas (personagem da BD), desenvolvendo o sentimento de pertenca e envolvendo-os com e na aventura da sua

A série de cinco vídeos da "Equipa dos REEE & Companha - Missão: Aprender a transformar o futuro" foi lançada para assinalar o Dia Mundial da Criança e, ao longo destes episódios é possível explorar a importância do

A série de cinco vídeos da "Equipa dos REEE & Companha – Missão: Aprender a transformar o futuro" foi lançada para assinalar o Dia Mundial da Criança.

comportamento de todos nós no processo de reciclagem destes resíduos e como podemos contribuir para um Planeta mais sustentável.

GERAÇÃO DEPOSITRÃO

Segundo o promotor, os suportes de comunicação deste projeto surgiram no seio da estratégia de prevenção e sensibilização, comunicação e educação da ERP Portugal, no conjunto das iniciativas conduzidas para informar e mobilizar os cidadãos para comportamentos sustentáveis, traduzidos na entrega seletiva de elétricos e eletrónicos e pilhas em fim de vida.

"Desde 2008 que a ERP Portugal apresenta como pilar estratégico a ação junto de escolas para educar as crianças e os jovens para a importância reciclagem de elétricos e eletrónicos, pilhas e baterias, tendo celebrado a parceria com o Programa Eco-Escolas (Associação Bandeira Azul da Europa) em 2008". Assim nasceu a Geração Depositrão, no terreno há 14 anos consecutivos, dedicada a estimular a recolha de resíduos nas escolas de todos os níveis de escolaridade.

A 1ª edição da "Equipa dos REEE" data de 2008, conhecendo, em 2021, uma nova versão que o promotor classifica de "mais completa, atual e, acima de tudo, digital", respondendo aos eixos estratégicos do Plano Europeu de Recuperação e Resiliência, bem como aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, nomeadamente: educação de qualidade, cidades e comunidades mais sustentáveis, consumo e produção responsáveis e combate às alterações climáticas.



Empresa:

ERP Portugal -Associação Gestora de Resíduos

Nome do projeto:

Equipa dos REEE & Companhia

Data de início: **03/06/2021**

Data de conclusão: **31/12/2022**

Principais beneficiários da iniciativa:

o público-alvo principal são as escolas do 1° e 2° Ciclos do Ensino Básico (alunos e Professores), cuja ação terá impacto nas famílias, vizinhos e amigos da comunidade escolar (contágio positivo de comportamentos).

Ainda junto do target escolar, estes suportes de sensibilização serão fortemente utilizados no projeto "Planeta da Transformação no Oeste - Prémio Presidente Carlos Bernardes", que pretende digitalizar o processo de aprendizagem dos principais conceitos associados à sustentabilidade, centralizados numa plataforma digital da Região Oeste. Por sua vez, as personagens desta Equipa (Capitão ERP, Depositrão, Fresquinho, Grandão, Vapores, Luzinhas, Fininho, Zélélé, Carga Máxima e Traga Pilhas) serão as anfitriãs nas visitas gratuitas a realizar ao centro de sensibilização da ERP Portugal, com diversas experiências digitais (video mapping, realidade aumentada) preparadas para os mais pequenos (2022).

ESCOLAS COMO PALCO PRIVILEGIADO

Dos canais de comunicação utilizados, o promotor evidencia as escolas e o centro de sensibilização ambiental (Transformarium), palco privilegiado para utilizar as ferramentas pedagógicas e recolher feedback sobre o seu conteúdo e capacidade de levar à ação. "Esta iniciativa é dinâmica e evolutiva e estima-se a sua reprodução noutros formatos/canais e/ ou continuidade para alargar o universo de visados", explicam na sua candidatura. "Neste sentido, esperamos aumentar a quantidade de cidadãos informados (crianças e seus familiares) e a sua tradução num maior número de toneladas recolhidas e encaminhadas para tratamento, sobretudo, através de escolas". Assim, o objetivo final da iniciativa é aumentar o número de toneladas de REEE e pilhas em fim de vida recolhidos nos canais adequados, com vista à sua descontaminação, tratamento e reciclagem.

"Esperamos que os heróis da reciclagem introduzam e reforcem as boas práticas ligadas à gestão destes resíduos, esclarecendo sobre a necessidade e as vantagens desta reciclagem".



QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA



12

Educação de qualidade Produção e consumo sustentáveis

QUANDO EVITAR O DESPERDÍCIO NOS TORNA HERÓIS

A campanha "Heróis O Desperdício" quer consciencializar os jovens consumidores para a importância da redução do desperdício alimentar como forma de garantir a sustentabilidade do nosso planeta.

A Eurest é uma empresa de restauração que atua em Portugal há 47 anos. Ao "core business" da organização - fornecimento de refeições – está inerente a produção de resíduos, nomeadamente orgânicos, papel, vidro, plástico e metal. Cumprindo o seu papel social, que é levar informação aos seus consumidores e colaborar com o desenvolvimento sustentável do nosso planeta, a Eurest idealizou e implementou a campanha "Heróis O Desperdício" (HOD), uma iniciativa que visa consciencializar os jovens consumidores para a importância da redução do desperdício alimentar como forma de garantir a sustentabilidade do nosso planeta. Neste contexto, os consumidores são desafiados a reduzir o desperdício alimentar. O target da campanha são crianças do 1.º e 2.º ciclo de escolaridade, pelo que o suporte da comunicação foi desenvolvido em peças de comunicação com elevada recetividade para a faixa etária: cadernetas, respetivos cromos e ímanes, e a sua implementação fez-se através de um jogo. No final da refeição, caso o tabuleiro (sopa, prato, sobremesa e pão) seja apresentado vazio/sem sobras, o consumidor recebe um autocolante "Herói O Desperdício" para completar a caderneta. No final da campanha, os consumidores que apresentem a caderneta completa ganham um íman. Atualmente, a campanha "Heróis 0 Desperdício" encontra-se em fase de implementação transversal nas unidades de alimentação do segmento educação. Para 2022, o promotor destaca que está planeada a implementação da campanha "Heróis 0 Desperdício" em mais 10 clientes, impactando diretamente mais de 5.500 jovens. Paralelamente à implementação nacional, e porque a Eurest faz parte do Compass Group



45
países onde o grupo
opera usufruem da
iniciativas

5.500 jovens são impactados pela iniciativa líder mundial no setor da restauração –, esta campanha fará parte do leque de projetos passíveis de serem implementados nos 45 países onde o grupo opera.

DESDE 2007 A SENSIBILIZAR OS CONSUMIDORES

De resto, a Eurest tem implementadas diversas campanhas com vista à sensibilização dos consumidores no âmbito da redução do desperdício alimentar desde 2007. Todas as

"Heróis 0 Desperdício" no segmento de mercado educação, permitiu a empresa reduzir o desperdício alimentar em cerca de 31%.

ações desenvolvidas até então foram sempre orientadas para os consumidores do segmento de restauração B&I (consumidores adultos). Em 2021, a organização decidiu estrategicamente alargar a orientação da sua comunicação sobre o desperdício alimentar para os consumidores mais jovens. "Este volte-face no target surge numa ótica de investimento para o futuro do planeta, uma vez que as crianças têm uma maior permeabilidade à mudança e um elevado poder influenciador no seio familiar. Assim, influenciamos hoje crianças e as suas famílias, e concomitantemente os 'decision makers' do futuro", lê-se na candidatura.

A dinâmica da campanha H0D consiste na recompensa, através de cromos autocolantes colecionáveis, por cada refeição sem sobras alimentares no final da refeição. A apresentação da caderneta concluída à nossa equipa é convertida num íman. A campanha "Heróis 0 Desperdício" é constituída por seis seasons, cada uma delas com a duração de seis dias.

IMPACTO NO AMBIENTE ASSINALÁVEL

Segundo dados fornecidos na candidatura, o impacto do desperdício alimentar no ambiente é assinalável ao nível das emissões de gases (8% derivam da decomposição do desperdício alimentar), da terra agrícola (30% da terra é utilizada para produzir alimentos que serão desperdiçados) e do consumo de água (o desperdício alimentar tem uma pegada hídrica maior do que qualquer país). Desde 2007 que a redução do desperdício alimentar está na esfera de atuação da Eurest, assumindo mesmo uma das grandes bandeiras na oferta de um serviço de alimentação mais sustentável. No âmbito da estratégia de sustentabilidade, a empresa implementou um Sistema de Minimização do Desperdício Alimentar, que foi certificado (junho de 2021) por uma entidade externa - Bureau Veritas Certification.

De acordo com os dados de monitorização da Eurest Portugal, referentes a desperdício alimentar inerente ao serviço de produção





Empresa: **Eurest Portugal**

Nome do projeto: **Heróis 0 Desperdício**

Data de início: **05/04/2021**

Data de conclusão: **05/04/2025**

Principais beneficiários da iniciativa: jovens consumidores de refeições do 1.º e 2.º ciclo do ensino básico.



de refeições, são desperdiçados 12,8% de alimentos em toda a sua operação. Tendo como meta a redução do desperdício alimentar em 50% até 2030, a Eurest idealizou a campanha "Heróis 0 Desperdício", através da qual se verificou uma redução de 31% do desperdício alimentar no segmento de negócio - educação. Um "pequeno" passo para a Eurest, um grande passo para o planeta!

REDUÇÃO DE DESPERDÍCIO E AUMENTO DE VALOR

De acordo com a Food and Agriculture Organization for the United Nations, cada quilograma de desperdício alimentar tem um custo de 1,63 euros. Com a implementação transversal da campanha "Heróis 0 Desperdício" no segmento de mercado educação, a empresa diz reduzir o desperdício alimentar em cerca de 31%.

Nos restantes segmentos de mercado: B&I e saúde, em que a Eurest também opera, estão implementadas campanhas de redução do desperdício alimentar especificamente desenhadas para o respetivo público-alvo. Essas campanhas são "Consumo Consciente, Respeita o Ambiente", no segmento B&I, e "CARE Saúde", no segmento saúde.

QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA

120

Produção e consumo sustentáveis

A IMPORTÂNCIA DO RASTREIO NO CANCRO COLORRETAL

A Campanha de Sensibilização para o Cancro Colorretal pretendeu promover a literacia em saúde e do diagnóstico precoce, através da realização de rastreios, o que diminui a mortalidade em aproximadamente 16%.

Em Portugal, só no ano de 2020, foram diagnosticados mais de 10 mil novos casos de cancro colorretal (cerca de 28 casos por dia) e registadas mais de 4.000 mortes. Com os olhos postos na importância da adoção de medidas de prevenção, evitando muitas das mortes, como a diminuição da exposição a fatores de risco e o diagnóstico precoce, o Grupo Ageas Portugal lançou a Campanha de Sensibilização para a Deteção Precoce do Cancro Colorretal (CCR), visando a promoção da literacia em saúde e do diagnóstico precoce, através da realização de rastreios por pesquisa de sangue oculto nas fezes. Esta campanha resultou da parceria entre a Fundação Ageas, Médis (uma marca do Grupo Ageas) e a Associação Nacional de Farmácias.

Promover o diagnóstico precoce, contribuindo para um tratamento atempado, melhorar o conhecimento da população em geral sobre a doença, fatores de risco e diagnóstico precoce, e referenciar para o médico os participantes com resultados positivos, encontram-se entre os principais resultados alcançados com a campanha, que revelou impactos directo no setor económico e social.

Segundo os promotores, desde o primeiro momento, esta iniciativa contou com vários parceiros, utilizando vários meios para a divulgação de uma forma clara e acessível, que vão desde vídeos, spots de rádio, entrevistas, publicações nas redes sociais, artigos e webinars exclusivos, para além de um livro de banda desenhada focado na temática e distribuído no jornal Expresso e pelas farmácias aderentes.

A IMPORTÂNCIA DOS RASTREIOS

Importa sublinhar que a realização de rastreios através da pesquisa de sangue oculto nas fezes diminui a mortalidade por cancro colorretal em



28
casos por dia de
cancro colorretal são
diagnosticados

4.000 mortes registadas

16%
da mortalidade
é diminuída através
de rastreios

aproximadamente 16%, dados expressivos do impacto alcançado a nível de sustentabilidade. Por isso, a Campanha de Sensibilização para a Deteção Precoce do Cancro Colorretal teve a duração de quatro semanas, entre os dias 15 de março e 14 de abril de 2021, e consistiu em sensibilizar para a deteção precoce do cancro colorretal em todo o território de Portugal continental, com implementação em 292 farmácias.

"Poder salvar vidas é, assim, a maior vantagem desta iniciativa e esse foi o grande propósito desde o início", menciona o promotor na sua candidatura. Mas, claro que essa vantagem traz consigo um impacto direto na componente económica da sustentabilidade. O impacto económico do cancro é significativo e está

a aumentar de dia para dia. Segundo dados disponibilizados pelo Grupo Ageas, o custo total do cancro colorretal na Europa é estimado em 19 mil milhões de euros, dos quais 9,8 mil milhões são custos diretos de saúde, 3,1 mil milhões de euros em cuidados informais e 7,1 mil milhões de euros em custos indiretos (custos de mortalidade prematura e perda de produtividade do trabalho).

RACIONALIZAR RECURSOS

"Ao evitar tratamentos e cirurgias em fases mais avançadas da doença, reduzimos custos diretos. Se reduzimos a perda de dias de trabalho, a incapacidade ou evitamos a morte prematura, estamos a contribuir para a redução de custos indiretos." Além disso, lê-se na proposta, há que racionalizar recursos e, no rastreio de CCR, de acordo com modelos teóricos, várias estratégias de rastreio demonstram ser custo-efetivas quando comparadas com o não rastreio. "A deteção precoce é, por esse motivo, absolutamente essencial para reduzir custos diretos e indiretos em saúde."

AGIR PRECOCEMENTE PERMITE GANHOS

O promotor considera ser inegável que contribuir para a identificação precoce de uma doença grave pode permitir ganhos na qualidade de vida dos doentes e das suas famílias, evitando intervenções tardias que levem a ostomias, incapacidades ou mesmo à morte; bem como potenciar o bem-estar emocional. Afinal, existe uma ligação clara entre o cancro colorretal e o estilo de vida, que se reflete numa maior incidência do CCR nos países ricos.

O CCR é um cancro com progressão lenta, dos adenomas iniciais ao estádio de cancro, superior a 10 anos e por vezes até 20 anos. ageas, portugal

Empresa: Grupo Ageas Portugal

Nome do projeto: **Movimento 50+**

Data de início: **15/03/2021**

Data de conclusão: **14/04/2021**

Principais beneficiários da iniciativa: pessoas com idades entre os 50 e os 74 anos, assintomáticos e sem fatores de risco, de acordo com os critérios preconizados pela DGS para a realização do rastreio do CCR.

Poder salvar vidas é, inquestionavelmente, a maior vantagem desta iniciativa e esse foi o grande propósito desde o início.



55% dos doentes são diagnosticados nos estadios clínicos mais avançados III e IV, o que tem forte impacto na sobrevida do CCR. "A deteção precoce é, por esse motivo, absolutamente essencial para aumentar a taxa de sobrevivência. É igualmente importante destacar o contexto que vivemos há cerca de dois anos, a implicação que terá num futuro próximo, e a necessidade de manter estas iniciativas de promoção da saúde e prevenção da doença na agenda."

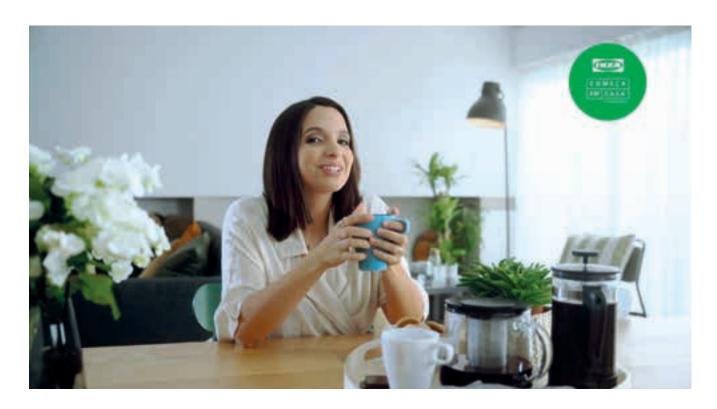
Segundo o Grupo Ageas, a campanha teve uma excelente recetividade, com a participação de cerca de 4.200 indivíduos, superando as expectativas iniciais. Registou-se uma participação mais significativa entre as mulheres (57% mulheres vs. 43% dos homens) com uma idade média global a rondar os 61 anos, com elevada taxa de adesão nos distritos de Lisboa, Porto, Setúbal e Coimbra. Das amostras analisadas pelo laboratório, 96% dos participantes tiveram um resultado do teste de PSOF negativo, sendo que 4% (177 participantes) tiveram resultado positivo, a quem foi recomendada a marcação de uma consulta com o seu médico assistente, médico de família ou médico especialista, com o objetivo de analisar a situação e definir os próximos passos, nomeadamente a realização de colonoscopia, de acordo com as guidelines nacionais.



QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA



Saúde de qualidade



A SUSTENTABILIDADE COMEÇA EM CASA

IKEA Portugal tem a sustentabilidade como prioridade, tanto ao nível da estratégia de negócio como de crescimento e posicionamento para a marca. Este foco em sustentabilidade é concretizado em diferentes campanhas e iniciativas de comunicação para o consumidor, como o tutorial "Escola da casa" ou a campanha "Começa em casa".

Os consumidores portugueses têm demonstrado preocupação com as alterações climáticas e interesse por hábitos mais sustentáveis. Contudo, manifesta a IKEA Portugal, os consumidores consideram que ser mais sustentável requer um conhecimento sobre que medidas implementar, que ainda desconhecem. O que fazer? Como fazer? Qual o impacto?, são algumas questões que os portugueses necessitam ver esclarecidas. Além disso a maioria dos consumidores protugueses não pode pagar mais pela sustentabilidade, e procura nas marcas soluções sustentáveis e acessíveis. Assim, a marca de origem sueca identificou

quatro áreas fundamentais para trabalhar dentro da sustentabilidade: reduzir o desperdício, principalmente o desperdício alimentar; poupar energia e água; reutilizar, evitando os descartáveis e prolongar a vida dos produtos são as principais mensagens.

"Sendo a sustentabilidade a base do propósito da marca, são inúmeros os movimentos que estamos a fazer enquanto empresa: tanto na forma como produzimos produtos, como em formas de prologar a vida de cada produto na casa dos clientes ou noutra casa, com uma nova vida", explicam na sua candidatura. "Acreditamos que as pessoas se devem sentir capacitadas

1.000
MILHÕES de pessoas até 2030 é o potencial de alcance

2021 foi a data de início do projeto

áreas de trabalho definidas



para viver de forma mais sustentável, e é por isso que nos dedicamos a inspirar mudanças com produtos acessíveis, feitos com materiais renováveis ou reciclados e eficientes em termos energéticos."

PARCEIRA COM CATARINA BARREIROS E O PROGRAMA DA FOX - COMEÇA EM CASA

Começa em Casa" conta com a presença da influenciadora digital Catarina Barreiros que pretende, durante 6 episódios, inspirar os portugueses a adotar hábitos simples e acessíveis, no dia a dia, em casa – hábitos que vão ajudar a reduzir o nosso impacto no planeta, ao mesmo tempo que ajudam a poupar nas contas mensais de eletricidade, água ou alimentação.

Um dos principais objetivos é alertar e sensibilizar todos os portugueses a terem mais consciência no seu dia a dia em casa, provando que até os pequenos gestos podem fazer a diferença.

SUSTENTABILIDADE NÃO TEM DE SER UM LUXO

Viver de forma mais sustentável não tem de ser dispendioso, garante a IKEA. Pelo contrário, a marca quer mostrar, enquanto líderes na vida em casa, que com pequenas mudanças se podem reduzir as faturas de consumos energéticos, da alimentação (menor desperdício) e criar assim um estilo de vida mais saudável.

O objetivo é, por isso, mostrar de forma simples, descontraída, que é possível, com pequenas mudanças no nosso dia a dia em casa, ter uma vida mais sustentável. Passo a passo, começando pelas áreas de maior impacto (poupança energética, redução de desperdício



Empresa: **IKEA Portugal**

Nome do projeto: Um mundo melhor começa em casa

Data de início: **09/03/2021**

Data de conclusão: **02/12/2021**

Principais beneficiários da iniciativa: a maioria dos portugueses e a nível global 1000 milhões de pessoas até 2030.

Através de iniciativas como a Escola da Casa, a marca pretende mostrar que é simples e acessível fazer pequenas mudanças em casa, que permitem ter uma vida mais sustentável.

alimentar, circularidade, reutilização, etc.), ir criando rotinas que permitam introduzir este tema sem acrescentar complexidade. "A nossa ambição é a de inspirar e ajudar 1.000 milhões de pessoas até 2030 a viver uma vida melhor, mais saudável e sustentável, dentro dos limites do planeta." Para isso, a marca tenta posicionar-se como líder de uma vida em casa mais sustentável, quer através de produtos feitos de materiais renováveis e reciclados, quer através de soluções que permitem redução no consumo de recursos. Até porque, como o próprio nome da iniciativa refere, "Um mundo melhor começa em casa".



QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA

Energias renováveis e acessíveis

12₺

Produção e consumo sustentáveis 13

Ação climática

EM PROL DA DIETA MEDITERRÂNICA

O projeto Juliana teve início em outubro de 2020, no Dia Mundial da Alimentação, e pretende promover a dieta mediterrânica, classificada pela UNESCO como Património Cultural Imaterial da Humanidade.





O projeto Juliana é a homenagem do grupo Jerónimo Martins à forma portuguesa de viver a dieta mediterrânica e aos saberes e segredos culinários milenares que nela existem. Este projeto integrado e multistakeholder, desenvolvido em conjunto pelo grupo e pelo Pingo Doce, tem como grande objetivo contrariar a tendência de erosão desta dieta classificada pela UNESCO como Património Cultural Imaterial da Humanidade. Isso passa por, explica o grupo na sua candidatura, dignificar a arte da produção e da transformação dos alimentos, evidenciando as vantagens de um padrão alimentar que é saudável, promotor do sistema imunitário, sustentável e financeiramente acessível. O projeto teve o seu kick-off em outubro de 2020, no Dia Mundial da Alimentação, guando, em plena situação de calamidade, o grupo organizava a conferência "Dieta Mediterrânica à Portuguesa" (no âmbito da Lisboa Capital Verde Europeia 2020), que assinalou também o 40.º aniversário do Pingo Doce.

A marca Juliana, revelada neste evento, tem-se expressado em registos diversos – científicos, culturais, pedagógicos e comerciais –, que já se traduziram em múltiplas iniciativas. Exemplos disso são "Juliana – Uma Exposição Fotográfica",

Jerónimo Martins

Empresa:
Jerónimo Martins

Nome do projeto: Juliana, a dieta mediterrânica à portuguesa

Data de início: **16/10/2020**

Data de conclusão: Não há uma data de conclusão prevista.

Principais beneficiários da iniciativa: diferentes públicos-alvo, como a comunidade científica e académica, os produtores agrícolas nacionais e a população em geral. livros "Juliana – Uma Viagem Fotográfica" e "Juliana – Quatro estações à mesa com o Pingo Doce", "Juliana - A Série", "Juliana – O Documentário", "Juliana da Semana", "Rubricas na CMTV" e "Guia de ervas aromáticas", cujos impactos de divulgação, deveras positivos, foram amplamente descritos na candidatura.

ENCURTAR OS CICLOS DE TRANSPORTE

O impacto desta iniciativa na componente ambiental da sustentabilidade começa desde logo pela redução da pegada carbónica dos alimentos. O grupo explica que a dieta mediterrânica, ao promover o consumo de vegetais produzidos localmente, frescos e da época, reforça a proximidade da cadeia de abastecimento e, consequentemente, encurta os ciclos de transporte.

A racionalização da utilização de recursos é ainda contemplada, já que o consumo de produtos sazonais tira o máximo partido dos recursos e dos serviços prestados pela natureza, evitando os consumos adicionais exigidos pela produção fora de época, designadamente água e estufas.

O combate ao desperdício alimentar é outro dos

O combate ao desperdício alimentar é outro dos impactos positivos deste projecto, dado a dieta mediterrânica promover o reaproveitamento dos produtos e a utilização quase integral dos produtos alimentares.

"As sopas são, por excelência, um prato que maximiza os benefícios nutricionais que podemos retirar dos alimentos e cuja riqueza vive muito da diversidade dos ingredientes nela combinados", explica a empresa, salientando que as sopas do Pingo Doce são produzidas com recurso a legumes "feios". "Em 2020, o Pingo Doce utilizou mais de 3.550 toneladas destes legumes em sopas, saladas embaladas e legumes pré-cortados." O aproveitamento destes legumes não calibrados, explica a marca, evita a destruição de valor que resultaria de deixar nos campos alimentos que consumiram recursos naturais, trabalho e energia para a sua produção. Outro impacto desta iniciativa é o reforço da sensibilização dos cidadãos para o respeito pela natureza e o valor dos alimentos, bem como para a centralidade do tipo de alimentação num estilo de vida que se queira sustentável.

DINAMIZAÇÃO DA ECONOMIA NACIONAL

Já no capítulo económico da sustentabilidade, a acessibilidade dos alimentos foi o primeiro fator a ser mencionado pelo promotor. "Enquanto padrão alimentar que promove o reaproveitamento dos produtos, o uso dos ingredientes na sua quase totalidade e a redução do consumo de proteína animal, a dieta mediterrânica é acessível a todos os estratos socioeconómicos". Além disso, escrevem na sua candidatura, através da iniciativa Juliana da Semana, o Pingo Doce põe em promoção frutos e legumes, nacionais e da época, incentivando o seu consumo através de preços muito atrativos. Por outro lado, também é realizada a dinamização da economia nacional, já que, ao estimular o consumo de produtos locais e da estação, Juliana defende a produção nacional e, através das ações promocionais semanais, permite aos produtores nacionais do setor primário aumentarem as suas vendas. "Além disso, o facto de mais de um milhão de

A iniciativa Juliana continuará a ser um eixo importante na estratégia comercial e na oferta do Pingo Doce.



400_{MIL} exemplares foi a tiragem do livro de receitas

MIL
pessoas assistiram
à conferência "Dieta
Mediterrânica à

MILHÃO
de pessoas assistiu
à série televisiva
transmitida na CMTV

Portuguesa"



QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA

30

4

Saúde de qualidade

Educação de qualidade Reduzir as desigualdades

12

13

17

Produção e consumo sustentáveis Ação climática

Parcerias para a implementação dos objetivos

portugueses ter visto a série na CMTV constitui uma oportunidade de promoção do turismo interno e do interesse pelos produtos regionais." A redução dos custos relacionados com a saúde pública foi o terceiro ponto no aspeto económico a ser referido. Ao promover a dieta mediterrânica num país onde a principal causa de morte são as doenças cardiovasculares, só pode ter um impacto positivo na saúde pública, descreve o grupo. A aposta pedagógica na escolha do azeite como principal gordura, da água como principal bebida, das ervas aromáticas em detrimento do sal e da primazia dos vegetais face à proteína animal constitui um incentivo à adoção de uma dieta anti-inflamatória e preventiva de doenças cujo impacto nos custos do Sistema Nacional de Saúde é muito material.

PROMOÇÃO MASSIVA

O candidato está convicto de que a promoção da dieta mediterrânica enquanto padrão alimentar de excelência tem chegado à maioria da população portuguesa através do investimento do grupo Jerónimo Martins e do Pingo Doce em diversos formatos e iniciativas de comunicação, como uma conferência que decorreu em formato híbrido, com assistência presencial limitada no Páteo da Galé, em Lisboa, e através de live streaming, e que foi assistida por mais de oito mil pessoas, uma série televisiva transmitida na CMTV vista por mais de um milhão de pessoas, uma campanha publicitária que passa todas as semanas nas televisões, ou um livro de receitas com uma tiragem de 400 mil exemplares, associados à capilaridade das mais de 450 lojas do Pingo Doce distribuídas por todo o país.

UMA MARCA TEM DE SER VIVIDA

A Nature & Découvertes compromete-se a disponibilizar produtos e serviços que permitem às pessoas uma mudança de estilo de vida. Apontando para um sentido mais ecológico e em harmonia com a Terra, o corpo e o espírito.



Pessoas, natureza, comércio e compromisso são os pilares nos quais assenta a Nature & Découvertes, marca francesa criada há 30 anos. A sua missão é criar um mundo melhor, apelando a um modo de vida mais consciente, mais próximo da natureza, com foco no bem-estar e no respeito pelo planeta.

Desde 2019 que a marca pertence ao grupo Fnac Darty, tendo atualmente 100 lojas em toda a Europa: 86 em França, oito na Suíça, quatro na Bélgica, uma no Luxemburgo e uma em Portugal. A mais recente abertura teve lugar em Lisboa, no Amoreiras Shopping Center. Ao todo, o conceito emprega 1.100 colaboradores.

A iniciativa agora apresentada desenvolve e implementa diversos projetos de sustentabilidade, com especial destaque para a Fundação Nature & Découvertes, que tem por missão iniciar e concretizar projetos comunitários no campo, para a proteção da biodiversidade e da educação para

Empresa: Nature & Découvertes

NATURE

DECOUVERTES

Nome do projeto:

Nature & Découvertes

Data de início: **09/12/2021**

Data de conclusão: Não há uma data de conclusão prevista

Principais beneficiários da iniciativa: **adultos e crianças.**

a natureza. Criada há 26 anos, esta instituição já apoiou 2.700 projetos em vários países e distribuiu 13,2 milhões de euros doados.

MUDAR O ESTILO DE VIDA

O propósito da marca é claro: disponibilizar os produtos e serviços que permitem às pessoas uma mudança de estilo de vida, num sentido mais ecológico e em harmonia com a Terra, o corpo e o espírito. Defende igualmente um consumo ético e ecológico e posiciona-se como uma referência na escolha consciente dos consumidores. "É por isso já reconhecida por disponibilizar uma seleção alargada de produtos comprometidos, sustentáveis e certificados, que sejam úteis, interessantes, inteligentes, de qualidade, originais, que respeitem as condições de trabalho (comércio justo), que promovam a curiosidade, espírito de aventura e o entusiasmo do consumidor", lê-se na candidatura.

A marca inspira-se num estilo de vida sustentável e nos princípios do denominado slow living. "Desde o início que o seu posicionamento defende um consumo ético e ecológico, o que converge com a missão do grupo Fnac Darty de promover uma escolha educada do cliente bem como de uma economia mais circular e responsável."

COMUNICAR OS VALORES DA SUSTENTABILIDADE

A empresa garante que todo o conceito da marca é, por si só, uma forma de comunicar os valores da sustentabilidade. "A marca assenta essencialmente em customer experience e storytelling dos produtos e da marca, recriando uma atmosfera que se inspira na calma e na serenidade da natureza, uma intenção que está bem patente em toda a loja, onde tudo está preparado para proporcionar uma experiência diferente, muito sensorial, criada para despertar os cinco sentidos."

Para os promotores, este efeito de influência terá o potencial de criar uma comunidade Nature & Découvertes apaixonada pelos produtos que disponibilizam e que tocam em áreas tão diversas quanto complementares. "Só desta forma, iremos conseguir o nosso propósito de democratizar um estilo de vida sustentável em harmonia com o planeta, o corpo e o espírito."

A APOSTA EM PROJETOS COMUNITÁRIOS

Na componente social da sustentabilidade, a candidata destacou o facto de a Fundação Nature & Découvertes desenvolver projetos comunitários para a proteção da biodiversidade e a educação A nossa marca
é destinada aos
amantes ou
aspirantes de um
estilo de vida mais
calmo e conectado
com a natureza, pois
oferece todo um
universo de artigos
sustentáveis
e biológicos.

100 lojas em toda a Europa

2.700 projetos apoiados

13,2 milhões de euros recolhidos através de doações



QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA

30

120

Saúde de qualidade

Cidades e comunidades sustentáveis Produção e consumo sustentáveis

para a natureza em diversas geografias. O projeto solidário "Arredondamento", por exemplo, propõe aos clientes arredondar o montante das suas compras para o euro superior, com o valor arrecadado a ir para as associações apoiadas pela Fundação. "Doámos 6 milhões desde 2015 e ajudámos a financiar mais de 350 associações. Em 2020, angariámos mais de um milhão de euros."

Já através do programa "Redes Verdes", cada funcionário pode voluntariar-se para transmitir a política ambiental e social da empresa aos seus colegas. A promotora tem ainda uma escola de formação chamada "A fonte", onde as equipas das lojas são formadas por outros funcionários que se tornaram especialistas numa determinada área, e uma quinta urbana com 3000 m² em permacultura, um lugar de aprendizagem e transmissão aberto à comunidade.

CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA

A proponente assume o real propósito de criar um verdadeiro movimento de fundo e acompanhar toda uma geração na sua tomada de consciência ecológica, despertando a curiosidade, a admiração e a compreensão da natureza. "E é com esse objetivo que estamos a trabalhar", dizem na sua candidatura. "Dar a conhecer a natureza é sempre necessário, mas não é suficiente para o futuro. Já não se trata de iniciar o movimento, mas sim de o acompanhar e de o tornar possível." Mais do que nunca, a marca refere que as suas lojas pretendem ser lugares de troca de ideias e partilha de experiências, comprometendo-se a orientar os clientes no seu ato de compra, mas também e principalmente nos seus projetos e ajudá-los a criar, reciclar, reutilizar, cultivar, produzir, trocar, revender. aprender, etc. "Existem tantas alternativas ao simples ato de consumir. Uma nova forma de tornar possível o mundo futuro."

DEBATER PARA MELHOR COMPREENDER

A segunda edição do ciclo de debates "SIMAS – Inovação e Sustentabilidade II" promoveu o diálogo informal sobre o tema sustentabilidade, independentemente da área de formação, atuação ou interesse.

Os SIMAS de Oeiras e Amadora, são um serviço público que tem a sua atividade centrada na consecução do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 6, água potável e saneamento, trabalhando em prol de um uso racional e sustentável desse recurso de primeira necessidade e enfrentando os riscos relacionados à sua escassez, nos municípios de Oeiras e Amadora.

Neste sentido procuram despertar toda a comunidade para a necessidade de assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento para todos. Para tal, contemplam medidas como o acesso em condições de quantidade e qualidade de água potável com preços acessíveis e a redução da poluição e dos efluentes para reduzir a percentagem de águas residuais a enviar para tratamento.

O Grupo de Trabalho para a Gestão Sustentável dos Serviços Intermunicipalizados de Água e Saneamento de Oeiras e Amadora, tem vindo a realizar encontros para debates de ideias, onde contam com a participação de diversos especialistas de diferentes áreas, em eventos que denonimaram Ciclos de Debates – Inovação e Sustentabilidade, sendo que a segunda edição se encontra em curso.

Os temas apresentados em debate são transversais, tanto do ponto de vista organizacional como capazes de interessar às comunidades envolventes e procuraram, de acordo com uma abordagem simples e direcionada, esclarecer ideias e enriquecer o conhecimento em termos de sustentabilidade, independentemente da área de formação, atuação ou interesse.

Para a realização dos eventos, foram escolhidos locais emblemáticos do município, na 1.ª edição, o Palácio Flor da Murta e, para a 2.ª, o auditório do Templo da Poesia no Parque dos Poetas, ambos em Oeiras.

Com periodicidade bienal, a primeira sessão da segunda edição do evento ocorreu no dia 4 de



sessões temáticas na 1.ª edição

70%
participação presencial
na 1.ª sessão
da 2.ª edição

79
utilizadores online
a verem a 1.ª sessão

novembro e a segunda estava agendada para o dia 2 de dezembro, sendo que, devido à situação epidemiológica atual, foi adiada para 31 de março, esclarece o promotor na sua candidatura. As sessões tiveram lugar em dois formatos simultâneos. O "clássico" presencial, com a presença da comunidade organizacional e convidados da comunidade municipal e educativa, mas também o formato online, com a realização de direto, transmitido em tempo real, sendo que todas as sessões foram gravadas e de acesso livre, com divulgação na página oficial do Facebook dos SIMAS, site e intranet. Note-se que foi procurado que cada sessão estivesse diretamente relacionada com cada um dos ODS que compõe a cadeia de valor da organização

PRIMEIRA EDIÇÃO FOI EM 2019

Na sua candidatura, o promotor explica que, em 2017, os SIMAS de Oeiras e Amadora promoveram o alinhamento da estratégia de sustentabilidade com a estratégia de negócio e com a ambição estabelecida nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Em 2019, realizaram a primeira edição do evento "Ciclo Debates - Inovação e Sustentabilidade", sendo esta edição dirigida unicamente ao público interno, com especial tónica no grupo de dirigentes e elementos do grupo de trabalho. Já no ano passado, iniciou-se a realização da segunda edição, alargando o âmbito tanto ao nível das temáticas abordadas como promovendo a abertura a toda comunidade envolvente. Dadas as características da sua atividade e o setor onde opera, o organizador diz ser notória a relação estreita com a sustentabilidade, quer pelo "core business" da atividade (que assenta na distribuição e venda e de um recurso naturalágua) quer através da sua contribuição para o desenvolvimento sustentável dos concelhos de Oeiras e Amadora, quer ainda pela necessidade de cumprimento rigoroso das normas e boas práticas relativas à recolha de efluentes até à sua entrega às Águas do Tejo e Atlântico. Neste contexto, o promotor assume serem diversos os desafios de sustentabilidade que se colocam relacionados com a utilização racional dos recursos, com o fornecimento aos seus utilizadores de água em quantidade e qualidade adequadas, com a contribuição e sensibilização para o seu uso racional, bem como com a definição de um conjunto de princípios de atuação que promovam uma cultura organizacional inteiramente voltada para a diminuição do desperdício e para a consciencialização na utilização dos recursos materiais e ambientais.

METAS E OBJETIVOS

O maior objetivo do promotor, consistia na alteração de comportamentos e mentalidades. Esse objetivo foi atingido:

- Implementação da campanha de redução do consumo de papel e consumíveis de impressão;
- Campanha de separação de resíduos;
- Monitorização dos consumos de energia e implementação de medidas de racionalização dos consumos;



Empresa: SIMAS de Oeiras e Amadora

Nome do projeto: Ciclo de Debates - Inovação e Sustentabilidade

Data de início: **17/10/2019**

Data de conclusão: **24/02/2022**

Principais beneficiários da iniciativa: membros da organização, dirigentes municipais, comunidade educativa e comunidades municipais.

Para valorizar
o território
é fundamental
acautelar a redução
da poluição
da água, melhorando
a sua qualidade.

- Monitorização dos consumos internos de água e implementação de medidas de racionalização e diminuição dos consumos;
- Cálculo e divulgação da pégada hídrica;
- Cálculo e divulgação da pégada de carbono;
- Conceção do Manual de Boas Práticas corporativo

COMPROMISSO COM A MELHORÍA CONTINUA

O promotor refere que no âmbito dos compromissos assumidos com a sustentabilidade, a ação a que se refere a candidatura, representa um forte compromisso com a melhoria continua, por via da alteração de mentalidades e comportamentos em seio organizacional, pois só através do conhecimento e da definição de metas claras, realistas, objetivas e mensuráveis, é possível incrementar propostas de melhoria, e contar com o contributo dos principais stackholders.

RESPONSABILIDADE ACRESCIDA

Os SIMAS de Oeiras e Amadora, enquanto serviço público e alinhado com os municípios de Oeiras e Amadora na estratégia para as smart cities, detêm, no seu entender, uma responsabilidade acrescida na promoção de uma cidadania ativa no domínio do desenvolvimento sustentável e para a construção de uma sociedade de baixo carbono, racional e eficiente na utilização dos seus recursos, traduzido em modelos de conduta sustentáveis em todas as dimensões da atividade humana.

"O projeto apresentado representa o esforço e o comprometimento dos SIMAS com as prioridades globais para o desenvolvimento sustentável e apresenta-se também como uma verdadeira alavanca na mudança de paradigma na gestão pública, assente numa visão universal, abrangente (económica, social e ambiental) transformadora priorizando as pessoas, as relações comunitárias e o planeta."

QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA















13

Saúde de qualidade Água potável e saneamento

Energias renováveis e acessíveis

Trabalho digno e crescimento económico

Indústria, inovação e infraestruturas Cidades e comunidades sustentáveis Produção e consumo sustentáveis

Ação climática

INFORMAR SOBRE O VALOR NATURAL, SOCIAL E ECONÓMICO DA FLORESTA

Lançada em 2020, a plataforma www.florestas.pt promove o conhecimento sobre os ecossistemas florestais e agroflorestais, a sua biodiversidade, a sua relação com a disponibilidade de água potável ou relevância para a redução da erosão dos solos.

A plataforma www.florestas.pt reúne informação sobre floresta, agrofloresta e setor florestal nacionais, enquadrada com dados europeus e globais. Segundo o promotor, a informação está em permanente atualização, disponibilizando conhecimento e recursos de referência em diferentes vertentes (técnica, científica, económica, ambiental, social, cultural e lúdica). Lançada em junho de 2020, num evento online, com mais de 848 visualizações, centra-se num site com conteúdos originais, presença em três redes sociais (Facebook, Instagram e Twitter) e plataforma YouTube. Contando com diversas parcerias, o projeto começou a ser preparado em 2019, foi lançado em 2020 e ampliado em 2021 com novas áreas temáticas e formatos, como o menu Academia,

237
artigos publicados
nos menus Conhecer,
Valorizar, Descobrir
e Saiba Mais

200 projetos de I&D

421_{MIL} utilizadores do site

com vídeos de especialistas em áreas-chave do conhecimento florestal, e Comentário, em que especialistas contribuem com artigos de opinião. Em junho de 2021, foi lançada também uma newsletter digital.

INFORMAÇÃO TRANSVERSAL

O serviço de sustentabilidade associado ao projeto centra-se na disponibilização de informação e conhecimento acessíveis ao grande público, contextualizados, sistematizados e assentes em fontes técnico-científicas verificáveis sobre as florestas, que, apesar de ocuparem mais de um terço do território nacional, são um património pouco conhecido – e, logo, pouco valorizado – por cerca de dois terços dos portugueses que vivem em centros urbanos.

Segundo o promotor, esta informação e este conhecimento incidem transversalmente nas várias funções da floresta, nos diferentes produtos (madeira, cortiça, frutos silvestres, cogumelos, etc.) e serviços ambientais associados aos ecossistemas florestais. Acresce o destaque do valor que representam para os portugueses, cruzando aspetos centrais da agenda estratégica, desde a dinamização de territórios rurais (emprego, produção florestal, turismo, lazer) à bioeconomia, circularidade, inovação, biodiversidade, descarbonização, mitigação e adaptação aos efeitos das alterações climáticas.

O candidato explica que a concretização deste projeto se insere na estratégia de sustentabilidade da The Navigator Company – e Instituto de Investigação Raiz – e na sua vontade de colocar recursos próprios ao dispor de uma sociedade mais bem informada num





QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA





Erradicar a fome

Educação de qualidade

Cidades e comunidades sustentáveis







Produção e consumo sustentáveis

Ação climática

Proteger a vida terrestre

O Florestas.pt está a aumentar consecutivamente o seu leque de informação e conhecimento.

tema – a floresta – que é central ao seu setor de atividade, mas que é igualmente central para a vida, inclusive humana.

MOTIVAR PARA A GESTÃO DOS ECOSSISTEMAS

Ao promover o conhecimento sobre os ecossistemas florestais e agroflorestais, a sua biodiversidade, a sua relação com a disponibilidade de água potável ou relevância para a redução da erosão dos solos (erosão associada a cheias e aluimento de terras, por exemplo), o Florestas.pt, diz o promotor, contribui para uma visão ampla e transversal da importância ambiental das florestas. "Esta visão é essencial para motivar mais portugueses a envolver-se e a contribuir para a gestão adequada destes ecossistemas." Já a divulgação de conhecimento sobre a relevância ambiental, tanto em áreas florestais classificadas (protegidas) como em áreas florestais de produção (de madeira, cortica e outros bens silvestres), é um alerta para a necessidade de aplicação de boas práticas de gestão florestal - gestão ativa, sustentável, certificada -, também elas abordadas na plataforma, para sensibilizar o público que é possível conciliar ecologia e economia. "De



Empresa: The Navigator Company

Nome do projeto:
Florestas.pt Conhecer, Valorizar
e Cuidar da Floresta
Portuguesa

Data de início: **20/06/2020**

Data de conclusão: **31/12/2026**

Principais beneficiários da iniciativa: público proveniente dos grandes centros urbanos; comunidade científica; comunidade educativa a partir dos 13 anos; promotores de atividades de natureza, entre outros; media e líderes de opinião.

facto, sem rendimentos da floresta, quem a ela se dedica não terá capacidade financeira para preservar o seu valor natural e ambiental", esclarece o promotor na sua candidatura.

A IMPORTÂNCIA DAS FLORESTAS

Conscientes de que as alterações de atitude e comportamento implicam um longo horizonte temporal e que o Florestas.pt está "no ar" há apenas um ano e meio, a repercussão e alcance que o promotor valoriza no presente é a procura de informação e conhecimento que se mantêm mensalmente, por parte de um número significativo de pessoas, assim como a disponibilidade de múltiplas entidades que contribuem para o projeto, seja com conteúdos, revisão ou divulgação. A médio-longo prazo, e com o apoio desta informação e conhecimento, que continuará a ampliar-se, a perspetiva é de que mais portugueses estejam sensibilizados para a importância das florestas e aptos para defender e contribuir para uma visão integradora, que identifique os reais desafios para conciliar o valor natural, social e económico da floresta e agrofloresta. De resto, segundo o promotor, não existia em Portugal uma plataforma que congregasse informação e conhecimento de base técnica e científica, com linguagem acessível, sobre as várias dimensões - económica, social, ambiental, cultural, recreativa, etc. - da floresta e do setor florestal, baseada em dados de fontes verificáveis (disponibilizadas em link), nem que permitisse conhecer o state of the art de temas centrais relacionados com a floresta.

DO VELHO SE FAZ NOVO

Os números "ditam" o sucesso da iniciativa Worten Transforma: até à data, já reciclou mais de 66 mil toneladas de equipamentos elétricos e eletrónicos antigos, doou mais de 24 mil equipamentos novos a milhares de instituições portuguesas, impactando diretamente mais de 680 mil pessoas.

O Worten Transforma é um programa de responsabilidade ambiental e social com um histórico de mais de dez anos, que alia a componente de recolha e reciclagem adequadas do "lixo eletrónico" à componente solidária de apoio a instituições portuguesas através da doação de equipamentos novos. Em vigor desde 2009, a iniciativa permitiu, até à data, reciclar mais de 66 mil toneladas de equipamentos elétricos e eletrónicos (EEE) antigos e doar mais de 24 mil equipamentos novos, num investimento superior a 2 milhões de euros (valorizados a PVP), a milhares de instituições portuguesas, impactando diretamente mais de 680 mil pessoas. A Worten recebe, todos os dias do ano, nas suas mais de 200 lojas em Portugal, os velhos equipamentos elétricos dos clientes, os quais são, desde logo, encaminhados para reciclagem, com o apoio da ERP Portugal, entidade gestora de resíduos de equipamentos elétricos e eletrónicos (REEE). Essa reciclagem traduz-se, no final, em equipamentos novos, a estrear, doados pela marca, a instituições de todo o país. De janeiro a dezembro, sem interrupção, as lojas Worten recebem os EEE antigos dos clientes, com o compromisso de os encaminhar para reciclagem e, com parte dessa receita, doar produtos novos a instituições portuguesas, atenuando algumas das suas principais necessidades. Em termos de comunicação, são promovidas duas campanhas ao ano: uma no verão e outra pela altura do Natal, apostando em suportes multimeios, com destaque para o digital, rádio, redes sociais, site e, claro, nas próprias lojas

DOAR PARA CRIAR BEM-ESTAR

da marca.

O "call to action" do programa Worten Transforma é muito simples, esclarece a empresa na sua candidatura: apela a todos os portugueses que entreguem, nas lojas Worten, os EEE que têm avariados ou sem uso nas suas casas, para que, com isso, a marca os possa encaminhar corretamente para reciclagem e, a partir dessa



Os portugueses, no geral, estão cada vez mais cientes e conscientes da necessidade de uma reciclagem correta dos resíduos.

receita, doar produtos novos a instituições de todo o país. As carências dessas entidades são muitas e diversificadas (ainda mais no contexto atual de crise pandémica), pelo que é importante que as empresas/marcas portuguesas se envolvam num apoio direto a quem mais precisa. "A Worten fá-lo há mais de dez anos e com grande sucesso, graças a um buzz gerado mediaticamente, através de envio press release e de uma campanha de paid media."

Além dos EEE que encaminha, todos os anos,





para reciclagem, a empresa tem a certeza de conseguir contribuir para um maior bem-estar das populações mais carenciadas. Desde o arranque da 1.ª edição deste programa, em 2009, e até 2021, a Worten recolheu e encaminhou para reciclagem 66.333 toneladas de REEE.

"Trata-se de um impacto muito grande no ambiente, uma vez que estamos a falar de resíduos altamente prejudiciais para o Homem e para o Planeta, que necessitam de um tratamento correto e adequado por parte de entidades certificadas para a gestão desse tipo de resíduos", lê-se na candidatura. A empresa não tem dúvida de que, ao atenuar as carências, que são muitas, das instituições do país, o Worten Transforma gera valor não só para as instituições em si, mas também para a sociedade em geral. No sentido em que, ao contribuir para colmatar muitas das necessidades sentidas pelas instituições nacionais, lhes dá folgo para subsistirem, não encerrarem portas e continuarem a fazer o que fazem melhor: apoiar quem precisa.

"As instituições de solidariedade social são um importante pilar da sociedade, e merecem ser ouvidas no que toca às dificuldades que enfrentam." No entender da marca, cabe depois às empresas escutarem com atenção e avaliarem

COLOCA AQUI



Empresa: Worten

Nome do projeto: **Worten Transforma**

Data de início: 01/06/2009

Data de conclusão:

Não há uma data de conclusão prevista.

Principais beneficiários da iniciativa: todas as entidades coletivas e respetivos utentes que necessitem de apoio ao nível de equipamentos eletrónicos novos.

toneladas de equipamentos elétricos em fim de vida recolhidas

equipamentos novos doados

de que forma podem ajudar e contribuir. "Ouvir pode ser fácil, agir pode ser mais difícil. Mas se cada um desempenhar o seu papel, com certeza o impacto na economia será sempre relevante, sem esquecer que devemos todos contribuir para uma sociedade mais justa e equitativa."

No total, no período de mais de dez anos, a Worten conseguiu apoiar 2600 instituições nacionais, impactando diretamente na vida e bem-estar de mais de 680 mil utentes. "Na verdade, a Worten não precisava de juntar a reciclagem ao apoio social, mas fá-lo porque acredita realmente no impacto que isso tem." Ao equipar um ATL com dez micro-ondas ou um lar de idosos com dois frigoríficos, uma escola com oito computadores ou um hospital com cinco intercomunicadores, o programa Worten Transforma está a libertar as pessoas que trabalham nesses locais para as atividades que realmente importam: cuidar de guem mais deles precisa. "Sejam crianças oriundas de famílias problemáticas, idosos sem familiares próximos, jovens para quem o ensino à distância não é um dado adquirido ou pacientes que, em isolamento, precisam de comunicar com os médicos e familiares."



pessoas impactadas

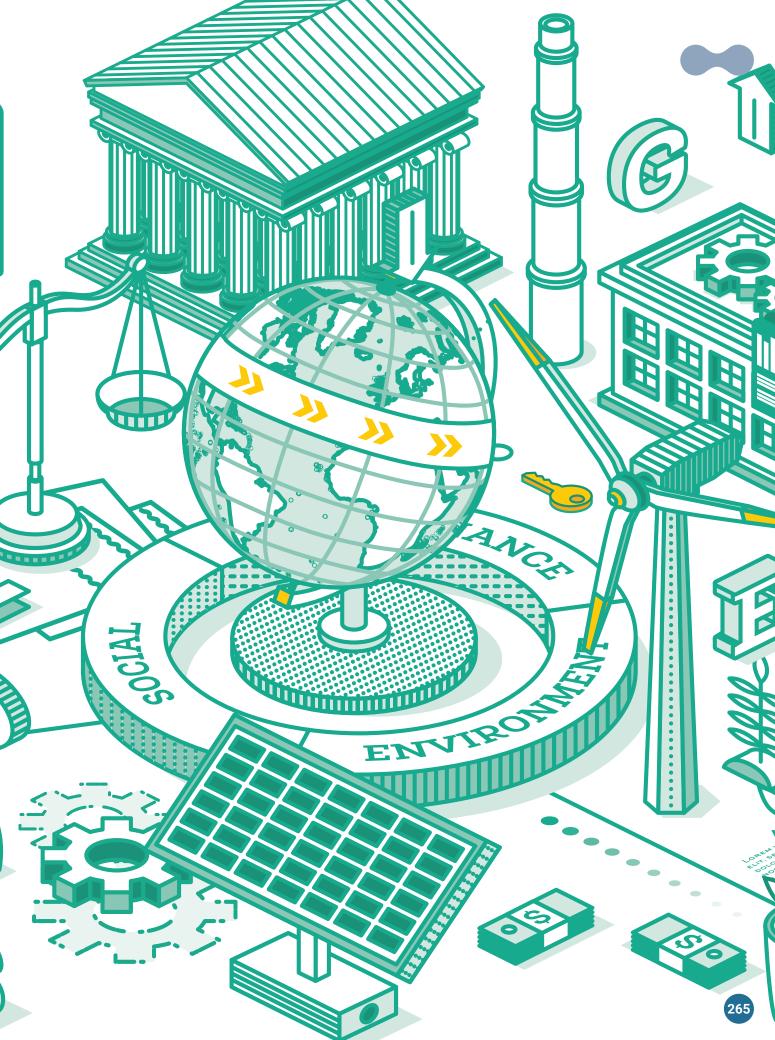
QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA

Produção e consumo sustentáveis

Ação climática







sigla ESG – critérios ambientais, sociais e de governo societário – entrou em força no léxico dos investidores mundiais. A crescer já antes da pandemia, o investimento sustentável ganhou tração com o surgimento da covid-19 e o foco nos problemas criados pelo surto, cristalizando como realidade aquilo que já vinha a afirmar-se como uma tendência.

Dentro de apenas três anos, em 2025, estima-se que haja 50 biliões de dólares investidos em produtos sustentáveis, acima dos 35 biliões atuais, segundo estimativas recentes da Bloomberg Intelligence. Este forte crescimento deverá continuar a ser impulsionado pela procura por parte dos investidores globais por estes ativos, com reguladores e gestoras de ativos a assumirem a sustentabilidade como um novo normal, num momento em que temas como as alterações climáticas e as questões sociais ganham cada vez mais atenção.

Depois de se terem afirmado no período da pandemia, como uma alternativa mais rentável, os fundos com "selo" ESG mantiveram o ritmo de crescimento em 2021. De acordo com os dados da Morningstar, o valor investido em fundos e ETF com critérios ESG dispararam, no último ano, 53%, para 2,7 biliões de dólares, com subscrições líquidas anuais de 596 mil milhões.

Este forte crescimento registou-se mesmo após os reguladores na Europa terem apertado o cerco às gestoras, definindo regras mais claras sobre o que é sustentável e o que não o é. A entrada em vigor da nova legislação resultou na exclusão de 1.000 fundos europeus do universo sustentável, com os reguladores a reforçarem o combate ao "greenwashing".

GESTORAS INCORPORAM CRITÉRIOS ESG

No mundo do investimento, a sustentabilidade é uma prioridade. "O ESG está a tornar-se o 'mainstream' no lado institucional já há algum tempo, mas os produtos de investimento ESG também apresentam uma enorme oportunidade para todos os tipos de investidores", explica a Vontobel.

Para Jamie Govan, senior responsible investment manager da Aberdeen AM, a indústria da gestão de ativos assume responsabilidades maiores, tendo de garantir que o investimento é direcionado para fins sustentáveis. "Temos vindo a gerir um volume cada vez maior de pedidos de informação e a complexidade e a profundidade dos pedidos relacionados com questões ESG também aumentaram", realça o gestor.

"Compreendemos que os investidores escolhem estratégias de investimento sustentável por muitas razões e que têm um intervalo de objetivos, necessidades e preferências", acrescenta Dennis Baas. Segundo o lead sustainability specialist da Allianz GI, a gestora tem ofertas para clientes que pretendem excluir determinados investimentos dos seus portefólios, ter um determinado impacto no ambiente ou na sociedade ou, simplesmente, usar critérios ESG para reduzir os riscos da carteira.

Mais do que se limitarem a comercializar fundos com "selo verde", a maioria das gestoras está a alargar a aplicação de critérios ESG a todos os produtos de investimento, sejam considerados sustentá-



A Bloomberg prevê que em 2025 haja

50
BILIÕES DE DÓLARES investidos em produtos sustentáveis.







O fator ESG foi incorporado em praticamente todos os gestores e em todos os processos de investimento. A indústria de gestão de ativos deve atuar como promotora da mudança e de sensibilização.

Diogo Gomes, senior CRM de UBS AM Iberi

dos ESG têm provado, ao longo dos últimos anos, que conseguem apresentar retornos acima da média.

"A ligação entre retornos de investimento e resultados sustentáveis está a tornar-se mais profunda e mais forte. As licenças para operar das empresas, a sustentabilidade dos seus modelos de negócio e os retornos para os investidores estão cada vez mais interligados", explica o responsável da Schroders. E acrescenta: "Como as empresas impactam as sociedades e o meio ambiente não é apenas uma questão académica, é uma questão cada vez mais tangível." Questões como o preço de carbono, plásticos, salários mínimos, evasão fiscal, estão a traduzir-se em demonstrações financeiras corporativas e não apenas em custos sociais, acrescenta.

DESCARBONIZAÇÃO ABRE OPORTUNIDADES

2050 é o ano apontado para se alcançarem emissões zero. Um objetivo que vai exigir elevados montantes de investimento e vai implicar uma verdadeira revolução nas mais diversas áreas de atividade, chamando investidores particulares e públicos a participar.

"Áreas-chave como a indústria, os transportes, a construção de edifícios e a gestão de lixo precisam de baixar emissões de forma significativa e simultânea, de outro modo, as metas globais de redução de gás de 80 a 95% que os governos impuseram no Acordo de Paris em 2015 não serão alcançadas", avisa a Vontobel. Assim, "as empresas que permitem uma adoção mais ampla de práticas comerciais benéficas e fornecem produtos e soluções para que outros reduzam ou evitem emissões estão bem posicionadas para o futuro", remata.

Com a pandemia a urgência de outros temas, além das questões ambientais, assumiu destaque. As questões sociais saltaram para o topo da agenda. De acordo com o estudo da Schroders realizado junto de investidores, "57% das pessoas sentem que os temas sociais são mais importantes do que antes da pandemia". E não são só os temas sociais que preocupam os investidores. A sustentabilidade, como um todo, é uma prioridade.

veis ou não. "O fator ESG foi incorporado em praticamente todos os gestores e em todos os processos de investimento. A indústria de gestão de ativos deve atuar como promotora da mudança e de sensibilização", explica Diogo Gomes, senior CRM de UBS AM Iberia. Também na Schroders, desde o final de 2020 que todas as análises financeiras de investimento incluem critérios ESG, segundo explica Andy Howard, global head of sustainable investment da Schroders. Além disso, a gestora dispõe ainda de 87 fundos in-

cluídos na classificação sustentável. Mas investir de forma sustentável está longe de ser filantropia. Bem pelo contrário. Os fun-



SOFIA SANTOS e TÂNIA DUARTE

APERTO DA REGULAÇÃO PODE ACELERAR CONSOLIDAÇÃO FINANCEIRA

A regulação sobre o setor financeiro está a apertar, com os bancos a terem de reportar cada vez mais dados relacionados com a sustentabilidade. A exigência dos rácios verdes poderá levar, a prazo, à necessidade de reforçar capitais. E caso não seja possível, o caminho poderá ser o da consolidação, segundo antecipam as coautoras do livro "O Setor Financeiro e o Crescimento Sustentável".

Leonor Mateus Ferreira

m entrevista, a economista especializada em sustentabilidade e financiamento do clima Sofia Santos (SS) e a consultora de finanças sustentáveis Tânia Duarte (TD) consideram que a banca já está a agir para se adaptar às novas exigências, mas apontam que ainda há caminho a percorrer na sustentabilidade do setor financeiro.

Como veem a implementação das finanças sustentáveis?

SS: Há regulação que obriga o setor financeiro a reportar uma série de informação e, por outro lado, ao nível de regulação mais específica bancária, os bancos até março têm de calcular os requisitos de capital, incluindo o risco climático. Os testes de stress identificam os cenários sobre os quais os bancos têm de simular o que pode acontecer. É a primeira vez que estão a ser feitos. De qualquer forma, a banca tem de os fazer.











Temos uma economia que originou alterações climáticas porque as empresas fizeram emissões de CO₂. Logo, os bancos estão altamente expostos a setores com emissões.

Sofia Santos, economista especializada em sustentabilidade e financiamento do clima

O que é que acontece se tiverem um mau desempenho?

SS: É uma análise ainda qualitativa. É composta por vários módulos, uma parte é um questionário e outra são cenários. É informação que o banco tem de compor e remeter para o Banco Central Europeu (BCE), que vai analisar e enviar questões de volta. O que é que o BCE está a querer perceber? O nível de resiliência da banca europeia aos riscos climáticos. É uma fase de diagnósticos. Todos vão fazer os testes de stress, alguns mais robustos e outros menos.

Estas regras são suficientes para que haja uma mudança?

SS: Sim, está a apertar mais. Os requisitos de capital vão depender, numa primeira fase, da exposição que têm as empresas que fazem muitas emissões de CO₂. Quanto maior for a exposição da carteira de crédito a empresas poluentes, maior é o risco financeiro e, logo, maior a retenção de capital necessária. Isto não interessa para nenhum banco porque reter mais capital significa que não está a emprestar e a rendibilidade é baixa.

E pode ter impacto nos rácios de capital?

SS: Isto é algo que entra no core dos bancos e às vezes têm de aumentar capital, emitindo obrigações, se não tiverem os rácios mínimos. Isto pode levar a essa necessidade de a banca ter de emitir obrigações para aumentar o seu capital face ao risco climático. Diria que esta regulação vai mesmo apertar a banca e há quem possa não conseguir aguentar. Há bancos para os quais esta regulação pode ser o momento decisivo para serem comprados por outros, para haver alguma consolidação no mercado nalguns bancos que eventualmente não estejam tão sólidos. Porque é muito exigente.

Qual é o impacto na estratégia?

TD: Vai obrigar a uma mudança de estratégia até de produtos, como é que podem otimizar o balanço, o que é importante em termos de financiamento. Em determinado ponto pode ser uma questão se ficam no mercado, e quem fica ficará fortalecido. Ou então acabar por desaparecer do mercado.

Concorda que estes requisitos podem aumentar a consolidação no setor financeiro?

TD: Por um lado, sim. Apesar de os bancos apresentarem uma melhor capitalização, depois da crise financeira mas antes da pandemia, aumentaram os requisitos e as regras de trading, enquanto apareceram outras figuras como as fintech que fazem o mesmo, mas não são reguladas da mesma forma. Todas estas regras que vão apertando podem levar a consolidação por falta de capacidade de resposta.

Como funcionam os rácios verdes?

TD: A partir deste ano, os bancos terão de reportar as atividades ambientalmente sustentáveis de acordo com a regulamentação. Os bancos que estejam mais expostos a setores mais poluentes podem estar em desvantagem. Os bancos que estão mais a sul da Europa estão em maior desvantagem.

Porquê?

TD: Talvez por terem mais investimentos, há uma maior divisão. Se repararmos, no Norte da Europa, a visão sobre transição ambiental está mais descolada de setores poluentes. A questão em relação aos rácios verdes é a forma como vai ser reportado. O que pode ser muito relevante é a forma como é tratada a informação. A monitorização vai permitir identificar internamente qual é a percentagem do que é verde ou os que estão em transição e permitir o avanço em termos de produtos ou de rácios.

Em que níveis estamos?

TD: Houve um relatório publicado em maio de 2021 pela European Banking Authority que estimava que o valor dos rácios verdes (para uma amostra de 29 bancos europeus) seria cerca de 7,9%. Por isso, ainda há todo um caminho a fazer.

SS: É normal. Temos uma economia que originou alterações climáticas porque as empresas fizeram emissões de CO₂. Logo, os bancos estão altamente expostos a setores com emissões. Portanto, é perfeitamente normal que os rácios sejam baixos.

Os rácios vão medir a percentagem de empréstimos que estão alinhados com a taxonomia, sendo que a melhor forma para o medir



era se as empresas divulgassem o volume de vendas, capex e opex alinhado com a taxonomia e só as grandes empresas é que estão a começar a trabalhar nisto, portanto, a banca vai ter de estimar.

As empresas vão passar a fazer essa divulgação?

SS: Uma PME pode fazê-lo, mas é difícil de calcular. Faz-se toda uma confusão à volta do tema, mas penso que as PME têm toda a capacidade para o calcular porque têm algumas CAE de atividade, mas não têm centenas.

TD: Tem de haver alguma simplificação para que o possam fazer de forma mais natural e não por imposição de reporte.

Partindo dos 7,9%, até onde podemos chegar?

SS: O ideal era ser 100%.

TD: Temos um caminho muito longo.

A emissão de obrigações é algo a que a banca portuguesa já está a recorrer. A primeira vaga é um preâmbulo do que será a tendência?

 ${f SS}$: Em Portugal, houve emissões de obrigações sociais, verdes... Estou à espera que as próximas sejam "transition bonds". Porque agora os bancos vão analisar as suas carteiras de portefólio, vão perceber que têm grande exposição a setores que emitem ${f CO}_2$ — o que é normal porque toda a economia emite muito — e, portanto, vão ter alguns deles de aumentar o capital. Talvez venham a cobrir empresas de transição, ou seja, que ainda emitem, mas que têm potencial para baixar. Vejo que está a haver um início e as obrigações que sejam emitidas agora pela banca serão social, sustainability, ESG ou transition porque é isso também que os investidores procuram mais.

Há dinheiro no mercado disponível para responder a essas necessidades?

SS: Se o banco for sólido, penso que sim. O que os investidores querem é obrigações ESG e verdes para diversificarem o portefólio. Não nos podemos esquecer de que a maioria das obrigações que são emitidas ainda são as normais, as chamadas "vanilla bonds". O que significa que, se os investidores quiserem diversificar os portefólios, não há muitas opções.

A crise pandémica não tirou o foco da sustentabilidade?

SS: Penso que não, mas, por acaso, a covid coincidiu com a regulação europeia para a banca, para os fundos de investimento, para os auxílios do Estado... Por isso é que nos últimos dois aumentou muito a procura por serviços e consultoria nestas áreas, como nunca existiu no passado.

O que é que as empresas procuram?

TD: As necessidades passam muito pela parte mais pública, mas há sobretudo uma procura pela integração desses fatores porque durante muito tempo se falava do governance, depois um pouco do clima e quase que se esquecia a parte do social. Agora, há uma procura por perceber muito mais os riscos climáticos porque há toda esta legislação e regulamentação que pode afetar todos. A integração dos fatores no modelo de negócio cria uma resposta quer climática quer de capital humano ou governance.

Dos três pilares, qual é que está mais atrasado?

TD: A parte da governance acabava por ser quase um dado adquirido porque já existia uma série de regulamentação. Já estava ali, à partida funcionaria, mas se compararmos entre diferentes países, a abordagem de governance é diferente. E depois entra a emergência climática com Paris e com um conjunto de requisitos, ou seja, o foco vira-se também para ali. Embora esteja a começar, penso que a própria pandemia incentivou a parte social. Apesar de tudo, houve toda uma mudança.

No teletrabalho, por exemplo?

TD: O trabalho remoto, por um lado, foi ótimo porque foi acelerado pela digitalização. Quem ainda estava atrás teve de acelerar. E aqui estou a pensar mais na banca. Por outro lado, passou a haver uma pressão na saúde mental das equipas porque estava numa situação diferente e numa limitação de controlos da gestão. As comunicações que costumavam ser feitas em determinados moldes, acompanhadas por uma estrutura de gestão num mesmo edifício, passaram para a casa de cada um.



A partir deste ano, os bancos terão de reportar as atividades ambientalmente sustentáveis de acordo com a regulamentação. Os bancos que estejam mais expostos a setores mais poluentes podem estar em desvantagem.

Tânia Duarte, consultora de finanças sustentáveis



COTADAS PINTAM DÍVIDA DE VERDE

O número de empresas a realizar emissões associadas a critérios sustentáveis disparou nos últimos meses. E até há um setor estreante: a banca. Patrícia Abreu

ritmo de emissões com critérios sustentáveis acelerou no último ano. O volume de colocações de dívida com fins ambientais, sociais e de governo societário (ESG, na sigla anglo-saxónica) quadruplicou, em 2021, nos mercados Euronext. Em Portugal, nove entidades já recorreram a este tipo de financiamento. Apenas no ano passado, em Portugal, foram levantados cerca de quatro mil milhões de euros através da emissão de obrigações sustentáveis.

São cada vez mais as empresas portuguesas a optarem pela emissão de obrigações verdes, híbridas ou indexadas a critérios ESG, em detrimento das emissões de dívida tradicionais. Contas feitas, em 2021, estas operações permitiram levantar cerca de 3,9 mil milhões de euros. No total, já foram emitidos 7,24 mil milhões de euros em dívida sustentável.

A EDP é a empresa mais ativa no recurso a este tipo de financiamento. Depois de se ter estreado neste segmento em 2018, a elétrica intensificou o ritmo de novas emissões de títulos sustentáveis no último ano. No total, a companhia liderada por Miguel Stilwell já colocou perto de 5 mil milhões de euros em dívida com objetivos sustentáveis. Outras empresas, como a Greenvolt, Navigator e Mota-Engil, recorreram a este tipo de financiamento, no último ano.

No setor financeiro, a Caixa Geral de Depósitos (CGD) abriu o ca-

minho, com uma emissão de 500 milhões de euros em obrigações sustentáveis, concluída em meados de setembro. Seguiu-se o BCP, com uma emissão de obrigações indexadas a objetivos sociais, no valor de 500 milhões de euros, e o Crédito Agrícola, com uma emissão sustentável que levantou 300 milhões de euros. Juntos, os três bancos emitiram 1,3 mil milhões de euros em dívida verde.

Já este ano, a Sonae Sierra estreou-se nas emissões com objetivos sustentáveis. A empresa emitiu 50 milhões de euros em obrigações com critérios de sustentabilidade, tornando-se a primeira empresa do setor imobiliário a concluir uma emissão verde. Também a Nos se estará a preparar para fazer uma nova emissão de dívida sustentável. Segundo uma notícia avançada pela Bloomberg, a empresa de telecomunicações portuguesa terá mandatado um sindicato bancário liderado pelo Deutsche Bank, que será o agente estruturante, para uma colocação de obrigações ligadas à sustentabilidade.

A colocação de dívida com fins sustentáveis tem atraído grande procura por parte dos investidores e sai mais barata às empresas, uma vez que estas obrigações negoceiam com um prémio. Perante estas condições mais atrativas para se financiarem através da emissão de dívida sustentável, a expectativa é que, tanto cá dentro como lá fora, estas emissões continuem a fixar novos recordes.





7,24

As empresas portuguesas já emitiram mais de 7 mil milhões de euros em obrigações sustentáveis.

No ano passado, a emissão de obrigações sustentáveis, a nível global, atingiu um novo recorde. Este tipo de financiamento atingiu 859 mil milhões de dólares, em 2021, segundo dados da Refinitiv. Este valor compara com os 534,3 mil milhões emitidos um ano antes. As emissões verdes atraíram a maior parcela deste montante: 481,8 mil milhões de dólares. Em emissões sociais, foram colocados 191,8 mil milhões de dólares, enquanto as obrigações sustentáveis – que conjugam objetivos ambientais e sociais – colocaram 177,2 mil milhões de dólares.

CMVM ajuda empresas a comunicar sustentabilidade

A sustentabilidade traz oportunidades, mas também desafios às empresas. E o regulador do mercado de capitais português está empenhado em ajudar as cotadas nacionais a navegarem pelos mares da sustentabilidade com o menor atrito possível. Patrícia Abreu

lém da informação financeira, as empresas listadas têm agora também de reportar informação não financeira. Para ajudar as empresas, a CMVM lançou um modelo de reporte de informação não financeira, introduzindo um padrão de reporte que facilita a vida a empresas e a investidores, tornando-lhes mais fácil a leitura destes documentos.

O modelo de relatório proposto pelo regulador é de adoção voluntária, embora a CMVM aconselhe a sua utilização, por forma que a informação disponível para os investidores seja o mais padronizada e comparável possível.

A proposta da CMVM é que os emitentes comecem por fazer uma introdução, seguida pela descrição do modelo empresarial da empresa, assim como os principais fatores de risco e indicadores-chave para a atividade. Feita esta descrição da atividade, o emitente deverá enumerar as políticas implementadas, ambientais, sociais e relacionadas com os trabalhadores, igualdade entre géneros e não discriminação, direitos humanos e combate à corrupção e tentativa de suborno.

Através desta sistematização, os investidores poderão saber onde encontrar a informação que procuram e comparar o que uma determinada empresa está a fazer em relação a um destes temas, com outras empresas do mercado.

Uma das dificuldades apontadas por grandes investidores, como fundos de investimento, passa precisamente pela dificuldade em avaliar e comparar as políticas ambientais, sociais e de governação implementadas pelas empresas. Uma situação que torna mais complicada a tarefa de avaliar os riscos associados a estas questões, assim como as oportunidades.

A sustentabilidade mantém-se, aliás, no topo das prioridades do regulador, entretanto liderado por Gabriel Bernardino, desde novembro do ano passado. A entidade pretende continuar a acompanhar estes temas, assim como o surgimento de eventuais práticas de "greenwashing".





ESG CAPTA INTERESSE DE QUASE 30 MIL AFORRADORES

Os fundos de investimento são uma das formas mais comuns para os investidores de retalho terem exposição à transição ESG. No país, são já seis distribuídos por quatro gestoras de ativos.

Leonor Mateus Ferreira

uase 30 mil investidores em Portugal já foram atraídos para os fundos de investimento com critérios ambientais, sociais e de governo societário (ESG). De acordo com os últimos dados da Comissão do Mercado de Valores Mobiliários (CMVM), referentes a meados do ano passado, há seis produtos com estas características comercializados por quatro gestoras de ativos.

"Em matéria de gestão coletiva de ativos, no final de agosto de 2021 existiam seis fundos de investimento com a sigla ESG na respetiva designação e que tinham um valor sob gestão de 481 milhões de euros e cerca de 28.500 participantes", explica o supervisor liderado por Gabriel Bernardino.

O montante alocado por pequenos investidores em Portugal a fundos de investimento com preocupações ESG tem vindo a crescer de forma constante, com bancos e gestoras a responderem à procura com uma maior oferta de produtos. A IM Gestão de Ativos é uma das instituições financeiras que oferece dois produtos: um fundo de ações e outro de obrigações. Já a gestora de ativos do grupo Caixa tem uma opção de ações europeias socialmente responsáveis e outra de investimento mobiliário aberto.

Além destas duas, também o Novo Banco comercializa o NB Momentum Sustentável com ações internacionais e o Santander o seu fundo de investimento mobiliário sustentável. Portugal acompanhou o que foi a tendência internacional já que, a nível global, mais de 650 mil milhões foram alocados a fundos ESG, o valor mais elevado de sempre.

PRIIP COMEÇAM A GANHAR EXPRESSÃO NO PAÍS

Considerando os pacotes de produtos de investimento de retalho e de produtos de investimento com base em seguros (ou PRIIP, que resulta do inglês Packaged Retail and Insurance-based Investment Products) há também opções específicas no mercado português. Neste caso, "foi comunicada à CMVM a comercialização de oito produtos com características ESG por três distribuidores diferentes". Em geral, a denominação destes produtos é "verde" não porque o valor do financiamento obtido através de investimento nestes produtos seja aplicado em projetos sustentáveis, mas porque a rentabilidade está associada a um índice "verde".

Os cinco PRIIP com comercialização fechada foram subscritos por

um pouco menos de 600 investidores não profissionais num montante global de 22,7 milhões de euros. Entre os dois tipos de ativos – fundos e PRIIP – somam-se quase 30 mil aforradores, um número que tem vindo a crescer, mas que representa ainda uma parcela reduzida dos investidores no país.

FALTA DE INFORMAÇÃO É ENTRAVE A MAIS ENTRADAS

Apesar de os jovens serem apontados muitas vezes como entusiastas da sustentabilidade e da transição ambiental (em oposição às gerações mais velhas), a visão pode ser redutora. Um estudo da CMVM sobre as atitudes da população universitária (realizado junto de 1.895 pessoas) em relação a investimentos sustentáveis indica que 53% desconheciam ou nunca tinham ouvido falar sobre investimentos sustentáveis, enquanto apenas 7% conheciam e tinham (ou tiveram nalgum momento) investimentos sustentáveis.

O principal entrave a este mercado é, segundo este inquérito, a falta de informação sobre o tema e dificuldades na compreensão da informação, cada um deles identificado por mais de metade dos universitários. Foram também indicadas barreiras relacionadas com a reduzida oferta

Por outro lado, é também sublinhado um certo receio de obter um baixo retorno financeiro ao decidir investir as poupanças em produtos ESG. A questão dos retornos tem sido desde o início da tendência, com os vários agentes do mercado a apontarem numa primeira fase para o impacto do financiamento.

Haveria uma espécie de disponibilidade por parte de pequenos e grandes investidores em abdicarem de parte dos ganhos económicos em detrimento do impacto que o financiamento ESG poderia ter na transição ambiental e sustentável.

RETORNOS COMPENSAM, MAS SÓ NAS AÇÕES

Mas esta ideia acabaria por ser afastada com os sinais dados pelo mercado de que o investimento ESG não teria de representar menos retorno. Em 2021, o índice global MSCI World ESG Leaders – que agrega as maiores empresas com melhor desempenho neste domínio por todo o mundo – valorizou 25,29%, acima dos 22,35% registados pelo índice benchmark MSCI World.

Nos dois anos anteriores, o desempenho tinha sido semelhante en-





A entrada em vigor da nova regulação europeia SFDR veio permitir a categorização dos fundos em termos de sustentabilidade, mas há ainda muitas pontas soltas na nova

legislação. Patrícia Abreu

té março de 2021, as gestoras tinham liberdade para classificar como sustentáveis os produtos que queriam. A entrada em vigor de nova regulação na Europa, no ano passado, veio introduzir critérios que permitem classificar os fundos em termos de sustentabilidade. Apesar de reconhecer que a legislação trouxe transparência, o setor queixa-se de que ainda há grande ambiguidade na interpretação das regras, que deixa espaço para dúvidas.

Os grandes reguladores mundiais têm assumido o combate ao "greenwashing" como uma das principais prioridades dos seus mandatos, apertando o escrutínio às gestoras que apresentam produtos com "selo verde". O objetivo é impedir que sejam apresentados produtos com marca sustentável, sem depois apresentarem o impacto necessário. Mas a ausência de padrões a nível global tem baralhado as gestoras, que sentem dificuldades em medir o nível de sustentabilidade dos investimentos. "Se pensarmos nas categorizações do SFDR e observarmos a análise da Morningstar lançada no final de 2021, podemos vislumbrar parte dessa confusão ao ver fundos que não possuem convenções de nomenclatura de tipo 'sustentável' que estão a ser categorizadas como Artigo 8", refere Jamie Govan, senior responsible investment manager, da Aberdeen AM. À luz da nova regulação europeia SFDR, que entrou em vigor em março de 2021, os fundos podem ser caracterizados em termos de sustentabilidade, numa escala que os divide em artigos: 6.°, 8.° e 9.°. A maioria dos fundos é, para já, artigo 6.° – tem em consideração a sustentabilidade como fator de risco -, mas o objetivo é que cada vez mais produtos sejam artigos 8.º e 9.º, privilegiando investimentos com impacto sustentável.

Andy Howard, global head of sustainable investment da Schroders, concorda que "um dos desafios que identificamos no mercado em 2022 (e no futuro) é como lidar com regulações que não estão a ser sequenciadas na ordem correta". Outro dos temas que despertam dúvidas é o alinhamento dos produtos com a taxonomia na União Europeia. "Uma vez que a taxonomia na UE continua incompleta e as empresas não começaram ainda a reportar o seu alinhamento com a taxonomia, muitos produtos deverão reportar 0% ou números que não deverão ser significativos na ausência de dados", conclui Andy Howard.

tre os dois. Já em 2018, um ano negativo para as bolsas, o MSCI World recuou 8,2%, enquanto o MSCI World ESG Leaders cedeu 7,3%. Em Portugal, houve dois fundos ESG que investem em ações (e internacionais) com desempenho superior ao PSI-20, que avançou 13,7% no ano passado. O fundo de ações europeias Caixa Ações Europa Socialmente Responsável valorizou 25,1%, enquanto o de ações globais NB Momentum Sustentável subiu 23,9%.

Ainda no mercado acionista, o português e espanhol IMGA Iberia Equities ESG rendeu 9,7%. Nos multiativos, o Santander Sustentável ganhou apenas 1,5%, abaixo dos 6,4% do Caixa Investimento Socialmente Responsável. Em qualquer caso, a aposta em ações ESG foi positiva para todos os fundos do país com estas características.

PORTUGAL MANTÉM DÍVIDA PÚBLICA ESG NA GAVETA

O único retorno negativo em 2021 (de 1,5%) foi nas obrigações, onde investe o fundo IMGA Iberia Fixed Income ESG. O ano foi, aliás, difícil para estes ativos. O início do percurso de retirada de estímulos por parte dos principais bancos centrais do mundo (que se iniciou no ano passado e tem vindo a acelerar já em 2022) fez subir "yields" após anos com grande parte do mercado abaixo de 0%.

Apesar de a subida de juros das obrigações soberanas, especialmente nos EUA e Zona Euro, poder ser mais interessante do ponto de visto do retorno dos investidores, a inflação pôs em causa estes investimentos. Do lado dos emitentes, não parece estar a refrear o entusiasmo.

Cada vez mais países europeus estão a emitir dívida pública com critérios ESG, incluindo a Alemanha, Países Baixos, França ou Reino Unido. A União Europeia (UE) estreou-se em outubro de 2021 na emissão de "green bonds" com o levantamento de 12 mil milhões de euros numa operação que serviu para financiar o programa de recuperação à pandemia.

Em Portugal, a ideia foi lançada pela primeira vez pelo ex-ministro Mário Centeno ainda em 2017, mas nunca chegou a avançar. Na proposta de Orçamento do Estado para 2022 (que foi chumbada no Parlamento) não estava prevista qualquer emissão de dívida pública sustentável, apesar de o anterior Governo ter avançado ao Negócios que retomou o projeto. Poderá agora sair da gaveta na nova legislatura.





ISABEL UCHA

CLARA RAPOSO
Presidente do ISEG Lisbon
School of Economics and
Management

DANIEL TRAÇADean da Nova SBE

FRANCISCO VELOSO
Dean do Imperial College

Business School

JOÃO PRATAS Presidente da APFIPP

PRESIDENTE DO JÚRI



A categoria finanças sustentáveis vai dar visibilidade às soluções financeiras mais criativas e com mais impacto para financiar a transição energética, a proteção ambiental e o crescimento justo, contribuindo para acelerar a agenda do desenvolvimento.



No atual clima de conflitualidade geopolítica, mais importante se torna manter um rumo de decência nas decisões estratégicas das organizações. É disso que se trata quando falamos de desenvolvimento sustentável. Um prémio desta natureza dá visibilidade e aplauso àqueles que promovem boas práticas.



Para responder à emergência climática e sociopolítica, é preciso liderança e responsabilidade dos gestores, acionistas e credores. As finanças sustentáveis estão numa fase de crescimento que definirá, a prazo, as boas práticas e os standards que enquadrarão a governance das empresas.



A inovação ao nível das soluções financeiras é absolutamente crítica para um futuro mais sustentável.
Não é possível alcançar as metas de Paris sem mudar de forma maciça a alocação de capital.



As finanças sustentáveis, representam um enorme desafio, porque podem ser o motor fundamental para a implementação urgente das alterações necessárias à modernização e adaptação das empresas, em prol de um planeta mais viável, justo, equilibrado e inclusivo.



Nesta categoria foram aceites iniciativas, serviços ou produtos financeiros que compreendam critérios de sustentabilidade nas suas características, tenham como objetivo contribuir para uma maior transparência, crescimento e desenvolvimento económico sustentável, em prol do ambiente e da comunidade. Também foram aceites candidaturas que promovam inovações do ponto de vista financeiro.

JOSÉ CRESPO DE CARVALHO

Presidente do ISCTE Executive Education

RICARDO NOGUEIRA Senior Advisor da Pollination



A sustentabilidade, apesar de estar na ordem do dia, tem o problema de ninguém querer pagar a conta.



O prémio destaca os muitos e maravilhosos conceitos de finanças sustentáveis em desenvolvimento em Portugal. Isso é importante para disseminar ideias e construir um ecossistema financeiro que facilite a transição para um futuro de baixo carbono e maior resiliência.



FINANCIAR UM CRESCIMENTO SUSTENTÁVEL

A CGD realizou uma emissão de dívida sénior preferencial no montante de 500 milhões de euros, com o prazo de seis anos. Os fundos captados são direcionados para financiar novas operações no domínio ambiental e do desenvolvimento socioeconómico.

A candidatura da Caixa Geral de Depósitos à categoria de Finanças Sustentáveis consiste na Emissão de Dívida Sustentável no montante de 500 milhões de euros. Enquanto instrumento de financiamento sustentável. os fundos captados são direcionados para o refinanciamento e financiamento de novas operações no domínio ambiental e do desenvolvimento socioeconómico. Aliás, esta trata-se, segundo este banco, da primeira emissão realizada por um banco português com estas características, sendo um marco importante na concretização dos compromissos assumidos pela Caixa Geral de Depósitos no domínio do financiamento sustentável, e na resposta aos desafios do desenvolvimento sustentável preconizados no plano de ação: financiar um crescimento sustentável da Comissão Europeia. Enquadrado no pilar estratégico "Financiamento Sustentável e Inclusivo", a CGD realizou uma emissão de dívida sénior preferencial ("senior preferred"), no montante de 500 milhões de euros, com o prazo de seis anos, colocada nos mercados internacionais e emitida com um cupão de 0.375%, "o que constitui o cupão mais baixo alguma vez conseguido pela CGD em emissões no mercado de capitais", diz a instituição na sua candidatura. "Simultaneamente, tratou-se da primeira emissão realizada por um banco português com estas características, o que revela a capacidade da CGD para inovar na



banca portuguesa."

A emissão foi colocada exclusivamente junto de investidores institucionais, na sequência do roadshow que teve lugar nos dias 10 e 13 de setembro do ano passado, durante o qual a Caixa realizou reuniões com mais de 40



MILHÕES DE EUROS para o financiamento de operações no domínio ambiental e do desenvolvimento

socioeconómico

MIL MILHÕES DE EUROS foi quanto a procura alcançou

133 foi o número de ordens investidores institucionais. A emissão recebeu 133 ordens, atingindo 1,7 mil milhões de euros, tendo a procura superado o montante a colocar no mercado em mais de três vezes. Na distribuição geográfica da colocação junto dos investidores destacaram-se França (29%), Portugal (20%), Espanha (12%), Alemanha (12%) e Reino Unido (10%), enquanto por tipo de investidor salientam-se os fundos de investimento, que tomaram mais de 70% do total da emissão. A característica sustentável da emissão permitiu atrair o interesse de novos investidores.

Esta emissão inseriu-se também no plano de financiamento definido para o cumprimento dos requisitos de MREL (Minimum Requirements for own funds and Eligible Liabilities) fixados pelo Banco de Portugal, conforme decisão do Conselho Único de Resolução.

Para além de criar impacto ambiental e social positivo, a emissão de obrigações em formato ESG produz também benefícios reputacionais e financeiros.

RESPONDER A OBJETIVOS AMBIENTAIS E SOCIAIS

A Emissão de Dívida Sustentável da CGD enquadra-se na categoria de "Finanças Sustentáveis" contribuindo para a canalização de fundos associados à emissão de dívida sustentável para linhas de financiamento que contribuam para responder a objetivos ambientais e sociais financiando por exemplo projetos de energia renovável/eficiência energética, transportes não poluentes, criação de emprego, acesso a serviços de saúde, entre outros.

O principal impacto económico associado à emissão sustentável incide na disponibilização de financiamento ao tecido empresarial que permita o investimento na transformação e adaptação dos negócios aos desafios da sustentabilidade, resiliência climática, crescimento e consolidação do negócio e/ou retenção de emprego. "Uma das características desta emissão é que irá privilegiar também o financiamento do tecido empresarial localizado em zonas economicamente desfavorecidas (NUTS II – zonas com PIB per capita abaixo da média nacional)", lê-se na candidatura.

ABORDAGEM HOLÍSTICA À SUSTENTABILIDADE

A decisão de a CGD efetuar uma emissão de dívida sustentável, ou seja, incorporando simultaneamente a dimensão ambiental e social, teve como base o princípio que é necessária uma abordagem holística à



Empresa: Caixa Geral de Depósitos

Nome do projeto: Emissão de Dívida Sustentável

Data de início: **01/07/2021**

Data de conclusão: **14/09/2021**

Principais beneficiários da iniciativa: os investidores que participaram na transação e que efetuaram ordens de compra e os clientes da CGD, particulares e empresa, que vão beneficiar das diversas linhas de financiamento abrangidas pela Emissão de Dívida Sustentável.



sustentabilidade. Para o banco, não será possível promover a transição justa para uma economia de baixo carbono sem garantir também uma resposta aos principais desafios sociais, como por exemplo a recuperação das economias mais afetadas pela covid-19, nomeadamente à retenção e criação de emprego, à resiliência e crescimento do negócio e recuperação financeira. Como exemplo da tipologia de projetos sociais elegíveis na emissão, a CGD destacou um financiamento de dois milhões de euros a uma empresa do setor do retalho. Este financiamento, enquadrado nas linhas de apoio à pandemia covid-19, tem como objetivo garantir a manutenção de 823 postos de trabalho num universo de 161 lojas em Portugal. "A emissão de dívida sustentável também endereça temas sociais mais específicos, como o acesso a serviços financeiros essenciais (microfinanciamento), produção agrícola de pequena dimensão, acesso a serviços de saúde e criação de emprego."

QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA







Erradicar a fome



Saúde de qualidade



Água potável e saneamento



Energias renováveis e acessíveis



Trabalho digno e crescimento económico



Indústria, inovação e infraestruturas



Cidades e comunidades sustentáveis



APOIAR A ECONOMIA REAL EM CONTEXTO DE PANDEMIA

Cerca de seis mil clientes, maioritariamente micro, pequenas e médias empresas, foram apoiadas pelo Millennium bcp através da primeira emissão de Obrigações Environmental, Social and Governance (ESG), no segmento Social, permitindo a manutenção de mais de 100 mil postos de trabalho num contexto de grave crise económica.

O Millennium bcp, como banco de retalho de cariz eminentemente português, é um dos principais pilares da economia nacional no apoio às Micro e Pequenas e Médias Empresas (MPME). Um segmento que, de resto, representa uma parcela muito significativa da sua base de clientes e, por consequência, da sua atividade comercial.

Ao longo da crise pandémica, o banco teve um papel fundamental junto destas estruturas empresariais, apoiando-as nas mais diversas vertentes, nomeadamente através da agilização e disponibilização de empréstimos concedidos ao abrigo das linhas de apoio à economia no contexto pandémico, denominadas Linhas Covid-19. Na candidatura, a instituição bancária explica que através da sua intervenção junto do tecido empresarial português demonstrou um forte compromisso no apoio à economia num momento de particular dificuldade e incerteza. Esta intervenção, segundo dados fornecidos pelo banco, consubstanciou-se no apoio a mais de 18 mil MPME suas clientes, através de um montante agregado superior a 2,6 mil milhões de euros. Para refinanciar uma parte destas operações, as já mencionadas Linhas Covid-19, o Millennium bcp realizou a sua primeira emissão de Obrigações no segmento Environmental, Social and Governance (ESG), com o "label" Social, exercício que integrou nos seus grandes compromissos e melhores práticas em matéria de sustentabilidade.

O APOIO ÀS FAMÍLIAS E EMPRESAS

A iniciativa teve a sua génese em 2020, quando o banco reforçou a priorização da inclusão dos



Empresa: **Millennium bcp**

Nome do projeto:
Emissão de
Obrigações
Environmental, Social
and Governance
(ESG) no segmento
Social

Data de início: **07/10/2021**

Data de conclusão: **19/03/2028**

Principais beneficiários da iniciativa: cerca de 6 mil clientes com um impacto estimado da manutenção de mais de 100 mil postos de trabalho.

aspetos ESG no seu modelo de negócio, criando um Comité de Sustentabilidade, dependente da comissão executiva e presidido pelo CEO. Este órgão é responsável pela apreciação e monitorização da implementação de toda a estratégia de sustentabilidade da instituição. O Millennium bcp assumiu então como prioritário o robustecimento da sua oferta financeira suportada em critérios ESG, respondendo às crescentes solicitações e necessidades dos seus clientes. "É neste quadro que a promoção do financiamento sustentável constitui um pilar da cultura do banco e um eficaz catalisador do seu desenvolvimento."

Em outubro de 2021, o banco realizou a sua emissão inaugural de obrigações ESG, a qual consubstanciou a primeira no segmento social realizada por um emitente português. A emissão, no montante de 500 milhões de euros e um prazo de 6,5 anos, teve o seu produto inteiramente alocado ao refinanciamento de parte da carteira de empréstimos concedidos pelo Millennium bcp ao abrigo das linhas de apoio à economia no contexto pandémico. O portefólio alocado à emissão integra um conjunto de empréstimos a cerca de seis mil clientes, na sua larga maioria micro, pequenas e médias empresas e "é claramente demonstrativo do forte e transversal apoio do Millennium bcp à economia portuguesa neste momento particularmente desafiante". Este suporte traduziu-se de forma concreta e decisiva nos clientes, diz o Millennium bcp, permitindo o suporte e a manutenção de mais de 100 mil postos de trabalho num contexto de grave crise económica.



PROMOVER A CULTURA DA RESPONSABILIDADE

Através desta candidatura, o banco pretende, por um lado, reafirmar que as matérias de sustentabilidade e os fatores ESG estão presentes em permanência na sua cultura e fazem parte integrante do seu modelo de negócio e, por outro lado, destacar o seu compromisso em promover uma cultura de responsabilidade ambiental, social e económica. "A emissão de obrigações ESG é, direta e indiretamente, um dos principais veículos para a consecução desses objetivos." Na sua candidatura, o promotor refere que de acordo com as melhores práticas do mercado, implementou um sistema de rastreamento interno para uma sinalização, seleção, avaliação e alocação de operações de crédito a financiar e/ou refinanciar ao abrigo das emissões de obrigações ESG. Este processo, diz o Millennium bcp, é supervisionado por um grupo de trabalho, que envolve várias direções da instituição e que, para além de garantir o alinhamento contínuo de todo o processo com as melhores práticas do mercado e a sua estratégia global em matéria de sustentabilidade, também se responsabilizará pelos relatórios de alocação e de impacto que serão divulgados no site do banco numa base anual.

ASSINALÁVEL EFEITO ESCALA

Quanto à escalabilidade do produto, o promotor reforça a ideia de que a emissão de obrigações ESG foi alocada ao refinanciamento de um conjunto de empréstimos concedidos 6.000 clientes envolvidos

100.000 postos de trabalho foram impactados

18.000
micro e pequenas e
médias empresas foram
apoiadas

pelo banco ao abrigo das Linhas Covid-19. "Os clientes envolvidos são sobretudo micro e pequenas e médias empresas. Isto significa que com a operação, e com outras que o banco venha a realizar no futuro, se atinge um conjunto muito diversificado de clientes - dimensão da empresa, setor de atividade, localização geográfica, número de trabalhadores, situação económico-financeira -, sendo, portanto, os impactos transversais a toda a base de clientes do Millennium bcp e, por consequência, distribuídos capilarmente pelo tecido empresarial português". Por outro lado, as emissões de obrigações ESG em mercado terão tipicamente um montante mínimo de 500 milhões de euros o que, garante o banco, proporcionará um assinalável efeito escala ao nível dos impactos a obter e dos beneficiários finais da iniciativa.

A intervenção do banco junto do tecido empresarial português demonstrou um forte compromisso no apoio à economia num momento de particular dificuldade e incerteza.

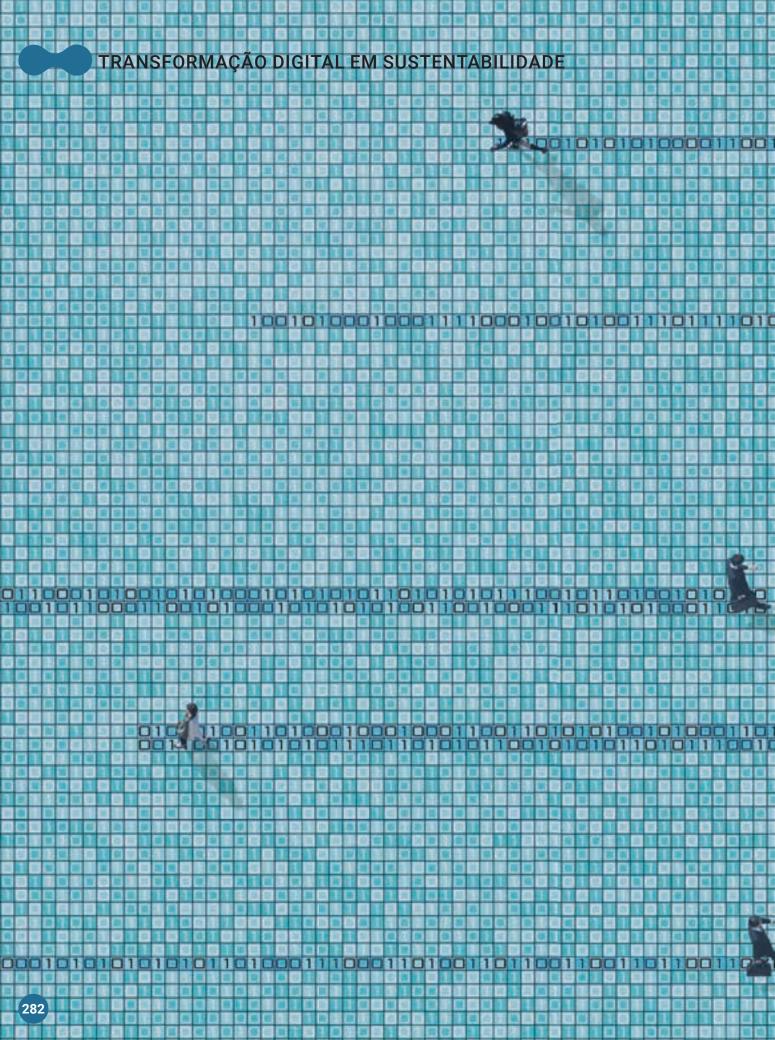
QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA



Saúde de qualidade



Trabalho digno e crescimento económico



AS EMPRESAS



ESTÃO MAIS

001010101010110000101001010101010101

MASAINDA NAOO

SUFICIENTE



A pandemia obrigou as empresas a pôr o pé no acelerador da digitalização, mas os trabalhos estão longe de estarem concluídos. A automatização e um melhor uso de dados são apontados como imperativos para obter resultados mais robustos e a sustentabilidade não deve ser descurada. Cátia Rocha

s empresas nunca estiveram tão digitais como agora. E já não é uma questão de estratégia, mas sim de sobrevivência – a IDC estima que, em 2022, mais de metade da economia global esteja assente ou venha a ser influenciada pelo mundo digital. Mas num setor como a tecnologia, em que não só a evolução acontece de forma rápida, mas também os planos mudam num piscar de olhos, a capacidade de adaptação é quase um requisito obrigatório. A juntar a este ambiente só por si já desafiante de navegar, também parceiros e clientes finais exigem uma maior responsabilidade e consciência no que diz respeito à sustentabilidade nos planos tecnológicos. Assim, tornou-se impossível traçar planos para o futuro sem ter este tema em mente.

O comboio da transformação digital já estava em marcha, mas a pandemia de covid-19 teve um efeito de acelerador – quase como se o comboio se tivesse de transformar de repente num TGV. "As empresas tiveram de acelerar de forma bastante dramática. Havia planos a três, cinco anos e em apenas dois anos as coisas tiveram de acelerar muito", nota Rui Vaz, partner da consultora Deloitte. Quem já tinha planos em marcha deu-lhes continuidade e afinou as prioridades; quem ainda olhava de sobrolho levantado para o tema e via conceitos como cloud ou inteligência artificial (IA) como perfeitos desconhecidos foi quase forçado a mudar de postura. Os dados da McKinsey corroboram este fenómeno. Ao longo dos últimos dois anos, coincidentes com a pandemia, as empresas aceleraram 20 a 25 vezes mais a tomada de decisões sobre as respetivas transformações digitais.

Conforme nota a Deloitte no relatório "Tech Trends 2022", no qual traça as principais tendências globais, "a pandemia desafiou algumas questões ortodoxas sobre aquilo que pode ser atingido". E, em relação às principais tendências do ano, a consultora defende que seria "um erro" encarar estas mudanças como "apenas uma resposta direta à disrupção trazida pela covid-19".

Mas a transformação digital não obriga as empresas a transformarem-se da noite para o dia em organizações saídas de um filme de ficção científica. Às vezes, o trabalho passa apenas por passar a pente fino processos e perceber onde é que é possível tornar práticas e procedimentos mais eficientes, ganhar tempo e, em última instância, tirar proveitos económicos, recorrendo à tecnologia. E,



segundo dados da IDC, os investimentos em transformação digital poderão mesmo representar mais de metade do total de investimentos feitos na área das tecnologias de informação até ao final de 2024.

A CAMINHADA PARA A AUTOMATIZAÇÃO

Rui Vaz, da Deloitte, não tem dúvidas: entre as principais tendências da consultora para 2022 a automatização está presente em todas. "Parece um tema relativamente básico, mas a automatização é transversal, isso ficou evidente nos últimos dois anos." O partner da consultora sublinha a necessidade de as empresas utilizarem esta possibilidade para "reinventar a forma como trabalham" - só desta forma é que, com a atual disponibilidade de recursos humanos, "a menor capacidade humana que hoje existe possa estar dedicada a atividades de valor acrescentado e não propriamente a coisas mais transacionais." A escassez de talento especializado em tecnologia é apontada como uma realidade por diversas consultoras - e a automatização poderá "libertar" alguns recursos para outras atividades. A McKinsey, por exemplo, nota no relatório "Future of Work" que, nos próximos três anos, cerca de 50% das tarefas dentro das organizações serão automatizadas. Na ótica desta consultora, as empresas que não conseguirem fazer este caminho poderão perder competitividade.

Mas, para atingir um estado mais avançado nesta matéria, serão necessárias plataformas mais modernas e um maior uso de dados. A McKinsey defende que os dados serão "um tema central" na vida de muitas empresas e que a automatização precisará "de um uso mais sofisticado" de dados. Nesse sentido, a consultora aponta que um melhor uso de dados será crítico para garantir a competitividade de negó-





cio – nunca perdendo de vista, claro, os temas ligados à privacidade, nomeadamente o Regulamento Geral de Proteção de Dados (RGPD).

IA COMO LINHA DA FRENTE DA SEGURANÇA

Já se tornou um chavão no mundo da cibersegurança – a pergunta não é se a empresa A ou B pode ser atacada, mas sim quando é que isso acontecerá. As organizações foram gradualmente ganhando consciência de que a segurança dos seus sistemas é um calcanhar de Aquiles do negócio e também dos custos associados – quer financeiros quer de reputação – de sofrer na pele um ataque.

O tema da cibersegurança tem vindo a subir vários "degraus" na lista de preocupações das empresas – prova disso é o facto de figurar nas posições cimeiras do relatório "The Global Risk Report", elaborado pela Marsh. No relatório de 2021, por exemplo, as falhas de cibersegurança eram apontadas pelos líderes empresariais como um perigo claro e presente, na categoria das ameaças a curto prazo. O peso das questões tecnológicas é ainda mais expressivo olhando para os riscos de médio prazo (três a cinco anos), em que são já mencionados temas como quebra nas infraestruturas de tecnologias de informação (TI), falhas de cibersegurança ou mesmo falhas na governança tecnológica.

A questão financeira pesa obviamente nesta perceção de risco. Os custos do cibercrime estão em processo de escalada, cada vez mais evidente nos últimos anos e sublinhados pelo contexto de pandemia. Até 2025, estes custos deverão atingir os 10,5 biliões de dólares ("trillions", na numeração anglo-saxónica) a nível global, estima a Deloitte. No ano passado, o custo médio de um

único episódio de violação de dados atingiu os 4,24 milhões de dólares, um aumento de 10% face a 2019.

E o que tem a cibersegurança a ver com inteligência artificial? Muito. A indústria já se refere a esta tecnologia como os "reforços" da segurança. A Deloitte, por exemplo, destaca que a lA pode ser uma "força multiplicadora" que permite não só responder mais depressa a ataques, mas também antecipar movimentações e reagir com antecipação. "É de facto a capacidade que a lA nos traz para mais uma vez poder automatizar atividades ao nível de cibersegurança que nós seres humanos não conseguimos fazer em escala", frisa Rui Vaz. Detetar comportamentos fora do habitual ou possíveis intrusões tornam-se possíveis com esta tecnologia. E são já várias as empresas fornecedoras de serviços cloud, como a Microsoft, AWS ou a Oracle, que já recorrem às capacidades de lA para a cibersegurança.

A consultora nota que a tecnologia de Cyber Al ainda está numa fase de adoção inicial em vários mercados, mas que deverá crescer significativamente. Até 2025, antecipa-se que este mercado atinja um montante de 19 mil milhões de dólares..

IMPOSSÍVEL INOVAR SEM SER SUSTENTÁVEL

A tecnologia e a sustentabilidade precisam de andar de mãos dadas. Conforme nota Rui Gonçalves, sócio da KPMG Portugal ligado à área de tecnologia, "o ESG [critério de ambiente, sustentabilidade e 'governance', em inglês], como a digitalização, tornou-se um imperativo de negócio nas agendas das organizações dos diversos setores de atividade". E, nesta ótica, defende que a "tecnologia será a alavanca crítica de ambas as transformações". "Na prática, ambos estão associados à conjugação do avanço tenológico e a mudanças nos comportamentos e atitudes sociais, em que a disponibilidade de novas tecnologias irão permitir às organizações tornarem-se mais sustentáveis e ecológicas, tendo como exemplo a transição para cadeias de abastecimento mais 'verdes' e assentes em automação digital", vaticina este responsável. Segundo um estudo da KPMG, em parceria com a Forrester, cerca de 46% dos responsáveis pela transformação nas empresas entrevistadas referem os benefícios do ESG como um dos motivos para investir em tecnologias digitais.

Rui Vaz, da consultora Deloitte, nota que a própria sustentabilidade representa já uma questão de pressão para as empresas. "Tudo o que são empresas com alguma expressão mediática têm hoje em dia objetivos de neutralidade carbónica muito mais agressivos do que a generalidade dos países da Europa", refere. "A pressão mediática não o permite de outra forma." E, nesta ótica, destaca que "hoje em dia é mais do que proibido pensar em escalar algum tipo de tecnologia se o tema da sustentabilidade não estiver presente."

Na nota em que vaticina as grandes tendências do ano, Werner Vogels, vice-presidente e diretor tecnológico da Amazon.com, dona do "player" de cloud Amazon Web Services (AWS), prevê justamente que a sustentabilidade comece já este ano a integrar os pensamentos de quem desenvolve software e aplicações. "Os programadores vão começar a tomar decisões tendo em conta a sustentabilidade dos sistemas e aplicações que estão a construir", apontando que "vão procurar novas abordagens e arquiteturas de cloud que otimizem as necessidades do planeta". "A tecnologia utiliza energia", frisa este responsável, afirmando que "os programadores terão um papel ativo na redução da pegada de carbono das aplicações" logo no momento de criação de novas plataformas ou ferramentas.

TRANSFORMAÇÃO DIGITAL

OS INVESTIMENTOS EM PROJETOS DE TRANSFORMAÇÃO DIGITAL JÁ ESTÃO NA "TO DO LIST" DE MUITAS EMPRESAS, MAS OS PRÓXIMOS ANOS PROMETEM CONSOLIDAR ESTAS APOSTAS. E, NO ÂMBITO DESTES PROJETOS, A ESMAGADORA MAIORIA DAS EMPRESAS REFERE A REDUÇÃO DAS EMISSÕES POLUENTES COMO PRINCIPAL OBJETIVO A ATINGIR

16,5% Crescimento de investimentos diretos em transformação digital entre 2022 e 2024

20 a 25x mais

Aumento da aceleração da tomada de decisões sobre as transformações digitais durante a pandemia

A transformação digital vai representar mais de metade dos investimentos feitos em tecnologias de informação até 2024

50%

Até 2026, 50% das receitas serão provenientes de novos produtos, serviços e empresas. Em toda a Europa, aproximadamente 79% dos líderes empresariais estão a dar prioridade à construção de novas empresas para se protegerem das perturbações da indústria

das empresas referem esforços para reduzir as emissões até ao final de 2023

+70%

dos decisores de dados a nível global e analítica estão a aumentar a sua capacidade para usar dados externos. 17% têm planos para o fazer nos próximos 12 meses

das empresas globais vão dar

prioridade às ferramentas

digitais até 2023

dos orçamentos de TI das grandes empresas vão estar direcionados para pacotes integrados com segurança, plataformas cloud

das empresas vão utilizar soluções multicloud e cloud híbrida

80%

das empresas vão usar software assistido por inteligência artificial até 2023

50%

das maiores empresas vão transitar metade dos gastos em novo hardware para modernização de experiências para clientes e empregados até 2023



50%

das atividades de trabalho atuais poderão ser automatizadas até 2025

dos diretores de informação vão alavancar a transformação de negócio e resiliência das organizações através de "roadmaps" com estratégia tecnológica até 2026

das empresas já integraram IA em pelo menos uma função nas respetivas organizações. Em 2020, a percentagem era de 50%

Quase 66%

das empresas indicam que investimentos em IA vão continuar a aumentar nos próximos três anos

dos serviços digitais

touchpoints terão maior usabilidade, mais personalização, convergindo ainda mais com a IA aplicada

4,8 a 11,

Até 2030, a internet das coisas pode valer entre 4,8 e 11,1 biliões de euros a nível global. As fábricas vão representar cerca de 26% do potencial económico da JoT até 2030

85 milhões

de postos de trabalho que poderão ser automatizados nos próximos cinco anos

60%

das empresas vão ter equipas de sustentabilidade digital até 2025

55%

das empresas vão aumentar os planos de resiliência em 2023

das empresas relatam que pelo menos 5% do EBIT é atribuível à adoção de IA

das empresas indicaram como muito relevante o tema da cibersegurança enquanto risco que as organizações enfrentam

em Z empresas

vai gerar mais de 40% das receitas a partir de produtos digitais e serviços em 2023

Fonte IDC, Deloitte, McKinsey e Marsh

INÊS SEQUEIRA

"SÓ QUERER UNICÓRNIOS É REDUTOR. AS MÉTRICAS DEVIAM SER OUTRAS"

A diretora da Casa do Impacto não compra a ideia do sucesso pela avaliação nos mil milhões de dólares. Defende que é mais importante uma empresa acrescentar valor à sociedade. E acredita que os investidores, em breve, também estarão a olhar nessa direção. Marta Velho

naugurada em outubro de 2018 pela mão da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, a Casa do Impacto assume-se com um hub que centraliza num só lugar todos os meios e protagonistas que trabalham em ideias com potencial para salvar o mundo.

Quando o espaço completou três anos, orgulhava-se de já ter ajudado 200 empreendedores e 48 start-ups e ainda de ter investido dois milhões de euros em projetos de sustentabilidade social ou ambiental e viáveis economicamente.

Para o futuro, a diretora, Inês Sequeira, quer que exista uma rede de impacto espalhada pelo país e levar lá para fora as soluções que estão a ser criadas cá dentro.

Havia a necessidade de um "player" como a Casa do Impacto no ecossistema empreendedor nacional? Era um buraco que tínhamos?

Acho que sim. No futuro, quando o ecossistema já estiver mais maduro, não vai haver diferença entre o empreendedorismo tradicional e o empreendedorismo de impacto. Mas quando a Casa do Impacto surgiu, havia uma grande distância a separar os dois. A abordagem aqui não é igual à das empresas só ligadas à tecnologia. Não é o lucro pelo lucro. Não é chegar a mil milhões de dólares. Na altura,

havia alguns empreendedores de impacto, alguns projetos que eram muito interessantes, alguns "players" que apoiavam isto, mas era um mundo pequeno e, acima de tudo, pouco organizado. O grande objetivo da Casa do Impacto foi agregar e potenciar o próprio ecossistema, chamando os "players" todos para o mesmo espaço. Com todos juntos, foi mais fácil perceber o que é que faltava a uns e a outros e preencher esses espaços.

E o que é que faltava?

Acho que faltava uma coisa que falta muito em Portugal: capacitação. E não estamos só a falar de capacitação dos empreendedores. Quem apoia este ecossistema, quem fomenta e quem cria muitas vezes também precisa de ser capacitado. É tudo novo para toda a gente. Quem hoje quer ser um investidor nesta área tem muito para aprender. No fundo, todos nós estamos ainda a aprender, a própria Casa do Impacto também. Por isso é que todos os nossos programas vão sendo moldados à medida que vamos tendo mais edições e vamos percebendo que há sempre coisas para aperfeiçoar. Mas eu diria que acima de tudo faltava criar uma rede e um ambiente mais seguro para quem quer realmente empreender numa área que é tão complexa, como esta em que se tentam resolver problemas sociais e ambientais, de uma complexidade brutal. É preciso criar instrumen-







tos e apoio para que estas pessoas criem estas soluções de uma forma completamente estabilizada.

Ainda há preconceito face aos empreendedores de impacto, com a ideia de que uma start-up de impacto é uma start-up sem fins

Claro que existe. Começa a mudar, mas claro que existe. Nós todos temos preconceitos acerca de inúmeras coisas. Quando as sociedades começam a atingir graus de evolução maiores, isto começa a fazer cada vez mais sentido. Trabalho em empreendedorismo há doze anos e estive na equipa que estava na Câmara de Lisboa e criou a Startup Lisboa e as primeiras incubadoras na cidade. E o que sinto é que agora estamos num estágio que é mais avançado. Já não estamos a falar só de empregabilidade ou de tecnologia, mas de uma abordagem em que a sustentabilidade é vista nas suas três vertentes: económica, social e ambiental. Já não podemos falar de sustentabilidade económica por si só. Qualquer empresa, start-up ou organização, seja ela qual for, tem de ser viável nos três eixos. E isto é o futuro. Cada vez mais isto tem a ver com o estágio de evolução das sociedades e dos mercados.

Vocês acabaram por ser muito pioneiros no apoio ao empreendedorismo de impacto. Mas já começam a existir pelo país vários outros organismos a fazer um trabalho semelhante.

Acho que sim. Virado só e em exclusividade para este tipo de empresas, como nós, acho que ainda não. Existirá uma coisa ou outra, pequenas. Faria sentido haver mais projetos como a Casa do Impacto em várias regiões do país. Porque é esse o caminho. Apesar de, quando falamos em incubadoras de empresas, por si só, estarmos a falar em realidades muito mais simples do que aquilo que é uma Casa do Impacto. Aqui estamos a desenvolver um novo paradigma, uma nova forma de olhar para o mercado e para a organização de uma sociedade. Vai mais além do que criar empresas ou ajudar a desenvolver empresas. Temos grandes empresas que nos vêm bater à porta e querem perceber como é que podem apoiar isto. Mas também vêm à procura de perceber como é que adaptam o seu modelo de negócio a esta nova realidade. Porque os consumidores estão cada vez mais atentos a isto e são eles a ditar aquilo que querem. E se as marcas não se adaptarem, vão acabar por morrer.

Falando das grandes marcas, também tem sido muito falado o "greenwashing", de haver empresas a tentar apanhar o comboio da sustentabilidade, até por saber dessa preocupação dos consumidores, mas sem o serem realmente, como a "fast fashion". Estão atentos a essa realidade?

A sociedade está a passar por um momento de transição. Quando estamos a mudar paradigmas, é natural que haja várias velocidades. Há marcas que já fazem isto há anos e outras que só agora estão a começar. É normal que haja espaço para esse "greenwashing". Faz parte. E aqui também percebemos isso, às vezes. Acho que faz parte. À medida que este paradigma for evoluindo, os próprios consumidores estão mais atentos a determinadas coisas, percebe-se o que é coerente e o que é que não é. O grande esforço das marcas vai passar por serem sustentáveis em todo o seu modelo de negócio. Porque o consumidor vai ser cada vez mais atento a isso e não podem correr esse risco. Mas é um processo, até para nós individualmente. Posso



fazer reciclagem e não comer carne, mas não sou sustentável em todos os meus atos. Uso carro. O meu carro não é elétrico. Portanto, acho que temos de dar tempo. Uma coisa é haver má intenção. Outra coisa é estarmos a adaptar-nos. Todos estamos a aprender e eu não gosto de fundamentalismos. O importante é perceber se as pessoas ou as empresas são bem-intencionadas. E depois é um caminho, que não acontece de hoje para amanhã. Leva tempo.

Em relação ao resto da Europa e ao resto do mundo, estamos nesta nossa atenção para o impacto - muito atrasados? Onde é que nos situamos?

Portugal é um país um bocado bipolar. Somos muito à frente numas coisas e depois noutras, claramente, não. Acho que no empreendedorismo de impacto e na inovação social, estamos bastante à frente. No entanto, em questões sociais, é óbvio que temos países que estão muito mais à frente. Ainda temos um caminho. Por exemplo, em igualdade ainda estamos muito focados na igualdade de género, e ainda há muita coisa para fazer aí, enquanto noutros países já se está a falar de igualdade e diversidade em muitas outras coisas.

A Casa do Impacto celebrou em outubro de 2021 o seu terceiro aniversário. Olhando para este caminho, quais foram as maiores surpresas? Boas e más?

O que foi muito melhor do que o que estava à espera foi descobrir que temos novas gerações em Portugal que me espantam pela qualidade, pela diferença - até relativamente à minha geração -,







Acredito que daqui a dois ou três anos vamos até ter os tais unicórnios, talvez não unicórnios puros e duros, mas de empresas que com um modelo de negócio sólido estão a ganhar dinheiro e estão a criar valor.

por serem muito mais bem preparados em inúmeras coisas, por terem muito mais mundo, e isso dá-me uma esperança para o futuro muito grande. Isso superou a minha expectativa.

A média dos empreendedores que entraram na Casa do Impacto é muito superior ao que vi nos primeiros passos do empreendedorismo há dez anos. As pessoas são muito mais completas, também porque o impacto é uma coisa muito mais transversal. Das coisas menos boas é o sermos um país ainda com muitas fragilidades, onde é difícil criar as estruturas e as infraestruturas certas para que um ecossistema destes se desenvolva da forma necessária. Acho que este ecossistema tem crescido e de uma forma muito positiva, mas para dar o salto precisa de organizações e de um sistema político que realmente perceba o investimento que é preciso fazer. Porque nenhum ecossistema cresce sem investimento.

Qual é a estratégia daqui para a frente?

É uma estratégia de continuidade, mas fazendo com que este ecossistema seja mais forte a nível nacional e não seja uma realidade concentrada em Lisboa. Tem de haver uma maior articulação. Essa é uma ambição nossa e a outra é internacionalmente. Estamos a apostar muito em algumas parcerias internacionais e em possibilitar que os nossos projetos de impacto consigam crescer também para fora do país.

Vamos começar a ter unicórnios de impacto (empresas avaliadas

em mil milhões de dólares)? Estamos a trabalhar para esse tipo de métricas?

Vai fazer parte da evolução deste ecossistema e deste novo paradigma que as métricas sejam feitas de uma outra forma. Só querer unicórnios é redutor. As métricas deviam ser outras. Que valor é que os unicórnios estão a trazer para a sociedade? Por exemplo, o Facebook é um unicórnio, mas atravessa a toda a hora dilemas morais. É isto que nos interessa? É este tipo de unicórnios? No outro dia tivemos aqui a comissária europeia da Inovação a dizer que queria mais unicórnios e eu perguntei-lhe isso. É isso que queremos, só unicórnios? Ou queremos mais start-ups que tenham um modelo de sustentabilidade económica, ambiental e social? Acho que queremos não unicórnios nesse sentido do termo, mas start-ups que sejam vencedoras e que acrescentem um valor para a sociedade que vá além do dinheiro ou do lucro.

Como caracteriza o tecido empreendedor das start-ups da Casa do Impacto?

A Casa do Impacto é muito focada em empresas "early stage", para criar "pipeline". Os investidores não estão preocupados em criar "pipeline", estão preocupados em investir em estágios mais maduros para poderem ter retorno. E alguém tem de estar a fazer esta parte. O que sinto é que a maturidade do ecossistema está a evoluir, é hoje completamente diferente de há três anos. Por outro lado, por exemplo, o investimento — que é uma parte muito importante do ecossistema — ainda não chega a muitas das necessidades destes empreendedores. Mas tenho uma fé enorme na qualidade quer dos projetos, quer dos empreendedores. Acredito que daqui a dois ou três anos vamos até ter os tais unicórnios, talvez não unicórnios puros e duros, mas de empresas que com um modelo de negócio sólido estão a ganhar dinheiro e estão a criar valor.

Mas os investidores já começam a ter também esta perceção e vontade ou não?

Sim, e se virmos os números, mesmo a nível global, os fundos de impacto todos os anos estão a aumentar. Agora como é uma coisa muito nova, até os próprios investidores estão a aprender. Não podemos olhar para uma empresa tecnológica que tem um crescimento normalmente muito acelerado e olhar para uma empresa de impacto da mesma maneira. Não quer dizer que a exigência seja menor. Pelo contrário, acho que a exigência de um empreendedor de impacto é muito maior porque tem de se preocupar com muito mais coisas. Portanto, um investidor que invista aqui não pode ter o mesmo "mindset" que tem quando só está a olhar para números. É diferente. As métricas são outras.

E é mais difícil calcular estas métricas?

É muito mais difícil. Obviamente dependendo do que estamos a falar. Se estivermos a falar de uma empresa que está a propor criar mais empregabilidade, aí é mais objetivo. Agora, se se está a falar de uma empresa que está a propor aumentar a qualidade do ensino – uma solução ligada à matemática ou à cidadania, – é óbvio que as métricas para avaliar isto são mais desafiantes. Como é que se mede isso? Os desafios de um empreendedor de impacto são muito maiores.





A BATALHA DAS COMPETÊNCIAS DIGITAIS VEIO PARA FICAR

A expansão do setor da tecnologia tem deixado a nu as dificuldades de ter talento especializado em número suficiente. É um ponto de conversa à escala global e Portugal não fica fora da discussão de como é que se joga a "futurologia" de tentar perceber quais as competências da força de trabalho do futuro. Cátia Rocha





questão costuma marcar presença em qualquer sessão em que figurem responsáveis do setor tecnológico português: o país tem talento tecnológico, disso não há dúvida, mas não em dimensão suficiente que chegue para enfrentar as necessidades atuais – e muito menos as futuras, perspetivadas pelas consultoras.

Portugal tornou-se um terreno fértil para atrair tecnológicas vindas de outras paragens, que escolhem este cantinho à beira-mar plantado para instalar centros de competências ou de suporte. E com qualquer anúncio do género vêm associados os números de contratações — muitas vezes na fasquia das centenas. O problema é que encontrar talento especializado na área da tecnologia tem dificuldades associadas — em Portugal e em qualquer ponto do mundo. Afinal, o mundo académico não consegue formar profissionais suficientes a cada ano para alimentar tanta procura por profissionais altamente especializados. Assim, os profissionais em atividade são cortejados por uma série de empresas tecnológicas, sempre em busca de talento.

E, como dita a lei da oferta e da procura, com um desequilíbrio que

pende para o lado de uma maior procura, os salários nesta área vão subindo: os dados da consultora Robert Walters, empresa especializada em recrutamento, estimam que os salários ligados às tecnologias de informação deverão registar subidas entre os 6% e os 9% em Portugal ao longo de 2022. Um administrador de sistema de base de dados (database system administrator), por exemplo, que tenha entre dois a cinco anos de carreira, poderá ganhar anualmente entre 35 mil e 45 mil euros. Já um programador back-end com até cinco anos de carreira poderá auferir anualmente entre 35 mil e 60 mil euros, estima a Robert Walters. Estes valores estão muito acima da fasquia salarial em Portugal, onde o salário mínimo nacional se fixa nos 705 euros em 2022.

Duarte Begonha, partner da McKinsey Portugal, não tem dúvidas: o tema do talento é "crítico" para o setor da tecnologia. "As empresas no nosso país, e penso que na generalidade de muitos países, mas em Portugal, Espanha, Europa em geral e mesmo na América Latina, tiveram uma tendência enorme de fazer o 'outsourcing' de tudo o que era funções de IT para empresas externas" nos últimos anos, contextualiza este responsável. "A maior parte das empresas tentou reduzir as suas áreas de sistemas de informação e tecnologia para o mínimo e indispensável. A verdade é que estas empresas não vão conseguir transformar-se em líderes digitais se não tiverem talento tecnológico", avança.

Rui Gonçalves, da KPMG Portugal, afina pelo mesmo diapasão. "O avanço tecnológico é vital para manter a competitividade, mas contratar pessoas talentosas, o treino e a formação adequada serão fatores que vão continuar a ser importantes no nosso país." E aqui recorre às estatísticas. "Além da experiência de várias organizações, como a KPMG, a procura de recursos e talentos que permitam endereçar de forma eficaz e eficiente as necessidades de digitalização aumentou significativamente e é expectável que continue a aumentar em maior proporção do que a capacidade da nossa academia de produzir esses talentos."

A NECESSIDADE DE QUALIFICAR RECURSOS

Não é apenas em Portugal que se fala da necessidade de não só ter mais pessoas preparadas para trabalhar em tecnologia, mas também garantir que mesmo quem está fora do setor tem capacidade para embarcar neste mundo digital – a chamada literacia digital. No próprio contexto da União Europeia, há já objetivos a cumprir. No documento "Década Digital da Europa: objetivos digitais para 2030", o bloco dos 27 indica que, até 2030, deverá haver pelo menos 20 milhões de profissionais de tecnologias de informação e garantir que, no mínimo, 80% da população europeia tem competências digitais básicas.

Rui Gonçalves, partner da KPMG Portugal, nota justamente que, no âmbito do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), surgirá também um "aumento de competências que serão necessárias para entregar as iniciativas que irão surgir associadas ao PRR." Duarte Begonha, da McKinsey, resume que, nomeadamente no contexto laboral, será importante que "o resto das pessoas seja capaz de ter, no mínimo, formação tecnológica para conseguir estabelecer um diálogo" com os profissionais da área e "saber como é que pode potenciar a tecnologia". "Há todo um tema de educação tecnológica e de recursos específicos na área da tecnologia que vejo como absolutamente crítico."



E, nesse sentindo, nota a importância da tarefa de reskilling - dotar profissionais de outras áreas de atividade com competências tecnológicas, por exemplo. "Grande parte desta tarefa do reskilling, que é um tema que até temos estado a acompanhar e a falar com uma série de entidades em Portugal, passa muito por entender como é que se aumenta esta literacia tecnológica e digital dentro das organizações, que passa por contratar pessoas novas, mas também por treinar e permitir que as pessoas de uma organização consigam evoluir neste campo." Mas desmistifica que tal signifique que todos os profissionais se tornem de repente programadores. "Entre ser programador e ser capaz de entender o que um programador faz, ser capaz de falar com ele e conhecer e saber algumas componentes tecnológicas, há um caminho no meio enorme. E isso vai ter de evoluir muito", acredita. Será quase como conseguir falar a mesma língua entre estes dois lados. "Hoje em dia há uma grande assimetria entre o mundo digital e o não digital, vê-se quase uma clivagem entre estes dois mundos e esses dois mundos vão ter de desaparecer, vai ter de existir só um."

Em Portugal, existe desde 2020 - apresentado ainda antes da pandemia – um Plano de Ação para a Transição Digital, que inclui também o tema da educação e regualificação de competências. Sobre se esses tipos de iniciativas são suficientes ou se é necessário um maior envolvimento das empresas, Duarte Begonha aposta na segunda opção. "Acho que tem de haver um maior envolvimento das empresas, sobretudo para se entender o que é que é preciso fazer, que tipo de treino e educação tecnológica e digital é que tem de ser dado às diferentes pessoas. Neste momento, com todo este tema que há aqui à volta, pelo menos já há uma questão de notoriedade. Todas as pessoas já entenderam que isto de facto é um problema que tem de ser resolvido", sublinha. "Sei que estas entidades estão preocupadas com esse assunto, mas neste momento quando se vai falar com as empresas, muitas delas nem sabem bem que tipo de treino é necessário", contextualiza. "A verdade é que neste momento há agui um problema de interlocutores. Ou seja, existe uma assimetria grande de informação - eu sei que tenho de resolver um problema, mas não sei muito bem qual é em concreto ou como resolver. Tem de haver um investimento grande em entender claramente o O avanço tecnológico é vital para manter a competitividade, mas contratar pessoas talentosas, o treino e a formação adequada serão fatores que vão continuar a ser importantes no nosso país. Rui Gonçalves, da KPMG Portugal

que é que são as funções que as pessoas vão ter no futuro e que tipo de capacidade vão precisar de ter e, desde logo, que tipo de treino e formação é que vou ter de dar nas empresas."

APRENDER TERÁ DE SER AO LONGO DA VIDA

Perante este cenário, em que ainda é difícil perceber quais é que terão de ser as competências necessárias para se trabalhar nos próximos anos, uma coisa é, pelo menos para já, um dado adquirido: a formação terá de ser constante ao longo da vida. "É preciso esta lógica de aprendizagem contínua e até de transformação pessoal e profissional", refere Duarte Begonha, da McKinsey. "Este processo vai ser cada vez mais rápido e se calhar a geração dos meus filhos, provavelmente em vez de ter duas transformações [profissionais], vai ter três ou quatro e vão ter de saber viver com isso. Daqui a 20 anos, à velocidade a que as coisas acontecem, sabemos lá o que vai acontecer", atira.

Mas, de acordo com as estatísticas, este cenário de aprendizagem constante e de evolução de competências está ainda longe de ser uma realidade para os portugueses. Segundo os dados da Fundação José Neves (FJN), compilados no relatório "Estado da Nação 2021: Educação, Emprego e Competências", em 2020, a percentagem de adultos portugueses que reportou ter participado em educação ou formação nas semanas anteriores ao inquérito era de apenas 10%. Com o relatório a fazer a comparação com 2011, tratava-se de um recuo de 1,5 pontos percentuais numa década. E praticamente não havia diferenças significativas entre homens e mulheres: em 2020, a percentagem de homens e mulheres que participaram em educação e formação foi de 9,6% e 10,4%, respetivamente, referia o relatório. Esta questão não é apenas uma fragilidade em Portugal. Segundo os mesmos dados, nem Portugal nem a União Europeia atingiam em 2019, data dos últimos dados disponíveis, a meta de ter 15% dos adultos a participar em atividades de educação ou formação. Nesse ano, a média europeia era de 10,8%. Embora reconheça que Portugal e a média europeia têm valores muito semelhantes, o relatório da fundação sublinha que a situação "é particularmente preocupante para Portugal dado o grave défice de qualificações dos adultos". Mas a que se deve isto? Talvez "a uma falta de interesse da população adulta, de falta de orientação e de uma fraca oferta educativa orientada a este público, que procura formação mais especializada e tem restrições temporais, geográficas e financeiras", apontava a FJN.

COMPETÊNCIAS NO FUTURO

Um inquérito feito pela tecnológica Salesforce quis perceber quais as principais competências que a força de trabalho do futuro deverá ter. São apontados temas como a tecnologia colaborativa, competências administrativas a nível digital, encriptação e cibersegurança, comércio eletrónico e comércio digital ou ainda competências para gestão de projetos de tecnologia.

A morada das suas encomendas

Agora já é possível receber as suas compras online onde lhe dá mais jeito

Aproveite o
SERVIÇO
GRATUITO
até ao final
de abril

Escolha um dos **Cacifos CTT** espalhados pelo país e recolha as suas encomendas onde e quando quiser, com toda a segurança e conveniência. Registe-se em **ctt.pt/cacifos24h** e comece já a utilizar.



ctt

Saiba mais em **ctt.pt**

ctt.pt















LUISA RIBEIRO LOPES

Presidente do .PT

ARLINDO OLIVEIRA

Professor Catedrático do IST

BRUNO CASADINHO

Managing Director & Group Vice President, Capgemini Engineering

CARLOS OLIVEIRA

Presidente Executivo, Fundação José Neves

JOÃO FALCÃO **E CUNHA**

Diretor da Faculdade de Engenharia do Porto (FEUP)

PRESIDENTE DO JÚRI



A transformação digital e a transformação sustentável estão intimamente ligadas. São uma nova forma de pensar o negóciol. Este movimento resulta num aproveitamento maior de recursos e tempo, maior produtividade e um foco num mundo melhor para todas e para todos num planeta global.

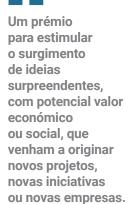


As tecnologias digitais desempenham um papel fundamental na evolução para um planeta mais sustentável, ao permitirem ganhos de eficiência, substituição de atividades com impacto no ambiente e monitorização de impactos.



Transformação digital com sustentabilidade significa transformar a forma como trabalhamos, como vivemos e como nos propomos recuperar o equilíbrio do ecossistema global. É necessário diferentes formas de pensar os negócios, assim como uma alteração radical dos nossos próprios comportamentos enquanto consumidores.







CANDIDATORAS

Nesta categoria foram aceites candidaturas de iniciativas, serviços ou produtos que representam soluções tecnológicas e digitais inovadoras que promovem o acesso a informação e tecnologias que contribuam para o bem-estar social, saúde pública ou ambiente (por exemplo, erradicação da fome e pobreza, promoção da saúde e preservação dos recursos naturais), aumento da produtividade e redução de tempos de espera, otimização de processos e procedimentos manuais.

STEPHEN MORAIS Managing General Partner da Indigo Capital

VANDA JESUS Diretora Executiva, Portugal



Numa altura em que inequivocamente a transição digital é imperiosa, não nos devemos esquecer de que esta só é possível pensando também na vertente de sustentabilidade. Este prémio é por isso um franco incentivo na direção certa.



A tecnologia e a digitalização podem acelerar e maximizar o combate à crise climática e a adoção de políticas verdes. Torna-se, assim, essencial premiar e chamar a atenção para as organizações que têm as melhores práticas nesta importante missão.

REALIZAR TRANSAÇÕES APENAS POR VOZ

A Caixa Geral de Depósitos lançou uma assistente digital transacional que permite aos clientes terem um diálogo "humanizado", como se estivessem a conversar com um operador, em linguagem natural.

O serviço torna-se inclusivo ao permitir o seu uso aos invisuais e pessoas pouco familiarizadas com tecnologia.

A Assistente Digital Caixa é um serviço desenvolvido para clientes particulares da Caixa Geral de Depósitos, "com altos padrões de exigência e que veem no contacto por voz uma alternativa rápida e eficaz às habituais formas de realizar transações bancárias, em contextos muitas vezes adversos", explica o banco na sua candidatura. É igualmente um serviço inclusivo pois permite aos clientes invisuais, ou menos familiarizados com as tecnologias, poderem gerir o seu dia a dia financeiro com toda a segurança.

O banco apresenta esta solução como "a primeira assistente digital transacional do mercado e a primeira integrada numa app bancária, que permite aos clientes da Caixa gerir as suas finanças pessoais através de voz". 1,54
MILHÕES de acessos
à assistente

MILHÕES de conversas realizadas

400 MIL desbloqueios de acessos registados Desenvolvida com recurso a inteligência artificial, a solução utiliza redes neurais profundas, processamento de linguagem natural e poderosos algoritmos adaptativos, para fornecer informação aos clientes e responder aos seus pedidos. Entre eles estão a consulta de saldos e movimentos de contas, desbloqueio do serviço Caixadirecta, transferências, pagamentos de serviços, registo de crédito pessoal ou de moratórias (disponível durante a pandemia Covid-19). O produto está disponível 24 horas por dia, sete dias por semana e adapta-se ao contexto de cada cliente.

Esta assistente digital transacional, lançada no mercado português, permite que os clientes tenham um diálogo "humanizado", como se estivessem a conversar com um assistente real, em linguagem natural.

"Enquanto os chatbots da concorrência fornecem apenas informações, a Caixa vai mais além fazendo as transações pelo cliente, desde pagamentos, transferências, pedidos de crédito, desbloqueio do serviço Caixadirecta, etc.", lê-se na candidatura.

TÃO SIMPLES QUANTO ENVIAR UMA MENSAGEM

O cliente pode interagir com a Caixa através da app Caixadirecta e realizar tarefas com a mesma facilidade com que envia uma mensagem de texto ou fala. Quanto mais a solução interage com os seus utilizadores, maior é a sua capacidade de entender as intenções e solicitações que recebe. "A Caixa pode traduzir mensagens de texto e pedidos de voz dos clientes para realizar tarefas transacionais, obter informações ou responder a perguntas."





QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA

9 &

10 m m

7

Indústria, inovação e infraestruturas Reduzir as desigualdades

Parcerias para a implementação dos objetivos

A CGD procura cada vez mais implementar soluções digitais que garantam maior acessibilidade e integração dos clientes.

Embora o serviço apresente uma experiência de utilizador extremamente simples, a solução respeita todos os requisitos de segurança impostos pelo Sector Bancário à semelhança de outras soluções digitais.

CLIENTES ESTÃO MAIS EXIGENTES

Para o promotor, os desafios decorrentes dos novos "drivers" de mudança, como os novos comportamentos de consumo, nova regulamentação, a entrada de novos "players" no mercado, entre outros, desafiam o papel dos bancos. Assim, explicam, torna-se fundamental fazer face às exigências de rentabilidade e de melhoria de níveis de confiança e de serviço ao cliente, algo que não pode ser alcançado sem transformar o negócio. "É preciso mudar com sentido de urgência, por forma a garantir um posicionamento de sustentabilidade face ao futuro e ao novo paradigma do digital." Com as preferências dos clientes a mudar e a serem mais exigentes, hoje são esperados serviços mais ágeis, simples e eficientes, interativos, convenientes e com acesso integrado. "Os clientes desejam múltiplas formas de acesso ao banco, com segurança onde quer que estejam e a qualquer hora."



Empresa: Caixa Geral de Depósitos

Nome do projeto: Assistente Digital CAIXA

Data de início: **01/01/2020**

Data de conclusão: **01/01/2020**

Principais beneficiários da iniciativa: clientes que procuram uma experiência personalizada e inovadora, que valorizam a segurança, mobilidade, rapidez e eficiência num serviço bancário.

Esta soução foi desenvolvida em parceria com a AgentifAl, uma startup portuguesa apoiada pela Caixa Capital, cuja área de negócio é a implementação de assistentes inteligentes em plataformas digitais, criando condições para uma melhor experiência na interação entre a empresa e os seus clientes.

A Assistente Digital Caixa surge então no sentido de superar as expectativas dos clientes e posicionar o banco como uma referência na inovação, antecipando tendências de mercado com o cliente e necessidades com tecnologia, com o objetivo de adaptar os nossos serviços para melhor servir.

OTIMIZAR PROCESSOS E RECURSOS

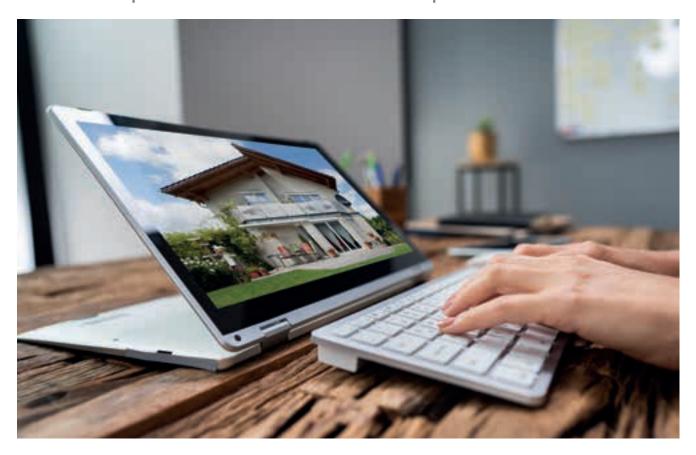
Do ponto de vista do cliente, a implementação da assistente digital permite a redução dos custos com deslocações, dado que estes passam a poder contar com apoio imediato, 24h/7d a partir do dispositivo móvel e com total segurança. "Realçamos ainda o tempo que a assistente digital permite poupar e que pode ser utilizado para tarefas de valor acrescentado." Do ponto de vista da empresa, a assistente permitiu otimizar processos e recursos internos, dado que há uma migração dos clientes que antes eram atendidos em agência e ao telefone, para a assistente, possibilitando ganhos de eficiência.

Segundo dados fornecidos pelo próprio banco, houve já um total de mais de 5 milhões de conversas realizadas entre a assistente e os utilizadores e registados mais de 400 mil desbloqueios de acessos ao serviço Caixadirecta. "Pela sua inovação e simplicidade, esta solução permite reter e captar novos clientes para o canal online, gerando assim mais negócio no digital, contribuindo ainda para uma sociedade mais inclusiva".

Para o banco, esta iniciativa é escalável no sentido em que a assistente pode incorporar novas funcionalidades e evoluir com facilidade e rapidez (dado que aprende com as interações que vai tendo com os clientes) e ser integrada em diversos canais de contacto com o cliente.

UM OLHAR VIRTUAL PARA UMA CASA REAL

Em contexto de pandemia, as visitas virtuais aos imóveis ganharam particular relevância. O site da RE/MAX Portugal conta atualmente com mais de 20 mil imóveis disponíveis para serem virtualmente acedidos, com a imobiliária a prometer visitas cada vez mais completas e realistas.



O título da candidatura é bastante explícito: Visitas Virtuais. Esta iniciativa da rede imobiliária RE/MAX Portugal tem como objetivo reduzir as viagens das primeiras visitas a um imóvel, trazendo uma enorme mais-valia aos clientes, aos consultores da marca e a redução de milhares de deslocações de automóvel a todos os envolvidos numa visita a um ativo. "Neste contexto de pandemia, a tecnologia tem sido o aliado perfeito", explica a imobiliária, destacando na sua candidatura precisamente o exemplo das visitas virtuais e videovisitas,

O site da RE/MAX
Portugal conta
atualmente com
mais de 20 mil
imóveis disponíveis
para serem visitados
virtualmente.

que na RE/MAX já são uma ferramenta diária pois permitem uma triagem das visitas que um cliente comprador quer realmente fazer e assim reduzir as deslocações desnecessárias. "Com esta solução, o cliente consegue visitar várias casas sem ter de se deslocar, reduzindo assim o seu impacto ambiental."

O projeto, que pretende contribuir para uma maior consciencialização e compromisso para com o meio ambiente, através de visitas a imóveis sem necessidade de deslocação, pretende, a longo prazo, que estas soluções



RE/MAX

Empresa: **RE/MAX Portugal**

Nome do projeto: **Visitas Virtuais**

Data de início: **01/06/2021**

Data de conclusão: **31/01/2023**

Principais beneficiários da iniciativa:

os clientes que pretendem comprar ou arrendar um imóvel.



passem a ser a norma e não a exceção, favorecendo assim o desenvolvimento de sociedades mais amigas do ambiente. Mesmo na vertente económica, as Visitas Virtuais, segundo a empresa, ajudam a fomentar as visitas sem os custos das deslocações associadas, contribuindo assim para um incremento económico da sociedade.

MAIS DE 17 MILHÕES DE VISITAS

A comprovar o sucesso desta iniciativa estão os números: entre junho de 2021 e novembro de 2021 foram ultrapassadas os 17 milhões de visitas multimédia. Convém salientar que o site da RE/MAX Portugal conta atualmente com mais de 20 mil imóveis disponíveis para serem visitados virtualmente.

A iniciativa aborda vários tópicos, desde o acesso a informação e tecnologias que contribuem para o bem-estar social, saúde pública ou ambiente, aborda ainda o aumento da produtividade e redução de tempos de espera, para além da otimização de processos e procedimentos manuais. Por último, foca ainda o tema da realidade aumentada e virtual.

REDUZIR AS VISITAS DESNECESSÁRIAS

Para a RE/MAX, a relação entre benefícios gerados e custos da iniciativa é fácil de materializar, já que o cliente que opte por visitar um imóvel virtualmente bastará ter um acesso à internet e um smartphone ou computador.

20 MIL imóveis estão disponíveis para serem visitados

foi a data de início da iniciativa

17
MILHÕES de visitas já foram ultrapassadas

Para além do mais, o aumento exponencial de visitas virtuais permitiu que muitos dos clientes da marca efetuem apenas visitas presenciais aos imóveis de que realmente gostam e ponderam comprar. "Desta forma há uma redução de visitas presenciais, mas com maior interesse na compra dos mesmos". Ou seja, este serviço permite aos clientes agendar presencialmente apenas os imóveis de que gostaram e pretendem adquirir e dessa forma reduzir as visitas desnecessárias. "Numa altura em que todas as cidades mundiais caminham para uma iniciativa mais verde, este projeto ajuda a minimizar a circulação de automóveis." Sem data prevista para terminar, a empresa promete escalar este serviço para que as visitas virtuais sejam cada vez mais completas e realistas.

QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA

Cidades e comunidades sustentáveis 12

Produção e consumo sustentáveis 13

Ação climática

17

Parcerias para a implementação dos objetivos

FAZER UM DONATIVO À DISTÂNCIA DE UM CLIQUE

O Ser Solidário, um serviço SIBS, permite efetuar donativos para cerca de 100 instituições, apenas à distância de um clique.

Em 2005, a SIBS criava o serviço Ser Solidário no âmbito da área de responsabilidade social da empresa. O objetivo era ajudar, por um lado, as instituições de solidariedade social a angariarem donativos de forma rápida, fácil e segura, e também os cidadãos a fazerem os seus donativos comodamente e com toda a transparência.

Com esse fim, o Ser Solidário está também no MB WAY desde 2019 e disponível em formato QR Code Solidário desde 2020, permitindo a qualquer pessoa, em qualquer hora e local, efetuar donativos de qualquer montante para cerca de 100 instituições, apenas à distância de um clique, conferindo ainda mais modernidade e comodidade ao serviço.

A empresa explica na sua candidatura que o Ser Solidário está disponível para todas as entidades de solidariedade que queiram usufruir do mesmo, sob candidatura, "tirando partido de um método completamente inovador para a angariação de fundos, num trabalho conjunto e sempre em parceria. A SIBS volta a inovar, oferecendo mais comodidade aos portugueses e pondo a tecnologia ao serviço da solidariedade". Ao longo da sua existência, o Ser Solidário já beneficiou

mais de 150 entidades e permitiu angariar alguns milhões de euros.



A SIBS criou o Serviço Ser Solidário em 2005, no âmbito da área de responsabilidade social da empresa.

MOTORES DE INOVAÇÃO

A marca explica que esta iniciativa se enquadra na categoria Transformação Digital em Sustentabilidade pelas plataformas tecnológicas que o acolhem, tanto a rede de caixas Multibanco como o MB Way. A SIBS esclarece que o Multibanco foi o primeiro grande motor de inovação e digitalização em Portugal, que, ao longo de mais de 35 anos, foi evoluindo de modo a oferecer serviços inovadores de forma simples, cómoda e prática a todos, contando hoje com mais de 60 funcionalidades que facilitam o dia a dia dos portugueses. Já o MB Way é definido pela empresa como o servico de pagamentos móveis nacional com tecnologia 100% portuguesa, que conta já com mais de 3,7 milhões de utilizadores que podem realizar mais de 10 operações, desenvolvido com o objetivo de o pôr à disposição do setor da banca e de todos os portugueses, procurando democratizar os pagamentos no nosso país, tornando-os mais acessíveis a todas as camadas da população.

O Ser Solidário é, diz a SIBS, uma funcionalidade altamente inovadora e sustentável de fazer donativos de forma digital, através de transferências bancárias que não necessitam de introdução de NIB ou IBAN, ou





seja, transferências imediatas simplesmente usando números de telemóvel. "Promove por isso a digitalização das transações financeiras e, por conseguinte, da economia nacional, potenciando uma sociedade mais equitativa e inclusiva e mais capacitada ao nível da literacia financeira."

Desde que o serviço Ser Solidário foi lançado já permitiu ajudar centenas de instituições em Portugal, permitindo angariar milhões de euros de forma completamente digital. Só em 2021, foram doados através desta iniciativa mais de 1,5 milhões de euros.

ALARGAR NÚMERO DE INSTITUIÇÕES

Ao disponibilizar esta iniciativa no MB Way, a SIBS diz ter permitido alargar o número de instituições para quem é possível transferir donativos, conferindo ainda maior mobilidade e comodidade apenas à distância de um clique. Da mesma forma, apoia os cidadãos que querem ajudar as suas instituições favoritas. que assim recebem valores monetários de forma rápida e eficiente, para uma melhor gestão dos fundos recebidos e, consequentemente, para uma ajuda mais rápida às franjas da população menos favorecidas. "De referir novamente o QR Code Solidário, que permite aos utilizadores fazerem donativos através de um OR Code, como se de uma compra em loja se tratasse, num



Empresa: SIBS

Nome do projeto: **Ser Solidário**

Data de início: **01/01/2005**

Data de conclusão: Não há uma data de conclusão prevista

Principais beneficiários da iniciativa: todos os portugueses apoiados pelas instituições pertencentes ao Ser Solidário, a nível económico, social ou educacional.

1,5
MILHÕES DE EUROS

foram doados através desta iniciativa só em 2021

3,7
MILHÕES de utilizadores usam o MB Way

150 entidades já beneficiaram do Ser Solidário



valor específico, bastando para tal ler o QR Code Solidário apresentado pela instituição. Simplificando ainda mais o processo de doação."

Ainda do ponto de vista das entidades, o Ser Solidário veio permitir que estas se modernizassem e se digitalizassem ao disponibilizarem novas formas e inovadoras de receberem donativos, chegando às gerações mais novas para que também estas contribuam para uma melhor sociedade e um planeta mais sustentável.

A SIBS está a trabalhar no sentido da escabilidade do serviço, ao desenvolver parcerias para a interoperabilidade e uso internacional do MB WAY na Europa, através da EMPSA - European Mobile Payment Systems Association e também para a possibilidade de exportar a tecnologia para países de África (designadamente Angola e Cabo Verde), pelo que este modelo e o próprio serviço poderão vir a ser replicados noutros mercados através de serviços móveis. Por outro lado, explicam na sua candidatura, o sistema tecnológico de processamento da SIBS, que está na base da Rede Multibanco, foi já implementado em países como Angola e São Tomé e Príncipe. abrindo também essa possibilidade. "A SIBS serve com a sua tecnologia mais de 150 milhões de utilizadores e está presente em mais de 20 mercados."

QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA





Erradicar a pobreza



Erradicar a fome



Trabalho digno e crescimento económico



Indústria, inovação e infraestruturas 10 **

Reduzir as desigualdades



Paz, justiça e instituições eficazes



Parcerias para a implementação dos objetivos





O SEGREDO DA AMÊNDOA ESTÁ NO BLOCKCHAIN

Drones, imagens de satélite, inteligência artificial e blockchain garantem à Veracruz, empresa produtora e processadora de amêndoas, uma transformação digital em sustentabilidade.

A Veracruz, empresa produtora e transformadora de amêndoa, aposta em smart farming como elemento diferenciador desde a sua fundação. Com base em estudos do solo, esta estratégia permite a análise, em tempo real, dos dados recolhidos pelas estações meteorológicas e a sondas de medição da humidade para controlo do consumo de água (rega gota a gota). Recorre também a drones e imagens de satélite focadas no desenvolvimento das plantas. Toda a cultura está assim sujeita à combinação de processos de inteligência artificial, rastreabilidade e à sua disponibilidade pública, conhecida como blockchain.

Para a Veracruz, o blockchain é, seguramente, uma transformação digital que alavanca a sustentabilidade deste projeto agrícola. "Do ponto de vista de produção, a digitalização dos registos 1300
HECTARES compõem o projeto

HERDADES fazem parte da Veracruz

2020 foi o ano de criação da Veratech de campo torna o processo mais eficiente, visto que é possível identificar eventuais falhas e corrigi-las, controlar variáveis, acompanhar e ter histórico dos fatores de produção, utilização de água, entre outros", explicam na sua candidatura. Já do ponto de vista do consumidor, o sistema blockchain permite ter acesso "a uma cadeia transparente pública e à prova de fraude através do mais alto nível de segurança que rastreia todo o processo agrícola, de cultivo e transformação, o que gerará um valor agregado às amêndoas Veracruz".

AGRICULTURA INTELIGENTE

Para colocar o "smart farming" no centro do projeto, a Veracruz irá aumentar a sua equipa, garante a empresa. Os recursos humanos necessários para alcançar o nível de excelência esperado incluem a criação de equipas dedicadas a cada projeto, de três ou quatro pessoas por tema descrito. "As habilidades necessárias envolvem metodologia de desenvolvimento ágil, desenvolvedores de software, engenheiros de robótica, cientistas de dados e especialistas em infraestrutura cloud".

Assim, a tecnologia blockchain, em fase de implementação pela Veratech (a empresa da área tecnológica da Veracruz), possibilitará que os consumidores das amêndoas Veracruz acompanhem o trajeto dos alimentos de forma 100% automatizada e em tempo real através das etiquetas de rastreabilidade QR Code. "Com alto investimento, a rastreabilidade é uma aposta e compromisso do grupo Veracruz no âmbito de segurança alimentar e saúde pública. A Veracruz será, assim, a primeira empresa produtora de amêndoas a nível mundial a ter o seu produto rastreável."

O promotor entende que este projeto de blockchain tem altos custos associados para a sua implementação, tanto no âmbito de tecnologia, quanto de recursos humanos e parceiros envolvidos. "Somos pioneiros e queremos incentivar outras empresas agrícolas a abraçarem esta iniciativa, cujo objetivo é tornar mais transparente a cadeia de produção – no caso da Veracruz, a amêndoa – para que o cliente final não tenha dúvidas sobre o que está a consumir." Ou seja, o principal benefício gerado ultrapassa custos monetários, pois trata-se de confiança, valor intangível e imensurável, que gera fidelidade e lealdade para a marca.

PORTUGAL COMO REFERÊNCIA PARA A AMÊNDOA

A Veracruz é uma empresa transformadora e processadora de amêndoas, focada em entregar variedades mediterrânicas e fazer do interior de Portugal um local de referência na produção deste fruto seco. Criado em 2017 por dois sócios, um brasileiro e outro português, o projeto



Empresa: Veracruz Agro S.A

Nome do projeto:

Amêndoas com Identidade -Rastreabilidade das Amêndoas Veracruz

Data de início: **05/01/2021**

Data de conclusão: **25/04/2024**

Principais beneficiários da iniciativa:

consumidor final de amêndoas e clientes B2B.



contempla hoje cerca de 1.300 hectares, divididas em cinco herdades, localizadas no Fundão e em Idanha-a-Nova.

"A Veracruz tem várias frentes que contribuem para a vertente de digitalização agrícola e, desde sempre, foram feitos investimentos em equipamentos de rega de precisão (gota a gota), colheita mecanizada, sondas e estações meteorológicas, drones especializados, sistema de controlo de atividades de campo, monitorização online, parcerias com institutos, universidades e empresas do ramo para desenvolvimento de tecnologias voltadas para a melhoria em eficiência produtiva, sustentabilidade, qualidade e rastreabilidade da amêndoa." A aposta no uso da tecnologia fez com que, em 2020, fosse criada a Veratech, unidade tecnológica da Veracruz, com uma equipa dedicada, como desenvolvedores, especialistas em infraestrutura de TI, pilotos de drones e cientistas de dados. "É sobre a rastreabilidade da amêndoa que trata, em maior parte, esta candidatura, pois acreditamos que esta iniciativa atende a vários requisitos da categoria e do prémio." O projeto de blockchain na cadeia de rastreabilidade da amêndoa será implementado em cinco fases.

CINCO FASES DE ATUAÇÃO

A primeira fase, neste momento a decorrer, prevê a digitalização das ações de campo, como tratamentos agrícolas, fertirrega, uso de recursos hídricos, mão de obra, maquinaria, poda, pulverizações, entre outros.

A segunda fase contempla a digitalização da colheita e pós-colheita, com a secagem e distribuição para fábrica. A terceira fase pressupõe o transporte e armazenamento para transformação e a quarta o processamento e transformação, a nível de registos e controlos industriais A quinta e última etapa consiste na distribuição para os comerciantes e o controlo do produto.



QUAIS OS ODS QUE A INICIATIVA IMPACTA



Energias renováveis e acessíveis



Trabalho digno e crescimento económico



Indústria, inovação e infraestruturas



ústria, Ação ação e climática





GRANDE CONFERÊNCIA NEGÓCIOS SUSTENTABILIDADE 20 | 30

2ª Edição PRÉMIO NACIONAL
DE SUSTENTABILIDADE
CERIMÓNIA DE ENTREGA DO PRÉMIO



7 e 8 de Abril | Assista em Negocios.pt

O Jornal de Negócios lançou, em 2020, a sua maior iniciativa nos seus mais de 20 anos de existência: O "Negócios Sustentabilidade 20 | 30".

Nos dias **7 e 8 de abril** promovemos a Grande Conferência, bem como vamos anunciar os vencedores das 8 categorias ESG ao **«Prémio Nacional de Sustentabilidade»**.

Num ano particularmente exigente para o futuro da humanidade, o debate e o reconhecimento dos melhores exemplos da Sustentabilidade é um imperativo.

Conheça as empresas e organizações que se destacam pela sua **atuação e boas práticas de sustentabilidade** nas diferentes áreas:

AMBIENTAL

Descarbonização Economia Circular Preservação do Capital Natural

SOCIAL

Igualdade e Diversidade Bem-estar e Cidades Sustentáveis

GOVERNANCE

Transformação Digital Finanças Sustentáveis Comunicação de Sustentabilidade

Para mais informações: sustentabilidade.negocios.pt

O Gresidanie da Republica

Organização

Knowledge Partner



Member of
Dow Jones
Sustainability Indices

Powered by the S&P Global CSA





há 14 anos a mudar hoje o amanhã

Mais do que uma celebração, é uma constatação. De que estamos na direção certa há 14 anos. De que a sustentabilidade é uma forma de ser e de estar com a qual queremos mudar, já hoje, o amanhã.

De que abraçamos os desafios e procuramos fazer acontecer, ano após ano.

A EDP é, novamente, número 1 no mundo nas utilities elétricas.

Changing Tomorrow Now edp.com

(i) (2) (2)

(i) (3) (4)